

Alex Polari de Alverga

# O GUIA DA FLORESTA

Alex Polari de Alverga

## O GUIA DA FLORESTA



04037/8

ISBN 85-01-04037-1

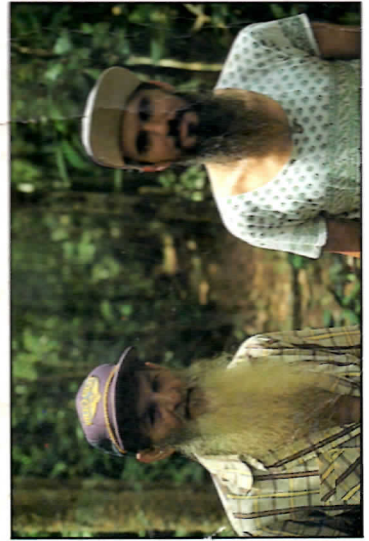


9 788501 040374



### O GUIA DA FLORESTA

Um livro que mostra toda a pureza e sabedoria de uma das figuras mais iluminadas do cenário místico-religioso brasileiro. A fantástica realidade mágica da floresta amazônica revelada no encontro do poeta e ex-guerrilheiro com seu mestre espiritual. A utilização ritualística da ancestral bebida xamânica ahyuasca como veículo de autoconhecimento e cura, o ecletismo das várias correntes religiosas incorporadas na Doutrina do Santo Daimé, os trabalhos com espíritos sofredores e de luz e a viagem reencarnacional dos seres divinos abordados através de diálogos iniciáticos entre discípulo e mestres. Uma importante fonte de sabedoria para todos que se interessam pelos novos caminhos espiritualistas que conduzirão o homem ao Terceiro Milênio,



Gary Richman

Padrinho Sebastião e Alex Polari



NOVA ERA

2ª EDIÇÃO

# O GUIA DA FLORESTA

*O Guia da Floresta* é um livro sobre o encontro. A alquimia espiritual que integrou mestre e discípulo no sacramento de uma bebida ancestral conhecida pelos xamãs amazônicos como *ahyauasca*.

Assim como Carlos Castaneda através da utilização das plantas de poder foi iniciado nos conhecimentos mágicos do yaqui Dom Juan no deserto mexicano, Alex Polari encontrou na floresta amazônica um homem simples e puro com grande força mediúnica que lhe revelou o "seu" verdadeiro caminho para o autoconhecimento. Este mestre, chamado carinhosamente de Padrinho Sebastião, usou o poder místico do Santo Daimé não para a satisfação de egos e vaidades, mas para "juntar" um povo no coração da floresta e transformar a realidade opressiva deste final de milênio pela força do trabalho e da devoção aos seres divinos.

Nesta obra, o autor consegue mostrar a coragem e a determinação do Padrinho Sebastião e de outros mestres da Doutrina do Santo Daimé que empenharam suas vidas na luta pelo esclarecimento de uma "verdade espiritual" que poderá abrir novas perspectivas de harmonia, paz e amor àqueles que se encaminham para uma Nova Era.

1  
Dinâmica  
Cristiana  
de  
Espiritualidade  
e  
Cura

**OBRAS DO AUTOR**

INVENTÁRIO DE CICATRIZES — 1979  
CAMARIM DE PRISIONEIRO — 1980  
EM BUSCA DO TESOURO — 1982  
O LIVRO DAS MIRAÇÕES — 1984

Obs.: Todos esgotados.



*Marcelo Donato*

**Alex Polari**

# O GUIA DA FLORESTA

2ª EDIÇÃO



**EDITORA RECORD**

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P817g	Polari, Alex O guia da floresta / Alex Polari. — 2ª ed. Rio de Janeiro : Record, 1992. (Nova Era)
92-0779	1. Melo, Sebastião Mota de, 1920 - — Biografia. 2. Santo Daimé (Seita). 3. Alucinógenos e experiências religiosas. I. Título. II. Série. CDD — 299 CDU — 299

Copyright © 1992 by Alex Polari de Alverga

Ilustração de capa: Isabela Hartz

Direitos exclusivos desta edição reservados pela  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Rua Argentina 171 — 20921-380 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000

Impresso Brasil

ISBN 85-01-04037-1

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL  
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

*Assinado por  
Alex Polari de Alverga  
Marta Polari de Alverga*

*Desejo manifestar minha gratidão:*

*A Madrinha Rita e aos Padrinhos Alfredo e Waldete pelos seus ensinamentos que tão bem representam a doutrina do Pai.*

*Ao Pedro, Zé, Neves, Nonata, Isabel, Marlene, os outros filhos e todo o povo do Céu do Mapiá, porque é neles que a lembrança do "velho" permanece viva e disponível para todos nós.*

*A todos os demais padrinhos e madrinhas, irmãs e companheiros e a todos aqueles que gentilmente cederam trechos de fitas e gravações e acederam em esclarecer algumas passagens sobre a vida do Padrinho.*

*Meus agradecimentos também ao Gustavo pelo estímulo para a realização do projeto; a Ana pela ajuda e dedicação na transcrição das fitas e digitação dos textos e ao Nelson pelo astral positivo durante a feitura do livro.*

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO / 11

*Ahyauasca, o vinho das almas — A sua redescoberta pelo Mestre Raimundo Irineu Serra — Padrinho Sebastião, discípulo e continuador da doutrina.*

### Capítulo I — O MAGO DE RIO BRANCO / 21

*Padrinho Mário, o homem que nos "chamou" para o Daimé — Retecedendo no tempo — O mercado velho — A marcha pela Floresta — Chegada no Rio do Ouro.*

### Capítulo II — O PROFETA DO AMAZONAS / 33

*Primeiro encontro com o Padrinho Sebastião — Mestres, santos e profetas — A Comissão de Estudos que se estudou — A legitimidade de expandir a consciência pelas plantas psicoativas — Miração, êxtase e samadi.*

### Capítulo III — O JARDINEIRO DIVINO / 46

*A flor do Eu — Combates da fé — Os impasses de um aprendiz a discípulo — Teologia Interna: a busca de Deus no coração — Eradicar as ervas daninhas — "O correio-da-má-notícia" — A Senada do Daimé.*

### Capítulo IV — CANOAGEM ZEN NO IGARAPÉ MAPIÁ / 58

*Primeira viagem ao Céu do Mapiá — O inesquecível São João de 1983 — Força e Miração — A nave de Juramidam chega à floresta.*

Capítulo V — O “DOUTOR” DO JURUÁ / 71  
*Uma típica colocação de seringueiros — Infância de Sebastião Mota — Iniciação pelo Mestre Oswaldo — Primeiras curas — Banca espírita na Colônia Cinco Mil.*

Capítulo VI — PADRINHO SEBASTIÃO E MESTRE IRINEU / 83

“Você é um homem?” — *A cura de Sebastião Mota — Operação astral — Primeiras experiências e hinos — A passagem do Mestre — Separação do Alto Santo.*

Capítulo VII — “LEVANTO ESTA BANDEIRA” / 101

*As dificuldades de ser irmão — A experiência comunitária da Colônia Cinco Mil — Expansão planetária da doutrina — Os hinos — A serpente cósmica.*

Capítulo VIII — POSITIVO E NEGATIVO / 118

*Considerações sobre o Bem e o Mal — “Iguala-te positivo e negativo para que haja luz” — Satanás luta pela posse do Eu Superior — A história do feiticeiro Ceará e seu duelo astral com o Padrinho — Cura e doutrinação da entidade satânica.*

Capítulo IX — “ACENDO OS MEUS CASTIÇAIS” / 133

*Novos encontros com o Padrinho no Mapiá — Medunidade e caridade — Evolução da doença — O Reino Interno e o Externo — Degraus para o renascimento espiritual.*

Capítulo X — FEITIO: DESEJO DE DEUS, AÇÃO DOS HOMENS / 150

*Eram os Deuses alcalóides? — Novas ameaças de proibição — Grupo de trabalho do Confen visita o Mapiá — Sinédrios científicos — Labirintos da fé e da razão — O Feitio do Santo Daime: produção de um sacramento.*

Capítulo XI — O RENASCIMENTO ESPIRITUAL / 168

*Resultados da visita do Confen — A passagem do Padrinho Mário — As raminhas do cipó — Condições para o renascimento — “Se não preparar terreno fica espírito vagabundo”.*

Capítulo XII — LEMBRANÇAS DO PASSADO / 184  
*Matrizes espirituais e padrões de encarnação — O segundo degrau do renascimento — Sonhos e recordações — Ser e parecer — Preleção do Padrinho — Cristo, Juramidam, Elias e São João — Meu encontro com o Ser.*

Capítulo XIII — O AMOR É PARA SER DISTRIBUÍDO / 203  
*O juramento interno — O segredo de Jura e Midam — A batalha pelo amor divino — A Idade da Mãe — O papel espiritual da mulher no Novo Mundo — As limitações da sexualidade para se alcançar o amor verdadeiro — O símbolo da verdade.*

Capítulo XIV — “NOVO MUNDO, NOVA VIDA, NOVO POVO, NOVO SISTEMA” / 217

*Comunidade: o infinito pode caber no dia-a-dia — Utopia espiritual e realidade — Sebastião Mota: artesão de canoas — O construtor da nova arca.*

Capítulo XV — FINAL DOS TEMPOS:

O NOVO COMEÇO / 231

“O mar cresce e a terra baixa em diversas partes do Universo” — *Anúncios, promessas e esperanças sobre o ano 2000 — O apocalipse segundo Sebastião Mota — As novas relações entre matéria e espírito — Os essênios e Cristo.*

Capítulo XVI — O FUTURO DA NOVA JERUSALÉM / 243  
*Último encontro — Reflexões sobre a morte de um profeta — Legado e herança do Padrinho Sebastião — Palavras do Padrinho Alfredo, seu sucessor — O verso oculto.*

NOTAS (Hinos citados no texto) / 263

## Introdução

Amazônia. Nome mágico de muitos significados. Ainda hoje evoca lendas e desperta fascínio. Eldorado para aventureiros gananciosos e santuário para seres humanos que compreendem o futuro de seu planeta.

*Antigo Inferno Verde* para os conquistadores espanhóis, ex-cutores do apocalipse dos incas. Quando subiram a cordilheira com seus cavalos e arcabuzes, encontraram um povo altamente espiritualizado, dotado de grande sabedoria e técnica, conhecedor das plantas de poder. Um povo que, com toda certeza, desde as origens de sua história, tinha recebido os segredos do *ahyauasca*, bebida parada a partir da *Banisteriopsis caapi* e da *Psicotrya viridis*, que na língua quíchua significa algo como "liana dos sonhos", cujo vinho torna possível a comunicação com os espíritos dos mortos.

Todas as grandes civilizações pré-colombianas fizeram uso de plantas sagradas. Consta nos relatos de alguns missionários espanhóis a existência de uma escola de iniciação e mistérios na cidade perdida de Vilacamba-La-Vieja, descrita como uma "abominável universidade de idolatrias". Certamente o *ahyauasca* era ali usado em certos trabalhos, rituais e iniciações. Fala-se inclusive de uma tradição profética propagada entre os sacerdotes do Sol, que através da vidência com o vinho da *Banisteriopsis* já anteviam o fim da civilização inca.

Dai em diante, a história se torna nebulosa. Teriam os incas descido da cordilheira para a floresta, difundindo esse segredo?

Nas lendas e mitos de uma boa parte dos povos indígenas da Amazônia Ocidental, podemos obter algumas pistas sobre o culto da "liana dos sonhos". Antigos mitos da Criação, em várias tribos

culturalmente mais atrasadas que os incas, colocam o cipó e a folha no centro de sua cosmogênese; isso indica que eles foram também conhecedores do segredo dessa bebida mágica, que nos tem dado tanto a chave para elucidação de sua própria origem como as pistas para obter uma resposta interior de grande importância para os dias de hoje.

O conhecimento espiritual desse segredo vem através da *miração* — percepção interior, ao mesmo tempo *insight* e êxtase — causada pelo uso dessas plantas divinas em seu contexto ritual e religioso. A miração é o modelo de uma nova forma de consciência focada para o si-mesmo e a realidade interna, que prenuncia a consciência espiritual tão necessária para que no futuro próximo a vida permaneça materializada neste planeta. Nela, todo o nosso ser se debruça sobre este mistério e participa do segredo.

Nosso coração, mais uma vez, se rejubila em receber a Boa-Nova: O Cristo está novamente no meio de nós! Retirou-se das catredras suntuosas, esteve com os incas e agora pulsa no coração da Floresta Amazônica. O *Inferno Verde* dos conquistadores do passado tornou-se o *Paraíso Verde* para aqueles que desejam conquistar a si mesmos. Jardim do Éden, onde estão a árvore da vida e o fruto proibido!

Algumas teorias especulam que, na aurora dos tempos, as plan-tas divinatórias foram esse fruto proibido que influiu decisivamente na passagem da semiconsciência biológica para a consciência humana, trazendo com ela a faca de dois gumes do livre-arbitrio. Ajustou-se assim o espírito à matéria e consumou-se a queda do espírito na carne.

Estamos no crepúsculo desse mesmo tempo e não é à toa que a relação entre mente, consciência e espírito, trazida à baila pelo uso das plantas de poder, esteja hoje tão presente em nossa civilização, confundida pela desinformação e pelo preconceito com uma das questões mais inquietantes dessa nossa civilização: as drogas.

Para chegarmos à Nova Era, é preciso haver um novo conhecimento e um novo caminho. Muitos salteadores (de consciência) perambulam pelas estradas e, por isso, muitos atalhos novos foram abertos. Um desses atalhos é o culto do Santo Daimé, escola de autoconhecimento, trabalho espiritual e caridade, herdeira das tradições esotéricas cristãs e da força espiritual dos povos pré-colombianos.

Flor nascida nas florestas tropicais do estado do Acre, esse co-

nhecimento tomou sua forma doutrinária atual através do Mestre Raimundo Irineu Serra. Este livro mostra um pouco da vida e dos ensinamentos de um dos seus principais discípulos, que até há pouco tempo esteve entre nós.

Pois assim quis Deus em seus designios: que novamente soasse uma voz que outrora clamava no deserto, desta vez com sotaque caboclo, na floresta, no meio dos igarapés e na solidão dos seringaais distantes e esquecidos. Seu nome é Sebastião Mota de Melo, amazonense nascido em 7 de outubro de 1920 no vale do Juruá, seringueiro analfabeto, artesão de canoas, místico, curador e profeta da Nova Era.

O contato que tive com esse homem, no início dos anos 80, mudou completamente o curso da minha vida. Nessa época, senti um impulso irresistível de pôr os pés em um caminho espiritual, achando que ele me levaria, quem sabe, aos picos gelados do Himalaia e me poria frente a frente com uma nova versão de um Ramana Maharshi, Ramakrishna ou algum santo oriental. E vez disso, de repente estava eu ali, diante daquele homem de longas barbas brancas, rosto curtido pelo sol e olhos penetrantes, com um sorriso maroto nos lábios, demonstrando já me conhecer há muito tempo.

Fiquei muito desconcertado. O cenário desse encontro — sem dúvida o mais importante de toda a minha vida — não foi o Tibet, nem o velho de barbas era nenhum guru indiano. Isso se deu em algum ponto da Floresta Amazônica, com o Padrinho Sebastião. Foi assim que tive essa chance de conviver com um homem santo e, através de sua mão bondosa, dissipar um pouco o véu de ignorância e ilusão que me cobria.

Quando falava conosco, brotava imediatamente uma simpatia tão grande que todo nosso ser era atraído para aquilo que ele dizia. Num relance, ele compreendia o que nos faltava. Despertava em nós a coragem e a confiança para seguir a vida espiritual, mas sempre com o cuidado de deixar nossa vontade soberana para escolher e decidir.

Mas enganavam-se aqueles que achavam que esta recepção amorosa denotava alguma preferência ou indulgência especial com as nossas fraquezas. Se, por nós mesmos, afirmássemos a vontade de seguir a doutrina, o Padrinho tinha sempre a exortação e o estímulo certo, como também o tamanho da prova e do esforço que cada um deveria dar para que a fé e a palavra empenhada fossem convertidas em obras. Depois de constatar a reincidência no erro, excesso



de autopiedade ou uma certa preguiça para se transformar, o amor se mesclava às vezes com uma justa e santa indignação. Apenas o tempo necessário para um “choque didático”, um despertar, um alerta para se chegar à cura.

Segundo o Padrinho, na maior parte dos casos, a cura pode se resumir a uma elucidação interna, auxiliada pelo Daime, acerca do verdadeiro caminho a ser seguido e optado naquela situação de crise, doença física ou obsessão mental. Já o pensamento enganoso, propenso à mentira e excessivamente preocupado com as aparências, é fruto da atuação de seres (e projeção de formas-pensamentos) que precisam ser doutrinados e convertidos à Verdade. Esse é o primeiro passo para despertar o nosso Eu interno e obter com isso, depois de muitas lutas, o nosso renascimento espiritual.

O conhecimento que consegue nos transformar de “bonecos de carne” em “seres espirituais” não pode ser transmitido por nenhum professor ou terapeuta, mas apenas por um guia ou mestre que conheça a Verdade e tenha obtido a realização dela em seu próprio ser. Assim era Sebastião Mota. Da sua palavra e da sua presença brotava um forte magnetismo. Às vezes, só cantando um hino ou fazendo um breve comentário, respondia aos nossos pensamentos mais íntimos, elevava nossa consciência até uma esfera onde tudo mais que estivéssemos pensando ou passando tornava-se mera banalidade.

Sua palavra despertava um ardor pelo espiritual e pela eternidade. Mostrava-nos como permanecer com o nosso pensamento fixo em Deus, em todas as circunstâncias. Ensinava que, à medida que nos afastamos do hábito de falar e julgar os irmãos, domando os medos e as dúvidas, a vida vai se tornando cada vez mais digna, mais harmoniosa e mais santa.

Era normal que entrássemos juntos no meio da mata e, de repente ali, sentados em algum toco de pau, a inocente “prosa” se transformasse num intenso e inesquecível trabalho espiritual, para o deslumbramento de tantos quantos estivessem ali, absortos nas suas palavras e na sinfonia dos pássaros ao entardecer.

Lembro-me também de muitas passagens não tão felizes, quando a doença começou a trazer muito sofrimento físico ao Padrinho Sebastião. Suportava dores atrozes, dias e noites sem poder deitar-se nem dormir. Nos poucos períodos de trégua, esboçava um sorriso e nos relatava o que via nesses momentos de agonia. Tudo para ele era um trabalho com espíritos sofredores. Nessas horas, entre-

gava sua matéria e sentia suas dores com a firme convicção de estar praticando a caridade e ajudando a cura desses espíritos.

Pois o velho Mota era também um grande médium. Desde a idade de oito anos teve contato com diversas entidades, em sonhos e visões. No Vale do Juruá, trabalhou com espíritos e fez curas. Quando chegou a Rio Branco, fazia trabalhos de banca, de cura e desobessão. Incorporava dois guias: o Dr. Bezerra de Menezes e o Professor Antônio Jorge. Até os últimos dias, tanto quanto permitia seu aparelho já debilitado, ele atuava nos trabalhos de Estrela, com guias de luz, seres celestiais, sofredores, entidades de todo tipo, em línguas conhecidas e desconhecidas.

Além de mestre espiritual e médium, Padrinho Sebastião foi também um profeta. Profetas são aqueles homens que, por terem chegado ao conhecimento de si mesmos e do Ser, encontram-se diretamente sintonizados com a Vontade Divina, até o ponto de não quererem nada mais do que o cumprimento das leis de Deus. Entregam-se de tal forma a esta Verdade profética revelada pela fé que arrastam às vezes povos inteiros para o seu cumprimento.

A vida de um profeta é o próprio lastro da Verdade que anuncia. Suas obras devem ser coerentes com as instruções e vidências que recebe. Caso contrário, cairá na mera futurologia, descomprometida com qualquer valorização ética e espiritual.

Sebastião Mota, com a força emanada de sua palavra profética, juntou um povo e começou uma obra cujo fruto mais eloquente é a Vila Comunitária do Céu do Mapiá, além de diversas igrejas e núcleos no Brasil e no exterior. O Padrinho contava que, quando pequeno, sonhou com uma imensa extensão de floresta sendo lambedida pelo fogo; apenas a parte onde ele estava mantinha-se verde, alheia às labaredas em sua volta. Muito mais tarde, disse ter sido visitado pelo espírito da Verdade, que o mandou transferir todo o povo, dos arredores de Rio Branco para dentro da floresta, no seringueiral denominado Rio do Ouro. Desgostoso com os problemas funcionais da região, continuou sua saga até chegar às margens do igarapé Mapiá, onde hoje se encontra instalada a comunidade-mãe.

Um profeta é um pouco diferente de um mestre, que apenas transmite o seu conhecimento e ajuda o discípulo a realizar aquilo que ele já vislumbrou. Não é apenas instrutor de discípulos, mas mestre de um povo, empenhado no cumprimento da palavra de Deus, artífice do plano divino na realidade material, temporal e humana. O mestre pode se dar o luxo de ser uma personalidade totalmente

serena e autocontrolada. Por ser guardião da Palavra Divina, o profeta precisa, em alguns momentos, denunciar a rebeldia e a resistência daqueles que são inconscientes ou que não querem ver a Palavra realizada. Nesses momentos, a figura de Sebastião Mota se agigantava ainda mais... Clamava para que acordássemos do nosso torpor e vissemos aquilo que ele estava vendo... Reduzia a pó qualquer ilusão ou falsidade que quiséssemos manter em nosso coração. Era nesses momentos que nós, seus filhos, reconhecíamos nele a força de São João Batista e a vibração da Justiça Divina daquele grande ser que o próprio Cristo disse ter sido Elias.

No final da década de 70 e começo da de 80, um novo fenômeno ocorreu. Viajantes, buscadores, jovens mochileiros na rota de Machu-Pichu faziam circular entre os "iniciados" a notícia da existência de uma comunidade perto de Rio Branco que usava uma misteriosa bebida mágica, de origem inca. Foram esses ecos que me levaram até lá e, uma vez chegando, senti-me em casa. O Padrinho nos esperava. Desde a década de 40, os hinos falavam desse povo que viria de longe, até do estrangeiro, se juntar ao povo que começou a ser colhido pelo Mestre Raimundo Irineu Serra. O Padrinho nunca se esquecia das palavras do Mestre: "Seu Sebastião, esses daqui ainda não são o nosso povo, são apenas os esteios. O nosso povo ainda vai chegar de longe."

Assim é que foi crescendo e se expandindo, a partir do estado do Acre, Amazônia Ocidental brasileira, um fenômeno espiritual dos mais ricos e significativos desse final de milênio. Uma doutrina que fundiu seringueiros, caboclos amazonenses, povo da beira dos igarapés, com profissionais liberais, artistas, chefes de família, donas de casa e muitos jovens das regiões mais desenvolvidas do país. Através do Santo Daime e do Padrinho Sebastião, sentiram brotar nos seus corações um cristianismo revivificado, ouviram o apelo e a chamada espiritual feita pelo Mestre Irineu, reencontraram bem diante dos seus olhos a palavra de Deus, sustentada pelos santos, profetas e mártires da Verdade, com um projeto de redenção e esperança para o Terceiro Milênio.

Surgir em plena Floresta Amazônica esta alquimia espiritual tão poderosa é um fato que fascina e intriga os curiosos e amantes de novidades, despertando, de tempos em tempos, boatos e rumores. Mas é sempre assim que acontece quando as grandes epopéias são vividas no presente.

Histórias lidas em livros às vezes encantam e emocionam, mas

viver e fazer uma história real, como a saga do povo do Padrinho Sebastião, assusta um pouco aqueles que acham que Deus deixou de falar aos homens e que o sagrado já não habita na Terra.

Grandes batalhas ainda serão travadas. E seus protagonistas serão aqueles que acreditarem.

Também aí emerge mais uma faceta de Sebastião Mota: a de defensor, melhor seria dizer de amante, conhecedor e protetor da floresta. É nela que o povo de Deus deve esperar a realização da promessa feita há dois mil anos sobre o retorno do Cristo. É nela que, enquanto se espera e prepara esse acontecimento magno da fé, se trava uma luta ao mesmo tempo espiritual e material pelo pão de cada dia.

Mestre Irineu dizia que, nos tempos de tribulações que estavam por vir, aqueles que estivessem "seguros nos raminhos verdes" teriam mais chances de atravessar o difícil parto em direção à Nova Era. Ou, como preferia dizer o Padrinho: "Novo mundo, nova vida, novo povo e novo sistema."

Para o povo do Padrinho Sebastião, o povo de Daime, a preservação da floresta e a nossa harmonia com ela são condições básicas. É nela que brotam as duas plantas sagradas das quais é extraído o nosso sacramento. Além disso, é nosso lar, nosso laboratório de união espiritual e auto-sustentabilidade natural.

Muito se fala hoje em meio ambiente, ecossistemas, manejo da floresta, reservas extrativistas. Há muita tensão acerca de garimpos, poluição, desmatamento, demarcações de terras indígenas, narcotráfico e outros problemas. Para tudo isso há departamentos, fundações, secretarias, organizações ambientalistas, ecologistas etc. Mas muito poucos conhecem e amam verdadeiramente a floresta, poucos sabem fazer com que ela nos proteja, nos agasalhe, nos alimente material e espiritualmente, para que tenhamos esperanças quanto à possibilidade de uma parte do nosso planeta se manter sadia, no meio das purificações que estão sendo anunciadas.

A floresta não é só um imenso regulador do clima no mundo e um fantástico Jardim Zoológico natural, além de rico reservatório de madeiras nobres e de notáveis espécies vegetais. Mais que isso, é uma região de intimidade com o Divino, hábitat natural de uma enorme força e energia espiritual que se manteve incólume até os nossos dias. Cada pulsação de vida que há nela gera no homem um efeito profundamente terapêutico, antecipa uma grande felicidade que poderá vir nesse novo tempo, se a cons-

ciência do homem puder se expandir e sobrepujar a sua destrutividade.

Essa é a nossa maior prova: uma comunidade espiritual que deseja se harmonizar com a floresta, compreendendo-a como a manifestação de nossa Mãe Celestial na Terra. Não é por acaso que o Mestre Irineu recebeu a doutrina das mãos da Rainha da Floresta.

Nunca encontrei alguém que encarnasse o amor por essa Mãe de uma forma tão perfeita como meu Mestre e Padrinho Sebastião Mota de Melo. Ele não era homem de cultivar uma imensa árvore (piquei, itaúba e agvano-branco eram suas favoritas) se nela visse a possibilidade de fazer uma enorme canoa, tão necessária no transporte de pessoas e mercadorias para a Vila. Nem hesitava em plantar um roçado para que o povo pudesse comer. Mas não gostava que ninguém desse um golpe de facão em qualquer galho de pau, por mais insignificante que fosse, se não houvesse um bom motivo para isso.

Quando falava da natureza ou nela andava, parecia uma criança. Contava coisas extraordinárias de seres visíveis, invisíveis e encantados. Amava seus "caboclinhos", como chamava seus companheiros fiéis dos primeiros tempos, e com a mesma intensidade amava também a turma nova e "braba" que vinha do Sul, cheia de entusiasmo e idéias. Exortava os velhos a seguir nossa educação e preparo intelectual, enquanto nos aconselhava a largar um pouco a caneta e ir entrando no terçado, na enxada e no machado. Amava também os bichos. Caçador na juventude, há muito tempo desaconselhava e mesmo proibia a caça, a não ser em caso de necessidade. Falava dos barreiros das antas, dos bebedouros que eram verdadeiros santuários onde todos os bichos iam beber água; apontava para todo o emaranhado de estradas e caminhos das pacas, capivaras e cotias; não admitia que um homem macho subisse em cima de um pau com medo de enfrentar uma onça vermelha: "Uma moçoroca ou pintada vá lá, mas vermelha é covarde! Basta dar com um pau na venta dela", afirmava ele com a maior tranqüilidade.

Seu sentido de localização também era desconcertante. Mostrava o rumo para onde se encontrava tudo. Gostava de olhar com os olhos bem abertos para o sol nascente, que é "para nós enxergar por dentro". Olhando a lua, predizia todas as mudanças de tempo.

Quando dizia: "Agora é para plantar o arroz, ou o milho", não havia quem não o fizesse. Pelo comportamento dos bichos, deduzia também muitas coisas sobre o Astral. E quando sentia que

seu relógio interno se defasava um pouco com o sol, costumava acertá-lo pelo pio do nambu: "Hora de nambu piar é seis horas em ponto!" E corrigia os ponteiros. Pobre de quem confiasse na Rádio Relógio: a hora oficial continuava sendo a do nambu.

Deus me deu essa grande Graça de conhecer um homem santo em carne e osso. Que me recebeu como um pai, que me iniciou e orientou no meu caminho com o Daimê e em minha jornada espiritual como um todo. Durante esta intensa convivência que mantivemos em alguns períodos, eu sempre prestava muita atenção em suas palavras, anotava e gravava, o quanto ele permitisse. Às vezes, eu gravava uma prosa corriqueira qualquer, na expectativa de que "o velho", como era seu costume, de repente começasse a falar do céu, da terra ou dos espíritos. Ele dizia: "Apaga isso aí, fulano, que só estamos batendo papo-furado." Enquanto eu apagava, ele começava a falar coisas profundas e interessantes. E se divertia ao ver minha confusão com os botões. Eu respondia: "Padrinho, é que eu ainda eu vou escrever a sua história."

São estas palavras tão simples e estes ensinamentos tão sábios, juntamente com um pouco de minhas "vivências iniciáticas", que resolvi publicar agora como um tributo de gratidão diante de um homem e mestre que muito amei e reverenciei. Ele me ensinou a ser, em vez de parecer, o que estou tentando ainda hoje.

A mensagem contida na vida do Padrinho Sebastião — o mestre, o médium, o santo, o profeta e o guia da floresta — pode trazer uma luz e um alento para todos aqueles que buscam um novo mundo espiritual sobre a Terra. Esta é a minha intenção sincera. E espero que meu bom Padrinho, lá pelo alto de sua floresta, onde ele costuma sobrevoar, me abençoe e ajude nesse propósito.

*Vi também a cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para seu esposo.*

*Então ouvi grande voz vinda do trono dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles (...)*

*Disse ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede darei de graça da fonte da água da vida.*

*O vencedor herdará estas coisas, e Eu lhe serei Deus e ele me será filho.*

Apocalipse 21: 2-3, 6-7

## Capítulo I

# O MAGO DE RIO BRANCO

Peço licença aos meus leitores, antes de chegarmos à meta principal desta narrativa, para apertar a tecla de retrocesso e voltarmos dez anos no tempo, época em que desembarquei em Rio Branco, capital do Acre, determinado a conhecer a bebida misteriosa denominada *ahyauasca* ou Daimé.

Sentia uma necessidade muito grande de iniciar minha caminhada espiritual. Como qualquer neófito que deseja tornar-se discípulo de algo que ainda não compreende, eu estava dividido entre dois sentimentos opostos: o primeiro era o anseio de achar explicação para um vazio que, no fundo, só poderia ser preenchido por um Caminho e um Mestre; o segundo era o medo das transformações muito profundas que isso acarretaria.

Mas é através dessa tensão que tudo começa. Muitos tropeços são necessários, até que nosso ego, cheio de artimanhas e truques, ceda terreno a um Eu interessado na auto-exploração. Até compreendermos ser esta a única estrada que nos conduz ao conhecimento de Deus. Para sentirmos então, mais adiante ainda, que esse conhecimento apenas nos antecipa o que somente o coração nos assegura, verdadeira e definitivamente.

Se ainda não fruimos Deus na nossa experiência, se ainda não sentimos brotar o mais puro amor a esse Princípio Infinito e Insondável da Criação, ainda não O conhecemos, porque Ele é o próprio Amor e nos amou primeiro.

Confesso que, quando resolvi seguir essa senda, além da coragem e do pressentimento de que iniciaria uma jornada muito séria, eu estava repleto de impressões e julgamentos sobre as coisas do mundo e suposições sobre as coisas do espírito. Senti os mesmos traumas de todos aqueles que são produto de uma religião sem fé, de verdades sem êxtase, de palavras sem provas. Da mesma forma que a criança precisa de bons exemplos dos pais para formar o seu caráter, o espírito é uma eterna criança que se descobre em cada nova matéria e que precisa de um bom alimento espiritual para despertar do sono e do esquecimento em que foi mergulhado ao reencarnar. Mesmo que o novo ponto de partida, nesta vida, dependa dos padrões adquiridos nas outras, é um engano achar que estamos iniciando hoje a caminhada. Apenas a retomamos.

Muito se inventou no campo da ciência e em todo o conhecimento mundano, até o ponto de se abolir a verdade como um objetivo tangível da experiência humana. Nesse vácuo, semeou-se uma ilusão ainda maior e mais perigosa: a de que a ética pudesse se sustentar em algo que não fosse a própria Verdade. Como se ela pudesse ser deduzida de outra fonte que não a realização espiritual e a legítima vivência das provas dadas pelo próprio ser.

O cristianismo autêntico é essa ciência de auto-realização. Pelo amor e pela caridade, moldamos nosso ser pelo filho de Deus que nos foi enviado, descobrindo o Seu Reino, assim na Terra como no Céu. Nada do que se fez ou ainda venha a ser feito pelo homem pode superar essa Verdade Eterna, chama bruxuleante, mantida pela fé, geração após geração.

Mas, naquela época, a questão não parecia tão fácil. Minha opção cristã ainda era um pouco claudicante. Ortodoxias, heresias, inquisições, genocídio dos povos pré-colombianos, tudo isso obscurecia e turvava as águas da nascente, do manancial límpido e puro que era o próprio Cristo e que só tive a graça de enxergar através desse Seu novo sacramento, o Santo Daimé.

Quando me preparava para iniciar minha aventura, eu desejava encontrar um fundamento de verdade que, semelhante a um imã, me atraísse até ela sem que eu precisasse caminhar pelas minhas próprias pernas. O símbolo dessa busca podia ser o meteoro da Caaba, um *mala-japa* de sândalo, o Santo Graal ou mesmo um cipó da floresta.

Tentei muitas mediações e acordos antes de uma entrega definitiva. Costuma-se brincar com a figura do pecador inveterado que

só lembra de arrependê-se na hora da morte. Nessa hora, que todos passarão com certeza, é que temos que optar definitivamente entre a descrença e a fé sobre o que existe do outro lado. E essa opção talvez seja das mais importantes para definir o que, de fato, lá encontraremos ou não.

À semelhança do pecador moribundo, eu esperava por uma situação-limite, um evento muito forte, que gerasse esse renascimento.

— Aquele que não renasce espiritualmente ainda em vida é um aborto — costumava dizer o Padrinho Sebastião.

A estratégia da cruz que o Cristo pregou — e onde ele foi pregado — não é uma doutrina para masoquistas, como pode parecer à primeira vista. Do trínômio amor-perdão-sofrimento, este último é, sem dúvida, o mais difícil de engolir. Mas o que Ele quis nos mostrar foi que, através desse fator inerente à condição humana, nós podemos vencer o próprio sofrimento, assim como o medo e a morte. Se, naquela época, o poder do Daimé se manifestasse para mim em um único rompante, acho que eu não suportaria a força e a intensidade de sua beleza. A revelação só deve chegar quando estamos preparados para ela.

As vezes nos situamos num local magnífico, que domina toda a paisagem, e ficamos a esperar que os mensageiros celestes nos revelem o conteúdo de um velho pergaminho, enquanto anjos e querubins tocam trombetas de ouro. No entanto, não nos damos conta de que a Revelação está na própria vida e na própria natureza de Deus, numa nova maneira de focar a realidade interna e externa da Criação Divina.

Quantas pessoas ainda hoje não conseguem dar esse passo espiritual exatamente por se encontrarem nesta situação, querendo armar uma emboscada para surpreender a Verdade? Mas não conseguirão conhecê-la enquanto não perderem o medo de se conhecerem a si próprios.

Quando cheguei a Rio Branco, tudo isso se passava em minha cabeça. Fui recebido por uma figura inesquecível, o Padrinho Márcio Rogério da Rocha. Nunca encontrei nada mais próximo de um gêmeo em forma humana. Era um velhinho simpático e atencioso, de baixa estatura, com os cabelos já ralos e completamente brancos. Seu sorriso demonstrava uma enorme autoconfiança, sem que

essa superioridade natural, que se evidenciava para seus interlocutores, nos melindrassem em nenhum instante. Muito pelo contrário, ela nos encantava.

Sua casinha, à beira das barrancas do rio Acre, era simples e aseada. No fundo do quintal havia um pequeno barracão de madeira, cercado de pés de cupuaçu. Ali, "Seu Mário", como era carinhosamente chamado pelos amigos, abria seus trabalhos e realizava sessões de cura com diversas plantas de poder. Como ele nos explicava, "tudo estava contido no Daimé". Todas as linhas de trabalho espiritual com as plantas divinas eram de certa maneira tributárias dele, o que não o impedia de ter grande estima pela erva-santa-maria e eventualmente fazia trabalhos com são-pedrito, cogumelos, folhas de coca etc. Conhecia as "chamadas" de todos esses seres mas, desde que conhecia o Daimé, dizia haver encontrado tudo o que precisava. Os outros eram apenas "aliados".

Sentado numa cadeira de palhinha, no seu barracão, eu o via das mais diferentes formas: ora como um duende, ora como um mago da Babilônia, um astrônomo caldeu, um feiticeiro tolteca, um ser com cara de lagarto... ou simplesmente como Seu Mário, sorrindo com seus poucos dentes, como se estivesse ali há tempos a observar em meu rosto de que "viagem" eu regressava.

Seu Mário era também um erudito. Na simplicidade de sua linguagem, explicava todos os sistemas filosóficos e correntes espiritualistas. Velho esoterista, colheu influências de várias escolas. Demonstrava grande largueza intelectual e ausência de preconceitos. Em tudo via algo positivo. Todos os que dele se aproximavam sentiam grande paz e segurança.

Creio que o ensino principal do Padrinho Mário era mostrar-nos que a luta espiritual, essa dura jornada pelo autoconhecimento, assim como os seus resultados práticos, não podem ser avaliados numa esfera própria, estanke da vida real e concreta. É preciso sempre buscar a perfeição do nosso ser e do estar neste mundo, com a mente elevada e o coração aberto para os irmãos. Dizia ele:

— Não pensem que eu estou esperando, porque eu não estou esperando. Eu estou é mostrando... sou eu quem vai mostrar o Cristo, na minha pessoa. Todos nós devemos desenvolver trabalhos crísticos para dar testemunho do Cristo em nós mesmos. Todos nós que tomamos Daimé, que assumimos a Doutrina, temos essa obrigação, pois somos trabalhadores de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Essa compreensão, nova para mim, e que eu ouvira também

da boca do Padrinho Sebastião, começava a me reconciliar com esse Cristo tão falado, pouco compreendido e muito desvirtuado. O velho Mário continuava, sempre com seu jeito característico de falar bem as palavras.

— Meu filho, não tem nada mais pra saber não, tá? Tá tudo aí, em vistas claras, o Daimé dentro de nós mostrando tudo, que negócio é esse? Vamos todos é acordar, não é? Vamos todos bem acordar e ver, cada um dar valor ao irmão. Cada um dar valor ao seu irmão e também dar valor a si mesmo. Porque, senão, derrubamos o nosso Deus. Se a gente se desvalorizar e tirar o valor dos outros, tudo isso tira o valor do Deus da gente. E, para valorizar tudo isso, precisamos ter uma mente alta. Sabe, agora é que nós estamos descobrindo o nosso Deus, dando vida ao nosso Deus, nos curando e curando o nosso Padrinho.

Tudo isso causava grande impressão no fundo do meu ser. Era, ao mesmo tempo, tão simples e tão complicado! Um novo horizonte se descortinava através de suas palavras: um Cristo que se encontrava dentro de nós para ser despertado. Um Deus cuja realidade dependia de como Seus filhos assumam seus atributos e ajam como irmãos.

O autor dessas palavras estava ali, ao meu lado. Sua voz era acariciante e pausada, quase arrastada. Quando queria dar ênfase a alguma idéia, repetia a frase inteirinha. Ria e continuava, observando bem o efeito que nos havia causado.

Num belo domingo ensolarado, convidou-me para irmos ao mercado velho fazer compras. Fomos conversando e eu lhe falava do meu desejo de seguir viagem até Rio do Ouro, onde o Padrinho Sebastião já se havia instalado, um ano antes, com boa parte do seu povo, para "cumprir as ordens do Espírito da Verdade e edificar a Nova Jerusalém", segundo suas próprias palavras.

Com toda delicadeza, o velho Mário me explicava que a situação lá em Rio do Ouro ainda era muito precária: pioneiros desbravando uma floresta virgem e enfrentando muitas dificuldades, inclusive a malária.

Chegamos ao mercado, numa das ruas principais da cidade. Na frente, a fachada de várias lojas. Entrávamos por uns becos onde se cruzavam dezenas de ruelas estreitas, repletas de barracas, bazares, mascates e birosacas. A maior parte das construções era suspensa por palafitas em cima do rio Acre. Lá embaixo ouvíamos os apitos de um batelão manobrando nos portos do rio. Ali estava, ante meus

olhos, o típico cenário da Amazônia, ao mesmo tempo pobre e soberbo, grave e majestoso, onde iria ser escrita a página decisiva da transição do Velho para o Novo Mundo.

Padrinho Mário me dizia que eu esperasse um pouco mais, antes de conhecer Rio do Ouro. Que o Padrinho Sebastião teria o maior prazer de nos receber dali a pouco tempo. E interrompia sua conversa, ora para cumprimentar algum conhecido, ora para me indicar a loja onde cada mercadoria era melhor e mais barata.

A cena, não fosse esse óbvio cenário tropical e amazônico, poderia se passar em um mercado persa e o nosso bruxinho simpático ser um mestre sufi daqueles que, com um breve olhar, tanto pode abreviar a procura de seu discípulo como pode mandá-lo atravessar dois mil quilômetros de deserto na busca de um outro mercado e um outro velhote, que por sua vez pode mandá-lo Deus sabe aonde!

Enquanto pensava para onde Seu Mário poderia me mandar, saboreava meu sorvete de açaí. E ele me dizia com sua fala característica:

— Eu recebi. Recebi essa missão. Eu sempre digo assim, o meu compromisso é com o Santo Daime, com Deus, é assim que eu sempre digo. Quando me levanto de manhã, quando pego minha escova de dente, aí eu falo pra mim mesmo que, naquela hora, nesse dia, hoje, eu tenho esse compromisso... Nesse dia de hoje eu vou zelar o Santo Daime, eu vou dar valor a mim, vou dar valor ao meu irmão, vou dar valor ao meu Deus, não é mesmo? Todo dia quando eu acordo eu assumo esse compromisso.

O Padrinho Mário tinha consciência de sua missão. O Santo Daime, para ele, era o veículo divino desse novo tempo e iria cumprir a promessa das escrituras, a palavra do Cristo de Deus. Os hinos do Mestre Irineu, do Padrinho Sebastião e os hinários que vinham se sucedendo, eram o terceiro e novíssimo Testamento que, desde umas poucas décadas, anunciavam a proximidade de um grande "balanço". O advento da Era de Juramidam seria revelado na última grande floresta do planeta na forma de um sacramento, o Santo Daime, para colher e reunir um povo que acreditasse na palavra do Mestre Raimundo Irineu Serra e do Padrinho Sebastião e quisesse viver essa revelação profética no seio da Floresta Amazônica.

Mas a reedição da Boa-Nova continuava sendo alvo de escândalos. O Cristo novamente seria perseguido e ameaçado. Só que agora o Sinédrio, em vez de religioso, era científico. E a nova consciência

crística, alcançada através do sacramento do Santo Daime, estava sendo confundida com alucinações de uma droga.

O Padrinho Mário recebera a missão de chamar e esperar esse povo chegar. Viu em mim um dos iniciadores desse processo. Sem que eu percebesse ainda, em grande parte, o que se passava, gravou uma entrevista para um documentário que eu estava fazendo, onde terminava dizendo:

— Estou esperando um povo, um povo que queira... pegar essa Doutrina e levá-la para a frente.

Ele falava assim na certeza de que, quando esse povo chegasse (e nós éramos os primeiros indícios), haveria muito pelo que lutar, para esclarecer os preconceitos que levam a confundir com um meio de consumo de drogas o uso ritual e doutrinário de plantas sagradas e expansoras da consciência.

— A gente não come e bebe aquilo que gosta? É preciso garantir o direito de usar e beber, dentro da igreja e de nossas casas, aquilo que a gente gosta. E provar que isso nos eleva espiritualmente, não é mesmo? E um sacramento, não é um vício, e vocês, o povo das cidades, é que vão lutar por esses direitos.

Eu ainda procurava entender o meu papel nessa história e, para ele, tudo já estava tão claro! Pois não era ele próprio quem nos chamava? Sem nunca induzir, apenas nos antecipava uma grande responsabilidade que teríamos, quando essa Doutrina começasse a ser conhecida em todo o mundo. Pois era o tempo de manifestar-se a misericórdia de Deus. Final do ciclo e do milênio. Tempo em que todas as doutrinas serão cobradas quanto à sua verdade. Esse remédio espiritual que é o Santo Daime se tornaria mais acessível a todos aqueles que ainda estivessem buscando uma saída.

Através das palavras de Seu Mário, eu ia percebendo que — à semelhança do povo hebreu cativo no Egito, dos essênios do Mar Morto, dos pescadores, dos coxos e dos mansos de espírito da Galiléia — um povo eleito poderia estar ali vivendo uma nova saga anônima, guiado por um profeta, o Padrinho Sebastião. A mesma história milenar estava tendo a sua continuidade. Uma nova esperança para aqueles que achavam que Deus não mais se comunicava com os homens nesses caóticos tempos de hoje.

Seu Mário fazia ressoar esse épico em nosso cotidiano. Era um homem humilde, mas sua mente estava mergulhada na grandiosidade de cada momento da história que eu tentava montar qual um quebra-cabeça: Mestre Irineu, Padrinho Sebastião, anúncios de gran-



des purificações, reunião messiânica na floresta tropical no alvorecer do Segundo Milênio, interpretações exóticas sobre “seitas de adoradores de cipó” e coisas do gênero.

Escreveram-se muitos compêndios sobre teologia e muito sangue já foi derramado pela exigência dos homens de conferir lógica e cientificidade à Graça, à Revelação e à Fé. Mas a verdade mais profunda do cristianismo repousa exatamente na corrente ininterrupta de fé que remonta ao essenismo, vem de São José, Santa Isabel, São Zacarias, João Batista e dos apóstolos que tiveram a glória de serem os precursores, preceptores e testemunhas do Verbo Divino encarnado. Quem, no decorrer de todos esses séculos, acreditou no fundo do seu coração no testemunho dado por Deus, de Si Próprio, através desses personagens, alcançou o verdadeiro significado da Revelação Cristã, muito mais que os teólogos e doutores de todas as épocas.

Da mesma forma, o Padrinho Mário nos transmitia os menores acontecimentos daquilo que ocorria no Rio do Ouro, como detalhes muito valiosos, a serem guardados pelos historiadores do futuro. Nem sempre eu conseguia aceitar ou mesmo entender essa forma de treino espiritual a que ele nos submetia. Mas não é naquele exato ponto onde o entendimento parece não mais dar conta de que cresce em nós a necessidade da fé?

Mais do que a minha racionalidade podia dar conta das visões e mirações que o Daime me trazia, o amor que eu sentia por aqueles personagens, o Padrinho Sebastião e o próprio Seu Mário, era exatamente onde eu ia buscar a força para continuar nessa aventura.

Voltei para casa em julho de 82, com sua mensagem gravada em vídeo, sem conseguir alcançar Rio do Ouro, mas sentindo muito forte uma coisa que Seu Mário dissera em nosso último encontro sobre a primeira vez que tomou Daime:

— Eu só tomei Daime uma vez, tá sabendo? Eu tomei um Daime e encontrei tudo o que estava procurando. Então eu matei a minha sede. Morri e nasci de novo. Aquele homem que foi e tomou o Daime não voltou mais. O que voltou era outro.

Qual não foi meu espanto quando muitas das coisas que Seu Mário me falava começaram a acontecer, com uma rapidez vertiginosa. Em pouco tempo, eu estava engajado numa expedição oficial que ia fazer, a pedido do Ministério da Justiça, um estudo *in loco* da Comunidade do Santo Daime em Rio do Ouro. Assim, quan-

do voltei ao Rio Branco, em finais de novembro de 1982, obviamente minha primeira visita foi ao Padrinho Mário. Lá me apresentei, no meu QG, no fundo do quintal recendendo a cupuaçus, como alguém já convicto de defender o Daime e como um discípulo ou “afilhado” que tinha escutado no seu sentido mais profundo a chamada que ele havia feito através do meu documentário.

Após me escutar atentamente, sorrindo muito, como era seu costume, explicou-me que na verdade a entrevista fora apenas uma parte da chamada espiritual do povo do Santo Daime. Disse-me ainda que essa chamada, na verdade, era um rogativo espiritual e que eu tinha sido o seu portador, mesmo que não tivesse plena consciência. E continuou, pausadamente.

— Tudo o que eu faço, tudo o que eu digo, é a vontade de Deus. Tudo o que eu faço, tudo o que eu digo, é a vontade de Deus. Portanto eu digo, a vocês também, que todos vocês que chegaram no Daime fui eu que chamei, tá sabendo? Fui eu que chamei e tenho sido responsável por isso e também por todo o peso que isso acarreta. Porque eu chamei, eu comecei chamando, escondido de Deus, pensando que estava escondido Dele, tá entendendo? Mas depois, Ele me disse: “Chame!” Então eu chamei com mais força ainda. E senti o Padrinho Sebastião aprovando espiritualmente a minha “chamada”.

Expliquei-lhe que tivera uma sensação semelhante, ao lembrar-me de suas palavras sobre a primeira vez que tomou o Daime. Os olhinhos dele brilharam como uma criança feliz com a minha confirmação. E continuou:

— Pois é, naquele dia falei com você que eu tinha tomado Daime apenas uma vez. Logo que tomei aquele Daime, eu matei a minha sede e nasci de novo. Foi isso que eu disse, não foi mesmo? Pois é. Quando eu descobri essas coisas e matei minha sede, quando vi tudo aquilo que eu procurava, que eu tinha encontrado, então eu me lembrei de vocês. Vi que o tempo era aquele, que o tempo havia chegado, que era a hora de se realizar a coisa, me lembrei que havia muita juventude para chegar. Aí eu olhei e vi que não tinha um pouco preparado. Olhei e não via juventude. Aí eu pedi a Deus que temporizasse um pouquinho. Que parasse o tempo um pouco enquanto a gente preparava um povo e a mocidade chegasse.

Respirou fundo, fez uma grande pausa e se dispôs a concluir:

— Foi mais ou menos assim. Vou ver se me lembro como eu chamei. Eu disse assim: Quem quiser tomar da água da vida, a água

que mata a sede, venha. Quem procura a Luz, venha. Quem procura a Verdade, venha. Quem procura a Justiça, eu também chamei. Quando eu chamei, poucos dias depois eu vi que de toda a Terra se levantava uma porção de gente. E todos esses que vão chegar vêm trazendo uma Luz.

— Pois é, Padrinho — respondi —, o que eu tenho sentido de transformação durante esse curto espaço de tempo já é suficiente para considerar que o Daimé é realmente a água da vida.

Ele me atalhou:

— Já lhe contei de uma ocasião em que eu tive uma miração e vi um grande exército cobrindo toda a Terra? Fiquei assim olhando aquele exército desfilar, tão grande que nunca mais parava de passar... E eu até disse assim, olha, vocês passem, mas não me derrubem!

O tempo das profecias se realizarem havia chegado. Um exército de Luz se levantava. O Padrinho se retirara para Rio do Ouro, preservando a comunidade da primeira onda de choque. O Padrinho Mário ficara em Rio Branco com o papel de receber os recém-chegados.

Pela primeira vez, membros do governo, oficiais do Exército brasileiro, professores universitários, técnicos do Inera, psiquiatras, psicólogos e médicos iam travar contato com uma humilde vila de casinhas de paxiúba e palha, onde se localizava o assentamento do povo do Daimé, essa nova corrente espiritual ao mesmo tempo universal e brasileira.

Padrinho Mário, que acompanhava a Comissão quase no papel de um mestre-de-cerimônias, permanecia sintonizado no "Centro" de Rio do Ouro, como se recebesse telepaticamente todas as instruções para o bom encaminhamento da nossa marcha e para o bem-estar dos convidados. Sentia-se bem à vontade na qualidade de anfitrião. Quase ninguém conseguia acompanhar o seu passo na caminhada pela mata, apesar de seus setenta e poucos anos.

— Minha conversa com o Padrinho Sebastião é pouca. Eu recebo as ordens dele, as coisas que ele quer que eu faça, eu recebo direto, tá sabendo?

E apontava o dedo para o meio das sobralhas espessas, como que para mostrar por onde chegavam as emissões do "Centro".

Depois de alguns dias de muitas peripécias e atoleiros, por estradas e ramais que iam beirando a floresta bruta, chegamos até a margem do rio Indimari, trazendo toda a bagagem quase um quilô-

metro nas costas. A carga pesada foi embarcada numa canoa. Cruzamos o rio e entramos no pequeno varadouro que nos levaria até o nosso destino. Padrinho Mário nos reuniu à parte. Abriu-se um pequeno trabalho. Ficamos alguns minutos absortos em concentração, vendo os arabescos da fumaça subirem lentamente para o céu. Enquanto isso, os guias da expedição procuravam uma variante para seguir o caminho, obstruído por uma grande derrubada. Quase nos perdemos...

Entardecia. Nossa travessia pela floresta seria noturna. Quando Seu Mário deu por terminada a nossa pequena concentração, senti uma força e um júbilo muito grande por participar de tudo aquilo. Foi aí que tive a impressão de ver um rosto imenso do Padrinho Sebastião suspenso por sobre a floresta. Impressão nada, estava vendo do mesmo. Esfreguei os olhos, e ele continuava ali, sério e imponente, como se acompanhasse todos os nossos movimentos. Via claramente a gigantesca imagem tridimensional irradiando sucessivos círculos concêntricos de energia que logo se desfaziam para dar lugar a novos círculos, sucessivamente. Aquela presença impunha em todo o meu ser uma quietude e um silêncio sem precedentes. Eu me perguntava se seria aquele o estado de percepção normal de Seu Mário, quando ele dizia estar sintonizado com o Padrinho, recebendo suas comunicações.

Depois que atravessamos o rio, aquele enorme campo de força que vibrava das entranhas da floresta foi tomando conta de nós e ampliando o seu raio de ação. Caminhávamos pela selva em silêncio, sentindo as vibrações daqueles círculos concêntricos de energia chegarem até a nossa mente como ondas quebrando numa praia ou como os reflexos de uma pedra jogada na superfície de um lago, para usar uma imagem do Tao. Só que a superfície do lago era a imensidão azul do céu já tingido pelas primeiras manchas púrpuras do crepúsculo, emoldurando aquele rosto imenso cujas longas barbas brancas acariciavam as copas das árvores e chegavam até nós na forma de um nevoeiro.

Com o silêncio, percebiam-se nitidamente os sons e a harmonia da floresta. Os bichos conversavam, e sua conversa era simples e precisa. Todos se davam conta de sua existência e reverenciavam o seu Criador. Cada um expressava uma beleza diferente. Não falavam da vida dos outros bichos. Os sapos coaxavam e o pulsar de luz das estrelas era a resposta. Vaga-lumes iluminavam o caminho. E essa sensação de felicidade durava até o momento em que eu me

lembrava dos contratempos cotidianos. A mente se inquietava e a visão se esfumava, para mais adiante reaparecer com toda a nitidez. Lá estava o rosto do Padrinho Sebastião, novamente nosacompanhando.

Depois de atravessar várias grotas com a água acima dos joelhos, levar alguns tombos do alto das pinguelas e enfrentar uma coreção noturna de formigas, chegamos na primeira colocação da Comunidade. O nome não podia ser mais auspicioso: Esperança. Cheios dela, atravessamos o igarapé chamado Trena e fizemos algumas tochas de sarnambi de borracha para continuar a marcha, pois, a essa altura, todas as pilhas da lanterna já tinham pifado.

Cantando hinos, a feérica procissão se embrenhou mais uma vez pela floresta, cheia de pios, silvos e sussurros. Atravessamos porticos naturais de árvores e vegetações que mais pareciam entradas para mundos paralelos e secretos. A qualquer momento poderíamos chegar numa clareira repleta de elfos em volta de uma fogueira. Naturalmente, se assim acontecesse, cantaríamos suas canções e nossos hinos ao som de flautas e alaúdes.

Dava a impressão de que amanhecia, mas ainda era noite alta. Presentia-se ainda a figura do Padrinho no alto do firmamento, cercado de estrelas por todos os lados. Os círculos de energia se pagavam lentamente, desenhando teias de fios prateados que refletiam o luar. Penetrávamos num domínio poderoso, mas uma sensação de suavidade, leveza e alegria tomava conta de mim, já exausto pela caminhada.

Quando, enfim, desembocamos na clareira que devia ser a pequena vila encravada no coração da floresta, não vi elfos nem fogueiras. Tudo estava quieto e o tempo parecia paralisado. Parecia que caminhávamos há vários dias, mas era pouco mais de meia-noite. Tomei um banho nas águas do Rio do Ouro. Dormi no armazém. Quando acordei, o sol já estava no horizonte e Seu Mário voltava do seu passeio matutino. Meu coração bateu forte e pensei: "Daqui a um instante, vou conhecer o Padrinho Sebastião!"

## Capítulo II

# O PROFETA DO AMAZONAS

Meu coração batia forte diante daquele homem que irradiava uma grande aura de luz. Seu rosto já era um pouco vincado, mais por uma vida dedicada intensamente aos rudes labores físicos do que propriamente pela idade. O restante do corpo era esguio e dele fluía muito energia.

Quando olhei para seus olhos, percebi que os dele já estavam fixos nos meus desde o primeiro instante. Era um olhar sereno, limpo e leal. Impossível não brotar imediatamente uma simpatia por aquele homem. Passada a primeira impressão, fortemente afetiva, notei estar diante de um ser de muita luz e conhecimento. O que me levava a constatar isso era o sentimento de segurança que emanava de todo o seu ser. Ali, não havia nada de estudado, de falso. Tudo era verdade.

No início me era difícil ficar encarando o seu olhar, apesar de belo e até mesmo infantil. Sua limpidez nos impelia a procurar o fundamento do nosso próprio olhar: se era só um jeitinho estudado e bonitinho de fingir o que não somos, ou um brilho de amor e de beleza brotado no fundo do nosso coração. Pois os "olhos são a janela do espírito", costumava ele falar.

Tudo isso foi antes que ele me dissesse uma única palavra. Uma sensação de pequenez tomava conta de mim, pois quando uma alma ainda mesquinha, apesar de ávida por conhecer a verdade, a enfrenta, sente-se ao mesmo tempo fascinada e perturbada. Como um

namorado que tanto acalenta o desejo de encontrar a sua amada e, de súbito, quando vê sua fantasia realizada, mal consegue balbuciar umas poucas palavras. Ele ainda sorrindo, me disse, à guisa de cumprimento:

— Então você é o Alex?

Falava como se conhecesse o meu espírito há muito tempo e estivesse entrando em contato pela primeira vez apenas com a minha matéria. Demonstrava naturalidade, como se esperasse o encontro.

Um mestre espiritual é sempre desconcertante em suas ações. Por isso a sua figura é indispensável para todos aqueles que desejam trilhar a vida espiritual. Ao primeiro contato, ficamos maravilhados diante daquele paradigma divino em carne e osso. Um segundo após, sentimos um certo desânimo ao constatar a distância que nos separa do nosso modelo. Mas se aceitamos, mesmo que apenas em tese, a possibilidade da perfeição divina habitar a matéria, logo a força interior do mestre, daquele homem já realizado espiritualmente, tocava nas entranhas do nosso ser uma melodia que era um chamado para o nosso reencontro com Deus. A flauta mágica de Krishna, os salmos pela harpa de Davi e a voz doce de Jesus, manifestações do Verbo Divino, são alguns dos instrumentos dessa canção pungente, que nunca cessou por completo e que, pela graça de Deus, continua ainda hoje abrindo mais e mais corações para a compreensão da verdade, que apenas os mais empedernidos ainda hoje se recusam a reconhecer como expressão da verdade espiritual.

Ao contrário das meias-verdades científicas e morais, cuja validade depende dos fenômenos naturais e dos conceitos humanos, a revelação espiritual se nutre tão-somente da verdadeira realidade, que apenas o espírito desperto pode alcançar. A prova de Deus é Ele próprio. Se ainda não O sentimos, como acreditar que existe? Para aprender a vê-Lo, é necessário encontrarmos alguém em quem confiamos, que nos ajude a estimular nossa autoconfiança e a corrigir os nossos defeitos.

Mas isso não era uma evidência tão clara naquele momento do primeiro encontro com o Padrinho. Foi como um clarão de consciência que relampejou na minha mente. E, no meio das nuvens de ceticismos, racionalidades e dúvidas, compreendi que estava diante de uma chance muito rara e valiosa, objetivo da minha presente encarnação.

Sentimos no mestre uma força superior, que nos ensina e pre-

para para Deus. Uma força que, em vez de nos humilhar, nos eleva e iguala. Que nos convida a amarmos uns aos outros, participando assim do maior mistério iniciático revelado por todos os grandes mestres e pelo próprio Cristo, o príncipe de todos os avatares que visitaram este planeta.

Esse era também o ensino de Sebastião Mota: aprender a ser irmão, formar uma comunidade santa, ser verdadeiramente um povo santo. O local adequado para a realização desse ideal espiritual era o cenário de um verdadeiro épico amazônico, onde um povo novamente reunido — verdadeiros essênios da Nova Era — se preparava para receber o Dono de todas as eras, cuja nova vinda está representada no segundo braço da Cruz de Caravaca. Tudo isso emanava da presença daquele homem de longas barbas e olhar cristalino.

Apesar de conhecer o sol, a lua e as estrelas, contar casos de suas viagens pelo astral, pelo fundo da terra e do mar, ali estava aquele velho e imponente profeta, completamente disponível para me conhecer e ser conhecido. Sua presença inspirava confiança, respeito e amizade, os três pequenos caminhos viciniais necessários para desembocar na estrada do amor, que é a principal.

Bastou um pequeno relâmpago para incendiar a minha alma. Depois do arrebatamento inicial do encontro, tomei consciência de minha pequenez, daí evoluindo para um sentimento de muita alegria e estímulo. Lembrou-me que, de repente, resolvi pedir-lhe a bênção. Apertei em seguida sua mão vigorosa e calejada enquanto respondia ao cumprimento:

— Sim, sou eu mesmo, vim de muito longe conhecer o senhor. Foi nesse preciso momento que meu espírito se rendeu. Encontrou seu guia, um guia da floresta, conhecedor dos segredos e dos atalhos pelos quais as plantas de poder nos levam até os meandros mais íntimos de nossa consciência. Nascia em mim uma grande humildade. Até então, me julgava muito sabido. Ao peso daquele olhar de quem realmente sabia quem era, perguntei a mim mesmo: “E eu, quem sou?” Como não soubesse responder essa pergunta, quis me sentir acuado: ao perceber que todos esses sentimentos contraditórios eram produto das minhas próprias dúvidas e hesitações, tive medo por um instante.

Mas, ao olhar para o semblante do Padrinho me fitando, sorridente, o medo se dissipou. Também sorri e me entreguei. E ele, como que adivinhando minhas disposições mais recônditas, me encorajou:

— O que importa, meu filho, é que eu vejo que você está feliz. Logo vai se achar, saber quem você é, descobrir sua missão. Nós estamos aqui para isso, ajudar os outros a descobrir quem são. E serem homens verdadeiros assim como o Cristo foi. Vamos seguir do pela estrada dele, não é mesmo? Foi ele que abriu o pique e deixou as pegadas para nós seguir. Eu digo sempre: quem puder que siga, mesmo se arrastando vale a pena!

— Padrinho, o senhor adivinhou. Eu estou muito feliz em estar aqui e faço votos de que a visita de toda essa gente ajude o senhor e o seu trabalho. Essa também é nossa missão, não é?

— Você fala desses doutor todos que chegaram? Tomara que eles vejam muita coisa bonita e contem pra nós. Eu mesmo sou muito ignorante, só sei ver, mas não sei contar.

Seus olhos brilhavam com a malícia de uma criança. Ainda acrescentou baixinho:

— Eles pensam que vieram aqui para me estudar, me pesquisar, só que eu já me estudei e sei quem eu sou. Mais tarde é que eles vão saber que vieram aqui foi para eles mesmos se estudarem e se conhecerem.

Aumentou a voz e encarou no meu olho:

— Para achar, cada um tem que começar sabendo o que está procurando. Veja você mesmo. Ninguém te convidou... ou não? — Eu vim porque quis.

— Veio porque era pra vir. Ninguém convida ninguém, mas quem é pra vir chega. Você não recebeu nenhum cartãozinho nem convite, não foi?

— Foi, Padrinho.

— Mas veio, né?

— Parece que sim.

— Então seja bem-vindo, meu filho!

As últimas palavras foram ditas dentro de um abraço jovial que quase me fez perder o equilíbrio. Quando já ia no rumo do armazém, ainda me gritou: “Mais tarde vamos nos conhecer melhor ainda”, referindo-se ao trabalho de Daimé que seria realizado pela noite. Sai dali leve como uma pluma. Tinha a impressão de que o Padrinho me seguia. Alternava-se a imagem que eu vira agora com aquela da véspera, que me acompanhara durante a travessia da floresta.

Embalado por tão bons presságios, nem me lembrava mais do outro motivo que me levaram até ali ao Rio do Ouro. O encontro

com o Padrinho havia sido breve mas significativo. Respondera dúvidas que durante muito tempo eu não soubera formular para mim mesmo. Pouco a pouco, voltava à minha consciência o fato de estar ali embrenhado no meio da mata, membro de uma comissão interdisciplinar que vinha estudar — e talvez até mesmo decidir — sobre o futuro de uma bebida e de uma doutrina à qual eu me filiara minutos atrás, ao tomar a bênção do Padrinho.

Pensando bem, não havia tantos motivos para preocupação. Como ele mesmo acabara de dizer em nossa conversa, antes de mais nada todos nós estávamos ali mais para nos conhecer do que para qualquer outra coisa. Tudo estava confiado ao poder daquela bebida que, segundo o hino do Mestre Irineu, “tem poder inacreditável”. Se cada um dos membros dessa comissão se descobrisse, sem dúvida entenderia melhor quem somos e a natureza do trabalho que tínhamos ido realizar ali.

O Padrinho confiava inteiramente nisso e não tinha nada a esconder. Sobrevera o momento em que tudo seria descoberto. Nesse final de milênio, que muitos vêem como um final de ciclo, todo o lado esotérico das doutrinas que chegaram até nós está sendo revelado, proclamado, impresso e até mesmo vulgarizado.

Aquilo que por tanto tempo foi passado de mão em mão, atrações de uma cadeia de iniciados, deixava agora de ser privilégio de poucos e tornava-se um tesouro disponível para muitos. É a própria Misericórdia Divina que atua nesse sentido, fazendo com que, pelos canais próprios da fé de cada crença, se alcance uma das múltiplas raízes da árvore sagrada da vida e do conhecimento. E permitindo a cada peregrino da Verdade repousar na sua sombra frondosa e provar do seu fruto mais proibido. Como diz o hino:

Eu sou uma árvore sombreira

Assim como um coqueiro

Eu dou valor a vocês

Valor que nunca ninguém teve

Mas não querem me agradecer

Quanto mais me compreender

Se são alguma coisa

É debaixo do meu poder.<sup>2</sup>

Desde que eu tomara pela primeira vez o Daimé, no dia de São Pedro, senti a forte presença que eu não conseguia definir. Por não conseguir essa definição, foi o desejo de conhecer que me fixou no caminho, apesar das dolorosas batalhas e sofrimentos que depois quase me desviaram da rota traçada.

Passé muito tempo sem ver novamente as profundezas da minha razão. Apesar de sempre sentir sua presença pairando em volta de mim, não tinha certeza ainda se aquilo era um poderoso fenômeno telepático, êxtase religioso ou o tão falado *samadhi*. Mas tudo isso eram nomes que não me davam uma pista do que era verdadeiramente real naquela experiência que eu vivenciara.

O Padrinho chamava de *miração* esse estado de transbordante superconsciência guiado pelo Daimé. Seria essa a experiência suprema, a última visão, a coroa da santidade? Eu tinha que acreditar no que vira, e todos os nomes, imagens e formas do Universo não seriam capazes de representar o que eu vivenciara de forma tão intensa. Por outro lado, eu sabia que uma experiência desse porte geralmente é conseguida depois de muitos anos, ou de vidas sucessivas, de trabalho iniciático. Como poderia, um neófito como eu, alcançá-la assim, de repente, sem nenhuma preparação prévia?

Talvez este seja um dos mistérios da revelação esotérica que está acontecendo em muitos pontos espirituais do planeta. Não há padrão que consiga conter e reter a sucessão de fatos a se desenrolarem de agora em diante. A velocidade será tanta que só um processo muito dinâmico de transmutação espiritual e elevação da consciência dará conta da tarefa de libertação e vitória. Todo o cosmos vibra, e essas vibrações tornam-se um clamor que bate às portas dos aparelhos mais receptivos, anunciando a volta do Cristo-Solar.

A essa altura dos acontecimentos, eu já me convencera de que havia mergulhado num estado de consciência muito elevado, alcançado uma revelação para a qual não me julgava preparado e da qual, no fundo, não me considerava sequer merecedor. Era a mesma oscilação e timidez que me atacaram por ocasião do meu primeiro encontro com o Padrinho.

Mas "aquilo" que eu vira me absolvera de todos os meus medos e dúvidas. Seu Mário não dizia que quem tomava Daimé, e achava o que estava procurando, tornava-se um novo homem? Tudo o que eu recebera e hesitara em acreditar não fora endereçado de forma enganosa para o homem velho, mas já era uma prenda de esperança depositada no coração do homem novo que estava nascendo

naquele momento. Queria conhecer mais sobre aquilo que eu vislumbrara e que, por alguns momentos, me fizera compreender tudo que ainda me faltava ser.

Era a primeira chama do Amor Divino que nascia em mim. O mérito todo era do Daimé, do Ser que compreendia como parte de si mesmo tudo que era vivo, e que era a própria vida; que era Ele e que ao mesmo tempo era eu; que era o tempo eterno, era o cosmos e muito mais coisas que eu não podia sequer conceber ainda.

A experiência com o Daimé acarreta em nossa consciência uma espécie de transbordamento cósmico. Percebemos a matéria, os sóis e as estrelas como um biombo de energias através do qual se descortina um oceano infinito de paz e bem-aventurança.

Que instrumento divino seria esse, capaz de transportar qualquer misero mortal até esses píncaros? Um instrumento diabólico não poderia ser, pois o próprio coração se rebelava diante dessa situação e lembrava o conteúdo sagrado da experiência obtida e suas conseqüências tão nitidamente marcantes e benéficas.

O que se passara então? Tudo aquilo era o efeito de uma planura considerada psicoativa, de uma alcalóide que nos induz a uma espécie de miragem chamada miração? Ou uma experiência verdadeira de conhecimento do ser interno, objetivo de todas as iniciações e mistérios, desde a mais remota antiguidade? Lá ia minha mente mais uma vez, pulando como uma macaco pelos cipós da floresta, entre células, enzimas, aminoácidos, neurotransmissores, querendo descobrir o circuito químico que nos levava até a miração, essa verdadeira fábrica de percepções espirituais e de devoção religiosa. Eu agora compreendia que essas sensações dos meus primeiros trabalhos com o Daimé eram da mesma natureza das que foram vividas pelos místicos do passado. Algo com que eu fora agraciado, mesmo não tendo a menor pretensão em me comparar a nenhum deles.

Vez ou outra, porém, surpreendia-me um peso no coração, como se toda aquela situação de pesquisa e julgamento sobre o Daimé estivesse me trazendo uma espécie de sentimentos de culpa em comemorar Deus daquela maneira, rotulada de exótica ou insólita, como se a experiência divina de alguma forma estivesse sendo induzida. Sabia que muitas pessoas pensavam dessa forma. Mas se era eu próprio que havia procurado e encontrado Deus por esse caminho, como negá-lo e não considerá-lo legítimo?

A suspeita de alucinação e indução artificial era uma velha ci-

lada do preconceito Mas um novo tempo se iniciara, onde os preconceitos já não poderiam deter aquilo que era verdadeiro. Novamente um escândalo estava no ar e nós éramos as testemunhas chamadas a dar nosso depoimento sobre essa nova forma de consciência que preconizava um novo mundo. Era a nossa primeira grande batalha espiritual: afirmar nossa fé naquilo que havíamos visto com os nossos olhos e sentido com o nosso coração. Testemunhar o caráter divino de uma percepção difícil de se enquadrar por qualquer lógica formal e preconceituosa. E esperar que a lógica humana, tão comprovadamente falível, não leve novamente, como no passado, as testemunhas de Deus para a arena do circo.

Essa mesma questão, transportada para um plano meramente institucional, movia o Governo, o moderno poder secular do nosso tempo, a uma indisfarçável curiosidade sobre a origem e os objetivos daquela “seita, doutrina ou religião” plantada na floresta amazônica e que comungava Deus através de uma beberagem obtida de um cipó e de uma folha. Preocupação até certo ponto justificável, pois tratava-se de um fenômeno espiritual nascente e desconhecido para muitos. Porém, o fato do sacramento religioso utilizado ser obtido através de duas plantas psicoativas e expansoras de consciência estimula muitos preconceitos. O principal deles é o que confunde a iniciação com as plantas divinas — tradição oriunda dos mais antigos povos da América — com o consumo indiscriminado de drogas e os interesses econômicos que norteiam essa terrível indústria, verdadeiro poder paralelo e uma das principais chagas da nossa moderna civilização do final de milênio.

Como o Padrinho captara com tanta precisão, a visita dessa Comissão tinha um significado especial. Era um encontro da nação, da cidadania, com um povo santo vindo de muito longe, da pátria espiritual que “não é deste mundo”, e que estava hoje coexistindo em harmonia na mesma floresta, no mesmo Brasil. Não é à toa que vários autores espíritas falam sobre o grande papel espiritual do nosso país, chamado também Terra do Cruzeiro, onde, segundo eles, o próprio Cristo e suas falanges teriam descido antes do “descobrimento” e consagrado o solo de suas florestas como sendo o cenário propício para sua tão esperada volta.

Às vezes eu saía pelo meio da mata a meditar sobre o mistério desses vegetais, que nos fazem entrar em contato com um ser tão sábio e sublime, com uma força tão profunda quanto benéfica. Até o ponto do nosso coração ousar ter aquela certeza que se chama fé,

e o nosso entendimento traduzir esse estado como sendo a própria presença crística que habita no nosso interior. “Eu sou isso!”, murmurava para mim mesmo, repetindo, sem ter consciência, um dos mais antigos mantras da sabedoria védica.

Muitas vezes, a grande força negativa presente na dúvida emboscava minha mente ainda oscilante. O Padrinho sempre nos alertava:

— Tomem cuidado com os dois ladrões que estão ao lado do Cristo crucificado. Eles são a dúvida e o medo, são eles que roubam a nossa consciência e nos tiram na nossa firmeza.

Eram eles que perturbavam as minhas caminhadas. Mas, por outro lado, cumpriam o papel de contraponto para a fé. Dúvida e medo sussurravam nos meus ouvidos: “Louco e insensato! Como podes acreditar que tu és Ele? E se forem ambos uma miragem?”

Fui seguindo esse Ser que eu pressentia no Daimé, mesmo sem compreendê-lo direito. Um dos hinos que o Padrinho Sebastião mais gostava de cantarolar dizia assim:

Eu vivo na floresta

Eu tenho os meus ensinós

Eu não me chamo Daimé

Eu sou é um Ser Divino.<sup>3</sup>

Pouco a pouco, esse reconhecimento se impunha. Quando tomel o Daimé pela primeira vez, o salão da igreja da Colônia 5.000 se transmutou diante dos meus olhos numa celebração ancestral. Sentia-me parte de um culto cuja memória era resgatada das brumas do inconsciente coletivo da Humanidade. Na aurora da grande civilização hindustani, nossos antepassados utilizavam o suco de uma planta denominada *Soma*, prensada de forma ritual por três vezes seguidas, sendo parte oferecida ao fogo e parte consumida pelos sacerdotes. Dezenas de hinos, pertencentes ao *Rig-Veda*, uma das escrituras religiosas mais antigas e respeitáveis do mundo, falam do poder inebriante da bebida sacramental dedicada ao deus Indra em ocasiões e ritos especiais. Muitos estudiosos a associaram ao culto do *Amanita muscaria siberiana*, cogumelo cujo princípio ativo é um expansor da consciência, mas alguns apontam o *Peganum harmala*, planta que contém o mesmo princípio ativo do cipó *banisteriopsis caapi*, como um dos seus componentes.

Seria o Daimé o mesmo *Soma*, ressurgido no crepúsculo dos

deuses, no momento em que Siegrifield tocava suas trompas encerrando as velhas mitologias nórdicas e arianas e inaugurando a nova era de Juramidam, o Ser Divino que habita as florestas telúricas do Novo Mundo? Que importa a forma ou a classe de Ser com que os avatares divinos se apresentam diante dos homens? Vishnu não vieram como tartaruga, peixe e pássaro? O próprio Logos, o Verbo Divino, adotara no Cristo uma forma humana, então o que o impediria de manifestar-se novamente como um ser vegetal?

Os diversos membros da Comissão passaram o dia a realizar entrevistas, reuniões, aplicar testes e tirar fotografias. O Padrinho, solícito, atendia a todos. Quando se reunia num círculo mais íntimo, ele se abria mais:

— Eu sei que isso mais pra frente não vai valer muita coisa não. Tenho pra mim que não vai não. Chega um, escreve um monte de papel, depois chega um outro e diz que aquilo tudo não serve, manda um outro vir, espiar e escrever mais papel. No meu tempo não tinha essa história de assinatura não, quando um macho dava uma palavra, aquilo valia era por muitos e muitos anos.

— Meu pai também falava igualzinho ao senhor.

— Porque ele também viu esse tempo. Mas sempre foi assim, sempre houve um mundo sagrado, sério, e um mundo atrapalhado. A história conta que o Cristo quando veio ao mundo andava nas carreiras, todo mundo perseguindo ele, e hoje está a mesma história com o Daime. Ele mostra os defeitos da gente, tira o povo da ilusão. Mas nenhuma comissão vai descobrir nenhum segredo só olhando pra garrafa. Tem que tomar, comungar, pra se conhecer.

Realmente, para alguns membros da Comissão não se colocava nenhuma busca espiritual. Tudo se resumia em avaliar, à luz do bom senso e de algumas categorias da ciência e da moral, se o uso desta bebida no seu contexto ritual e religioso era de algum modo desagregador ou danoso para os padrões sociais vigentes.

A vida que se levava em Rio do Ouro, tanto na parte material quanto na espiritual, testemunhava completamente a nosso favor. Se os bloqueios racionais e emocionais dos membros da Comissão os impediam de aceitar a natureza divina de sua experiência direta ou indireta com o Daime, eram obrigados a reconhecer que as alterações de consciência produzida pela bebida estavam longe de ter conseqüências negativas nos padrões de comportamento e nos níveis de desempenho e de produtividade do povo daimista. Em tudo,

o resultado da visita nos era favorável. Éramos uma comunidade organizada, produtiva, ordeira, com índices de saúde, saneamento, escolaridade, educação e nutrição bem superiores à média dos demais núcleos ribeirinhos da região, o que provava ser a prática religiosa e espiritual da comunidade profundamente agregadora em termos sociais e psicológicos, incentivando a coesão e a solidariedade entre seus seguidores.

O mais importante, porém, escapava da fria lógica analítica dos homens de ciência. Para se chegar ao segredo, só ampliando o coração junto com a consciência. O fenômeno espiritual contido no processo do autoconhecimento não poderia ser deduzido a partir do monitoramento de cérebros dentro de um laboratório. Apenas espíritos sensíveis empenhados nessa busca têm a chance de apreendê-lo na sua totalidade.

De qualquer maneira, uma paz provisória estava garantida. Nos anos seguintes a essa visita, apesar das inevitáveis oscilações, conseguimos avançar um pouco no reconhecimento do nosso direito de realizar trabalhos espirituais com as plantas sagradas visando à obtenção de uma genuína e legítima experiência religiosa.

Sim, os laboratórios afirmavam que a *dimetiltriptamina*, o alcalóide da folha, tinha praticamente a mesma estrutura molecular da *serotonina*, um neurotransmissor cerebral cuja inibição potencializa a ação da *harmina* (alcalóide do cipó) e transforma profundamente todo o nosso sistema de percepção e os nossos códigos de compreensão. E daí? O que nos impede de ver a presença da engenharia divina em tudo isso? Nas plantas, no alcalóide, na consciência e em mim-mesmo? Se esses elementos facilitam a nossa ligação com o Divino, por que temê-los e considerá-la componentes de uma droga?

Falar da estrutura fitoquímica das plantas de poder é um procedimento descritivo que nada acrescenta ao valor da experiência. O que vale é sentir, como nossos antepassados, que viveram em um mundo “muito mais sagrado do que atrapalhado”, para usar a expressão do Padrinho, e não tinham dúvidas de que o objeto de suas percepções era a própria Divindade.

O Daime tem esse poder, de atalhar na nossa consciência o caminho que conduz à percepção direta de Deus no si-mesmo, de mergulhar nossa mente num estado onde não há intelecto, sujeito, objeto, onde não há estado algum que possa ser definido. A miração é o mesmo *samadi* tão falado pelos mestres orientais. Ela se impõe e nos silencia.



Ainda querendo achar uma ponte intermediária entre a ciência e a espiritualidade, poderíamos dizer que penetramos no Reino dos Arquétipos do inconsciente coletivo da raça humana, cuja origem está nas estrelas mais longínquas, que por sua vez vieram de um átomo de hélio. Diante de tão maravilhosa possibilidade de resgate dessa preciosa memória, verdadeiro tesouro perdido, como se importar com tantos rótulos, julgamentos e preconceitos?

Quando o Padrinho Sebastião nos mostrava essa profundidade e largueza de espírito, com seu linguajar caboclo, é que compreendíamos a força presente na Verdade. Ele nos passava uma convicção profunda e verdadeira, recebida diretamente dos seres celestiais, através dos seus veículos vegetais. Lembra também de outras visitas das autoridades policiais, anteriores à nossa comissão.

— Como é que chega aqueles bairros policiais cheios de arrogância... O que é que nós ia fazer? Pegar em armas também? Não. Em vez disso, eu disse: Meu amigo, não se pode chegar assim no meio de uma gente como nós, com uma certa capacidade espiritual, não é? Aqui é assim, preste atenção à coisa bem direitinho. Não pode chegar, meter bronca e coisa e tal. Quer ter prova espiritual? Toma aqui um pouquinho conosco e quando sair daqui tu já não quer mais nada com lá, já quer é estar pra cá. Porque onde é que tá Deus, não é em nós mesmos? Se nós não apresentarmos que somos, ninguém vai acreditar! Outras vezes eles chegaram de uma forma mais respeitosa. Um deles chegou a me falar: "Seu Mota, homens como o senhor são muito raros de encontrar e nunca deveriam ser incomodados por essas coisas."

No íntimo eu me rejubilava, pois tinha convicção de que encontrara a Verdade, mesmo sabendo também que me custaria muito merecê-la e, mais ainda, viver em conformidade com ela. Pensei: "Que importa por onde, ou como, cheguei ao conhecimento de mim mesmo ou de Deus, se esse é o mais nobre objetivo que pode haver para a existência humana? O que pode opor-se ao Poder Superior que nos criou e nos acalentou a esperança de que, no dia em que o encontrássemos, nós O reconheceríamos? Santo 'alcalóide' que me trouxe até aqui, bendito sejas!"

— Porque se o homem não procurar ser perfeito nele mesmo — dizia o Padrinho — ele não acha nunca, em canto nenhum. Principalmente aquele que eles chamam o Cristo. Que andou por esse mundo. O espírito chamava-se Cristo, Jesus era a matéria. Hoje, é o mesmo Cristo! O camarada que pensar que estamos lutando com

outra coisa é louco! Não está prestando atenção a nada! Porque estamos lutando é junto com o próprio Cristo. Através de uma doutrina vinda da floresta. Como é que alguém, ou isso, ou aquilo, vai conhecer lá em Brasília uma doutrina vinda da floresta? — E cantava:

Eu venho da floresta  
Com meu cantar de amor  
Eu canto é com alegria  
A minha mãe que me mandou

A minha mãe que me mandou  
Trazer santas doutrinas  
Meus irmãos todos que vêm  
Todos trazem esse ensino.<sup>4</sup>

Quando terminou o hino, concluiu:  
— Quem é que não tem prazer nisso?

### Capítulo III

## O JARDINEIRO DIVINO

Apesar da estada relativamente pequena em Rio do Ouro, os acontecimentos se desenrolaram de forma bastante rápida e intensa. O aprofundamento dos trabalhos espirituais com o Daimê, depois dos primeiros deslumbramentos, me mostrou como era árdua a luta para remover todas as camadas agora obsoletas no plano da personalidade. Era um autêntico ferro-velho cheio de inutilidades preciosas para um ego doentio, guardado num sótão com pretensões a se tornar um santuário.

A presença magnética do Padrinho, suas palavras e a força de sua fé viva plantaram no meu coração uma pequena semente. Assim é que esse verdadeiro templo interior foi se tornando mais consciente e, mesmo convivendo com o velho sótão poeirento do meu eu-inferior, em pouco tempo a semente fez menção de brotar e crescer. Agora ela precisava ser bem-cuidada pelo jardineiro divino. Nessa época, eu via e ouvia com freqüência o Padrinho cantando este hino:

O Divino Pai Eterno  
A Sua rosa Ele entregou  
Mas não ligaste importância  
E por isso ela murchou

A rosa que Ele me deu  
Cresceu e já brotou  
Que eu não agüo com água  
Eu agüo é com amor.

O meu Pai é muito bom  
Deixa fazer o que tu queres  
Mas depois de muito tempo  
Vais receber o que não queres.<sup>5</sup>

A rosa que o Pai entregou, a flor mais bela, foi o Seu próprio filho. Depois que Ele fecundou novamente a Terra com Seu sangue, através dele tivemos novamente acesso à flor do Eu, receptáculo da mônada sagrada.

Nada mais certo que regar com amor espiritual essa flor. Pois ela simboliza o renascimento, a consciência de existirmos simultaneamente na Terra e no Céu. O jardim sagrado do coração precisa ser regado com um amor que gere obras e não apenas um sentimentalismo contemplativo que se embala na ilusão do ego.

Amores repletos de fantasias e langores não servem, pois causam vagas emocionais que turvam o lago da serenidade. Se não permanecemos atentos e com grande sentido de humildade, estacionamos na exacerbação emocional que ainda está longe de ser a verdadeira devoção.

Todo jardineiro deve ser devotado às suas flores. Tanto mais se tratando da flor nascente do Eu, a centelha do *Atman* sagrado, a presença crística em nós. Com ela, todo zelo, entrega e dedicação, por maiores que sejam, são insuficientes. Pois essa flor divina do Eu Sou, brotada em nossos corações, é ao mesmo tempo uma consciência-em-si, onipotente e autocriada, presente em todas as outras consciências efêmeras, manifestas no Universo!

Enquanto não sentirmos amor e um pouco de reverente temor por essa sublime causa incompreendida, enquanto não formos arrebataados pelo amor até o fundo desse mistério, ainda não podemos falar de Deus com pleno conhecimento de causa. Como dizia o Padrinho:

Meu Pai bem que me disse  
Eu pude acreditar  
Ter firmeza e ter amor  
É difícil de encontrar

Todo mundo fala em Deus  
Porque vê os outros falar  
Aqui dentro da Verdade  
Veja Deus aonde está.<sup>6</sup>

Enganam-se, portanto, os aspirantes que, ao descobrirem o que devem ser, já se consideram chegados à realização final. O renascimento espiritual começa por uma longa gestação. No Daimé, ao contrário de outras doutrinas em que a iluminação é o ápice de longos exercícios e adestramentos, ela pode ser por nós experienciada na miração, de forma inesperada. Ficamos atônitos com a graça recebida, com medo da responsabilidade em assumi-la, mas também extremamente motivados a merecer este verdadeiro tesouro apenas entrevisto.

Muitos querem praticar o amor de Deus dentro de um controle, de um certo decoro. Preocupam-se corretamente no combate às emoções, mas abafam o sentido devocional daquilo que deveria ser esse íntimo convívio com o Senhor. Não se deixam arrebatados, identificam-se na consciência, mas não pulsam junto com Ele no bater do coração. Não sentem os sobressaltos de quem penetra na altura divina encontra o Bem-Amado. Já os que, por temperamento, são capazes de grandes transportes e sentimentos para com as personificações da Divindade, estes devem, por sua vez, ter cuidado para não confundir esse Amor Divino com outros, meras cópias ou capturas do original.

O novo ser que se gesta é um recém-nascido frágil. A batalha pelo merecimento do seu despertar apenas começou. Se já recebemos a visão de que somos realmente a imagem e a semelhança de Deus, precisamos agora é de amor, caridade e humildade suficiente para perceber que todos os nossos irmãos também o são e, como nós, estão em vias de se reconhecer em nós e nós neles.

Se usamos o maná divino da Revelação para alimentar nossa vaidade, o mel se torna fel, pois sem caridade não suportamos o peso do conhecimento da Verdade e muito menos a sua prática, tornando-nos vítimas de uma perigosa obsessão que pode, com o tempo, transformar-se em loucura. Precisamos nos curar dessa pretensão orgulhosa de que apenas "nós" somos, pois esse sentimento é a mãe da ignorância, que nos induz a toda sorte de erros e mentiras.

Se nosso coração bate forte por nossas esposas, maridos, filhos e amigos, como não transbordar quando descobrimos que Ele é e

nós também somos? Este reconhecimento é uma manifestação da Graça, e não um grau de desenvolvimento do intelecto. Para que esta Graça pudesse ser manifestada na Terra, Deus, por pura misericórdia, se fez carne e habitou em nós. Alguns O viram e O tocaram, ouviram as palavras de Seus próprios lábios. Outros creram naquilo que foi dito sobre Ele por suas testemunhas.

*Bem-aventurados os que não viram e creram.* Duplamente bem-aventurados nós, que ainda hoje temos a chance de vê-Lo e crer, através dessa luz da miração do Santo Daimé!

E coitado de quem afirma aquilo que não crê, prega o que não pratica, finge saber o que não conhece, principalmente sobre os assuntos concernentes ao Reino.

A questão agora era entender o poder dessa bebida, santificada pelo Mestre Irineu, e que nos remetia tão profundamente para o interior de nós mesmos, jardim e cenário desta linda história de Jesus e São João.

Não sei o que pensariam os mais eminentes teólogos sobre essas minhas considerações. Mas penso que é tempo de buscar uma Teologia Interior, verdadeira ciência espiritual do Eu, viva e palpante. Não uma anatomia de doutrinas mortas ou fósseis, mas o substrato verdadeiro de todas elas, as relíquias divinas que estão no coração e que produzem obras espirituais. Grande benefício teríamos em deslocar a ciência de Deus para o interior: poderíamos com mais facilidade igualar o interior e o exterior, e encontrar Deus, que é o Superior presente em ambos os lados.

Quem não consegue, pelos olhos da fé e pelo poder do coração, seguir a pista da manifestação crística através dos tempos transforma o saber divino em uma autópsia enfadonha, uma dissecação de categorias cristalizadas e interpretações escolásticas.

Durante esse período em Rio do Ouro, eu ainda mantinha uma certa incredulidade sobre diversos fenômenos da espiritualidade. Pensar que pessoas de carne e osso pudessem encarnar atributos diretamente da divindade era algo muito novo para a minha estrutura mental e um grande choque para os meus condicionamentos. Mas o Padrinho sempre falava que esse era um tempo muito especial e que, como ele, todos deviam se conhecer.

— Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça. E quem tiver olhos para olhar, veja. Pois tudo terá que ser manifestado.

E cantava:

Não há nada encoberto  
Que não seja descoberto  
Basta eu querer.<sup>7</sup>

Tornava seu rosto grave e continuava:

— Graças a Deus eu me conheço, sei quem eu sou. Não sou um abestado que sai por aí dando opinião sobre aquilo que não conhece.

Temos que confiar no poder desse Pai Criador e na nossa capacidade de reconhecê-Lo. Aqueles que assim procederem e acreditarem na clareza espiritual da revelação serão os cúmplices desta jornada em pleno findar do século XX.

Para alguns, essa aceitação do Cristo era uma confirmação. Para outros, a de uma reparação kármica. Pobre da humanidade que não consegue acreditar que da consciência do seu Salvador depende a sua própria cura!

Eu me sentia completamente irmão daquelas criaturas que conhecera em Rio do Ouro. A impressão era de nos conhecermos há muito tempo. A perspectiva de fazer parte desse povo e de resolver esse enigma me entusiasmava. Uma grande euforia e amor pela vida tomaram conta de mim. Para contrabalançar, o Daimê colocou-me, paralelamente a esses transbordamentos de êxtase, passagens muito penosas do ponto de vista pessoal e emocional. Por alguns momentos, quase sentia a semente do Eu se esterilizar por falta de paciência e amor por meus irmãos.

De quando em quando, a imagem do Padrinho cantolando algum hino me dava o rumo a ser seguido. Assim fui conhecendo na prática a seriedade desse Poder. Cada situação por ele armada nos obrigava ao estudo das lições que nos eram mais necessárias.

Esses *estudos* e *passagens* ajudaram a combater nossas principais resistências ao caminho espiritual. São armados pelas próprias situações do cotidiano, pelo choque da nova consciência com os resíduos mentais e emocionais de velhos padrões que ainda se manifestam.

O primeiro impasse que precisei resolver foi o da entrega incondicional e imediata dos meus principais vícios, daqueles que exerciam influência mais danosa à germinação da Flor da consciência Divina. Verdadeiras ervas daninhas, os vícios afetam a tal ponto o crescimento do Eu que é imperioso arrancá-los imediatamente. Crescendo à sombra do Eu, logo o ultrapassam, impedindo o seu pleno desenvolvimento.

Nesta fase, um caráter deformado pode danificar e até mesmo matar a semente. Ele se constitui de hábitos indolentes, impressões errôneas acerca da realidade interna e externa, que se cristalizam em padrões a que sempre recorremos. À custa dele, somos induzidos a uma lógica cada vez mais falsa e distorcida.

Um caráter deformado e autocomplacente nos condiciona a seguirmos, inexoravelmente, erro após erro, pela direção da mentira. É um caráter fraco, débil, devasso, sedento de poder, glória ou riqueza, é um solo onde jamais poderá ganhar germinar o Eu Divino.

Um amor sem firmeza

É um fogo sem calor

É um pensamento fraco

É um corpo sem valor.<sup>8</sup>

A planta do saber sagrado exige, para brotar, muitas lágrimas de amor, piedade e uma ardente ânsia de transformação. À guisa de holocausto, precisamos entregar ao Senhor todas as nossas debilidades de caráter. Aos olhos de Deus, a qualidade desse sacrifício depende da capacidade do nosso discernimento, da firmeza da palavra empenhada, da conduta corajosa em cumpri-la e da profundidade da nossa renúncia.

Só alguns poucos homens iluminam-se de súbito e, por uma intensa decisão de realizar sua espiritualidade, alcançam simultaneamente a gestação, a iluminação e o renascimento. Para a maioria dos mortais, como nós, essa travessia se opera à custa de grandes lutas e sacrifícios.

O mais importante de tudo é a sinceridade com que aspiramos à Verdade. Mesmo quando não podemos ainda enxergá-la com clareza, devemos nos manter em sua pista. Corrigindo nosso passo sob a luz do autodiscernimento, o enquadramento na Verdade fica mais fácil. Mas quando a correção necessária é exigida através da cobrança de terceiros, normalmente resistimos. Não gostamos de ser cobrados nem de reconhecer um erro com facilidade. Isso se chama orgulho e precisa ser combatido. A prova mais difícil para o cristão não é amar a Deus, mas sim amar ao seu irmão.

São João Evangelista disse mais ou menos assim: "Filhinho, se você não ama seu irmão que você está vendo aí do seu lado, como vai amar a Deus, que você nem vê?" Quando iniciamos a senda espiritual, devemos aprender a aceitar indiferentemente os maus e

os bons testemunhos dados a nosso respeito. Isso porque precisamos de ambos. Dos bons, para que nos animem a seguir sem esmorecimentos. E dos negativos e críticos, para suscitar o equilíbrio entre a nossa autoconfiança e a humildade, estimulando as transformações que se fazem necessárias.

Há também os falsos testemunhos, formulados por pessoas ainda mais atrasadas do que nós com o objetivo de nos prejudicar. Mas é fácil distingui-los dos testemunhos que nos estimulam a progredir no autoconhecimento: as críticas positivas são ditas com amor e respeito, de forma leal e franca, enquanto as negativas são insidiosas e quase sempre pelas costas.

Assim, tornar-se consciente de suas próprias falhas de caráter e corrigi-las é a primeira das condições para o aspirante que pretende iniciar sua viagem. Em pouco tempo esse procedimento trará ótimos resultados, constituindo-se no melhor adubo para essa primeira fase de germinação do Ser Divino no templo da matéria. O discernimento correto, com entendimento real de cada alvo da vontade e do pensamento, purifica a nossa intenção e confere um selo espiritual à menor das nossas iniciativas.

A segunda condição para os pretendentes ao renascimento refere-se ao cenário da gestação, ao clima propício para o cultivo dessa flor. Da mesma forma que o solo, o clima precisa ser corrigido, pois influirá no ambiente de crescimento da planta. Devemos protegê-la, afastando-nos dos ambientes onde se fala levemente da vida alheia. A isso o Mestre Irineu chamava "correio da má notícia", corrente ininterrupta que percorre o mundo em todas as direções, verdadeiro furacão de palavras, juízos e testemunhos falsos, que em seu bojo trazem destruição, miséria, loucura, doença e morte.

Essa corrente negativa, que sempre chega antes das boas notícias e da divulgação da verdade, é a responsável pela pior entre as várias formas de poluição que circundam a crosta e o umbral do nosso globo terrestre. Essas vibrações alimentam a manifestação de várias entidades e espíritos obsessores que agem na nossa mente, induzindo-nos à dúvida e ao medo.

O Mestre Irineu dizia que esse era o seu pior inimigo. E que o objetivo central de sua missão na Terra era acabar com essa verdadeira praga espiritual. Como canta em seu hino:

Dou licença e dou pancada  
Aqui eu faço a minha justiça

Precisamos acabar  
Com o correio da má notícia.<sup>9</sup>

Por onde passa este bafo mórbido, belas flores perdem o viço, o ar se contamina e a aura escurece, pois o afastamento do rumo da Verdade é a primeira e mais grave doença espiritual, causa de tantas outras.

Vidas inteiras são perdidas. A matéria vira estrume na terra e o espírito continua adormecido na ilusão dos que não despertam no outro lado da consciência Divina. Pois para se acordar dentro da consciência eterna, é preciso que ela já tenha brotado na matéria, na forma do Eu-Superior. Isso o Padrinho Sebastião não se cansava de repetir:

— Tem que renascer de novo! Quem não tiver esse conhecimento agora, encarnado aqui nesta Terra, vai penar muito pra encontrar ele no Além ou em qualquer outro lugar. Tá pensando que é fácil, bichinho? Poder afirmar com convicção que Deus É e está presente em todo lugar?

Para praticar a caridade — o principal preceito cristão, que nos manda amar o irmão como a nós mesmos —, devemos nos abster de alimentar esse "correio da má notícia". Abandonando os ambientes negativos, naturalmente chegaremos mais perto dos que dizem a verdade e podem comprová-la. Aumentando a circulação da verdade no mundo, estaremos realizando um grande feito, capaz de grandes curas. Quando absorvidos na procura da verdade, nada que nos afaste dela nos atrai mais. Perdemos pouco a pouco os atrativos pelas coisas mundanas, principal vício das mentes excessivamente focadas no exterior, e nos livramos das fantasias obsessivas, principais fantasmas das mentes interiorizadas de forma distorcida.

Se quisermos, como jardineiros cuidadosos, preservar a nossa plantinha do clima nocivo provocado por vibrações negativas, devemos fugir dos ambientes carregados de energias demasiadamente egóicas e densas, das maledicências dos jogos sensuais de sedução. O Ser Verdadeiro é total e ilimitado, mas exige uma renúncia permanente do falso brilho daquilo que parece mas não é. Quem quer ao mesmo tempo cultivar o prazer sensorial e o conhecimento mais cedo ou mais tarde fará sua opção por um deles. Como o Eu emergente é puro conhecimento e saber, ele não se alimenta de prazeres de verdade, tanto na alegria como na dor. Como diz o hino de João Pereira, outro dos primeiros discípulos do Mestre Irineu:

Esse foi o prazer  
Que minha Mãe me deu  
Procurar esta verdade  
até eu a conhecer  
(..)  
Eu vivo neste mundo  
Minha vida é despreendida  
Encostado a meu Pai  
Não me temo do perigo (...).<sup>10</sup>

O momento de sintonizar a realidade externa com o nosso plano interno e o nosso mundo interior acarreta súbitas mudanças. Já não podemos mais seguir incondicionalmente os padrões e as convenções. Arriscarmos um grande passo no escuro, onde a fé é a principal, se não a única, avalista.

Quando nuvens se acumulam no ar, normalmente o resultado é chuva. Quando são muitas, tempestades. Da mesma forma, quando as correntes da má notícia se acumulam, produzem o escândalo. Por isso o Cristo avisou que seu nome e sua Verdade sempre trariam escândalo. Através do contato com o escândalo, desenvolvemos a nossa tenacidade e a nossa paciência, virtudes muito necessárias para a nossa formação como jardineiros de frágeis flores espirituais. Quem se mantém bem firmado na Verdade não teme os escândalos. E como sabemos que estamos na Verdade? Se o coração não nos acusa, responde o discípulo mais amado. E provando com obras, obtemos o reconhecimento e o testemunho dos irmãos.

Quando, além da busca espiritual propriamente dita, utilizamos as plantas de poder como recurso e atalho, o escândalo torna-se ainda maior. Como explica Sebastião Mota:

— Isso aqui é uma escola de conhecimento divino. É uma coisa tão séria que, se todos conhecessem, duvido que alguém falasse mal desse sacramento brotado da terra, tão natural quanto a própria natureza de Deus. Mas desde o tempo do Mestre Irineu já falavam as maiores barbaridades.

Querem nos impor a loucura que se encontra no mundo, quando estamos justamente empenhados na sua cura. A Verdade é a única cura possível de ser obtida hoje em dia. Assumindo a Verdade em nosso próprio ser, estaremos mostrando o caminho da cura para nossos irmãos.

Outra coisa que o Daime nos incentiva é a conciliação e a har-

monia com nossa família, com a nossa ascendência e descendência sanguíneas. Nesse estudo, muito aprendemos sobre nossos karmas, as vidas pretéritas e a natureza da missão que nos une a essas criaturas. Todos os que começam o trabalho espiritual com o Santo Daime sentem de maneira intensa essa necessidade. Através do reconhecimento do papel dos nossos antepassados e do amor para com nossos descendentes, vamos limpando muito karma e preparando um ambiente cada vez mais espiritualizado e propício para o aperfeiçoamento.

Os que chegam na senda espiritual com uma família carnal consuetudinária têm a chance de ver neles a reprodução fiel de suas qualidades e defeitos. Com a consciência espiritual desperta, a convivência com os filhos possibilita um grande resgate da nossa própria memória e um rico aprendizado de como educá-los, nos auto-educando.

Estes são os primeiros desafios a serem transpostos. Para que isso aconteça, é necessária uma decisão de diminuir a influência do eu-inferior nessa primeira fase da jornada de consolidação do Eu Sou. Os que querem negar totalmente a necessidade do eu-inferior, na pressa de sublimarem aquilo que deve ser conscientemente transformado, podem ver-se em apuros. Por outro lado, a autocomplacência com os desejos e caprichos do ego nos afasta ainda mais da rota para o verdadeiro Eu.

Foram essas as principais questões com que me deparei quando cheguei de Rio do Ouro, depois do meu primeiro contato com o Padrinho. Longe estava de ter a certeza de hoje. Era o próprio Daime, através dos trabalhos que comecei a fazer em Mauá, que trazia à tona os impasses e as opções possíveis. O poder em tudo transparece. Aumenta nossa capacidade de influir na matéria, o que exige uma consciência elevada, tanto em termos éticos quanto espirituais, para não sermos tentados a usar nossa acuidade apenas em prol da satisfação dos nossos interesses egoístas.

Antes de vencermos as primeiras batalhas contra as más inclinações do eu-inferior, o nosso poder pessoal é meio perigoso, à semelhança do aprendiz de feiticeiro que ainda não sabe controlar direito sua magia. Daí a obrigação de compreender a seriedade do Caminho e a imensa responsabilidade que significa segui-lo. Por isso a doutrina do Daime traz um *apuro* e um *balanço*, segundo seus próprios termos. O apuro é uma exacerbação, um aprofundamento dos problemas. O balanço é o ápice desse apuro, necessário para

a transformação. Tanto podem ocorrer na miração, onde cada um de nós é o protagonista de uma viagem astral, ou na vida prática, onde devemos aplicar o resultado dos nossos aprendizes espirituais. Ou em ambos, mais ou menos simultaneamente.

O Daimé pressupõe uma busca da Verdade, uma consciência elevada para captá-la e uma comunidade para ser o campo de provas na realização desse projeto Divino. É preciso que certas tensões aflorem, que certas energias sejam trabalhadas e que se aparelhem certos conflitos e emoções, para se chegar à união verdadeira, dentro da verdade, paz, harmonia, amor, caridade e justiça que devem reinar numa congregação de seres que escolheram viver uma vida espiritual.

Onde o Daimé chega, revelam-se logo os ângulos mais indefinidos da nossa personalidade, acentuam-se as dúvidas e questionamentos inerentes ao processo de autoconhecimento, colocam-se frente a frente, como protagonistas de um duelo de amor, irmãos que precisam friccionar reciprocamente suas arestas negativas para perdê-las.

Muitos desistem nessa fase. As próprias imperfeições, ou as dos irmãos, fornecem o pretexto para o bloqueio de uma entrega na união verdadeira. A flor do Eu murcha, sem alento ou alimento. Não se consegue distinguir a pureza da manifestação Divina em meio às muitas imperfeições dos seus canais. Torna-se difícil perceber que para cada um confiar em si próprio é preciso confiar nos outros. O Padrinho me disse um dia:

— Sem eu confiar em ti e tu em mim, como nós podemos ser? Sem eliminar a dúvida e a desconfiança do nosso meio, não podemos consagrar uma verdade e nada dará certo, nunca!

E cantava:

É preciso confiar em si mesmo.  
Para ser pela Doutrina resguardado. <sup>11</sup>

Sem cumprirmos o preceito de confiarmos uns nos outros, não é possível alcançar o mandamento maior, de amarmos uns aos outros como o Pai nos amou, de sermos irmãos, isto é, iguais.

O Padrinho Sebastião pregava e praticava essa grande pedra angular da Doutrina do Cristo. Reuniu um povo na floresta com esse objetivo: atravessar os apuros e os balanços a fim de aparelhar a força espiritual crística, por Ele próprio anunciada há dois mil anos.

Já começava a sentir na minha própria carne essas apurações tão faladas nos hinos. A primeira reação que temos ao ingressar na vida espiritual, buscando o nosso renascimento, é considerar que a partir daí tudo se complicou terrivelmente e se tornou mais difícil. A tormenta é inevitável. Resta saber se vamos nos abrigar na sombra do ego material ou do Eu Divino em brotação. As dificuldades (para seguir) parecem novas e amplificadas, mas na verdade o que se rasgou diante dos nossos olhos foi o véu de ilusão e de falsidade com o qual estávamos acostumados a ludibriar nossa consciência.

O sofrimento, quando aceito, estudado e compreendido, é a melhor têmpera para a nossa vontade. Não devemos imputar a ninguém, além de nós, as causas de nossas aflições. Dizia o Padrinho:

— O certo é o errado e o errado é o certo. Não existe nada melhor do que o erro, do que reconhecer e ter consciência do próprio erro para se avançar na espiritualidade.

Não há conhecimento real que não dependa da nossa própria experiência. Foi com essa esperança e um pouco assustado com a intensidade do meu próprio processo interior que preparei-me para conhecer o Céu do Mapiá, o novo ponto da floresta para onde tinha partido o Padrinho e seu povo.

## Capítulo IV

# CANOAGEM ZEN NO IGARAPÉ MAPIÁ

Fala-se muito do limiar de uma Nova Era e da necessidade de uma opção espiritual. Essa necessidade é real e urgente, mas nem todos os que a apregoam estão realmente em condições de construir algo de concreto nesse sentido.

Esperamos que caia o último véu, que se revele a verdadeira Gnose e que o Santo Graal seja finalmente descoberto. Entretanto, mesmo quando todo o aprendizado oculto for enfim publicado, muitos céticos ainda se aproximarão de nós para nos fazer crer que ainda falta um grande percurso. As grandes doutrinas espirituais devem se preocupar menos em administrar palácios e contas bancárias e mais em produzir santos, sábios e trabalhadores que multipliquem os talentos nesta vida. De tudo o que os homens pregam, apenas o que estiver alicerçado na verdade de suas obras poderá gerar uma fé capaz de mover montanhas e de modelar o mundo da matéria de conformidade com a Perfeição Divina.

A Humanidade necessita de fé. E nosso dever aumentar o coro de esperança que ameniza o clamor dos sofredores e atormentados, cujos ecos chegam até o mundo material. Eles não eram assim tão diferentes de nós quando estiveram em matéria.

Muitos confundem a opção espiritual como algo quietista e piegas. Pretendem ser modernos mas têm vergonha de qualquer “ranço devocional”. Uns esperam naves, outros o próprio Logos ou Cristo. Um pensamento bem-firmado, um bom sentimento no co-

ração, uma vela ou uma espaçonave podem cobrir distâncias de muitos anos-luz. Mas a grande ferramenta está na consciência. Pois cabe a ela projetar e elaborar a matéria-prima dos pensamentos num processo de Ideação Divina. O trabalho espiritual tem início quando a consciência se firma e se reconhece como ferramenta dessa criação, optando pela realidade e pela vida espiritual.

Qualquer projeto de vida espiritual deve necessariamente fundamentar-se numa ética de amor e caridade, de ideais solidários e abnegados, isenta de qualquer interesse particular. A verdadeira fé significa cultivar um sentimento altruísta em prol da Humanidade que, somado a todos os outros empreendidos no planeta, gerará uma força de união e de realização capaz de despertar todos os buscadores que ainda estão por chegar. “Devemos pedir por nossos irmãos da Humanidade inteira”, dizia o Padrinho.

Essa é a verdadeira opção espiritual, capaz de gerar uma Nova Era na Terra, pondo fim à loucura, à ilusão e à mentira. Grandes caminhos já foram abertos nesse sentido para os homens de boa vontade. Mas a vaidade pode, em alguns momentos, atrelar a sabedoria por desvios que engendram a loucura.

A vitória de Deus é a realização das boas obras, agradáveis e úteis aos Seus designios. E a vitória de Satanás é a loucura, a desarmonia com as Leis Divinas. Esta desarmonia encontra-se patente em todos os grandes sistemas civilizatórios da atualidade, os que já ruíram e os que estão por ruir.

Os profetas que, de tempos em tempos, alertam para esse estado de insanidade são perseguidos. E os povos que perseguem seus próprios profetas mais cedo ou mais tarde sofrem as consequências da sua rebeldia. Guerras, balanços, desuniões são os agentes disciplinadores destes povos falhos na fé.

A maior e mais santa das batalhas continua sendo a conquista acirrada do próprio coração para que ele se ilumine e nos guie. Quem busca a si mesmo deve também buscar aos seus irmãos, descobrir quem são os cúmplices de Deus nessa jornada sobre a Terra, pois é assim que formaremos os pequenos enclaves e pontos de luz que nos abrirão o caminho para uma Nova Era.

Todos somos sementes do Reino, possíveis protótipos da nova forma de organização material e espiritual que deverá se levantar dos escombros da velha ordem.

O velho castelo já foi tomado de assalto e se acha em ruínas. Velhas heras daninhas estão ali, enroscadas nas ameias e torres, cum-



prindo o fim do seu ciclo. Um novo alicerce está prestes a ser fundado. A nova força motriz da história não são mais classes sociais e sim as formas de consciência operadas a partir de grupos, comunidades e tribos das mais variadas.

Esse é o novo. Sem dúvida, o Padrinho Sebastião Mota viveu boa parte de sua vida preocupado em colocar na terra uma boa semente, que resistisse às dificuldades da estiagem. Não proclamou muita coisa além de seus próprios hinos, com a singeleza de um seringueiro analfabeto que não se preocupava em ostentar para ninguém os tesouros de sua sabedoria.

Ano após ano, o Padrinho Sebastião dava provas do aprofundamento de sua opção espiritual. Contagiado por sua fé, um povo seguia incondicionalmente a picada que seu guia ia abrindo: da Colônia 5.000 para Rio do Ouro e deste para o Céu do Mapiá.

Quando fui reencontrá-lo, em junho de 83, fazia apenas três meses que a nova "colocação" fora aberta. A atual vila não passava de um pequeno acampamento. Lá ia eu, mais uma vez imerso nas minhas reflexões, enquanto a canoa avançava pelas curvas do sinuoso igarapé Mapiá, afluente da margem esquerda do rio Purus. A mesma emoção que eu sentira em Rio do Ouro, a mesma presença do Padrinho pairando por sobre a floresta, a mesma energia vibrando no ar. Tudo parecia um sonho de argonauta prestes a chegar num sítio ainda desconhecido ao espírito humano.

Era difícil acreditar que aqueles homens e mulheres houvessem deixado para trás seus pertences e casas, fruto de dois anos de trabalho, e se embrenhado novamente floresta adentro para a realização do velho sonho. Desta vez o Padrinho não estava mais isolado. Sua voz começava a ser ouvida em outras paragens, a tocar o coração de muitas pessoas que despertavam para a espiritualidade. O Padrinho sabia, da parte do próprio Mestre Irineu, que sua missão dependia também de nós. Esperava essa ajuda, acreditava em nós, respeitava-nos e dava muito valor aos esforços que fazíamos para chegar até aquele "fim de mundo".

Apesar de todo esse reconhecimento e gentileza, ele estava longe de nos adular, ou a quem quer que fosse. Recebia da mesma forma a maior autoridade e o mais humilde habitante da beira do rio em busca de uma cura. Aos primeiros, pedia desculpas por só ter a oferecer arroz, feijão e farinha. Aos pobres, gostava de atendê-los pessoalmente, arranchá-los, tomar todas as providências cabi-

veis. Mandava abrir tantos trabalhos quantos julgasse necessários, e a sua maior satisfação era ver as curas acontecerem.

O acesso para o Céu era unicamente fluvial. Uma verdadeira maratona Zen. Diferente da batalha nos atoleiros de lama em Rio do Ouro, agora se exigia de nós uma grande atenção e concentração para escapar das pontas de pau, tocos e balseiros nos zigzagues do igarapé. Tudo isso combinado com a disposição de pular dentro d'água e fazer um bocado de força para a canoa passar pelos trechos mais secos. O percurso até onde se instalava o Padrinho era sempre um caminho iniciático.

Eu ia absorto na viagem. Não era possível me entreter com pensamentos, pois eles iam ficando para trás ao longo dos três dias de viagem. A cada nova curva do caminho, suposições, caprichos e máscaras iam sendo questionados pela própria natureza, com sua impressionante dignidade e harmonia. Eruditos, doutores e caboclos tinham que fazer a mesma força, comer a mesma comida e fazer suas necessidades no meio do mato.

De repente, ouvíamos o grito do proeiro da embarcação: "Olha o pau!" Era questão de um ou dois segundos para nos abaixarmos ou pularmos na água.

Os mais experientes comandavam. "Todo mundo botar força junto! Pra frente, pra trás! Mergulha e empurra!" Transposto o obstáculo, voltávamos à postura Zen. Os pensamentos bailavam na mente, saudades da família, desejo de deitar numa boa rede, de rever o Padrinho e a Madrinha, expectativa de voltar a tomar um Daimé no meio das matas.

Outras vezes, o grito era de diminuir a marcha. Imediatamente, com o motor desaccelerado, parávamos suavemente ao lado de uma grossa árvore tombada sobre o canal do rio. Às vezes, isso significava uma ou duas horas de machado para "rolar o pau", parte dele abaixo da linha-d'água, o que dificultava muito o trabalho. Retomada a viagem, lá iam nós, de obstáculo em obstáculo, com os canoeiros sempre trazendo à baila, talvez para nos testar, histórias de sucuris e de ferradas de arraia.

Pernoitávamos nos casebres da beira dos rios, habitados por uma gente humilde mas de uma hospitalidade a toda prova. Passei a rever muitos deles, nos anos seguintes, convertidos à Doutrina e com melhores condições de vida. Sentados ali no velho assoalho de paxiúba, repartindo nossas provisões e olhando os rostos daquelas crianças, era difícil não engolir em seco. A mesma dignidade da na-

tureza estava presente ali naquela gente. Era como se ela fosse a sua continuação em forma humana.

Parecia um outro tempo, um outro povo, um outro planeta, mas não era. Lá estava o Cruzeiro do Sul, nascendo no horizonte cravejado de estrelas brilhantes, satélites e estrelas cadentes.

“Ah, meu Pai, como eu desejo conhecer esse mistério!” Com esses pensamentos, embalava-me na minha rede. Na varanda, outras redes se misturavam com malhadeiras, espingardas e tigelas de seringa. Silvos, gritos, esturros, piados e outros sons de origem misteriosa povoavam a noite e acalentavam nossos pensamentos. Ainda sentíamos nos sonhos a zoadá do motor. De repente tudo se tingia de púrpura e dourado, e o cantar dos pássaros substituíra os ruídos da noite. Pela manhã, depois do cafezinho e das despedidas, voltávamos aos nossos lugares para reiniciar os estudos de “canoagem Zen”, alternando meditação estática e dinâmica, saltando, empurrando, descarregando e carregando a bagagem.

Depois de uma quebra de motor e uma noite acampados na mata, chegamos enfim à enorme clareira na confluência dos igarapés Mapiá e Repartição. Algumas poucas casas, entre as quais destacava-se a do Padrinho, toda de madeira serrada e coberta de palha de caranaí. Ao longe, grandes coivaras ardiam para os primeiros roçados de milho e de arroz e muitas estradas de seringa, cujas bocas saíam praticamente do meio da pequena Vila. No início do assentamento, o povo colhia borracha para comprar sua feira básica. Mais tarde, com as possibilidades de ajuda das outras igrejas que se formaram, o esforço foi concentrado na agricultura e na expansão da produção do próprio Daimé, cuja demanda passou a aumentar cada vez mais.

Cheguei ao Mapiá com uma emoção semelhante à do primeiro encontro com o Padrinho, seis meses antes, em Rio do Ouro. Nesse pouco tempo, muita coisa havia se passado no meu interior. E também no exterior, na dimensão material daquele povo. Eu olhava para as pessoas que conhecera em Rio do Ouro e via semblantes cansados das batalhas, mas felizes e começando tudo de novo, pois o Padrinho pedira para ninguém “trazer bagulho velho”. No varandão da casa, ele falava do Rio do Ouro como se já fosse um passado remoto.

O casarão do Padrinho era o ponto nevrálgico daquelas quase setenta pessoas que se encontravam ali, desbravando o caminho pa-

ra a chegada das demais. O restante do povo tinha permanecido em Rio do Ouro sob o comando do Padrinho Corrente, esperando a hora que o “Velho” os mandasse chamar.

Pelo final da tarde iam chegando os pioneiros. Uns vinham dos roçados, outros dos estaleiros e serrarias, outros traziam feixes de palha para a cobertura das casas. Chegavam caçadores com os quarteiros de uma anta e pescadores com grandes surubins. Como a macaxeira nem tivera tempo de crescer, o Padrinho tinha liberado a caça, por uma questão de sobrevivência.

O movimento crescia no casarão, pois quase todos pernoitavam ali. Perto das seis horas, algumas mulheres começavam a limpezar, varriam tudo, recolhiam as redes e, como num passe de mágica, o recinto virava uma igrejainha do interior: sobre a mesa com uma velha e surrada toalha de bordados, velas e flores em volta do Cruzeiro preparavam o ambiente para o início da oração.

Éramos convidados pelos hinos a examinar nossa consciência e, depois, a compreender que o “mistério da oração não é somente rezar”.<sup>12</sup> Cantadas todos os dias ao cair da noite, essas mensagens eram sentidas por todos ali reunidos como uma verdade profunda.

Cada dia do homem na Terra deveria ser uma oração plena de trabalho, união, promessas, provas e consolações. Ali naquela clareira, pelo menos, isso já estava acontecendo.

Terminada a oração, novamente entravam em cena as mulheres, desmontando a igrejainha e fazendo reaparecer a casa de uma enorme família. Depois de um caldo de peixe, os grupos se espalhavam pelo terreiro, e os que estavam mais cansados tratavam de armar suas redes. Sentado a um canto e comandando uma roda de prosa, o Padrinho lembrava de Rio do Ouro.

Os foguetes espocaram cedo na noite de 23 de junho, ápice do solstício do inverno, iniciando a festa de São João, padroeiro da Doutrina. As labaredas de uma fogueira no centro do terreiro subiam aos céus como a luz de um farol sinalizando para o cosmos e para todos os seres celestiais a nossa presença ali.

O cenário humilde do casarão-igreja transfigurou-se numa nave de luz e beleza. À semelhança do carro de Vishnu, puxado por mil cavalos, com quilômetros de extensão, vales e cascatas, toda aquela pequena Vila cercada por igarapés sinuosos, mata virgem, garças brancas e estrelas cintilantes parecia ser a nave de Juramidam, decolando daquelas paragens encantadas rumo ao insondável Mis-

tério. Luzes prateadas e douradas espocavam como *flashes* vivos ao som dos cânticos e maracás.

A compreensão navegava em belas imagens, que seguiam a força irresistível de uma correnteza, tão maravilhosas que davam medo. Era a miração, a linguagem e a lógica divina captadas por nossa mente e sentidas por nosso coração. A miração é o fio de uma navalha. Nós, os equilibristas nessa corda bamba e afiada. Mas se perdemos a firmeza ou se o coração nos acusa no meio da travessia, podemos ter uma vertigem. Quando esse sobressalto acontece, muda a geometria constitutiva do caleidoscópio que é a visão espiritual. Enfrentamos então as imagens dos nossos medos e dúvidas, os arquétipos mais negativos do nosso inconsciente. Torna-se difícil a convivência entre a força do Daimon e a falta acusada pela nossa consciência. Por tudo isso é imperioso manter o equilíbrio entre o que se manifesta pela nossa entrega e a disponibilidade para a transformação. Nesses momentos de vertigem, pedimos a Deus para que não caímos no abismo nem esqueçamos o juramento feito na hora do perigo, quando conhecemos um fundamento importante do nosso próprio ser.

Eu me sentia esse acrobata e me lembrava de um filme que vira na infância, de um homem que atravessava a Catarata de Niágara em cima de um fio, segurando uma vara. Estados de plenitude se alternavam com momentos de apuro. Sentia palpitar em meu corpo o mistério da vida, como se ela realmente "vivesse" independentemente da minha matéria e dos meus sentidos. Conseguia sentir um vislumbre do que seria minha alma, chispa imortal que espocava numa existência efêmera de matéria e depois se reunificava, na chamada "morte", à fonte inesgotável e eterna. O tão temido, tão falado e tão incompreendido Deus, eu ensaiava melhor compreendê-Lo para melhor representar Sua presença aqui na Terra.

Tudo brilhava naquela noite de São João. O pulsar cintilante das estrelas iluminava a copa das árvores centenárias e nos convidava a refletir sobre o significado de nossa presença no mundo, engrenagem viva daquela nave-biológica, debruçada na varanda do Universo.

O Padrinho bailava ao meu lado com seu passo sereno. Se o casarão era a cabine de comando, não havia dúvidas de que ele era o grande comandante e navegador. A única diferença era que a aerodinâmica espiritual exigia, em vez das correntes de ar, a ligação de uma corrente espiritual para que o nosso trabalho se elevasse até as esferas a ele destinadas.

*Beinhado*

A fogueira soltava faíscas e o luar banhava o terreno com uma luz cálida. Eu sentia que algo inesquecível estava acontecendo. O gosto acre do Daimon parecia aderir a cada célula, e uma estranha energia se condensava. A cadência dos maracás continha o êxtase e o júbilo nos limites da serenidade. Era a Força. A consciência despertava para tantas dimensões e significados que o melhor mesmo era "segurar o tempo", como costumava dizer o Padrinho, e manter a todo custo o passo do bailado.

Algo permanecia suspenso no ar, como um prenúncio de algo muito extraordinário prestes a acontecer naquela clareira da floresta. O trabalho que ali executávamos repercutia em outros mundos. Estrelas conversavam conosco e, em algum ponto do espaço exterior e do interior de nós mesmos, as dimensões internas e externas se tocavam intensamente uma com a outra.

A Força é essa energia poderosa que prenuncia a miração. Nella, é como se os dons, atributos e funções vitais extrapolassem os órgãos do nosso corpo físico. Tornamo-nos conscientes de muitos processos, mecanismos e fenômenos, cujo resultado final é o que, *grosso modo*, denominamos Vida — princípio inteligente que confere existência a tudo o que é materialmente vivo.

A percepção desse pulsar ondulante, que é a Vida permanente dentro do vivo efêmero, nos leva a sentir e compreender o espírito, Eu imortal que independe de qualquer metabolismo ou raciocínio para se manifestar.

Já a miração, que sucede a Força, é uma percepção genuinamente espiritual. Ela nos ajuda a localizar e firmar esse Eu-Superior tão falado, a distingui-los em meio ao labirinto de representações e de reflexos que querem se passar pela verdadeira sede do Ser e da vontade.

O verdadeiro Eu é uma autoconsciência que ilumina todas as demais. Dispõe para isso de todo o material consciente, inconsciente, onírico e kármico para articular a sua linguagem, a miração. Esta é, portanto, a síntese do conhecimento mais verdadeiro, tecida a partir dos símbolos, concatenações e imagens que se acham disponíveis no inconsciente coletivo da Humanidade. É como se Deus falasse diretamente ao nosso entendimento por meio de parábolas vivas. Daí o seu caráter ao mesmo tempo contundente, cristalino e profundo, que nos aproxima de uma compreensão mais rica e necessária da nossa própria vida, de Deus e dos irmãos.

*Beulah*

A miração é a "terceira visão" por excelência. A compreensão que adquirimos nela significa um compromisso profundo com a transformação. Seu efeito, profundamente terapêutico e expansivo em termos de consciência, reside no fato de abolir muitos condicionamentos e ilusões que impedem o verdadeiro *insight* da percepção espiritual. Tudo tem importância nessa "viagem". A visão clara e a voz interna esclarece. O cenário é simultaneamente cartesiano e quântico. Podemos nos sentir protagonistas de uma antiga encarnação, em um filme em três dimensões, ou uma mônada viva do Criador, um elétron saltitante e indeterminado na tela de mundos e seres onde Ele, o Criador, cria, joga e recria o Seu amor eterno e impercível.

Eu olhava todas as pessoas executando os movimentos no baialado e, num determinado ponto, a multiplicidade cabia dentro do Único e do Mesmo. Uma voz dizia: "Acorda que tu és um homem, um ser divino encarnado!" E de novo eu perdia a noção de espaço e tempo. Penetrava em uma galeria de espelhos que refletiam todas as formas, nomes e imagens do que já havia sido em outras vidas. Quando o fascínio me fixava nesse ou naquele ponto, me vinha à cabeça uma história do Ramayana: o devoto Sukha, levando uma bacia cheia de água na cabeça, deu várias voltas ao redor dos jardins do palácio do rei Janaka, sem derramar uma só gota, nem distrair sua atenção um só instante da taça, apesar de toda sorte de belezas, encantamentos e distrações sensuais que cercavam o local.

Sem precaução, as belezas espirituais podem nos cegar. Era tão forte essa sensação que por vezes achei que ia cair. Olhava para o lado e a serenidade do Padrinho me convidava a imitá-lo. Assim fui ampliando os meus próprios limites, continuando de pé na fila. Procurava achar no meu coração esse Pai de amor, justiça e perdão, pedindo para que Ele me sustentasse.

A Força nos prepara para receber a miração. O corpo metaboliza essa energia contida nos elementos ativos dos vegetais sagrados e nada está fora de Deus. Tudo é uma mesma força que mexe no nosso coração, no nosso estômago e na nossa cabeça, ajudando nossa consciência a ver a realidade tanto do corpo quanto do espírito.

Todos esses rasgos de entendimento sucediam-se, apresentando-se como algo irretorquível. Era como se o nosso aparelho humano e o nosso cérebro — que muitos consideram hoje um protótipo holístico do próprio universo — naquele momento da miração exerci-

*Beulah*

tassem novas aptidões, recursos cada vez mais profundos no campo da consciência.

No suceder de ciclos e eras do planeta, temos visto que não existe um progresso linear na evolução da consciência. Na ciência empírica, apesar dos retrocessos éticos na concepção de progresso, há de fato uma progressão, um acúmulo de conhecimento. Mas a consciência espiritual, nos primórdios dos tempos, esteve mais desperta. Quanto mais o corpo físico e suas atribuições foram se firmando, tornava-se menos clara a percepção do sutil, do astral, do etérico e da própria dimensão espiritual como um todo.

A consciência foi submergindo, cada vez mais, no mar do inconsciente. O que restou foi apenas a ponta do *iceberg*, justamente a parte mais identificada com a existência corpórea e material. Abaixo dela, nas profundezas abissais de nossa mente, estão impressas as vibrações espirituais provenientes das nossas origens, a memória de quando um vórtice de energias cósmicas poderosas transformou gás e poeira em um turbilhão de mundos e seres.

Vida, fascinante síntese, misterioso atributo que se dissemina no etérico, no biológico e no genético. Nos reinos humano, animal, vegetal e mineral, no fundo abissal dos oceanos, no pico das cordilheiras geladas ou na solidão dos desertos, no fogo ígneo do centro da Terra ou na imensidão da floresta, em tudo pulsa o sopro da vida, eterna canção do Criador.

Grande alegria tomava conta de todo meu ser à medida que o trabalho de São João se desenvolvia. Crescia a minha compreensão, assim como o meu reconhecimento para com aqueles homens e mulheres ali no salão, legítimos herdeiros dos povos que se mantiveram fiéis à sabedoria dos seus ancestrais. Apesar do progressivo obscurecimento espiritual que acompanhou a evolução da espécie humana, eles descobriram no uso ritual dos vegetais sagrados uma estrada que ajuda o espírito a rasgar os véus da falsa consciência e encontrar o seu caminho de volta.

Tudo isso encontrei nesse dia: a Força, o Poder e a Luz, presentes na forma do Santo Daimon em todas as células do meu corpo. Sensibilizando todos os meus centros de energia, clarificando meu Eu até o ponto de poder cantar com pleno conhecimento de causa o hino do Padrinho:

Eu sou a sala, eu sou o trono  
Para meu Mestre conversar.<sup>13</sup>

Embebedos na Onisciência Divina, com nosso Eu sentado no templo vivo, capacitando-nos a restaurar a Verdade em nosso ser e em todo lugar. O pensar e o fazer tornam-se igualmente divinos.

Quando me dei conta, a fogueira já ia pela metade e o hinário se aproximava do intervalo. Uma acuidade cortante como uma lâmina afiada trespassava minha mente. A força do Daimé fazia-me tudo ver ora verde, ora roxo, e conferia ao meu corpo texturas irreconhecíveis. Minhas percepções eram simultaneamente corpóreas, emocionais, afetivas. Algumas vezes, eu era pura consciência, como se nem sequer me lembrasse de já ter existido algum dia com um corpo material. Nesse estado de vidência e contato com o invisível, a consciência se manifestava com algo anterior à queda do espírito na carne e à densificação da matéria.

Os hinos prosseguiam, guiando minha compreensão e me salvando nos momentos mais difíceis da travessia. Quando terminou a primeira parte do trabalho, ainda “pegado” e mirando, eu sentia a força do Ser Divino dentro das minhas entranhas, agora de um modo mais suave. Apoiando-me no parapeito do salão, em frente à fogueira, muitas coisas prometi para mim mesmo.

Tudo o que havia se passado, o Padrinho explicava de uma forma bastante simples. Segundo ele, invocando-se o Ser Divino presente naquela bebida, Ele próprio vem limpar e adornar o templo interior de cada um, a fim de receber o “dono” do aparelho. A bebida em si é o veículo, o sacramento. Sua ingestão reorganiza as nossas bases orgânicas, neuroquímicas e energéticas, ajustando-nos melhor à realidade espiritual e seus múltiplos significados. Depois dessa fase inicial, o Daimé nos ajuda a transcender tanto as sensações positivas quanto as negativas que emergem do fundo do nosso espírito. Esse é o momento em que a miração se apresenta. Arquétipos, mitos e lendas emergem do baú do inconsciente coletivo, e é com essa matéria-prima que o Santo Espírito Universal torna-se acessível, tecendo a imagem viva da miração, linguagem divina por excelência.

Vale a pena observar que a miração não nos chega como mera consequência da Força, a partir de uma relação de causa e efeito. Depende, sim, de uma escolha, do nosso merecimento e da nossa entrega ao Poder Superior que a guia. Sem essa fé no seu fundamento divino, o que sai de dentro do baú de formas do inconsciente não ultrapassará o nível meramente psicológico e imaginativo.

A vivência espiritual e a vidência interior nos tornam protagonistas de uma cena inacabada, onde a perfeição é sempre o nosso objetivo.

A miração é um sonho divino. Sonho que não entorpece mas, sim, torna o nosso ser mais nítido e consciente do seu verdadeiro estado, que é a alegria e a bem-aventurança. Sonho que pode nos imobilizar em pleno vôo do êxtase, como a ave de rapina antes de mergulhar contra a sua presa. Ou desencadear uma vertigem de eventos que remete a níveis cada vez mais elevados da percepção de si mesmo e do outro.

O Padrinho costumava dizer que primeiro tudo se resolve na miração para depois ser transposto e realizado em matéria. Quem aprende a trabalhar e a receber essa luz na consciência passa a sintonizar-se com os mais elevados planos da pura efervescência cósmica que penetra o astral do nosso planeta. Assim, bebendo dessas fontes imorredouras, operamos através dos padrões e matrizes dos seres construtores do Universo. E ouvimos o eco de seus apelos. a ressoar no mais profundo da nossa consciência humana.

Naquela noite, vendo as estrelas pulsarem ao alcance do meu entendimento e a fogueira calcinada consumindo minhas dúvidas, pensei que tudo seria fácil. Só aos poucos fui compreendendo que de nada adianta a mera elucidação interior sem uma vontade firmemente comprometida em alcançar as transformações exigidas. Mesmo que muitas névoas retornem após as experiências da miração, uma parte da experiência permanecerá indelevel ao nosso coração, como uma nova maneira de chegar ao conhecimento.

Fui me sentindo com mais segurança para caminhar até a cozinha e tomar um chá. Pensava em meus filhos, em meus amigos, e dava vontade de chorar. Passara por uma verdadeira terapia da alma e ao mesmo tempo por uma iniciação sagrada. Naquela noite, eu compreendera muitas coisas importantes sobre o Divino, sobre o mundo espiritual, sobre os mistérios eternos.

Atravessi labirintos escuros para poder descortinar vales de luz. Eram tantas as possibilidades de serem a mesma coisa que em alguns momentos esse relativismo excessivo conduzia a um certo languor e a um estado semelhante ao da loucura. Só com muita determinação e humildade vamos desmascarando as imposturas, seduções e enganos de nossas inclinações inferiores, ávidas por se apropriarem ou conterem o fluxo da correnteza de amor, turvando suas águas límpidas com desejos e falsificações.

Esse é o maior perigo para o peregrino que embarca na miração. Envaidecendo-se do dom que foi distribuído para todos, pensa ser o único para o qual a Verdade se revelou. O fogo sagrado pode ser apagado na forja dos deuses, e toda forma produzida sem ele será de uma beleza falsa e inócua. Se não limpamos e esvaziamos o templo dessas falsas criações, o mestre interno não se digna a vir ocupar o trono. Na miração só navegam com segurança os humildes e mansos de coração. Os que se orgulham de recebê-la, os que ostentam seu resultado com muita frequência, ou que amiúde imaginam ser o que não são, recebem como "revelações" nada mais que os seus próprios desvarios. Já no outro extremo estão aqueles que não têm confiança suficiente em si próprios e nos outros. Estes também não percebem que "a barca que corre no mar" é a mesma que "corre no meu coração".<sup>14</sup> Não conseguirão acender sua própria luz e tentarão se firmar na luz alheia.

Terminando o hinário, após um pequeno repouso, o Padrinho recebeu-me ainda sentado na sua rede e disse:

— É preciso tomar cuidado com as mariposas. Já viu como elas fazem? Se lançam à luz com tanto ímpeto que apagam.

## Capítulo V

# O "DOUTOR" DO JURUÁ

Não é difícil imaginar o que era a floresta há milhares de anos. Onde o ímpeto destruidor do homem não a alcançou, ela continua sendo o que sempre foi: o Jardim Sagrado e exuberante com que o Criador cobriu esse ser chamado planeta Terra. Natureza receptiva, regaço materno, tem sido ela, durante todo esse tempo, de uma entrega desvelada para com a sua vasta prole.

Desde cedo, o homem usou seu livre-arbítrio para o bem e para o mal. Essa oscilação ética já produziu muitos resultados disparates: eras paradisíacas alternando-se com guerras e grandes cataclismas, cujos ecos ainda ressoam nas camadas mais arcaicas da psique humana. Mas a Natureza sempre se dispôs a uma reconciliação com o homem, na esperança de um dia ser ainda mais reconhecida e venerada.

Os agrupamentos humanos, por onde se fixavam, passavam a consumir cada vez mais as florestas: suas madeiras, seus frutos, sua caça, suas flores, seus remédios e seus mistérios — a magia, os seres encantados e a grande força divina que habita dentro dela. Mas o equilíbrio era mantido, até o momento em que o homem "civilizado" expandiu seu domínio pelas novas terras. A partir daí, o desvio de rota se fez mais intenso, e a realização do plano Divino na Terra foi parecendo cada vez mais inviável devido à grande ganância de poder e de riqueza que o homem passou a desenvolver.

Em pouco tempo, o amor e a harmonia pelas leis cósmicas fo-

ram sendo substituídos pelos desvarios da conquista e pelo mito de um progresso cada vez mais identificado com o acúmulo de bens a qualquer preço. O homem não podia abolir leis que lhe eram preexistentes e que tinham inclusive operado na sua própria criação, mas a sua relação com a Natureza tornou-se cada vez mais agressiva e interessada.

Quando a casca de uma árvore possibilitou ao homem atravessar um rio até então intransponível, nisso havia sabedoria. Quando florestas de carvalho foram transformadas em esquadras de navios de guerra, já havia no ar um embrião de loucura. Os primeiros erros e as pequenas mentiras cometidas nessa terra de divindades decaídas foram acumulando uma enorme dívida kármica sobre a crosta dessa escola planetária.

E a floresta, guirlanda viva que enfeitava todo o globo, tecida por Deus para ser usufruída com todo amor e reverência, foi sendo devastada, em um autêntico ato coletivo de estupro e incesto contra a Mãe-Natureza.

Com a extinção sistemática das florestas do planeta, a Amazônia permanece hoje um dos últimos redutos do jardim original. Tão impenetráveis eram os seus mistérios e obstáculos que vastas extensões de terra, com seus reinos e civilizações, mantinham-se inacessíveis.

Na sua multiplicidade de vida, a floresta tropical é laboratório de síntese e de intercâmbios entre seres espirituais e energias cósmicas que se constituem a base da vida humana. Jardim do Éden onde floresce a árvore da vida e do conhecimento. Quando essa harmonia é quebrada no mundo, o mesmo acontece no cosmos. Destruição a Natureza, de cujos elementos é feita a sua própria natureza humana, o homem destrói a si mesmo.

Quis o Criador que uma parcela significativa dessa natureza esteja hoje dentro do nosso país. Em algum ponto dessa verde imensidão, no vale do rio Juruá, município de Eurimépé, estado do Amazonas, em um seringal denominado Adélia, no dia 7 de outubro de 1920 nasceu Sebastião Mota de Melo.

Os mistérios de Deus sempre se manifestam onde eles são menos esperados. Daqui a centenas de anos talvez a existência desse homem ainda se preste a muitas reconstituições lendárias ou históricas. No ermo dos seringais, numa casinha de paxiúba coberta de palha, nasceu este ser dotado de grande luz.

Os seringais, hoje em franca decadência, são imensas extensões de floresta onde se extrai o látex das árvores de seringa, nativas dessa região. No centro, normalmente à margem dos rios navegáveis, fica o barracão, ao mesmo tempo armazém e gerência. Seguindo o curso dos igarapés menores, ficam as "colocações" onde trabalham os seringueiros.

As casas dos seringueiros daquela época em nada diferem das que ainda hoje existem. Podemos imaginar o igarapé, o porto, o terreiro, alguma galinha ciscando, os pés de roça e alguma fruteira. Junto do acero da mata, um pequeno tapiri com uma fornalha cavada na terra para defumar a borracha. O acesso à casa normalmente se faz através de uma rústica escada de troncos, perigosa aos não-iniciados. O piso é alto, suspenso por barrotes como prevenção contra as enchentes. No interior, apenas uma, no máximo duas pequenas peças são fechadas. Na sala, que normalmente é como uma varanda, algum velho retrato de família, a imagem de algum santo objeto de uma devoção especial ou alguma velha fotografia de revista que chegou até aqueles ermos. Tigelas enferrujadas de seringa em algum canto. Tarrafas e malhadeiras estendidas e alguma espingarda de cartucho pendurada em um prego na parede. No fundo da casa, um pequeno "puxado" à guisa de cozinha com um fogão de lenha e algumas poucas panelas e latas. Um jirau de madeira projetado sobre a janela para lavar a louça e uma bilha de barro para guardar a água completam a mobília.

Foi numa casinha assim que nasceu esse típico caboclo amazense cuja existência poderia passar completamente despercebida não fosse a importância da missão que veio trazer ao mundo. Como ele próprio disse:

— Nasci na mata, nela me criei. Não aprendi quase nada, mas o que aprendi me serve muito. E nela estou e não quero sair dela não, de jeito nenhum! Porque foi onde eu encontrei a minha vida eterna e não posso me esquecer um só momento. O homem quando bota pra aprender aprende muito, é cada máquina que vale a pena a gente ver! Agora, o homem espiritual tem um dom ainda maior do que os outros, não é mesmo? Mas não tiro o valor de ninguém, nem do próprio seringueiro, como eu. Fui seringueiro, sofri na mão de patrão, e hoje só não estou sofrendo mais na mão deles é porque não posso mais cortar seringa. Senão ainda estava. Porque foi o que eu aprendi, cortar seringa. E não gosto que ninguém judie da bichinha.

Nada de especial indicou para os contemporâneos esse acontecimento, mas provavelmente na espiritualidade houve um grande júbilo pela sua encarnação. Numa moderna versão tropical da história dos Reis Magos, os príncipes da floresta, Titango, Agarrube e Tintuma, devem ter ido até a humilde casinha de seringueiro trazer flores, frutos e resinas da floresta em homenagem ao novo profeta.

Algumas vezes o vi falando sobre a sua meninice no Juruá, já marcada por experiências e visões:

— Desde a idade de oito anos, já me acontecia toda sorte de coisa! Primeiro eu comecei voando no mundo e conhecendo tudo. Meu espírito se desprendia, e eu viajava por muitos lugares e achava tudo aquilo estranho. Mas o pessoal não dava valor àquilo não, eu às vezes ouvia muita coisa dos espíritos, o pessoal achava que era coisa de menino. Mas, quando davam fé, acontecia!

— O senhor sentia medo, Padrinho?

— No começo eu sentia. Tinha um medo de danar. Mas não tinha jeito! Era para eu ter conhecimento. O meu Eu-Superior já se encontrava desperto desde essa época e sempre me alertava para que tivesse paciência, que eu iria encontrar lá na frente aquilo que era meu.

— E o senhor encontrou...

— Se os outros estão aí no mundo, à toa, eu pelo menos sei que não estou à toa. Com oito anos descobri uma coisa e saí atrás dela. Comecei como um sonho, até que cheguei a realizá-los todos. E todos para mim foram uma verdade e uma certeza. Graças a Deus ninguém me mentiu.

O cenário dessas conversas era o quarto da casa grande do Céu do Mapiá. O velho sentava na cama em frente à platéia, ávida em ouvir suas palestras ou recordações pitorescas como essa:

— Eu às vezes via visões em tudo que era lugar. Via visões nas águas, visões dentro do mato, visões sem cabeça. Uma vez eu tava andando por uma estrada de seringa, fui tomar um banho e vi um macaco. Quando tirei a roupa e fui me abaixando, o macaco virou uma capivara. Já achei aquilo esquisito. Aí ele deu um pulo, era um macaco de novo, e um macaco bem feio! Eu já tava ali arrepiado, o bicho tinha virado já um outro ser esquisito e me olhava de dentro de um olho-d'água. Aí não güentei e corri com as calças na mão até em casa.

A mímica era rica, sugestiva, e eu quase sentia o mesmo arrepiado. Quem já andou um pouco pela floresta, mesmo na condição

de neófito, como era o meu caso, não se surpreendia com esses relatos. O reino vegetal exerce um poderoso efeito sobre nosso espírito. Reforça nossa vidência, tornando-nos mais sensíveis e intuitivos. Esse é o efeito das vibrações e dos seres que habitam nesse todo fervilhante de vida que é a floresta. Em minhas viagens, tive ocasião de ver muitas coisas extraordinárias, como pedaços de pau que andam sobre pernas, vultos misteriosos e sons desconhecidos. Imagino o que o Padrinho Sebastião não deva ter conhecido!

— Eu era caçador. Depois, graças a Deus, parei de matar bicho. Só numa precisão muito grande de rancho, como tivemos no começo aqui no Mapiá. Andava o dia todinho embrenhado na mata, acuando e tirando bicho de dentro do buraco, andando às vezes mais de um dia sozinho em lugar que, se o cabra não for esperto, se perde e não volta mais...

A Madrinha Rita ficava ali costurando em um canto do quarto. Vez ou outra acrescentava um nome, uma data ou um detalhe da história. Contava que o Padrinho a conheceu junto com as irmãs em Natal, numa dessas viagens astrais, quando então uma voz lhe dissera para olhar bem, pois aquela seria a mulher com quem ele iria se casar e constituir família.

Mesmo quando o assunto eram as assombrações e os encantamentos da mata, o velho Mota não perdia a oportunidade para exercer a sua poderosa didática. Via no rosto de cada um as reações e as resistências, estava a nossa credulidade. Incentivava-nos a acreditar em nossos sonhos e no sentido mais profundo de nossa percepção interior:

— Já ouviu falar do Batedor? — ele perguntava.

— Não, Padrinho, o que é?

— É um ser que vive na água.

— Um bicho?

— Não é um bicho não, é um ser encantado. Lá no Juruá tem.

Aqui já houve quem escutasse ele.

— Por que chama Batedor, pai?

— Ele chega pelo igarapé. Aí ele pára e começa a bater, fazer um barulho danado que nem um tambor martelando que vai aumentando, aumentando...

Fazia um pequeno suspense e continuava:

— Pois é, se a gente não acreditar nele, ele chega pro terreiro e bate na soleira da porta, de estrondar a casa! É um ser encantado. Nessa hora ele encanta a vontade da gente. Se no nosso pensamento



a gente fica ao mesmo tempo com aquele medo e aquela vontade de ver o Batedor, aí é que ele chega até embaixo da nossa rede e balança ela de um lado pro outro. Eu mesmo só vi no igarapé, mas tem quem já tenha passado por essa dentro de casa.

Todos ali no quarto ficavam sugestionados, alguns visivelmente impressionados. De repente o Padrinho soltava uma gargalhada gostosa. Seus olhinhos pequenos assumiam um jeito maroto. Apoiava os braços perpendicularmente ao corpo com as palmas da mão apoiadas na superfície da cama e jogava a cabeça para trás. E ria, cheio de satisfação. Teci algum comentário desprezioso sugerindo um paralelo entre o caso que estava sendo contado e a vida espiritual. Considerava o tempo necessário para a nossa reflexão e, após um tempo que podia ser longo ou curto, exclamava:

— É, a lua ontem deitou para aquela banda de lá, hoje vai dar chuva.

Às vezes essa frase simples sobre o tempo desabava sobre nós com o efeito de uma ducha fria, tirando-nos de uma longa “viagem” a que a sua presença nos induzira. Era a senha para que voltássemos ao quarto da casa grande, igarapé Mapiá, planeta Terra! Olhava pela janela à minha frente, via o rio e a mata no fundo, certo tudo que a vista alcança. Tudo brilhava. Eu ficaria ali a vida toda, sentido naquela cama, com a certeza de já haver vivido naquela floresta e de pertencer a esse mundo, a esse novo mundo, ao mesmo tempo singelo e profundo.

Já outras vezes, o tom da conversa tornava-se enérgico e disciplinador, exigindo do nosso espírito uma peregrinação mais séria e um grande autoquestionamento. Cada palavra dita em meio a um grupo de pessoas tinha o dom de se encaixar perfeitamente em cada um, a ponto de cada ouvinte sentir-se o único alvo da velada admoestação do patriarca. Nesses casos, era com alívio que ouvíamos o infalível comentário sobre o tempo, a iminência da chuva etc. Era o momento de terminar a conversa.

Já se passara um ano desde o inesquecível São João de 1983. O casarão do Padrinho já estava todo fechado e dividido em quartos. Uma igrejainha provisória tinha sido construída bem em frente, além de várias outras casas. Os roçados foram ampliados, e o paiol estava repleto de arroz e farinha.

Sebastião Mota continuava falando de como ainda cedo se coleccionara com a vida espiritual. Através dos sonhos e das visões já era preparado para uma missão. Nele, esse sentimento de predesti-

nação sempre foi muito forte e precoce. A confiança que depositava no seu processo de conhecimento era total.

— Como sempre foi assim. Passei baixinho para conhecer o céu e a terra. Passei baixo desde a hora que eu vim encarnar. Mas graças a Deus conheço o astral, a terra e o mar. Para poder te dizer: eu sou o que o Criador é. É preciso ter conhecimento, senão a gente só fala, mas não sabe. É preciso ter conhecimento, conhecimento real, porque senão a gente só lê e pensa que sabe alguma coisa. Eu, graças a Deus, não sei nem ler! O que adianta saber ler e não ter conhecimento da Verdade? Eu não vou tirar a razão de quem tem para dar a quem não tem... Nasci pobre, sou pobre, mas me considero rico.

Quando falava assim de si próprio, não havia nele nenhum ranço de orgulho, e essas palavras eram ditas com a sinceridade de uma criança.

Já homem feito, Sebastião Mota conviveu também com um fato que muito contribuiu para desenvolver sua espiritualidade, principalmente na parte mediúnica. Sua mãe, que era médium bem-dotada e que, por não ter se desenvolvido corretamente, passou a receber espíritos obsessores cada vez com mais frequência. Às vezes era um que a fazia gaguejar, outro que a punha para trabalhar de forma atabalhoada, deixando cair objetos, quebrando coisas, e ainda outro que a levava para dentro do mato, onde permanecia meio inconsciente até ser encontrada.

Os espíritos obsessores penetram em mentes mediunizadas, suscetíveis de captar suas vibrações. Não desenvolvendo esses dons, muitos médiuns se embaraçam em seus próprios pensamentos, confundindo-se com as vibrações obsessoras. A vontade dos obsessores fica embotada para o combate, e a tensão dessa luta traz exaustão, loucura e às vezes morte.

Quando o médium se desenvolve e passa a trabalhar conscientemente com essa faculdade, concentra em alguns momentos seu foco naquele pensamento obsessivo, sem confundir-se quanto à sua origem. Essa *passagem* para que o *outro* se manifeste no nosso próprio aparelho é o que denominamos *atuação*.

A mãe do Padrinho teve seu estado progressivamente agravado. Se ainda hoje o interior do país é desprovido de recursos espirituais ou mesmo psiquiátricos, naquela época as condições para tais tipos de “doentes” eram muito duras e limitadas. Muito tempo ela

passou confinada no quarto, acorrentada, quando as crises aumentavam. Sem dúvida, isso ocasionou marcas profundas em Sebastião. Intuitivamente, ele começou a trabalhar com os vários espíritos obsessores da mãe, com o objetivo de ajudá-la.

Nessa altura, apareceu por aquelas paragens a figura do Mestre Oswaldo, que desempenhou um papel muito importante na formação espiritual de Sebastião Mota. Médium de formação kardecista, foi o seu primeiro orientador, e tornaram-se compadres. O Padrinho lembrava dele com respeito:

— O compadre era dos bons. Era capaz de perceber muitas coisas que passavam despercebidas para os outros. Às vezes ele passava por trás da gente e, só em dar uma triscada com a ponta do dedo, o corpo começava a tremer todo.

Inicialmente, Mestre Oswaldo ajudou o Padrinho a trabalhar com os obsessores da mãe e, aos poucos, ia transmitindo para ele os fundamentos do trabalho de banca espírita. Percebendo a estrutura espiritual de Sebastião Mota, disse-lhe várias vezes:

— Compadre, você está destinado a ter muito mais conhecimento do que eu mesmo. Só posso lhe ajudar no começo do seu desenvolvimento. Mas o seguimento de sua história você vai encontrar em Rio Branco.

Por essa época o Padrinho Sebastião ainda não tinha a menor idéia de que iria morar em Rio Branco. Com a orientação de Oswaldo, passou a trabalhar com dois guias: o Professor Antônio Jorge e o Dr. Bezerra de Menezes. Sua fama de curador e rezador logo se espalhou na região. Foi granjeando o respeito e o reconhecimento de todos aqueles pobres, carentes de qualquer recurso, que habitavam as margens do Juruá. Cada vez mais gente recorria a seus serviços: picada de cobra peçonhenta (o Padrinho relatava, nele mesmo, mais de dez), espinhela caída, quebranto, osso quebrado, ferimento de bala e principalmente mal de espírito. Essas eram suas especialidades, e, quanto mais curava, mais aumentava a sua freguesia. Ele lembra:

— Já peguei muito caboclo também, no tempo que eu trabalhava com espírito. Eu era médium. Ainda sou, ainda hoje atuo, a gente nunca deixa de ser, não é? Eu trabalhava com o Bezerra de Menezes e o Antônio Jorge. Eram dois seres espirituais, faziam muitas operações. Quem era doutor lá no Juruá era eu! Não tinha mais ninguém não! Médico? Nem se falava disso, cem léguas em redor. O pessoal dos seringais vivia me chamando, fiz muita cura boa, gra-

ças a Deus. Quando vim me embora para Rio Branco, ficaram lá chorando. Não sei se apareceu outro.

O grupo já se dispersara do quarto do Padrinho. Ficamos só eu e ele debruçados na janela. Olhando para os roçados do outro lado do igarapé, ele dizia:

— Lá no Juruá a terra era muito melhor do que essa aqui. Essa areião não sustenta roçado. Terra fraca. Lá tinha fartura. Cada pupunha que parecia uma manga. E peixe? Na época da piracema, só faltava virar a canoa.

Cumpriu-se a profecia do Mestre Oswaldo: a chamado de alguns parentes da sua esposa Rita Gregório, que haviam se instalado nos arredores de Rio Branco, Sebastião Mota e a família para lá se dirigiram a fim de fixar residência, no local denominado Colônia 5.000.

Ali começou uma nova etapa na sua evolução espiritual. Foi-se formando uma pequena comunidade com os próprios parentes. O Padrinho seguiu atendendo nas curas e aprendendo à sua própria custa. Alfredo, seu filho, relembra:

— Quando papai começou, era só um pouquinho de gente, a maioria parentes nossos. Logo a coisa cresceu. Eram trabalhos de cura e de doutrinação. Eu ficava na presidência da mesa porque papai na maior parte do tempo era o médium que recebia tanto os guias quanto os sofredores. O velho se concentrava com as duas mãos sobre a mesa e fazia a chamada. De repente começava a se tremer todo, a ponto de, às vezes, a gente ter que segurar ele. Aí chegava o Professor. Saudava a todos e dizia tudo que estava acontecendo de errado ali no nosso meio. Passava umas descomposturas sérias e todo mundo ficava por ali com o rabo entre as pernas. Normalmente, no caso de alguma cura, ele tamborilava os dedos como se estivesse batendo as receitas em uma máquina de escrever. Depois que ele saía, chegava o Dr. Bezerra de Menezes para aviar as receitas e fazer as operações.

O Professor era muito sério. Como percebesse que o povo fazia muitos comentários sobre as intimidades e mazelas de cada um, que ele revelava em suas preleções, passou a falar em outras línguas.

Nessa época, o Padrinho realizou muitas curas através desses guias e de sua pequena banca de trabalhos. Livrou um parente da esposa, seu Manezinho, de três obsessores que se apresentavam como “cabras do bando do cangaceiro Lampião” e que quase o fi-

zeram cometer suicídio. Manoel Gregório, o Seu Nel, irmão da Madrinha Rita, também. Começou a padecer de dores e angústias insuportáveis. Chamado para resolver o caso, o Padrinho captou o espírito de um soldado assassinado por facada que estava “encostado” no Seu Nel, fazendo-o sentir a dor no mesmo local onde o soldado tinha recebido a facada que o matara. Esse espírito pediu que se rezasse uma missa para ele e Seu Nel sarou.

O Professor acompanhou o Padrinho Sebastião por muitos anos, até a primeira vez que ele tomou Daime, em 1965, pela mão do Mestre Irineu. Desse momento em diante, a entidade anunciou ao seu aparelho que era para ele seguir o novo caminho que se abria. E que, durante o prazo de dez anos, ele iria parar de “atuar”, a não ser no caso de uma emergência. Promessa cumprida, depois desse prazo ele retornou, dizendo não estar vendo condições para realizar seu trabalho e que por isso se afastaria definitivamente do aparelho, apesar de continuar protegendo a casa.

Esse fato marcou uma nova fase na trajetória espiritual de Sebastião Mota. Se o compadre Oswaldo representou a primeira parte de sua iniciação, o Professor foi o mentor que o guiou em plena maturidade, firmando sua mediunidade e seus dons de cura. Quando percebeu que era o tempo do Padrinho receber o mestre que lhe era destinado na espiritualidade, voltou depois de dez anos para confirmar a nova missão do seu aparelho, deixando o caminho livre para que a missão do Daime pudesse ser assumida sem constrangimentos.

A influência do Professor, o trabalho que ele realizou com o Padrinho, transformando-o no médium extraordinário que foi até o fim de sua vida, o marcou profundamente. Graças a essa formação de vários anos na banca espírita é que Sebastião Mota pôde ser, além do profeta visionário da Nova Jerusalém e construtor da nova arca de Noé, o aparelho capacitado para uma missão de doutrinação e cura do próprio Tranca-Rua, quando, passados alguns anos, chegou à Comunidade da Colônia 5.000 um feiticeiro e esse duelo se travou. No decorrer dessa batalha, que se estendeu durante o período do Rio do Ouro, foi que houve um florescimento do trabalho mediúnico e de caridade na Doutrina do Santo Daime. Sem dúvida, as influências do Professor fizeram-se novamente sentir na abertura da Casa da Estrela, destinada aos trabalhos de cura, doutrinação e limpeza.

Conta o Padrinho que um dia, caminhando para os lados do ramal da Custódio Freire, passou pela porta do centro do Mestre Irineu, de quem já ouvira falar. Chegou a entrar, para travar algum conhecimento, mas soube que, por aquela época, o Mestre estava viajando para o Maranhão, sua terra natal. Mais alguns anos se passaram até que se concretizasse esse encontro de tanto significado espiritual. O novo pretexto para que isso acontecesse foi uma grave doença que ninguém sabia explicar nem diagnosticar. Foi de repente, como ele próprio contava ali, debruçado na janela do quarto:

— Tava tomando um leite numa gamela em cima do jirau da cozinha. O negócio veio como um raio. Pum! Senti o baque na mesa hora, que eu já fui até dizendo um nome feio, que naquela época eu ainda era meio bruto. A coisa ficou por ali fervilhando e coçando durante um mês. Depois, bote a piorar...

— Ai o senhor procurou algum médico?

— Fui para Rio Branco, tive em centro espírita, macumbeiro, doutor nenhum não deu jeito, e teve quem até me desenganasse mais. Era um feitiço bem botado. Passei mais de ano nessa agonia. Numa hora que nem essa agora, eu estava nos maiores sofrimentos de minha vida! Trabalhava o dia todinho, mas quando dava quatro da tarde começava o negócio dentro de mim subindo até a garganta e voltava para trás. Durava de quatro da tarde até as oito da noite. Todo dia era esse sofrimento. Tinha dia de eu encher um penico: era uma baba horrível. Ainda fui me valer de uma macumbeira pra ver se ela atinava com o feitiço. Mas, quando me viu, ela é que quis se valer de mim, que estava pra morrer, pediu ajuda, e no outro dia ela morreu. Foi aí que alguém me disse: “Vai no Mestre Irineu.” Eu pensei um pouco e disse: “É mesmo, vou já pro Mestre Irineu.”

Casos assim são comuns de acontecer com pessoas que se dedicam ao estudo do Poder. Quanto mais se trabalha de uma forma limpa com a caridade e se ajuda os outros, mais se enfraquece a indústria de demandas e despachos daqueles que trabalham indistintamente para o bem e para o mal. O Padrinho curava muitas pessoas que terminavam se libertando da esfera de influência dessas linhas de quimbanda e magia negra, e isso deve ter provocado a inveja de alguém que teria encomendado ou produzido o feitiço.

Mesmo nesse caso, o que termina se cumprindo são os desejos de Deus, que sempre opera Suas maravilhas através das linhas tortas com que escreve o destino dos homens. A doença, independentemente de sua causa espiritual mais profunda, é sempre a con-

vocação para um estudo interior e um testemunho. Ela ensina a ser humilde e a batalhar pela nossa fé. E a fé, em última instância, é o que pode nos curar, principalmente se os recursos tradicionais não se mostrarem eficazes.

Quanto mais elevada for a missão espiritual a que um homem está destinado, mais contundente será a convocação. Foi através da doença proveniente de um feitiço que Sebastião Mota, o seringueiro do Juruá, encontrou-se com o gigante Raimundo Irineu Serra, maranhense de São Vicente Ferret.

Na verdade, eles estavam apenas se reencontrando. E logo se reconheceram.

## Capítulo VI

# PADRINHO SEBASTIÃO E MESTRE IRINEU

De manhã cedo passei pela cozinha do casarão. Três, quatro horas no máximo, o velho já estava de pé. Bebia um golinho de café, dava uma olhada na janela, ia até a varanda e voltava para a mesa. Era o seu horário preferido para conceder audiências.

A essa hora estava sempre alegre, brincalhão e bem-disposto. Estando com saúde, antes que o dia começasse a romper já ficava no pátio, fiação na cinta, sacola da merenda, esperando os companheiros chegarem para entrarem na mata, onde às vezes passava o dia inteiro trabalhando na feitura das canoas.

Enquanto chegava gente, sucediam-se as garrafas de café e os pratos de macaxeira cozida e de banana frita. Quando o sol já mostrava meio disco dourado por cima da copa das árvores, era a hora de maior movimento. Quase toda a comunidade passava por aquela cozinha, nem que fosse apenas para pedir a bênção ao velho patriarca. Ele interrompia por um momento a sua conversa, abençoava ora um ora outro, respondia alguma outra coisa que alguém perguntasse e voltava ao tema central, sentado à mesa e quase sempre rodeado de gente.

O Padrinho se harmonizava com todo tipo de bicho. Sua maior dificuldade para a prática completa da *ahimsa*, o preceito védico da não-violência, eram os caparanãs da malária e as mutucas. Quando uma começava a lhe ferrar, ele dava um tapinha de advertência. Mas se o bicho insistia, no segundo tapa ia para o chão. Não sei como

o Buda se comportaria em um caso destes. Conta uma lenda que ele um dia foi pregar numa cidade que era famosa pelos seus carapânãs. Os discípulos comentavam à boca miúda: "O Bem-Aventurado não vai agüentar ficar hospedado aqui." O Buda, porém, permaneceu impassível durante a meditação, apesar de ferido da cabeça aos pés. Mas esse foi o único povoado em que ele jamais voltou a pregar.

O Padrinho continuava sua narração do dia anterior sobre a primeira vez em que foi tomar o Daimé, na igreja do Mestre Irineu:

— Depois que me deram a idéia de ir até lá, voltei para casa, no outro dia me arrumei e fui. Tinha um serviço de concentração.

Cheguei lá falando com ele que me encontrava nesse estado, doente e desenganado. Ele olhou para mim e me perguntou se eu era homem. Eu respondi para ele que não sabia. Ou melhor, que em certos pontos eu era um homem, mas sobre aquele trabalho ali, que eu não conhecia, eu não ia dizer que era, porque não sabia, não é? Eu sei que eu sou assim, desse jeito — disse pra ele —, mas não sei se eu sou homem, homem mesmo, porque isso não é qualquer pé-rapado não. E ele me disse: "Se você for homem, entre na fila, tome o Daimé e depois venha me dizer alguma coisa." Tudo bem. Fui. Tomei o Daimé, fui lá para o meu cantinho e sentei. Passou um tempinho e começou aquele negócio, e eu já fui criando medo, me levantei e saí bem devagarinho, porque era uma concentração e estava todo mundo concentrado. Eu saí andando na pontinha do pé, quando chego bem perto de onde a gente toma o Daimé, o Daimé me deu um assopro assim que eu achei tão fedorento! Voltei para trás! Quando vou chegando no banco para me sentar, uma voz falou: "O homem perguntou se você era homem e você até agora só fez foi gemer!" Bem, aí o corpo velho foi abaixo. Ficou lá no chão. E eu, já fora do corpo, fiquei olhando para aquele bagulho velho estendido, que era eu. De repente se apresentaram dois homens que eram as duas coisas mais lindas que eu já vi na minha vida. Resplandeciam que nem fogo. Aí eles pegaram e sacaram o meu esqueleto todinho de dentro daquela carne toda, sem machucar nada. E vibravam tudo de um lado para o outro. E eu do lado de cá olhava tudo que eles faziam. Tiraram tudo que era órgão, um deles ficou segurando o intestino com as mãos. Pegaram uma espécie de gancho, abriram, partiram e tiraram três insetos do tamanho de uma unha, que era o que eu sentia andar para cima e para baixo. Aí um

deles veio bem pertinho de mim, que estava sentado assim do lado do corpo que continuava estendido no chão, e disse: "Está aqui. Quem estava te matando eram esses três bichos, mas desses você não morre mais." Aí eles fecharam e pronto! Você vê algum remendo? Não tem. Graças a Deus fiquei bonzinho, igual a menino.

— Já no dia seguinte estava bom?

— Estava bonzinho.

— Foi a primeira vez que o senhor tomou Daimé?

— Foi. A primeira vez. E aí, meus filhos, desembolou. E desembolou mesmo a ter conhecimento das coisas e fui indo... Até que hoje eu tenho o conhecimento. Não falo à toa.

Foi dessa forma que o Padrinho Sebastião encontrou-se com o Santo Daimé e com o seu Mestre. Desse encontro floresceu uma obra espiritual que vem perdurando até hoje, quando já estamos tão próximos do tão anunciado final do segundo milênio e das promessas do advento da era messiânica.

Sempre que eu ouvia o Padrinho fazer um relato da sua própria cura, transparecia em suas palavras que a certeza no poder do Santo Daimé e a confiança no Mestre Irineu foram instantâneas, desde a primeira vez que tomou o Daimé até o último dia de sua vida. Quando reassumiu seu corpo — relembra —, levantou-se do chão e bateu a poeira, não só estava curado como tinha chegado ao ponto final da sua procura.

Sebastião Mota, que já trouxera essa predestinação dos tempos de criança, quando tinha as visões, depois de atuar como "doutor" do Juruá em seus primeiros passos de trabalho espiritual e de liderar uma banca espirita com os amigos e parentes na Colônia 5.000, agora tinha visto cumprirem-se as palavras do seu compadre Oswaldo: de que só encontraria o seu verdadeiro caminho espiritual ali em Rio Branco.

Passou-se todo para o lado daquele Mestre que lhe perguntara à queima-roupa: "Você é homem?" Sebastião Mota era um desses homens que o Mestre esperava, mas estava meio em dúvida com a resposta e resolveu experimentar o poder daquela bebida. Depois da primeira sessão de Daimé, apresentou-se ao Mestre Irineu para relatar a cura recebida, obtendo dele várias confirmações e incentivos.

O Mestre o acolheu e o reconheceu como um dos seus principais colaboradores. Sebastião não era qualquer um: já era homem

de uma bagagem espiritual significativa, já tinha o seu pique traçado. Agora o ramal encontrava-se com a via principal.

Eu estava num palácio  
Da soberania  
Quando vi chegar meu Mestre  
Com a sempre Virgem Maria.<sup>15</sup>

Esses versos são do primeiro hino que o Padrinho Sebastião recebeu, logo após a sua cura, como testemunho e reconhecimento da missão que Raimundo Irineu Serra tinha recebido na Terra. Na seqüência do hino, ele narra com toda simplicidade como captou o fundamento da Doutrina que tem na Virgem da Conceição a sua padroeira:

Meu mestre me falou  
Com amor no coração  
É para ser meu filho  
E amar os meus irmãos

E para ser irmão  
É preciso ter o amor  
Amar a Virgem Mãe  
E o nosso Pai Protetor

E para ter amor  
É preciso ser irmão  
Amar ao Pai Eterno  
E à Virgem da Conceição.<sup>15</sup>

Esse é um resumo bem-feito da doutrina daquele que se chamou Cristo: "Para ser irmão é preciso ter amor, e para ter amor é preciso ser irmão." Sem essa prova, o amor com que Deus criou o homem não atinge em nós a sua destinação verdadeira.

Aquela seringueiro simples teve o merecimento de ser recebido pelo Mestre também no Astral, dentro do Palácio da Soberania em que se transfigura o nosso salão de trabalhos quando a miração encontra uma corrente de aparelhos preparados para recebê-la. Dentro desse palácio, ele ouviu o hino cuja mensagem expandiu no seu hinário e realizou no curso de sua vida. Em todos os seus hinos,

podemos ver esse conhecimento da missão do Mestre, esse apelo ao amor e à formação de uma verdadeira irmandade.

A rapidez na evolução espiritual de Sebastião Mota e na receptividade que o Mestre lhe demonstrava trazia à tona um certo desconforto dos discípulos mais antigos, que não entendiam ou não queriam aceitar o caráter daquela sintonia entre ambos. Médium desenvolvendo, ele sentia todas essas forças e energias. No começo, conta ele, as doses eram de copo cheio, e muita gente caía pelo salão ou ia se valer do Mestre.

— Eu bailava na terceira fila, ao lado do Daniel Serra, o sobrinho do Mestre. Às vezes eu sentia uma energia estranha, então bailava mirando mesmo, e era tudo tinindo!

— Era forte, não é, Padrinho? — perguntei.

— Virge, se era forte! Eu nessa época marchava duro e pisava no chão com força. Só mais na frente que o Daimé um dia me disse, numa miração, que era pra e pisar mais macio, pra não ofender nem machucar ninguém.

Levantava-se da mesa e mostrava o jeito que ele bailava antes e o de agora. O primeiro era carregado de ímpeto marcial; o segundo era o que eu conhecia, parecia um passarinho, um beija-flor sorridente.

— Quer dizer que tinha uns que não gostavam do senhor?

— Alguns fiscais até mangavam de mim, do meu jeito de trabalhar. Eu trabalhava mesmo, me entregava na miração. Recebia meus hinos e passava eles a limpo com o Mestre.

— E ele, dizia o quê?

— "Vá seguindo, vá seguindo, meu filho! É isso mesmo."

— E daqueles que mangavam, o senhor falava pra ele?

— Não me queixava diretamente não. Mas ele sabia. Dizia que tinha alguns deles ali tomando Daimé há muitos anos mas que nunca tinham visto nada. Dizia também que, quando ele se ausentasse, fizesse a passagem, aí é que todos iam ver muita coisa no seu Estado-Maior.

— Estado-Maior?

— Era como se chamava na época os fardados mais graduados. Tinham divisas e insignias especiais, usavam uma rosa e uma estrela de cinco pontas. Mas tinha muita competição e inveja por causa das divisas, então ele nivelou todos com a estrela de seis pontas, e todo o quadro de fardados ficou sendo o Estado-Maior.

— Mas o senhor cantava os hinos para ele?

— Cantava e às vezes contava também com mais detalhes a mi-  
ração que tinha dado origem ao hino. E ele confirmava tudo. É pre-  
ciso ter calma. E todo mundo pisar bem de mansinho. Não se  
orgulhar dentro daquele salão. Que tem hora que tudo brilha e a  
gente quer se achar mais bonito que o outro que está ali passando  
baixo... Cuidado, matéria orgulhosa, que logo tu vai estar lá senta-  
da no banco, se não estiver estirada no chão!

— Mas o que o Mestre dizia pro senhor?

— Que o povo ainda ia chegar, que eu me preparasse. Depois  
que ele passou, o espírito veio me entregar o resto. Que era para  
eu não temer nada. Sobre questão disso e daquilo lá de fora, que  
eu não temesse coisa nenhuma e levasse em frente. Que o Daime  
ia guiar tudinho. Para ir tirando o povo de Juramidam, tirando do  
meio da cidade e colocando na floresta, que é o Paraíso.

Em um de seus hinos dessa fase, o décimo quinto que recebeu,  
o Padrinho conta:

Eu estava tão alegre

De repente entristeci

Eu conto a meu Mestre

Eu não sei como caí.<sup>16</sup>

Nesse dia, a miração foi muito forte, e, como da primeira vez  
em que tomou o Daime, o Padrinho passou pela experiência de um  
desdobramento. Quando acordou do outro lado, sentiu que “esta-  
va tão além”. Foi aí que ele continuou a história:

Eu me lembrei de alguém

Com amor no coração

Quando eu levantei a vista

Eu avistei Juramidam.<sup>16</sup>

O Padrinho sempre falava que esses desdobramentos são mo-  
mentos muito importantes do nosso aprendizado espiritual. Que é  
preciso não ter medo de soltar o espírito, separá-lo da matéria.

Quanto mais consciente nos tornássemos na hora dessa separa-  
ção, mais iríamos aprender sobre o estado real da existência. Uma  
espécie de lição e de senha para o dia da nossa passagem, quando  
a separação é definitiva. Duas vezes eu já vivera essa experiência.

Uma em Rio do Ouro, durante um hino do João Pedro, e outra na  
Estrela do Mapiá, durante um hino do Antônio Gomes. A primeira  
foi meio difícil. Mas da segunda vez pude manter mais a consciên-  
cia do vôo e recebi uma compreensão preciosa sobre mim mesmo.

— Nessas horas — dizia o Padrinho —, a gente pode compre-  
ender muitas coisas boas. Mas tem que ter uma fé muito forte. Não  
uma fé assim sem saber em quem. Mas é fé de verdade, em quem  
está presente nessa bebida, em quem está invocado nela, que é Ju-  
ramidam. E em todos os seres da Corte Celestial, como os da Ter-  
ra, da floresta e do mar e ainda alguns que vivem debaixo da terra.  
E tu, acha que não?

— Não sei, Padrinho. O senhor está dizendo...

— Pois eu andei debaixo da terra e é tudo claro como aqui em  
cima. Vocês não se admirem de nada, porque o Eu-Superior é tudo  
e anda por todo canto. E se eu estou com ele, me dá licença também  
de eu andar por onde Ele quiser.

— Mas se chega aquela vertigem, devemos resistir ou entregar-  
mos logo os pontos?

Ele pensou um pouco e respondeu:

— Tem hora que é só um alarme falso, pra ver se estamos ca-  
çando um motivo para correr da fila. Quando a força balança, a  
primeira coisa que se deve fazer é ficar firme e segurar o ponto. Se  
não tem jeito de ficar de pé, senta; se não der pra ficar sentado,  
deita. Se não der tempo pra escolher nada disso, cai!

Todos riam da mímica que ele fazia. Voltou a se sentar e con-  
tinuou:

— O que importa é a gente receber o que o Ser tem pra nos  
dar nessa hora. No meu aprendizado, eu algumas vezes fui ao bar-  
ro. Tu, também, outro dia desabou ali do banco da Estrela, não foi?  
— É verdade.

— Pois é, eu dou graças a Deus das minhas quedas, porque  
saí bem aprendido com elas. E quem ficou só olhando pra mim e  
achando graça, esse, coitado, não aprendeu nada!

Outro acontecimento marcante dessa época foi quando ele re-  
cebeu o vigésimo oitavo hino do seu hinário cujo título é: *Sou Eu*.  
No meio de um hinário, ele começou a receber os versos:

Sou eu, sou eu, sou eu

Eu posso afirmar

O Mestre me chamou  
Para eu me declarar.<sup>17</sup>

A força do hino e da miração foi tomando conta de Sebastião Mota e ele ouviu uma voz que dizia assim: "Quando a luz se apagar, pode puxar o seu hino." Minutos depois, o motor enguiçou e a luz apagou interrompendo o hinário. Seu Mota mandou ver:

A minha Mãe é tão formosa  
E o meu Mestre também é  
Ele é filho de Maria  
E eu sou filho de Isabel.<sup>17</sup>

A primeira reação foi de embaraço e perplexidade. Tudo no escuro, aquela confusão, os fiscais correndo de um lado para o outro. O Padrinho lembra:

— Naquele dia levei empurrão, cotovelada e não sei mais o quê. Mas era pra eu cantar o hino. Foi o que a voz disse, e eu cumpri.

Alguma tensão ficou do episódio. Mas o Mestre continuava a estimular a caminhada do Padrinho. Se o percurso espiritual era penoso, o material não era menos fácil. Alfredo é quem lembra:  
— A gente andava quinze, até vinte quilômetros por essas estradas para ir tomar Daimé. A família toda. Tomava uma dose só nas concentrações e voltava. Depois de várias horas ainda tava todo mundo mirando.

Nos dias de trabalho, o Mestre ficava na varanda recebendo os diversos grupos que iam chegando. Ainda em vida ele autorizou o Padrinho a abrir alguns trabalhos em sua casa. E o autorizou também a fazer Daimé.

Apesar de toda essa consideração e da entrega espiritual que foi acontecendo aos poucos, a relação entre ambos era normal. O Mestre não era homem de demonstrar preferência por ninguém, tratava todos iguais. Nem Sebastião Mota era capaz de muita adulação. Mas tiveram muitos encontros particulares.

Mestre Irineu, socialmente, era homem de pouca conversa. Na mesa, não dirigia a palavra a ninguém. Agradecia o alimento e depois ia tirar uma sesta no seu quarto. Quando queria conversar com alguém, era sempre em particular. Descia da cozinha para um piso mais baixo, onde se sentava com o interlocutor em um estrado de ripa.

Durante o colóquio entre esses dois homens, não é difícil supor que muitas coisas profundas foram tratadas, muitas revelações e insinuações foram transmitidas do Mestre para o discípulo.

Raimundo Irineu Serra batalhou toda a sua vida por uma coisa que não chegou a ver realizada. Em alguns momentos do seu hinário, seu lamento é pungente. Queixa-se de ter que "dar valor a quem não tem/Na esperança de um dia" esses ensinamentos serem recompensados. Lutou para realizar uma união, pregou o amor entre os irmãos, deu o exemplo enquanto pôde, durante toda a sua vida. Foi um exemplo vivo de abnegação, trabalho, lealdade e respeito por todos. Alertou para os tempos que estavam chegando e para a necessidade de nos prepararmos para o *balanço*. Dizia que ainda estávamos em "bons tempos por pouco tempo" e, nos seus colóquios particulares com Seu Mota, fez muitas revelações de como se daria a passagem "de um mundo velho para um mundo novo".

Depois de marcar o local onde queria que levantassem seu túmulo, o Mestre cumpriu o tempo que lhe fora destinado na Terra. Segundo o depoimento de D. Percília, que o acompanhou desde menina, na manhã de 6 de julho de 1971, por volta das oito horas, sua filha de criação, Marta, passou pela porta do quarto e o viu na janela, fazendo as suas orações como era seu costume. Marta desceu para juntar uns ovos no quintal e, quando voltou, ele a chamou dizendo: "Me faça um chá de laranja que tá me dando uma agonia." Quando ela voltou com o chá, ele já tinha feito a passagem, sentado na cadeira. Foi só o tempo de acabar as orações e se despedir.

Sua missão estava cumprida. Ainda segunda as lembranças de D. Percília, uma semana antes, na concentração do dia 30 de junho, Irineu teria dito a ela:

— Olhe, depois de todos esses anos que eu trabalhei, foi hoje que eu recebi da minha mãe a presidência universal dessa missão.

Era o coroamento da sua vidência. Apesar de não ter tido a satisfação de ver uma irmandade forte e unida e de se queixar das muitas falsidades que ainda o rodeavam, tudo que havia dito no seu hinário ele provara ser verdadeiro. As santas doutrinas foram re-plantadas. Para espanto dos seus contemporâneos, os ensinamentos de Cristo rebrotaram nos arredores de Rio Branco, uma cidadezinha provinciana, à beira da maior floresta do mundo. O porta-voz da floresta, esse gigante negro, fechou seus olhos suavemente. Deixou uma série de recomendações, nomeou um substituto para a pre-



sidência do centro e transmitira suas instruções particularmente aos seus principais afilhados, sem comunicar a ninguém mais o teor da investidura que tinha deixado com cada um. Conta-se que os maiores segredos ele revelou pessoalmente a bem poucas pessoas.

Sem questionar a legitimidade de sua sucessão, nem o valor de muitos de seus companheiros, tanto os que ficaram ao lado da viúva no centro de origem quanto os que se desligaram mais tarde, é inegável que Sebastião Mota recebeu um grande legado dessa missão espiritual de Raimundo Irineu Serra. Principalmente no que toca a reunir e guiar um povo, um novo povo que viria de longe, inclusive do estrangeiro, conforme já vinha sendo anunciado no hinário de Maria Marques desde a década de 40.

Dizia o Padrinho Alfredo:

— O Mestre disse muitas vezes ao papai que só iriam se salvar aqueles que se segurassem nos raminhos verdes, querendo dizer com isso que a floresta era esse ponto de segurança para os daimistas. E que o local onde se daria o resumo final desse assunto Daime não seria no Acre, mas no Amazonas. E aqui estamos nós, no meio desta mata, para provar isso.

A cidade de Rio Branco sofreu uma verdadeira comoção naquela manhã embaçada de 6 de julho de 1971. Depois das muitas lendas e mistérios que envolveram aquele homem, tido pelo povo como um misto de feiticeiro, curador e santo, ao desencarnar Mestre Irineu já era uma pessoa querida e respeitada em toda a cidade e conhecido em todo o estado, procurado pelos políticos e autoridades locais. Seu caixão baixou à terra envolto na Bandeira Nacional, entre muito pranto e demonstrações de pesar. Com a sua passagem, abriu-se uma nova fase na história da doutrina do Santo Daime.

Mestre Irineu, como não podia deixar de ser, era o grande catalisador e o pólo de agregação dos daimistas. Durante a sua vida já havia uma certa tendência à fragmentação, que se acentuou no vácuo de sua ausência. Depois da “passagem” do Mestre, tornava-se cada vez mais claro que a expansão da doutrina teria de passar pela afirmação de algumas lideranças surgidas nos últimos anos e que se mantinham reunidas apenas em função do carisma de Irineu Serra.

Muita coisa significativa se passa nesse momento da partida de um grande homem, cujo magnetismo pessoal e exemplo são capa-

zes de manter funcionando uma vasta organização — no caso, espiritual, administrativa, social e filantrópica. Sabedor de que esse estado de coisas não sobreviveria depois dele de forma monolítica, o Mestre parece ter dado instruções precisas a todos os seus companheiros mais chegados no sentido de manter, na medida do possível, a unidade doutrinária, mas sem coibir o desenvolvimento natural que estava se gestando e que, em grande parte, correspondia a um novo ciclo de crescimento da missão.

Uma dessas principais lideranças era o Padrinho Sebastião, que nessa época já tinha um hinário significativo. Durante um tempo, ele ainda procurou se compor com a diretoria do Centro do Alto Santo, mas depois da passagem do Mestre cresceu a resistência de alguns à sua aproximação, impedindo que a sua tentativa lograsse êxito.

Durante esse período, o Padrinho desenvolveu uma fase muito importante do seu trabalho e recebeu uma série de hinos que atestam bem a profundidade do estudo que ele estava realizando. Se na primeira fase, com o Mestre ainda vivo, a ênfase de Sebastião Mota estava no reconhecimento do Padrinho Irineu e na difícil luta pelo amor dos irmãos e pela afirmação dos princípios doutrinários, agora era o momento de traçar seu próprio caminho, de compreender o seguimento da doutrina na ausência do Mestre, seguir o rumo que o próprio Irineu lhe havia confiado.

Esse foi também um tempo de desenvolver e firmar o seu hinário, por volta dos sessenta hinos. Daí para a frente, a disciplina é bastante dura. Os hinos falam em “castigar severamente e ser fiel até morrer”. Fazendo referência à recente passagem do Mestre, diz um hino desse período:

Ele se ausentou  
Mas tem o mesmo poder  
O povo não se humilha  
E todos querem merecer.<sup>18</sup>

Nesses versos simples, o hino afirma que a permanência e a influência do Mestre Irineu, agora no plano espiritual, continuavam presentes entre nós. Nessa fase, ele fustiga indiretamente todos aqueles que, mesmo à sombra do legado espiritual do Mestre, continuam se iludindo:

É no Sol e na Lua  
Que é preciso se firmar  
Muitos que querem ser grandes  
Depois vão se admirar.<sup>19</sup>

Este outro hino, da mesma época, mostra que o conhecimento e a firmeza nos seres celestes que presidem a nossa existência são muito mais importantes do que as querelas e descentendimentos pelos cargos. Enquanto outros se perdiam em mundanidades, Sebastião Mota trabalhava para ir atrás da verdade espiritual mais profunda, sem medir sacrifícios para conseguir seu intento:

A verdade é pura  
E comigo está  
Muitos estão vendo  
Não querem acreditar.<sup>20</sup>

Uma vez que ele alcançava todo esse conhecimento dentro do Daimé, também não se fazia de rogado e declarava tudo, mesmo que nem todos do Alto-Santo aceitassem que ele estivesse com aquela bola toda. Por isso ele investe contra a falsidade:

O que o Mestre manda  
É para se fazer  
Vão se corrigir  
As suas falsidades.<sup>21</sup>

E em outro hino:

Falsidade não serve a ninguém  
Foi somente o que ele encontrou  
Até mesmo na sua saída  
Tudo aqui desmudou.<sup>22</sup>

Imbuído de que era seu dever tirar a limpo essas falsidades, conclama os irmãos a tirarem a sua prova no próprio Mestre, que continua a viver dentro do sacramento que une todos os seus filhos e discípulos:

É preciso tomar Daimé  
Para vir conhecer  
Se meu Mestre é verdadeiro  
Meu irmão ou se é você.<sup>23</sup>

Para quem não consegue passar por essa prova ele acrescenta:

Aqui estou dizendo  
Para os meus irmãos ouvir  
Quem não for filho de Deus  
Vá saindo por ali.<sup>24</sup>

Pois cada vez mais Sebastião Mota está convicto de que

A verdade está comigo  
Quem quiser pode duvidar  
Quem meu Mestre me entregou  
Para eu disciplinar.<sup>25</sup>

E finalmente a afirmação consciente da investidura da missão que lhe fora confiada:

Eu venho para ajuntar  
O rebanho que toca a mim  
Para ser filho de Deus  
Não precisa ser ruim.<sup>26</sup>

Como ele próprio explicava:

— O homem disse para eu não temer nada e ir tirando um povo. Juntando os caboclinhos, filhos do caboclo velho, que é Jura-midam. Quem for dele chega e fica. Quem não for toma o Daimé, deixa o nome e vai embora.  
E cantava:

Cada um cuida de si  
Eu também cuido de mim  
Vou zelando essa estrada  
Estou fazendo o meu jardim.<sup>27</sup>

Em um período de tempo relativamente pequeno, muitos hinos se sucedem referindo-se a estes mesmos temas. Neles, o Padrinho deixa clara a sua postura de disciplinador — “olha o relho na minha mão” — e avisa sobre as falsidades, fraquezas e ignorâncias dos que falam de Deus “porque ouvem os outros falar”, mas não têm a convicção nem o conhecimento necessário para, “aqui dentro da verdade, ver a Deus aonde está”.

Apesar dessa “bom combate espiritual”, para usar a expressão de São Paulo, Sebastião Mota continuava se empenhando por uma união. Afinal de contas, foi ali naquela sede que ele tomou o Daimé das mãos do Mestre e se curou. Porém todas as suas tentativas de aproximação encontravam forte oposição de alguns poucos mas influentes membros da diretoria.

Certa feita, quis cantar seu hinário na sede, mas tentaram dissuadi-lo dizendo que não havia luz. Ele foi assim mesmo, com todo o seu grupo, e cantaram o hinário à luz de velas. Do meio para o final do trabalho, as luzes foram acesas.

Tudo isso podemos observar nos hinos dessa época. Quanto mais oposição o Padrinho sofria por parte daqueles que queriam negar a sua capacidade de liderança, mais se afirmava o seu próprio Ser Divino. Seus hinos e preleções tornavam-se mais ricos, profundos e contundentes. Cada vez mais granjeava adeptos e colaboradores. Até que fez sua última tentativa de se recompor com a diretoria do Centro, que o Mestre deixara sob a presidência do Sr. Leôncio Gomes. Sebastião Mota propôs que se hasteasse a Bandeira Nacional na sede, como uma forma de se consagrar a união, para dar cumprimento ao hino que recebera:

Levanto essa bandeira  
Porque assim meu Pai mandou  
Todos que olharem pra ela  
Têm o mesmo valor.<sup>28</sup>

Houve uma reunião de diretoria e a proposta não foi aceita, sob um pretexto formal. O Sr. Leôncio sugeriu que ele fizesse o hasteamento em sua própria casa, o que o Padrinho com serenidade aceitou. Mas desse momento em diante, sem que nunca tivesse se consumado um rompimento, ficou claro para ambas as partes que doravante os caminhos seguiriam paralelos. Depois disso, outros

membros proeminentes do Centro se afastaram. Alguns passaram a frequentar a 5.000, com Sebastião Mota, e outros fundaram novos núcleos.

É claro que muito conflito emocional acontece nesse tipo de processo de fragmentação. Muitos mal-entendidos e correios-da-má-notícia também. Mas, com o passar dos anos, tudo vai se recompondo, os excessos são relativizados e a verdade vai lentamente se estabelecendo. Deus é certamente mais exigente com o seu próprio povo. Como diz o hino de Antônio Gomes, um dos primeiros discípulos do Mestre:

Tudo que já se passou  
Isso foi porque Deus quis  
Se não vivermos mais unidos  
Não podemos ser feliz.<sup>29</sup>

O Padrinho nunca demonstrou rancor de ninguém, pois não era homem de caluniar nem revidar. Como ele próprio me falou uma vez:

— Meu nome anda no mundo que nem bola no pé de jogador. É que nem o Cristo, pra onde ele ia era aquela zoada, aqueles comentários todos. Vez ou outra, chega alguém por aqui que esteve com Seu Fulano ou Seu Beltrano, que descascaram em cima de mim! Logo comigo, que não falo da vida de ninguém... Ter que ouvir da mentira que eles botam no jornal sobre o Daimé e sobre mim... Ave Maria cheia de Graça! Deus dê luz a quem não tem. — E cantava: — “Se você não tem luz/Procure se iluminar.”<sup>30</sup>

Junto ao grupo de veteranos que se mantiveram fiéis ao núcleo original da antiga diretoria do Alto-Santo, continuaram alguns homens de valor dedicados à doutrina e devotados ao Mestre, dentro da maneira que concebiam de segui-lo. Como também muitos dos que seguiram o Padrinho, ou partiram para achar um outro rumo, eram da mesma forma companheiros valorosos e soldados da primeira hora.

Mas o Padrinho Sebastião era consciente da verdade da missão que lhe fora entregue. Enquanto a uns coube permanecerem circunscritos a um pequeno núcleo doméstico, preservando as tradições e cultuando a memória e as relíquias do Mestre Irineu, coube a ele uma das partes mais difíceis da missão: desbravar novos caminhos, juntar um povo, levantar uma comunidade, preparar o advento dos tempos finais.

Concluindo naturalmente o processo de afastamento da sede, a nova bandeira, representada por seu hinário, foi fincada no chão da Colônia 5.000. Passada a fase da contenda disciplinar, os hinos se tornam mais poéticos, quase líricos. Seus ensinamentos se alargam e assimilam várias fontes esotéricas. Tudo a partir de um aprendizado diretamente espiritual, pois o Padrinho nunca demonstrou interesse em ler, apesar de gostar de ouvir trechos do *Eu Sou*, do Mago Jefa, e do Evangelho atribuído a São Tomé.

A história de sua identificação com São João Batista (que conheceu naquele episódio ainda no Alto-Santo, quando recebeu e cantou o hino *Sou Eu*) vai sendo mais burlada e aprofundada no seguimento do seu hinário:

A justiça está na Terra  
Para todos observar  
E quem vencer essa batalha  
Junto com meu Pai vai brilhar.<sup>31</sup>

Pouco a pouco, a espiritualidade de Sebastião Mota pôde ir se despregando cada vez mais do nível material dos entrecosques humanos para alcançar planos cada vez mais elevados onde ele se fundia com o Cosmos e o seu Criador:

No Sol, na Lua  
Na Terra e no Mar  
Procurei esta verdade  
E eu sei aonde está.<sup>32</sup>

Sebastião Mota consegue unir em seus hinos os testemunhos práticos do dia-a-dia, a batalha ética pela Justiça Divina e pela conduta perfeita entre os irmãos, além de um mergulho espiritual dos mais profundos e universais de todos os tempos.

Datam dessa época as suas famosas *preleções*, quando ele, durante os hinários, ia para a cabeceira da mesa e na força do Daime alertava seu povo contra o engano. Na sua linguagem ao mesmo tempo simples e sugestiva, desenvolvia os grandes temas da espiritualidade. Completavam-se neste ponto as linhas mestras das instruções que lhe foram transmitidas ainda em vida por Mestre Irineu.

Agora, as comunicações entre ambos passam a se tornar ainda mais freqüentes, mas ocorrem diretamente no Astral, conforme os seus hinos seguem relatando:

Meu Mestre se ausentou  
Seu corpo está no relento  
Está no meu coração  
E não me sai do pensamento.<sup>33</sup>

Não é a ausência física que irá determinar uma perda nesse fluxo ininterrupto de orientações, que continuam vindo diretamente da mirração e jorrando nos hinos.

Recrudesceram nessa época as perseguições contra o Daime na cidade de Rio Branco. Houve ameaças, inclusive ordens de fechamento dos centros, por parte de algumas autoridades policiais. No próprio Alto-Santo houve Daime escondido, enterrado e até derramado. O Velho Mota não parou com os trabalhos e manteve sua bandeira de pé. Foi quando ele recebeu o seu hino n.º 126, que conta:

Eu fiz uma viagem  
Para ver como é que está  
Encontrei tudo trancado  
Quase não pude passar

Fui chegando e fui falando  
Mandaram eu me corrigir  
Para contar a certeza  
Do que está havendo aqui

O Mestre não está satisfeito  
Com essa união  
Vendo todos na maldade  
Iludidos com a ilusão

Eu conversando com o Mestre  
Ele disse para mim  
Quero ver quem está comigo  
É nessa ocasião assim

Esta história que está havendo  
Para mim ela está nula  
E igualmente a viagem  
Dos homens que foram à Lua.<sup>34</sup>

Permanecendo fiel a essa instrução, ele manteve os seus trabalhos com o Daimê aberto, apesar das proibições e ameaças. E dessa mesma conversa astral trouxe a ordem para construir um templo na Colônia 5.000.

## Capítulo VII

### “LEVANTO ESTA BANDEIRA”

A história da Irmandade do Daimê não foi essencialmente diferente da de outras sociedades esotéricas que se subdividem ou ramificam durante o curso de sua evolução e prática espiritual. É errôneo pensar que isso se deve tão-somente ao choque de carismas ou a diferenças de semântica doutrinária. Existe um sentido mais profundo nessa mutabilidade de formas com que se revestem as verdades eternas. O imaginário e os elementos inconscientes que ligam a psique humana aos sistemas religiosos e aos cultos devocionais precisam dessa variedade de relações com o Divino.

Certos ritos e sistemas de conhecimento têm mais a ver com uma determinada cultura, povo ou época. Outros cultos e doutrinas atendem a procura diferentes. A evolução da própria necessidade espiritual é que opera essas diversificações de credos e sistemas. Mas todas as verdadeiras correntes sabem que sua essência é a mesma. Uma só é a Verdade que as alimenta.

Por trás dessa aparente confusão, que às vezes contrapõe irmãs e amigos em fronteiras ilusórias e cidadelas beligerantes, age uma poderosa lógica, difícil de ser compreendida. Eis um trabalho delicado para um neófito: conviver com uma forte pressão que costuma arrastá-lo ao julgamento e ao juízo moral sobre fatos e situações ligados à vida espiritual da irmandade.

Tudo isso faz parte de mecanismos de autocontrole. Quem só quis entregar-se um pouquinho à vida espiritual frequentemente con-

sidera um insensato, aprendiz de fanático, aquele que se entregou muito ou totalmente a ela. No começo ainda é possível conciliar a procura espiritual com o bom senso, mas, à medida que a jornada se aprofunda, a entrega tem que ser cada vez mais total e incondicional.

À medida que se espiritualiza, a vida nos traz experiências e estudos que vão provocando naturalmente a entrega. A verdadeira entrega é uma doação espontânea, um ato de amor, nunca de subserviência e de medo. Depois que imolamos as dúvidas e os medos mais grosseiros, perdemos a necessidade de explicação sobre o que está acontecendo. O que está acontecendo é o que Deus está mandando. Quanto menos energia for gasta para se rebelar diante do destino que se apresenta, em melhores condições estaremos para transformá-lo.

Essa entrega incondicional nos conduz por um novo canal de intuição e de sentimentos da Verdade. Sem isso, a “experiência” é meramente intelectual e apenas prenuncia Deus na mente, mas não O acolhe no coração. Tangencia o real, mas não o toca.

Não faltarão bons motivos, reais ou imaginários, que levem o nosso bom senso a se desapontar com o caminho espiritual e que desestimulem o nosso Eu a enfrentar os obstáculos da senda do autoconhecimento. Muitos seguidores se chocam, nos dois sentidos do termo, com a dureza dos obstáculos mas não com a dureza do próprio egoísmo da matéria. Esse egoísmo é o principal responsável pelo fato de alguns espíritos mais débeis abandonarem a arena da luta, cheios de julgamentos morais.

É claro que essas observações não podem ser extremadas. Uma certa dose de senso comum não faz mal, principalmente para os aspirantes que se acercam da espiritualidade. Funcionam apenas como uma prevenção, até que o iniciante encontre seu caminho e seu orientador. Até lá, quanto mais a ovelha valoriza seu “livre-pensar”, mais facilmente poderá ser vítima de alguns lobos que andam disfarçados com pele de cordeiro. Isso porque também existem correntes psicóticas do espiritual. Até mesmo estas correntes devem ser avaliadas com cuidado e sem preconceitos, quanto à faixa de espiritualidade que lhes corresponde.

Sem dúvida, o conhecimento espiritual nos obriga a enfrentar o desafio do aprimoramento moral. Quem trabalha espiritualmente conhece a si mesmo cada vez mais, e acumula mais poder. Pois a

fonte de todo poder reside no autoconhecimento. O abuso do aspirante consiste em julgar o exercício daquele poder como uma prerrogativa sua. E toda prerrogativa que viola a igualdade nasce do orgulho e não passa de vaidade.

As vezes eu me via questionando o sentido de tantas suscetibilidades, dissensões e emoções, presentes no meio espiritual quase da mesma forma ou talvez pior do que no meio mundano. Em um nível mais teológico, a pergunta procuraria descobrir por que os “discursos espirituais” esbarram sempre numa contradição entre a promessa escatológica e a prática do dia-a-dia.

A Doutrina do Santo Daime tinha dado um grande passo, que a destacava das demais, e isso era uma das coisas que mais me atraía nela. Um povo estava sendo colhido e doutrinado para o cumprimento do que há tempos se anunciava. Todavia, observando a vida do Mestre Irineu e a nossa própria história mais recente, apesar dos avanços, a busca dessa prova da Verdade sempre se desenvolveu no contexto de uma irmandade nem sempre tão unida, pelo menos no grau nem sempre que os próprios hinos pedem. E nem tampouco consciente, no conjunto, quanto à compreensão espiritual de sua própria missão e da responsabilidade de cada um que diz segui-la.

A própria trajetória do Padrinho Sebastião, um dos principais galhos brotados do tronco original do Mestre Irineu, confirma em certo sentido essa regra. Na medida em que a sua “reforma” ou a evolução da tradição doutrinária (comunidade, expansão planetária da Doutrina, ênfase messiânica e aceitação de outras plantas sagradas) não puderam ser absorvidas pelos mecanismos institucionais que sobreviveram ao Mestre fundador, foi ele obrigado a ser protagonista de certas mutações e evoluções.

Com esse movimento dinâmico, as verdadeiras tradições escapam de se fossilizarem. Apegando-se excessivamente à forma, não poderiam corresponder às novas demandas espirituais, aos novos padrões psíquicos que a interação espírito-mente vai colocando no tempo histórico concreto.

A evolução representada pelo Padrinho Sebastião dentro do caminho do Daime foi, sem dúvida, o que propiciou a súbita expansão doutrinária da última década, assim como a diversidade de segmentos sociais que abraçaram a Doutrina.

Por outro lado, essa não era então para mim apenas uma ques-

tão teórica. Tínhamos começado a desenvolver alguns trabalhos com o Daime aqui no Sul e estávamos sentindo na carne as dificuldades para conseguirmos a quebra dos egos e para a luta diária pela construção de uma comunidade e de uma irmandade. Atributos, arestas e confrontos de personalidade são normais nessa fase, ainda durante um bom tempo, até que os protagonistas possam fazer dessas experiências um rico aprendizado que, uma vez realizado, conduz a uma união mais sólida e verdadeira.

Quando estamos ainda tateando, certas desarmonias nos obrigam a encarar a batalha contra o nosso hábito de fazer julgamentos e a trabalhar melhor a nossa confiança nos outros e em nós mesmos. Como diz o hino do Padrinho Alfredo: "É preciso confiar em si mesmo/Para ser por essa Doutrina resguardado."<sup>11</sup>

O Poder Superior mexe muito com todas as suas emanações egóicas. A doutrina do Daime tem um objetivo estático e um outro dinâmico. Pede aos seus praticantes um conhecimento e ao mesmo tempo uma firmeza com vistas a uma realização, simultaneamente material e espiritual. Pois a reunião de um povo na floresta com vistas a um encontro sagrado, no final do milênio ou nos seus arrelores, é também uma considerável tarefa social, logística e material.

O encontro do Eu com o Tu é o encontro do homem com Deus. O outro, a alteridade, é apenas a unidade de Si-Mesmo que Deus põe em contato, através do que é disposto pelo karma. Enquanto perdura esse atrito entre os irmãos, é porque o conhecimento ainda não foi conquistado por eles. Como diz o Padrinho em outro hino:

A verdade não se nega  
A verdade não se esconde  
Que a verdade é Deus  
E Deus é o verdadeiro homem.<sup>35</sup>

Para se chegar ao conhecimento de que o Eu Sou é tudo e é Deus em todos os seres, é preciso vivenciar esse sentimento como uma experiência de iluminação. Uma iluminação que, súbito, transfigura os nossos laços e a nossa visão deste mundo e dos outros; que nos desapega das preferências e das identificações com os invólucros e formas, a partir da compreensão da unidade fundamental de toda a vida, desde os pulsares e quasares até o simples ato de respirar.

Através da miração, o Daime nos faz atingir a superconsciên-

cia da lucidez espiritual. Mas manter-se definitivamente nesse estado é tarefa para toda uma vida e exige muitas provas de merecimento.

Durante os dois ou três primeiros anos de minha iniciação, passei por processos muito contundentes e dolorosos. Mas, pouco a pouco, fui me rendendo às evidências de que esses "apuros" fazem parte tanto da terapêutica quanto da didática do misterioso Ser Divino que age por meio da bebida sagrada.

Os confrontos de poder pessoal pertencem a uma espécie de vestibular de feiteiro. A confiança vai gerando amor e a firmeza nos ensinamentos termina transmutando em ricos aprendizados todas essas vivências matizadas de "espirituais". E é assim que se cumpre o primeiro mandamento do Padrinho, expresso em seu primeiro hino: "Que para ter amor/é preciso ser irmão" e "para ser irmão/é preciso ter amor."<sup>36</sup>

Todo conhecimento que não parte deste princípio e que não gera amor entre os seres é um conhecimento oco e uma sabedoria inútil, conforme Sebastião Mota resume em seus versos:

Muitos querem ser sabidos  
E o saber Deus é quem dá  
Se não tiver conhecimento  
Não pode se firmar  
  
(...)  
O saber é muito bom  
Melhor é se corrigir  
Para contar a certeza  
Deste Divino Poder.<sup>37</sup>

Meus encontros periódicos com o Padrinho Mário, em Rio Branco, e com o Padrinho Sebastião, na floresta, eram o bálsamo que fazia cicatrizar todas as minhas dúvidas e apreensões. Era só me aproximar do campo vibratório desses homens que muitas dores e angústias se evaporavam e tudo se revestia de sentido e profundidade. Eles me faziam crer que cada pedra no caminho tinha uma razão de ser, insuspeitada e até benéfica.

O Padrinho explicava muitas coisas sobre suas passagens sofridas, que respondiam lá no meu íntimo a tudo o que eu queria, sem que eu precisasse fazer uma única pergunta. Às vezes eu vinha na

canoa pelo igarapé, compondo mentalmente todas as lamentações e perguntas que eu faria diante dele. Mas quase nunca era preciso. Suas palavras, seu sorriso, sua simples presença restauravam-me a confiança e tonificavam-me a esperança.

Se alguma vez alguém confessasse medo e dúvida, ele não se fazia de rogado.

— Padrinho, por que é tão difícil ser irmão?

— Todo mundo quer ser grande e sabido, mas ninguém quer se humilhar pro outro. “Falar que está com Deus é muito fácil de dizer/Mas cumprir seu mandamento, aí é que eu quero ver.”<sup>38</sup> Quem diz isso pela minha boca, nesse hino, é o próprio Espírito da Verdade, que fala com toda a Sua pureza. Não é eu, matéria velha, coitada. Aquele que pensa que é aquilo tudo é um louco, isso sim! Não compreende o que é a vida! Que a vida vive em tudo e em tudo sabe trabalhar. A vida é una. Até uma barata que Deus fez pode ser feia como for, mas a vida está nela, nem que seja só para ter o prazer de correr. E nós também não corre num carro? Então não tem essa história de dizer: “Ah, porque eu sou grande, por isso e por aquilo!”

— Uns acham mais vantagem em ter do que em ser.

— Em quê? Me diga! Se você não tem conhecimento de si mesmo? Pensa que o dinheiro é documento pro céu? Para a Vida Eterna? É nada, é uma perdição. Custa a gente entender uma coisa tão simples? É tão simples que chega a ser complicado! Mas chega. Devagarinho chega a compreensão, a gente vai largando os maus costumes, se desviando dos maus pensamentos. É como diz o hino:

Aqui entram todos

Entram o sujo e o rasgado

Na casa do meu Pai

Só entram os limpos e sem pecados.<sup>38</sup>

— As pessoas chega na doutrina, chega até aqui, no Céu do Mapiá, com muito sacrifício. Mas se chega aqui ainda querendo ser orgulhoso, não prestando atenção a nada, ainda vai bater cabeça muito tempo. Não compreende que foi chamado para passar por uma prova finíssima, porque é julgar e subjulgar. E nós estamos também esperando a hora da audiência. Está tudo marcado e nós devemos estar atentos. Estar com Deus não é estar com o mundo, ou mesmo repartir uma banda para Deus e outra para o mundo.

Não! É ser igual. Iguala-te, positivo e negativo, que a tua luz acende muito mais ainda! Não devemos ter queixa de ninguém. Nem material nem espiritual. E tudo que vier contra nós, a gente sai de fininho.

— Todo mundo quer ser amigo — arrisquei pensar alto.

— E seguir em frente com a fé que nós tiver no Eu-Superior que é Deus em nós e Deus em todo lugar. E no nosso mestre Juramidam e em Cristo-Jesus. A nossa Mãezinha está lá no alto, olhando para nós, dia e noite, vendo se nós estamos cumprindo direito ou se estamos na peia... Mas de Doutrina, meu filho, eu não achei nenhuma igual a essa. E olha que eu andei por uma porção delas, mas vi muito engano. O melhor é cada um crer em si do que crer em uma imagem de papel ou de gesso.

Coerente com tudo isso, ao receber o sinal espiritual de Mestre Irineu para a construção da igreja e a organização do povo, o Padrinho insistiu cada vez com mais ênfase que essa forma de organização deveria ser comunitária. No seu entender, a comunidade era o tacho novo para ser usado em um apuro cada vez mais forte. E este apuro era o prenúncio de uma nova instrução que o Padrinho receberia anos depois, para que entrasse com seu povo ainda mais para dentro das matas.

A experiência comunitária iniciada na Colônia 5.000 foi, portanto, o primeiro degrau no processo de Sebastião Mota, que o levou mais tarde a plantar o povo de Deus no interior da floresta, cenário escolhido por Mestre Irineu para a transição da velha para a Nova Era.

O Padrinho continuava as suas lembranças. Estava sentado na escada, rodeado de afilhados. A lua cheia iluminava o terreiro, e tudo resplandecia.

— É, meu filho, muita coisa se passou quando a batalha estava acontecendo lá na 5.000. Houve as perseguições. Muitas vezes a federal esteve lá. Chegaram desconfiados e saíram amigos. A gente precisava se apurar para ver se saía um povo.

— O Mestre pensava assim também?

— No tempo do Mestre, ele já procurava criar essa mentalidade. Juntava os colonos, trabalhava em regime de mutirão, que aqui a gente chama de adjunto.

— Mas não era uma comunidade.

— Tava faltando isso na nossa doutrina. Tava faltando um po



vo. O Mestre me dizia que ele ainda ia chegar. Está começando a juntar agora, mas ainda é tudo novinho, tudo é criança, tudo inocente. Mas quando esse povo tiver consciência, souber que "Deus em tua mente/Deus é o teu saber", quando a pessoa compreende isso passa a ter uma certeza, muda de idéia e já é uma pessoa forte. Um pensamento forte também fortalece a vontade, não é mesmo?

— Mas ainda fica faltando a nossa vontade se identificar com a de Deus?

— Antes ela tem de ser igual entre nós para poder alcançar a de Deus, porque Deus sempre vai estar onde estiver a união. É isso que eu quero, que você seja igual a mim. Ter o conhecimento espiritual que eu tenho... Não me interessa a riqueza de ninguém! O que me interessa é ter o meu feijão com arroz para comer e dar para os amigos quando eles chegam.

— Padrinho, tem hora que eu vejo uns dizendo que não é para incentivar muita coisa, que já está perto do balanço final. Outros fazem planos para os netos que ainda virão... Como é isso, pai?

— Se for possível que Deus queira que a gente seja, tudo bem. Mas tudo em outro estado, em outra vida, em outro amor, em outros pensamentos. Verdade, justiça e abundância não fazem mal a ninguém. E muita prosperidade. Isso também cabe a nós. Ninguém nem se sente necessitado disso ou daquilo. É assim que é para ser, um povo que não enxerga nada no outro, porque ele enxerga você igual! Igual a mim, igual a você, igual a todos. Todo mundo ser um só e não ter cobiça por nada. Isso é que o homem pede, é um povo limpo e puro. Sabido e não abestado. Você vê, por exemplo, um professor que sabe isso e aquilo, que sabe aquilo outro. Na hora que o Espírito da Verdade encosta perto dele e o hino pergunta assim:

O que é que você vai fazer  
Escute o que eu vou lhe dizer  
Se você não tem luz  
Procure compreender

Depois de compreender  
É que vai se iluminar  
Não tem Sol não tem Lua  
Meu brilho é divinal

Se você não tem luz  
Eu não sei aonde está  
Procure o meu Jesus  
Que Ele veio para nos salvar

Ninguém queira ser grande  
É preciso se humilhar  
Se faça pequenininho  
Para entrar no celestial.<sup>30</sup>

— E foi isso que eu fiz — prosseguia o Padrinho. — Em vez de me engrandecer, eu me humilhava. Levava empurrão dos outros e eu ali, quieto no meu canto. Mas graças a Deus eu hoje estou aqui, provando o que foi dito pelo Ser. Não estou mentindo.

Assim foi que a identificação da igreja e da comunidade da Colônia 5.000 representou um primeiro grande ensaio para o desenvolvimento posterior de Rio do Ouro e Céu do Mapiá. O povo se organizou nos mutirões e vários roçados foram abertos. Juntou-se o gado, levantou-se um engenho de açúcar, construiu-se a igreja, um armazém e muitas casas.

É comum, ao lançarmos um olhar retrospectivo, que o passado se afigure sempre mais leve do que o presente. Isso nos embala em uma certa nostalgia. Todo o "aqui e agora" nos coloca diante de pressões, urgências, desafios e decisões, enquanto o ontem, o já transcorrido, é mais próprio para a fruição pura e simples. É uma memória sempre disponível, já devidamente lapidada daquilo que não queremos lembrar.

Se na história dos grupos sociais, das civilizações e das religiões sempre existe uma idade de ouro, a do povo do Daimé parece ter sido justamente esse período que vai de 1973 até mais ou menos 1978. Todos se lembram com saudade dessa fase: dos trabalhos em que o Padrinho fazia suas *preleções*, dos cabeludos e estrangeiros que chegaram, dos feitos, dos mutirões.

Mas esses momentos em que o espírito manobra no tempo com suas brisas benfazejas são relativamente curtos. Períodos de oásis às vezes prenunciam a iminência de novas tempestades. Se considerarmos apenas os planos material, espiritual e sentimental, nossa fidelidade depende *grosso modo* daquela fórmula enunciada pelo Padrinho: "Ter o nosso feijão com arroz e o prazer de reparti-lo

com os amigos.” Além disso, a saúde e um bom karma familiar também não fazem mal a ninguém. Mas o dinheiro e mesmo o feijão se acabam, a saúde sofre abalos, os relacionamentos se degradam, tornando efêmera e ilusória toda a felicidade que se agarra ao objetivo externo dos sentidos.

Mas já no plano da vida espiritual, tudo se reveste de valor. Todos os aprendizados, tanto os positivos quanto os negativos, tanto os externos quanto os internos, são necessários. Tudo o que é, tudo o que acontece é a lição que a nós compete estudar, e o *script* Divino neste jogo da vida, ponto de partida para toda a transformação. Portanto, nesses entrecosques mais ou menos harmoniosos de energias, de que se compõe o dia-a-dia da vida comunitária, é que as grandes lições da espiritualidade se impõem. Principalmente se a comunidade está unida em torno do mesmo objetivo espiritual.

O hinário do Padrinho desabrochava cada vez mais flores, nascidas desse período de grande fertilidade e harmonia. Nos hinos podemos buscar o fio condutor do percurso espiritual de Sebastião Mota. Os hinos, aliás, são peças básicas para que possamos compreender a Doutrina. Eles trazem a essência, o resumo espiritual das mirações dos seus membros mais proeminentes, e são mensagens dirigidas a toda a irmandade. Independentemente do canal que os recebe, são considerados um patrimônio comum que a todos cabe zelar.

Durante a força do Daimê e a miração, nossa compreensão se eleva e tudo o que se passa no salão do bailado se transfigura. Como um arfete em brasa derrubando todas as muralhas da ilusão, o conhecimento verdadeiro penetra no nosso coração. Em tal estado é que as melodias das esferas ressoam dentro do nosso ser e os mensageiros celestes trazem-nos à consciência suas palavras, louvores e alertas. Tudo se expõe à vidência um dos outros, impondo uma percepção clara do que está acontecendo no interior de cada um.

O Padrinho Mário me disse uma vez:

— Meu filho, já tive uma miração em que eu fui lá em cima na casinha do Astral onde se guarda os hinos, tá sabendo? Tem várias gavetinhas, cada uma com uma luzinha. E uns seres muito lindos, que tomam conta de tudo. Todos os hinos da Doutrina estão lá, os que ainda vamos receber também, tá?

Para um praticante da Doutrina, se é um aparelho capaz de captar esses hinos, é um momento muito especial do seu trabalho, quando se estabelece um diálogo íntimo com a força Divina, tal

como Moisés diante da sarça ardente. Quanto mais o aparelho receptor for puro e limpo, o cristal do seu espelho refletirá as vibrações e as mensagens mais elevadas. O Padrinho Sebastião falava sempre:

— Eu sei o que eu passei e vi, para dizer cada palavra dos meus hinos. Mas eu não disse nada à toa, porque eu não estou à toa, nem tou aí para o que os outros dizem. O que eu disse é a minha verdade. E passei pelas dores do parto para dar à luz cada um desses hinos.

Além de sua correspondência direta com o Astral, o hino pode ser considerado também um testemunho, uma afirmação que corresponde perfeitamente à história pessoal de quem o recebe. Ajudamos a entender melhor o contexto real onde o povo de Deus trava a sua batalha pela afirmação de seus valores espirituais.

Nessa época, os hinos de Sebastião Mota insistem muito na história de São João Batista, que é a sua própria história:

Eu vivo neste mundo  
Lembrando o que foi passado  
São João tiraram-lhe a cabeça  
E meu Jesus foi crucificado.<sup>39</sup>

Alerta os irmãos que ainda estão dormindo:

O tempo corre e a hora se passa  
Todos dormem, não querem acordar  
É bom que assim aconteça  
Para ouvirem e saberem respeitar.<sup>40</sup>

Aqueles que julgam muito o próximo, falam mas não estão dispostos a provar o que dizem também são alertados:

Eu peço aos meus irmãos  
Para cada um cuidar de si  
Deixar da vida dos outros  
Que o Mestre não ensina assim.<sup>41</sup>

E para deixar bem claro o seu exemplo, ele completa a mensagem em outro hino.

Cada um cuida de si  
Eu também cuido de mim  
Vou zelando essa estrada  
Estou fazendo o meu jardim.<sup>42</sup>

Na prática espiritual da doutrina, os hinos são reconhecidos como um canal de expressão Divino. É claro que a eficácia da mensagem espiritual depende também do seu porta-voz, da prova prática que ele dá a partir daqueles ensinamentos. Um irmão que não se porta como irmão e não pratica o que diz não tem poder de persuadir os outros. Em um caso extremo, se estiver deliberadamente mentindo, fingindo ou inventando mensagens, “muito terá que sofrer aqui dentro da sessão”. Ou seja, o próprio Mestre presente na força do Daimon poderá pedir as contas da conduta do mentiroso que tentou falsificar os ensinamentos Divinos. Como diz o Padrinho:

A justiça de Deus é reta  
Não deixa passar nada  
Fazendo as suas continhas  
E multiplicando ainda sai errado.<sup>43</sup>

A Comunidade da 5.000, a construção do templo e o hinário do Padrinho foram crescendo juntos. Seus filhos mais velhos, Alfredo e Valdete, dedicavam-se aos roçados e às tarefas mais práticas de organização, enquanto Sebastião Mota se empenhava nas obras da igreja.

A fé do povo no seu guia, mentor e padrinho era inabalável. À semelhança das comunidades essênias da antiguidade, todos entregaram seus bens a uma administração central que passou a planejar os gastos, a produção, o abastecimento das famílias e o direcionamento da mão-de-obra em regime de mutirão. Às seis horas da tarde, todos se reuniam na igreja para a oração, onde se cantavam alguns hinos que falavam sobre o trabalho, a lealdade e a união entre todos.

Até então, a existência da comunidade e da Doutrina era um fenômeno religioso e cultural de cunho meramente regional. Nos meados da década de 70, chegava também um novo segmento até então desconhecido naquelas paragens: jovens, mochileiros e buscadores de todas as espécies. Alguns vinham de várias partes do país

e outros do exterior. Uma parte deles se fixou na comunidade, outros partiram e voltaram mais tarde, trazendo mais gente.

Começaram a se espalhar pelo mundo as notícias sobre este povo simples e amável, que vivia numa comunidade liderada por um seringueiro de grande barba e sabedoria e que cultuava o *Ayhausca* em seus rituais. A palavra do Daimon e a beleza da miração, nem sempre fáceis de suportar, rompiam os limites da floresta onde até então permaneceram confinados. A comunidade do Padrinho Sebastião era o ponto de referência para as primeiras levadas de um novo tipo de peregrinos, abundantes na década seguinte.

Os que estavam atentos sentiram nisso tudo um sinal de que aqueles tempos anunciados desde o Mestre Irineu já estavam chegando. O Padrinho anunciara:

Eu vim para lembrar  
Eu tenho que dizer  
Deus é para todos  
Não se pode esconder.<sup>44</sup>

Os dois mil anos da última vinda do Cristo iam se completando e um novo tempo se avizinhava. Um tempo em que já não era permissível esconder a Verdade Divina, mesmo a pretexto de protegê-la contra os ataques e os escândalos do mundo. Enquanto muitos daimistas se preocupavam ou invejavam a súbita notoriedade de Sebastião Mota, ele, com a humildade que lhe era característica, interpretava esses fatos como sendo a confirmação da missão que o próprio Mestre Irineu lhe atribuíra.

Não fora o próprio Mestre que lhe dissera que o seu destino era ser o pastor de um grande rebanho, um povo diferente que iria chegar “quando os tempos estivessem mais próximos”?

Para cumprir os desígnios de Deus, foi sendo lentamente descoberto este segredo milenar do Daimon — que remonta aos incas e aos primórdios de uma civilização ainda mais antiga e desconhecida que viveu nas florestas do continente americano.

Aqueles que se escandalizam com o fato de que a Palavra de Deus esteja sendo anunciada para os buscadores, para os trabalhadores da última hora, têm medo de quê? De que a palavra e a vontade do seu próprio Mestre se cumpram? À semelhança daquele mau servo que o Cristo relata em sua parábola, receberam seu talento e correram para enterrá-lo. E invejaram aqueles que, tendo-o multiplicado, foram recompensados.

Em fevereiro de 1985, eu estava ali no Céu do Mapiá, mais uma vez, junto ao meu Padrinho. Chegara cheio de dúvidas e pontos obscuros, sobre a Doutrina e o meu próprio papel, que já se tinham dissipado completamente ao primeiro contato com a sua presença magnética e amorosa.

Estava agora na beira da fornalha, no segundo feito de Daimé realizado no Mapiá, cuja vila nessa época contava com dois anos de existência. Iniciava-me então nos mistérios do ritual de feita dessa bebida sagrada. O Padrinho Sebastião, mais o Padrinho Mário e um grande séquito, tinham acabado de chegar e se sentar na "Casinha da Bateção", que é uma casa cheia de tocos onde se bate e macera o cipó, antes de ser cozinhado com as folhas da chacrana ou rainha.

A força das estrelas era tanta que eu tinha a sensação de que seria sugado por elas. Nesse momento, a terra me respondia aumentando a percepção do efeito que a gravidade exercia sobre meu corpo. O silêncio era absoluto. Todos estavam concentrados. Só se ouvia o chiado em surdina da panela fervendo e, de vez em quando, algum calango se arrastado pelo matão.

Nesse instante a miração baixou. Vi um ser parecido com um anjo descer sobre nós e tocar um instrumento cujo som era um misto de matraca com sirene. O zumbido era muito grave e vinha de dentro de mim. Eu me sentia arrebatado para uma zona do céu onde havia bruscas mudanças de pressão, a ponto de compreender que eu seria despedaçado por essas forças se estivesse lá materialmente.

Eu estava montado em uma imensa serpente cósmica que corria e me prendia a ela com toda a atenção, como um vaqueiro em um rodeio. A sensação que eu tinha no meu corpo durante a miração era de estar dentro de um avião enfrentando uma turbulência a grande altitude. Desfilavam em minha mente várias cenas e símbolos sobre mitos indígenas relacionados com o Daimé (por eles denominado também de *caapi* ou *uagé*). No meu entendimento, o movimento ondulante da cobra representava a energia primordial, o movimento do espírito penetrando e vivificando os mundos de matéria, inaugurando o tempo.

Dos mais diminutos elétrons e outras partículas ainda menores, até o movimento das gigantescas galáxias, passando pelas explosões de supernovas e pelos mistérios que a física quântica se esforça por tornar uma certeza material, tudo me era explicado naquele momento pelo ritmo ondulante da serpente cósmica. Sinfonia

nias maravilhosas e clamores dolorosos estrepitavam dentro de meu cérebro.

De repente, pela força da gravidade despenquei para o meu mundo, a Terra. E, de olhos fechados, vi a longa jornada do ser humano, que de alguma maneira corava a Criação Divina. Pois, de um mero agregado mais denso de poeira cósmica, tornou-se um aparelho capaz de hospedar inteligências cósmicas de grande poder evolutivo. Um ser capaz inclusive de indagar sobre sua própria origem e resgatar a consciência do amor que nos gerou, achando assim o caminho de volta para as moradas celestiais. Moradas que o próprio Cristo assegurou ter o Pai destinado àqueles que não O negassem. Eu via tudo isso de uma forma vertiginosa, como um filme acelerado. Guerras, glórias, momentos sublimes, quedas e castigos duros. Longa caminhada do ser humano sobre a Terra.

Fiquei algum tempo ainda alheio a mim mesmo e ao que me rodeava. Aos poucos, foi desaparecendo a sensação de estar dentro de uma câmara de vácuo. Restara apenas o suave ondular da serpente emplumada, e alguns versos de um hino bailavam na minha cabeça:

Esse nosso Império

É do nosso Pai

Muito antes do tempo

E do depois

É preciso louvar

Para poder seguir

A verdade da vida

Agora está aqui

Estou nessa terra

É para cumprir

A vontade de Deus

Para poder viver

Estou me lembrando

Do que é real

Majestade na vida

Só no espiritual.<sup>45</sup>

Aos poucos fui entreabrindo os olhos, com a sensação de ter atravessado toda uma eternidade. Quando os abri, o quadro que eu via era rigorosamente o mesmo de antes. O chiado da panela, meus companheiros com os gambitos de madeira sobre as painelas na mesma posição, o Padrinho Sebastião e o Padrinho Mário juntamente com os demais, sentados na Casa de Bateção. Como se tudo obedecesse a uma direção invisível, todos foram abrindo os olhos ao mesmo tempo, dando a impressão de que tínhamos sido cúmplices da mesma viagem.

No dia seguinte a essa experiência, estávamos na igreja velha, ao lado do casarão do Padrinho, cantando seu hinário. Eu estava ainda sob o impacto da visão do dia anterior. Ouvia os hinos com uma receptividade para mim desconhecida. O canto das meninas e das moças parecia um coro de anjos:

Meu Pai está comigo  
Todos podem acreditar  
Essa glória Ele me deu  
Só Ele pode tomar.<sup>46</sup>

Quem conheceu o Padrinho e conviveu com ele sabe que nessa declaração não havia nenhuma bazófia. É esta verdade, declarada sem vergonha nem falsa modéstia, que confere força ao hinário do Padrinho e lhe dá o poder de disciplinar os que repetem aquilo tudo sem compreender:

Meu Pai é prata fina  
Eu sei aonde Ele está  
Quem quiser que duvide  
Dessa verdade não vá zombar.<sup>46</sup>

Se nesse momento o nosso coração está convicto da verdade dos hinos, com alegria e disposição para cantá-los e coragem para penetrar nos seus sentidos mais recônditos, nesses momentos escutamos o próprio Deus e expandimos Suas ondas de amor a todos aqueles que estão irmanados na corrente, assim como aos nossos irmãos do Universo inteiro. Ondas que nos chegam no ritmo ondulado da serpente sagrada. O hino continuava:

São João e meu Jesus  
Nasceram para sofrer  
O mistério da cruz  
Está na fogueira para todos ver.<sup>46</sup>

O Padrinho bailava ali do meu lado, em pleno coração da Floresta Amazônica, no crepúsculo do Segundo Milênio.

Seus olhos brilhavam e estavam fixos no além, mirando. Como que recordando o crime cometido há dois mil anos contra esses dois seres divinos — João Batista e Jesus.

mas dispõem, unificando dentro de si o Bem e o Mal, o certo e o errado, numa percepção clara e real do que somos, para que possa se manifestar em nós aquilo que ainda devemos ser.

Se essa meta não foi alcançada, fingimos ou parecemos ser o que não somos, desperdiçamos nossa encarnação. Blasfemamos contra Deus como se Ele fosse culpado do nosso infortúnio. Como diria o Padrinho:

— Tudo cabe em Deus, que é um eterno presente. Ele não tem nada contra ninguém... Deus não se incomoda com ninguém! O povo vive reclamando: “Ah! Meu Deus! Tá mandando este castigo!” Desta forma estás é levantando falso a quem só tem luz pra te dar, besta! E tu adoecees com as tuas besteiras e as tuas loucuras e vais dizer pros outros em voz alta que é Deus que está mandando! Deus é tão limpo que Ele não assopra nem de longe em basculho! Não vê como o Sol é? Seca cocô e tudo que é porcaria. Quando é de tarde, ele some. Ficou lá tudo seco, não tem nada com isso. Ele mesmo não saiu sujo.

Através da luz do Sol, Deus ilumina igualmente a todos. Renovando continuamente nossas chances de um dia compreendermos Sua vontade.

Esse duelo de natureza moral que se trava na consciência humana é o reflexo de uma luta cósmica que tem como cenário o Universo inteiro. Para os que se encontram com a vidência ou a fé mais desenvolvida, os protagonistas são, de um lado, os anjos, arcanjos e potestades, fiéis a Deus, e de outro lado os anjos rebeldes, entidades lucíferas e espíritos decaídos. Para os espíritos mais práticos e materialistas, as questões de fundo são as angústias, os dilemas morais e os dramas colocados pela finitude da existência humana.

São João Evangelista recomendou que não nos preocupássemos com a origem do Mal, porque Deus, que é o Bem e a Caridade Suprema, é anterior ao Mal e nos amou primeiro. Mas algum significado profundo existe em Seu consentimento para que permaneça existindo essa força aparentemente negativa. Aos olhos da Criação Divina, o Mal termina por desempenhar uma tarefa positiva.

No nível cósmico, a força negativa pode ser compreendida como parte do elemento destrutivo e desagregador, presente nas diversas representações da Trindade Divina. Seu campo de ação depende da vontade de Deus, desde quando Ele quis manifestar-Se na aurora dos tempos.

Dessa forma, foram gerados seres e inteligências poderosas, pe-

## Capítulo VIII

# POSITIVO E NEGATIVO

Nem tudo são flores no caminho espiritual. Mas foi com a imagem da flor, regada com amor, que o Padrinho representou o nascimento do Eu Crístico dentro de cada um.

Até as flores, uma vez nascidas, têm seus espinhos. Assim também, na vida espírita, o progresso não pode ser linear, pois a experiência do autoconhecimento depende tanto do erro quanto do acerto. Mesmo que identifiquemos o erro como sendo o Mal e o acerto como o Bem, isso nada nos esclarece sobre a natureza de um ou de outro. Nem explica por que Deus — a causa primeira de todas as coisas, formas e criaturas — permitiu uma oposição tão declarada contra a Sua própria vontade soberana. Acreditamos e precisamos acreditar, a todo custo, que a vontade de Deus é o Bem e aquilo que sai errado se deve às nossas falhas de discernimento, à falta de dois gumes do livre-arbitrio humano.

Essa oposição entre a perfeição de tudo o que vem de Deus e a resultante, quase sempre desastrosa, da intervenção humana sobre os desígnios Divinos é um dos principais objetos de indagação da ciência espiritual do autoconhecimento. Ela pode se confundir até um determinado ponto com as exigências de uma conduta moral virtuosa, mas vai além disso. A verdade e a conduta perfeita são sempre apreoadas, pelos homens, de diversas formas, às vezes excludentes entre si. Mas Deus se importa menos com as tentativas do que com os resultados. Todos terão que passar pelo que seus kar-

los quais o Criador iniciou a gigantesca sinfonia cósmica do Universo. A excessiva importância que alguns desses seres começaram a sentir em relação ao destino das criações materiais, frutos da Ideação Divina, foi o que, pouco a pouco, gerou o Mal. Rebelados e invejosos do poder de Deus, esses anjos decaídos passaram a exercer cada vez mais influência na evolução dos mundos materiais.

Já o homem, a criatura que aqui nos interessa, representa um grau nada desprezível no processo evolutivo espiritual e material que Deus pôs em marcha e que até hoje os cientistas tentam explicar, seja através do *Big Bang* ou da síntese de várias leis que nunca se harmonizam entre si. Disseminado no sistema planetário, o homem foi colocado neste paraíso, segundo os mitos mais antigos, e sua própria evolução espiritual depende do exercício do livre-arbítrio. Sua mente, para libertar-se de todos os estados ilusórios de consciência, precisa incursionar profundamente na dualidade que é, por sua vez, um outro nível de ilusão. Seres protetores e tentadores representam, portanto, dentro do microcosmo da consciência humana que reprodutem o Universo, elementos em oposição, de cuja unidade e síntese depende, em última instância, o conhecimento verdadeiro. O Padre Sebastião sempre exclamava: "Iguale-te, positivo e negativo, para que haja luz!"

Em nossa vida material, moral e espiritual devemos conhecer essas forças constitutivas, presentes no Universo e em cada um de nós. Esse estudo faz parte do processo de autoconhecimento, base de toda realização espiritual. Uma coisa, porém, é buscar o conhecimento do que existe, do que é real, e outra é "servir a dois senhores", contra o que o Cristo nos alertou.

Existem energias, vibrações, formas-pensamentos, entidades e consciências desencarnadas que operam na faixa da destrutividade, da desagregação, do egoísmo e da maldade para com seus semelhantes. Podem estar encarnados ou desmaterializados no espaço e "atuando" dentro de nossa mente, na forma de desejos e emoções. Sua influência será mais nociva quanto mais os nossos flancos estiverem abertos para essas vibrações.

E o que fazer com isso, mesmo que estejamos conscientes de não se tratar de nós, ou de algo "nosso"? Esta já é uma questão que entra no âmbito da caridade e que exige a aceitação de um mandato mediúnicos. Com a missão de auxiliar e clarificar os espíritos, esse serviço é realizado através da própria iluminação dos médiuns

Eles são mediadores e hospedeiros de seres obsedados e sofreadores cuja cura depende de sua caridade e compaixão.

Principal característica do Avatar supremo, é graças à sua compaixão total e incondicional pelo homem que ele pode realizar os sinais e prodígios, curar os enfermos e os obsedados.

Custei muito até descobrir na compaixão uma das principais virtudes do mundo moderno. É uma das mais escassas também. Observando de perto a vida do meu Padrinho e como ele agia movido por esse sentimento de ajudar o seu semelhante, compreendi que um verdadeiro homem de conhecimento sente compaixão. Sabendo diferenciar as falsas e as verdadeiras dores da experiência humana, possui o discernimento de qual deve ser o seu grau de identificação, de neutralidade, ou de participação para com elas.

Se a caridade se afigura para nós como uma atitude de consolação, aberta, "para fora", expressando-se inclusive numa ajuda material ou psicológica, a compaixão é algo interior, que damos contritamente. Na forma de uma energia, por um momento variável de intensidade, precisamos sentir e compreender no nosso próprio ser a dor do outro. É isso se faz mediante um canal mediúnico. Identificamo-nos com aquela dor, engano, erro ou ilusão do nosso semelhante, que também numa certa medida se confunde com a nossa. E fazemos todo o esforço de clareá-lo em nós, por eles e por eles em nós

Com base na nossa própria compreensão e em tudo o que já passamos, penetramos nesse caos mental, emocional e astral, que está sempre buscando uma comunicação através dos seres encarnados que possuem uma antena mais sensível, ou que, mesmo com pouca vidência, mas movidos pelo amor, se esforçam na prática da caridade. Esta é uma incursão perigosa, e o caminharante deve sempre buscar boa orientação. Cortejar essas forças negativas ou ter medo excessivo delas é um canal para desembocarmos no lago abissal da loucura. Mas se o atravessarmos com verdade e pureza, desembocamos nas praias do êxtase e da realização, sem que os monstros que habitam as profundezas submersas do nosso inconsciente tenham qualquer poder sobre nós.

Mas se em nosso alforje de peregrino carregamos um verdadeiro coração de pedra, repleto de culpas, medos, dúvidas ou insensibilidade, o peso de nossa própria consciência fará com que afundemos no lago da loucura. Isso se a correnteza não nos conduzir até as corredeiras da morte. O médium deve ser cuidadoso ao

salvar os náufragos do plano espiritual, pois os que se afogam materialmente falando, na ânsia de se salvarem, agarram-se ao seu salvador com tal desespero que podem pô-lo a pique também. O Padrinho falava:

— Por isso eu sempre digo. Eu não sei ainda mexer com todos os espíritos, mas estou sempre aprendendo mais um pouco. Trabalhando para fazer de todos eles nossos amigos. Para eles terem um conhecimento verdadeiro de Deus, de aceitar e compreender o poder de Deus sobre todas as coisas, inclusive sobre eles próprios. O que aceitar está de nosso lado, está do lado de Deus. E o que não aceitar sujeita-se à morte eterna. Para sempre. Porque, assim como tem a vida eterna, tem a morte eterna. Nunca mais entra no mundo encarnado. Perdeu a chance, sumiu-se. Desaparece da Terra e do Astral. No Astral tem milhares de hospitais. Para seres doentes dissonantes, inconscientes daquilo... Tem também hospitais que parecem com esses hospícios de doido que tem aqui embaixo também. É difícil de chegar lá. São para uma classe de espírito que eu não vou dizer que sejam incuráveis, porque isso não existe para Deus. Mas são seres muito doentes e difíceis de doutrinar. Eu fui passando uma vez por um lugar desses, começaram os gritos me chamando e eu fui atender. Mas quando pisei lá, o clamor, o horror e o ranger de dentes eram tais que tive de sair voando para fora. Depois contei essa passagem para o Mestre e ele me disse: “Se você entrava lá, você se enrascava.” A coisa não é brincadeira não!

Da mesma forma que existe uma voracidade por matéria, também há uma oralidade espiritual. Tateamos, tocamos, sugamos várias doutrinas e caminhos sem nos determos em realizar nenhum. “O amor é para ser distribuído.” Cada um deve repartir os bens espirituais que recebe sem entesourá-los à custa dos nossos irmãos sofredores. Não devemos permitir que o nosso conhecimento e a nossa clareza apenas nos imunizem contra as dores do próximo. Mas sim que eles nos permitam penetrá-las, trazendo mais luz para a sua compreensão. Seguindo ainda os ensinamentos do Padrinho:

— Então eu, no meu conhecimento espiritual, procuro dar importância e respeitar todos os espíritos... Mas, dos que eu conheço, maior importância eu dou ao verdadeiro Juramidam! Aquele que neste mundo chamou-se Cristo Redentor. Cujas falanges são os verdadeiros espíritos acabadores de trevas, não é? Então o meu desejo foi de chegar aonde estava Deus e ter o conhecimento do que somos. Com muito sofrimento e muito sacrifício foi que me chegou

isso. E eu vou atrás mais do quê? Precisa aprender a dominar eles todos, com muita calma e muito carinho. Tratar do meu irmão... Como diz o hino: “Eu faço dos meus inimigos/Cordas do meu coração!” Quem fica fica. E quem vai vai para sempre. Não voltará mais! Foram as ordens que eu recebi, não posso negar a ninguém. Quem quiser vir comigo venha. Mas como um homem, não como um vagabundo. Porque homem não anda enrascado com besteira e nem escutando conversa à-toa. É isso aí, eu tou indo é pra frente e é a voz do deserto que está me guiando.

Todas essas considerações sobre o Bem e o Mal, espíritos de luz e espíritos das trevas, a maneira de enfrentá-los com caridade, são importantes para se compreender uma nova fase que se abriu para a Doutrina do Santo Daime e na caminhada espiritual de Sebastião Mota de Melo com a chegada à Colônia 5.000 de um feiticeiro conhecido por Ceará, que se proclamava o “Rei dos Macumbeiros”, aparelho preferido do “Maioral das Trevas” ou “Tranca-Rua”.

Como já vimos, o tema da mediunidade e a luta com os espíritos sofredores ocuparam desde o início um lugar central nos trabalhos espíritos do Padrinho. Após a sua cura com o Daime, este estudo refluíu, quando seu principal guia, o “Professor” Antônio Jorge, chegou a anunciar o seu afastamento por um prazo de dez anos para que “o aparelho pudesse aprender à sua própria custa”.

Depois do hino em que fala “fui fazer uma viagem (...) e encontrei tudo trancado/Quase não pude passar”, ele recebeu as ordens do Astral para levantar seu templo e iniciar a organização do povo em uma comunidade. Durante esse período, teve vários anúncios e visões desse enfrentamento que se avizinhava com uma linha espiritual ainda pouco conhecida por ele.

Na primeira visão que teve, ele andava por uma estrada quando viu um cavaleiro vestido de negro que o seguia de longe. À medida que caminhava o cavaleiro vinha se aproximando, até que finalmente se encontravam no final do caminho. O entendimento que o Padrinho teve durante a visão era de que a chegada do mensageiro negro representava uma coisa pesada que estava prestes a acontecer.

Depois disso ele viu uma entidade que fumava um cachimbo, uma espécie de saci. Este ser encostou-se nele com muita força e disse que ia botá-lo para correr da Doutrina. O Padrinho, depois desta



segunda visão, ficou meio ressabiado e preocupado, como se esperasse, no dia-a-dia, um sinal mais concreto da chegada dessa ameaça.

Mais adiante teve outra miragem, na qual se atracava com um negro muito grande, que lhe falava de uma grande prova pela qual o Padrinho teria que passar para obter o grau de conhecimento a ele destinado.

Esses avisos lúgubres estavam no ar. Ao mesmo tempo, muitas coisas apuravam-se no grande tacho da comunidade. O Padrinho cobrava cada vez mais perfeição nos trabalhos, e que todos acordassem para aprender com o grande mestre que é o tempo (que “não engana e não tem dó dessa matéria”, como fala um hino).

Foi aí que chegou o Ceará. Era um médium de altas capacidades mas desde cedo dedicado à prática do Mal. Mariposa negra, viu a luz naquele velho de barbas brancas, que o recebeu já sabendo tratar-se do oponente anunciado nas visões. Sentiu-se atraído por aquela luz e também pelo instinto de apagá-la. Pois não foi o desejo e a inveja da luz que levaram Satanás, a natureza inferior, a se rebelar contra Deus, o Eu-Superior interno, pela posse do seu trono no templo humano?

O feitiço chegou com muitas conversas, oferecendo seus prêmios e trabalhos, segundo ele para “ajudar a tirar a falsidade do nosso meio”. Dizia:

— Padrinho, Daime eu não tomo. Tomo não porque sou proibido. O meu “Maioral” não deixa. Mas eu vou dar um jeito nisso aqui.

Aí falava para os demais, referindo-se ao Padrinho:

— Agora é que eu quero ver quem está mesmo com o Barbudão! Eu vou mostrar os poderes todinhos que estão escondidos nessa comunidade!

Desse dia em diante, ele começou a se aproximar da 5.000 e, sob os mais variados pretextos, a abrir toda sorte de trabalhos. Firmou um pequeno terreiro. Mal terminava um trabalho, que às vezes durava vários dias, já começava outro sob o pretexto de que “tinha uma coisa enrolada na casa do fulano ou do beltrano”.

Logo que ele chegou, o velho Mota recebeu uma instrução do Astrol, permitindo que ele trabalhasse no meio da comunidade durante cinco meses. Que durante este prazo ele permanecesse atento, mas não impedisse o trabalho do Ceará. E que ele, Padrinho, “agüentasse o tranco”, porque isso fazia parte de uma missão de caridade e conversão da entidade satânica encarnada no aparelho do feitiço.

A esperança do Velho era de que o aparelho do macumbeiro e a entidade que o guiava diretamente passassem a ser influenciados de alguma maneira com os trabalhos de Daime. Isto aconteceu pouco tempo depois, durante um hinário de São João, quando Ceará, pela primeira vez, pediu Daime para as suas atuações. E dizia assim:

— Padrinho, todos esses que eu trouxe aqui, o senhor dá Daime pra eles que é tudo bicho brabo que precisa de doutrina — mas ao mesmo tempo avisava: — Seu Maioral ainda não vai se entregar fácil não!

Depois desse hinário de São João, o velho chegou a pedir que todos caprichassem e agüentassem a disciplina. Quando as *atuações* do feitiço tomavam Daime, denunciavam muitas coisas erradas que aconteciam no meio do povo, causando um grande rebuliço, que era por onde o poder da baixaria aumentava.

A eficácia do poder de um feitiço dependerá do quanto ele consiga alimentar essa corrente negativa. Mesmo desmascarando alguma coisa errada, o seu intento será sempre o de jogar uns contra os outros e manter a energia negativa disponível para ser “plugada” pelo projeto da malignidade através das bruxarias, despachos e outras operações simbólicas da magia negra e da quimbanda.

Esse poder pessoal negativo, que se alimenta das pequenas falhas de cada um, arrasta os de mente mais fraca a se corromperem e pactuarem conscientemente com a maldade. O lado positivo de tal processo era que tudo estava vindo à tona. O tacho do apuro estava fervendo. O Padrinho Mário falava assim sobre essa época do macumbeiro:

— Esses aparelhos que trabalham contra a gente são os nossos juízes. Não podemos deixar de reconhecer o seu papel. São eles que vêm para nos cobrar. São eles que pedem as contas e perguntam assim: Ué? Mas a vida de vocês não é santa? Então estão com medo de quê?

Se tudo estiver firme na consciência e o coração não nos acusa, é nulo o poder de qualquer feitiço para tal criatura.

Em alguns momentos, Ceará deixava de ser o ajudante, aquele que se apresentava como mero instrumento de disciplina para o povo e ficava com uma cara meio triste, como se a sua entidade o estivesse forçando a entregar uma coisa que ele não queria. Já era um indício de que, mesmo contra a vontade do aparelho, ela também estava se aproximando para uma doutrinação com o Daime. Nesses

momentos o feiticeiro resistia e apresentava a questão na forma de uma guerra:

— O senhor vai ganhar mesmo, Padrinho! O senhor vai ganhar! Só existe dois maiores, é Deus e o Tranca! Mas o maior do senhor é maior, não é? Vai vencer. Mas ainda estou na luta. Se segure!

O velho ia se mantendo nesse fogo cruzado, alertando a todos quanto ao caráter do estudo espiritual que estava em curso. Para quem compreendia direitinho, a batalha que estava em jogo era realmente grande. Aos poucos, porém, Ceará ia entregando toda a sua legião ao Daime. Faltava apenas ele próprio, ou melhor, “Seu Maioral”.

O risco foi grande em algumas ocasiões. Como o próprio Ceará confessou para o Alfredo, filho do Padrinho: “Alfredo, quantas vezes já me deu vontade de tombar esse carro com teu pai e tua família todinha...”

Cada vez mais ele se rendia, e a sua atitude prenunciava um breve desenlace. O prazo de cinco meses estava prestes a se esgotar quando o Padrinho, durante um trabalho em que tomou Daime, teve uma visão em que saiu pelo Astral até uma casa onde, na sala, uma enorme lona cobria algo. Aí pegou a lona e tirou ela de uma vez. Debaixo dela estavam todos os trabalhos do Ceará, o que eles representavam no Astral: “Só porcaria e pretensão”, segundo suas próprias palavras. Foi quando o Padrinho compreendeu que o tempo da decisão do duelo estava chegando. Ele esperava ainda por uma entrega final.

Menos de uma semana depois, chegou o feiticeiro dizendo:

— Padrinho, o senhor venceu! Eu não vou mais trabalhar aqui não, tá tudo no que há de ser mesmo, o que eu tinha que fazer já fiz.

Mas o preço da batalha tinha sido alto. O feiticeiro havia feito grandes estragos e ofensas à honra de muita gente de bem. O duelo e o contato com a linha negra foram tão duros que o próprio Padrinho chegou a reconhecer mais tarde o esforço que fez para não duvidar das instruções recebidas. Seu filho Alfredo é quem fala:

— Teve momentos muito duros em que o papai chegava a me confessar haver lutado com atuações muito fortes, que tentavam tirar-lhe a firmeza. A ponto dele falar assim: “Alfredo, tinha hora que eu mesmo queria duvidar que ainda estivesse dentro da linha. Mas era isso mesmo. O que essas linhas todas vieram pedir através

do aparelho do Ceará foi uma caridade. Só que era muito pesado doutrinar o próprio Satanás, e eu quase me lasco.”

Vejamos como se desenrolou o desfecho da história, ainda segundo o depoimento do Padrinho Alfredo:

— Pois bem, o Ceará seguia dando Daime para suas atuações dizendo assim pro papai: “O senhor dê Daime a esses caboclos que eu vou chamar, que são tudo ruim e bravo. Mas eu ainda não tomo. Porque no dia que eu tomar Daime... Ah! Meu Deus, eu já perdi a batalha!” Até que um dia eu estava na cidade e ele apareceu na casa do Padrinho Wilson. Enquanto eu olho, penso: “Aí vem o danado do macumbeiro!” Aí viro pra ele e digo: “Lá vem o macumbeiro!” Nós chamava ele de macumbeiro mesmo, e ele tinha o maior prazer, né? Aí ele chegou assim e disse: “Ô Alfredo, como vai, rapaz, sabe? Hoje é meu dia.” “Hoje é teu dia de quê?”, respondi. “Hoje eu vou tomar Daime.” Aí eu disse: “É mesmo, Ceará?” Ele confirmou: “É, quer ver?” Chamou seu Wilson e disse: “Seu Wilson, hoje é dia *dele* tomar Daime.” O Padrinho Wilson me perguntou: “E vamos dar?” Eu digo: “Manda!” Então o Velho abriu o trabalho, o Ceará se apresenta, toma. Sentou numa cadeira. Em vinte minutos ele disse que estava mirando. “Tô mirando, Alfredo, tô vendo.” Com dez minutos de miração ele disse: “Chega! Não quero mais não! Já está decidido, já vou.” O velho Wilson ainda quis retê-lo: “Rapaz, tu ainda está mirando...” Ao que ele já foi se levantando: “Nada! O que eu já tinha que ver já vi!” Foi embora e com três dias ele morreu.

— Como foi que aconteceu?

— Em três dias ele foi se entregando lentamente. Eu interpreto assim. Primeiramente ele tentou abafar todos nós. Depois ele viu que o poder que estava com a gente era superior ao dele. Aí ele foi perdendo a força daquela macumba e feitiçaria toda, entende? Ele foi entregando e doutrinando toda a turma dele. Que quando restou só o Tranca, que era o guia e mentor dele, aí ele tomou o Daime e o Tranca-Rua também tomou. Ele, o aparelho, “viagrou” e o Tranca ficou acompanhando a jogada. Ia iniciar a doutrinação mais importante de todas. E o aparelho que ia segurar ele era o papai.

Podia ser que ele amansasse, obtivesse um perdão, se tornasse um trabalhador da seara. Era isso que o papai esperava para o final da história. Mas foi coisa do destino. Ele estava tomado pela entidade e fez muito mal...

Depois de refletir um instante, arrisquei uma interpretação:  
— Mas nisso tudo havia uma lógica do poder, não é mesmo? Eles foram o instrumento de uma sentença. Aquele aparelho foi su-primido pela lógica das suas próprias maldades e agora era o Velho que iria continuar esse trabalho de cura com o Tranca-Rua. Se o Ceará continuasse na parada ele ainda podia opor a resistência de-le, de aparelho. Talvez por um paradoxo, o próprio “Maioral” foi obrigado a se livrar do seu “cavalo”, né? — perguntei.

— Certo! Depois que ele se transferiu pro velho, quase mata o papai também. Mas isso foi depois, lá em Rio do Ouro.

— E como foi que o velho começou a sentir a presença do dito-cujo, para o duelo final?

— Foi uma coisa gradativa, não houve um momento preciso da coisa se manifestar. De imediato, parece que foi muito forte o encosto do Satanás que vinha se entregar, e a saúde do velho pas-sou a piorar sensivelmente. Eu estava na Colônia, organizando o povo que ia ficar por lá, enquanto o papai abria Rio do Ouro. Ele era o primeiro mateiro. De madrugada já estava dentro da mata es-cura onde ninguém tinha pisado ainda, fazendo as derrubadas. Se bobeasse, ele já estava de machado na mão, pegando tudo que é tipo de malária e de coisa ruim. Mas voltando um pouco no tempo, antes de ir para Rio do Ouro ele ainda assistiu a um São João aqui na Colônia. Nesse dia ele teve uma atuação braba, ficou caído lá em casa e nós dando uma assistência para ele até ele poder sentar na cadeira. Da cadeira ele se recompôs, aprumou o aparelho e vol-tou para tomar Daimé na igreja.

— Foi quando ele sentiu o ser...

— Segundo ele, naquele dia foi preso no aparelho dele o ser Tranca-Rua, para ser doutrinado na igreja do Seu Mota.

— É difícil ter essa perspectiva agora, quero dizer, no tempo em que essas coisas acontecem. Quando Jesus expulsava demônios e travava um duelo com o próprio Satanás, isso gerava um certo escândalo entre os doutores da lei, os fariseus e o “povo culto”, não é mesmo? — acrescentei.

— Mas quem está ligado espiritualmente sabe a importância e o significado desses fatos. Se na época a nossa igreja, a nossa cor-rente, já estivesse completa, teria sido mais maneiro. O ser estaria sendo doutrinado em todos nós, seria menos pesado pro velho. Além da sua capacidade e conhecimento espiritual, era o único médium capacitado para segurar aquela barra. E isso pesou pra ele.

— Quer dizer que ele já foi pra Rio do Ouro sabendo que esta-va levando o ser com ele?

— Pois é, papai voltou para Rio do Ouro já sentindo a conse-quência do aprisionamento desse ser dentro do seu aparelho. Tra-balhou com aquilo tudo: confusão no corpo, no espírito, agonia, vontade de morrer, mil coisas, sabe? E o São João do ano seguinte ele foi passar novamente lá em Rio Branco. Chegou lá, tava morre-não-morre e eu lutando na Colônia contra uma turma que estava botando tudo de perna pro ar. Uns meninos se endeusaram de achar que um era o Cristo e os outros eram os seus ajudantes, e estavam em cima de mim para eu “mudar a ordem dos trabalhos”. Pois bem. Papai, mesmo doente e com toda essa história do Tranca-Rua, du-rante o trabalho ele manifestou uma coisa muito forte na miraçaõ e dizia em voz alta, quase gritando, “que ele era um Deus mesmo” e que quem duvidasse se preparasse para balançar. Houve uma atua-ção entre ele e um rapaz de fora, vindo de uma comunidade do Sul, que em outra vida foi um rei e tinha vindo se ajustar com o velho naquele dia. Seu Mota disse que chamou ele no grampo e no trono. Era um trono muito bonito, só que não era dele. O velho começou a falar numa outra língua e o tal homem respondeu na mesma lín-gua lá da fila de trás. Depois arriou no chão e embolou lá fora no terreiro até o fim do trabalho.

— Depois disso, o velho voltou para Rio do Ouro e continuou a batalha?

— É. Foi aí que começou, de verdade, o ajuste das linhas, e o ser satânico pôde se expressar com toda liberdade no aparelho do velho. E ele sempre sofrendo. Teve época do papai passar muitos dias dando golfadas de bola de sangue. Aí o Tranca-Rua baixava e dizia: ‘Isso não é dele não! É meu, fui eu que tinha no meu papo. Sangue de galinha preta e de tudo que eu andei fazendo por aí, não é dele não. Quer ver como não é? Amanhã ele pára. Mas você tem que ficar tranqüilo senão ele não agüenta fazer a minha limpeza não.’ E ameaçava: ‘E se ele não fizer, não tem ninguém que pos-sa, e adeus, babau, eu e o aparelho!’

— E parava mesmo o sangue?

— Parava. E quando havia alguma desarmonia entre o povo, voltava o sintoma.

— Ele tava bem consciente do papel dele.

— O Velho, coitado, tava pegando a cruz dele que era pra ele passar pelo que passou o Cristo, e, quanto ao Tranca, ele valoriza-

va a Doutrina mais do que nós mesmos. Falava: "Esses remédios aí de vocês é de grande valor, mas eu só posso sarar se vocês capriarem. Se vocês agirem assim, tá curado o Tranca, o Trancado tá curando em todos e em cada um, falei, tá!" Como nós próprios fomos os primeiros a não cumprir aqueles pedidos, teve vez dele baixar com a gente ali com o velho nas agonias, na cabeceira da sua cama: "Vocês são muito nervosos, vão acabar é matando o meu apárelho e eu também!" Nessas horas, nós cantávamos uns hinos da Doutrina assim bem forte e ele, manifestou no velho, gritava quase implorando: "Manera, manera! Pelo amor de Deus, se não eu vou embora com ele!" Era assim que ele barganhava. E nós tinha que cantar assim com toda a calma para ele poder suportar.

— Até que ele teve um dia que ele pediu formalmente para ser da Doutrina, não foi?

— Esse foi o momento decisivo da doutrinação. Estávamos com um trabalho aberto lá no quarto do papai, que estava acamado. Aí de repente ele se sentou e aquela cara cinzenta de doente deu lugar a um rosto bonito, resplandecente mesmo, como se ele estivesse bonzinho. Aí baixou nele Ogum Beira-Mar dizendo que estava ali como um mensageiro para resolver uma questão. A questão era que o senhor Rei Tranca-Rua — ele fez questão de frisar o título, acrescentando ainda que ele merecia todo o nosso respeito — queria dizer umas palavras e pedia que o aparelho fosse levado até a sala. Aí ele se transfigurou de novo num ser aleijado. Quando a gente cantava algum hino, ele chorava, pedia perdão em relação às leis.

— Era um acerto de contas dos crimes, com a lei dos homens e com as leis de Deus, não é mesmo?

— Justamente. Ele dizia que esse remédio, tanto o Daimé quanto a santa-maria, estava desaleijando ele ao ponto de em breve ninguém poder mais reconhecer ele numa atuação. Que era a esperança de um dia ele poder atuar sem ser mais um aleijado espiritual. Explicava também que a causa do aleijamento tinha sido o ciúme e a inveja que ele tivera diante do próprio Deus e que ele era alimentado por nós próprios, acostumados a esconjurar o diabo com palavras à luz do sol e a seguir suas vontades no escondido, às escuras. E isso só traria doença e morte. Então ele, o Tranca-Rua ou Satanás, ou seja lá qual nome que se venha a dar a ele, pediu uma oportunidade. "Oportunidade de quê?", eu perguntei. E ele respondeu: "De ser irmão; se vocês me aceitarem como um irmão eu vou zelar por essa casa, e a prova disso vai ser quando o Velho sarar." Este

era o sinal que ele prometia: que quando o Velho sarasse o povotava sarado das conseqüências que o faziam viver no trono de Satanás.

— E aí, o que é que você disse?

— Eu disse: "Tranca-Rua, é o jeito! Se tu tá enxergando a coisa aqui melhor que nós mesmos, se tá dando valor aos nossos remédios espirituais e à própria Doutrina, nós o aceitamos como um irmão."

— E ele?

— Disse assim: "De hoje por diante, o Tranca é a favor de Deus e dessa Doutrina. Podem contar comigo. Quando algum pensamento à-toa passar pela mente de vocês, lembrem do Tranca, podem me chamar que eu estarei aqui para ajudar. Mas eu digo a vocês: comigo do lado é bom andar direito!"

— Parece lógico.

— Se é? Ele fez uma exigência. Se a Doutrina é limpa ao ponto de ser tão bem entendida até por ele, que foi o maior da bagunça, é nosso dever compreender a atuação satânica em cada um de nós, e ao mesmo tempo amarmos e praticarmos a caridade com esses seres. Devemos também corrigi-los através do nosso esforço de se corrigir a nós mesmos. Não é amarmos a Deus e ao próximo como a nós mesmos? Dessa forma atrairmos só coisas boas. E as coisas ruins que chegam encontram o cara limpo, a Doutrina sendo praticada naquele templo vivo, e se convertem, não é mesmo? Deus joga Satanás para nos cutucar. E agora o próprio Tranca-Rua estava dizendo que o poder dele era para ser exercido do jeito que Deus quisesse.

— Isso tem um significado muito grande — completei. — Deus tá interessado em recolher todos os filhos de novo.

Me lembrei de um hino que eu recebi que diz assim:

Esse trabalho

É o que está se passando

Deus lança as redes

Pros filhos ir voltando.<sup>45</sup>

— É mesmo — confirmou Alfredo. — Lá na frente a justificação divina vem perguntar: "Quem és tu, Seu Lúcifer, seu fulano, seu sicrano, que se rebelou desde aquele tempo?" Mesmo sabendo que esses anjos caídos são filhos que têm poder e potência, e que Deus não vai dispensar um filho só porque errou, ele vai embolar até enxergar a luz de volta, né?

Uma energia muito forte havia se apoderado da conversa, re-memorando aqueles fatos que marcaram de forma indelével o povo durante a fase de transição da Colônia para Rio do Ouro. O Padri-nho Alfredo finalizava suas lembranças com as últimas palavras pro-feridas pelo ser denominado Tranca-Rua, no dia da conversão:

— Aí ele disse assim: “Façam uma casa para dar luz a todos estes espíritos que vão chegar. Trabalhem pela limpeza e pela cura deles, senão vai rodar todo mundo. Façam essa casa que estou pe-dindo, nem que seja do tamanho de uma caixa de fósforo.”

— Daí que nasceu a Casa da Estrela!

— Foi. Primeiramente foi aquela lá na mata de Rio do Ouro, que você conheceu. Depois foi essa aqui do Mapiá.

Saí dali, naquela noite, cheio de reflexões. Este tema, do con-fronto de Deus e Satanás, de fato era muito delicado. Tão antigo quanto a própria história do homem. E ainda hoje a sua análise e compreensão poderiam trazer chaves preciosas para o autoconheci-mento e a iluminação interior. Já senti, em várias ocasiões, quando tal tema é mencionado, um certo escárnio indulgente, quando não uma resistência declarada, por parte de alguns daimistas. Realmen-te, fica bem mais fácil supor que só vamos tratar com as coisas su-periores, com o plano espiritual elevado. Mas sempre haverá alguém para ajudar aqueles que caíram na abjeção. A isso se chama carida-de. Por isso mesmo o Cristo lutou contra seu tentador: para ter o poder de expulsá-lo nos outros. Conviveu com meretrizes, almoçou na mesa dos pecadores e foi morto e crucificado entre dois ladrões. Como na imagem do sol que seca cocô, usada pelo Padrinho Sebas-tião, nem por isso o Cristo saiu sujo desse contato. Pelo contrário, todos aqueles que tiveram a chance de vê-lo saíram limpos, cura-dos, santificados, beneficiados pela presença desse Sol de amor en-carnado em sua breve passagem sobre a Terra há cerca de dois mil anos. Agora eu estava testemunhando um fato muito parecido.

Andava pela noite estrelada da floresta no rumo do casebre em que ficara hospedado. Meu coração batia forte, e tudo estava reple-to de mistérios. Eu sentia vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

## Capítulo IX

### “ACENDO OS MEUS CASTIÇAIS”

Quanto mais eu penetrava na história da doutrina, nos seus pro-cessos mais íntimos, mais eu era obrigado a penetrar dentro de mim mesmo, superando muitas resistências e caprichos. A entrega espi-ritual exige incondicionalidade. Quando convivemos com mitos e lendas, retratos rotos dos santos da antiguidade e páginas amarele-cidas pelo tempo, confiar é mais fácil. Mas quando convivemos com os santos de carne e osso que dão bom dia e comem junto conosco o arroz e o feijão, temos uma tendência a procurar nos aspectos cor-riqueiros de sua personalidade pretextos para alimentar nossas dúvidas.

O Padrinho referia-se a essa tendência nata que nossa mente tem de cristalizar fetiches espirituais:

— Em vez de nós adorar um pedaço de papel, cada um pegue um homem ou uma mulher para adorar e respeitar como sendo a presença do Cristo e da Virgem Soberana.

Não que eu estivesse abalado com todos os relatos que tinha ouvido sobre os feitiçeiros, macumbas e quimbandas. Mas o conta-to com a existência da linha negra é sempre traumático para o neó-fito, acrescenta nele vários medos sobre o diabo e o desvia do verdadeiro demônio contido nas nossas inclinações e motivações mais egoístas. Mas como dizia o Padrinho Alfredo:

— Tem que ser feita uma amizade, uma aliança entre Deus e o Satanás. Deus nunca fez nada perdido e nem tem nada fora de

Deus. É uma coisa muito certa, senão não existiria. Então Deus é tudo e fez tudo pra que Ele possa mostrar e provar na hora certinha!

O homem tem que travar esse duelo conscientemente dentro de si mas, para usar uma expressão do Padrinho Mário, é um duelo de amor, onde só conseguiremos vencer o inimigo quando ele não for mais recebido como um inimigo, e sim ligado no fio do positivo, brilhando a luz do conhecimento para todas as direções, permanecendo a pura vontade de Deus.

— As dúvidas geram desconfianças — retruquei. — A gente vive temendo, o que vem de dentro e o que vem de fora, não é mesmo?

— Ou nós compreendemos o que está se passando um com o outro e aprendemos a confiar, ou nunca estaremos livres. O que resolve é o que resolve mesmo, sabe? Nós nos aparelhar, fazer do inimigo um amigo, não ter dúvida com ninguém, material nem espiritual, e aí acabam essas perturbações. É muito fino o estudo. Enquanto a gente não compreende, não adianta nem ter medo nem ter coragem no assunto.

Esta frase sintetiza muito bem toda a sabedoria que o peregrino do interno e do espiritual precisa compreender, pois o autoconhecimento é o caminho para um discernimento correto da realidade.

Eu hesitava um pouco em assumir a questão da mediunidade. Mas se o próprio Universo, quando manifestou-se, inaugurou uma dualidade, assim ocorre também com o homem, que é o Universo em pequena escala. Essa unificação dos opostos é necessária para toda a realização espiritual.

O Padrinho, com sua perspicácia, percebia tudo o que se passava no meu íntimo. Quando me despedi dele, em março de 1985, ainda tivemos um breve diálogo. Eu ia baixando o igarapé e parei na colocação onde ele estava trabalhando em uma canoa. Recapitulamos alguns momentos de nossas conversas e, como sempre, ele brincou um pouco com minhas fitas e anotações:

— Pois é, meu filho, é unir o negativo com o positivo. Aí é que está a história. O espírito e a matéria unida! Se o foco cresce muito mais no negativo, ele só não dá luz. No positivo, só, também não dá! Tem de ligar os dois! Então junta todos os diabos que existem com todos os deus, aí é que está o negócio. Se for muito pro lado de cá tem soldado vigiando, se for muito pro lado de lá, também tem. O jeito é andar direitinho na estrada, é unir-se, doutrinar-

se. O Eu-Superior interno na casinha dele, no trono do seu próprio templo. Ele bem sentado, vendo tudo!

— O Padrinho Mário é que gosta de cantar aquele seu hino: “Eu sou a sala, eu sou o trono/Para o meu Mestre conversar” — respondi, enquanto na minha mente recapitulava os fatos, palavras e aprendizados tão recentes. No resumo final de tudo, eu tinha certeza de estar com Deus. Não era nada muito racional. Olhei para todos os lados e só me restou a fé. Nela é que eu podia ainda me valer. O Padrinho continuava me cutucando.

— E aí, rapaz? Você tá com uma cara meio intrigada. Tá pensando muito ou tá duvidando de mim?

A pergunta foi formulada à queima-roupa, em um tom brincalhão e afetivo. Mas calou forte no fundo do meu ser. Balbucei uma resposta tipo “o que é isso, Padrinho, não é nada disso”. Mas, como sempre acontecia nesses momentos, me senti desnudo diante da percepção profunda que aquele homem revelava dos meus processos mais sutis e interiores. Como das outras vezes em que isso aconteceu, aquela alfinetada de poucas palavras tinha um efeito restaurador e terapêutico imediato. Tanto que terminei sorrindo na hora de entrar na canoa. Ali na varanda de ripas de paxiuba, acenei para aquele velho de longas barbas brancas e olhinhos brilhantes. Meio que gritando, por causa do barulho do motor, ainda disse:

— Do senhor eu não duvido de jeito nenhum. Mas talvez ainda duvide um pouco de mim.

Elá se foi o motor roncando e a canoa ziguezagueando pelas curvas do igarapé. A cada viagem, a hora das despedidas e do retorno para a civilização era intensa. Eu ia absorto nas reflexões, tentando concatenar as idéias e os sentimentos, incorporar os novos aprendizados, ao mesmo tempo em que imaginava o que me esperaria ao chegar nas montanhas.

Meu estado de inquietação e questionamento foi dando lugar a uma grande fertilidade. Tudo ia se clareando, e mesmo as dúvidas se revelavam repletas de significados esclarecedores. Quando a canoa atravessou o canal da fazenda que fica na boca do igarapé Mapiá e entramos no caudaloso Purus, a tarde já estava caindo. Alguns peixes-voadores pulavam para dentro do barco. As nuvens escondiam o sol poente, produzindo belos reflexos no fundo azul e róseo. Comecei a receber uma mensagem e, à medida que escrevia, a água e o vento salpicavam meu rosto e ameaçavam fazer voar as folhas do caderno. Foi a primeira vez que senti com toda clareza

um fluxo de psicografia. A caneta corria sobre o papel e eu acompanhava agoniado a seqüência das idéias com medo de perdê-la. Passei umas duas horas nessa situação enchendo quase a metade do meu caderno de viagem. A quilha cortava a superfície das águas. Era como eu sentia minha mente sendo atravessada por aquela energia intensa. Quando a mensagem foi se concluindo e eu comecei a reler o que tinha escrito, muita coisa havia se elucidado dentro de mim. Tinha recebido uma chave de algo que seria futuramente uma missão. A mensagem falava de um "jogo divino", sobre o bem, sobre o mal, sobre a caridade, enfim, sobre todas as questões que tinham se tornado meu principal objeto de preocupação nos últimos tempos.

Quando terminou essa espécie de transe, o arco prateado da lua crescente brilhava no céu, no meio das estrelas cintilantes. Todos nós, no barco, íamos absortos, dominados por aquela grandiosidade.

Quando cheguei em casa, muitas coisas novas tinham acontecido, e a comunidade ensaiava os seus primeiros passos. Não foi por coincidência que a questão da mediunidade e dos trabalhos com os espíritos começou a aparecer em cena, com freqüência cada vez maior. E logo chegou a hora de voltar para a floresta.

Em agosto de 85, organizamos o primeiro grande feito das igrejas, na Colônia 5.000, após o qual muitos de nós subimos até Céu do Mapiá. Desta vez, a alegria da chegada arrefeceu um pouco ao sabermos que o Padrinho atravessava mais uma difícil crise de consciência, o que vinha se tornando cíclico desde os esforços materiais e espirituais realizados em Rio do Ouro.

Quando seu coração queria se alegrar com o nosso movimento, com a alegria que ele tinha em receber seus filhos mais novos, nos quais depositava tantas esperanças, as emoções eram muitas, e ele sucumbia ao seu peso. Somava-se a isso um momento particularmente difícil na implantação da Vila Céu do Mapiá, porque o Inca não indenizara a comunidade pelos dois anos de trabalhos e benfeitorias realizados em Rio do Ouro. A produção da borracha praticamente estava parada, e a conta de aviamento para a sustentação de uma feira básica para a comunidade aumentava a olhos vistos.

Muitos hinários e trabalhos de cura foram realizados nesse período, e aos poucos a saúde do Velho foi se recompondo. Em um desses trabalhos, realizado no próprio quarto do Padrinho, senti muito forte a presença dos espíritos sofredores que vinham

se limpar na luz de sua presença, forçando ainda mais a sua matéria cansada.

Assim, todas as questões teóricas sobre a mediunidade que eu encarava desde a minha última viagem foram se tornando naturalmente práticas. A mesma caridade que o médium Sebastião Mota praticara a vida toda, era preciso que nós nos capacitássemos para praticar nele. Mas como? Por onde começar? Muitos poucos tinham ali uma vaga noção de como trabalhar de uma forma consciente e verdadeira para ajudá-lo. E ele próprio, após o trabalho, nos explicava como compreendia essa ajuda:

— Vocês prestem atenção que eu estou pejeando pra dar conta dessa missão que o Mestre e a Virgem Mãe me entregaram, para eu dar luz a todos esses espíritos. Vamos dar valor e aprender a amar com caridade autêntica tudo quanto existe. O que eu quero de vocês é que estejam bem conscientes dessa batalha. Agora é hora de unir, é ter certeza de que Satanás não é nosso inimigo, entendem? É trabalhar sempre para o bem, para o bem, para não alimentar os companheiros dele. E se entra algum deles dentro do nosso aparelho, pode ser na forma de pensamento ou de tentação, a gente fica inerte! Como o pessoal do espiritismo fala, como é mesmo?

— Passividade — arrisquei eu.

— Isso. Nós temos a certeza de que, com o Daime na frente e nós com uma intenção bem consciente, não podemos nos confundir com aquele que nós tamos tratando. E se ele é bom, fica mais bom ainda. E se é ruim, naquela passagem pelo nosso templo, que o Daime tá constantemente limpando e adornando, ele vai pegando o que é puro e levando pra ele. Quando voltar, já está é querendo mais. Se o bicho for muito brabo e não quiser se curar, aí vai se lasciar pra lá!

— Mas a gente não pode se confundir, não é, Padrinho? Se a gente tem que se tornar passivo para a atuação de um ser que pode nos levar pra isso ou pra aquilo... não corre o risco de sair desse estado neutro para querer usufruir um pouco daquela situação, algum prazer, sei lá!

— É verdade. Nós temos que estar firmados no Daime, com ele não existe espaço para coisa feia ou engano. E temos que aprender a se sair também na hora certa, se não o tal espírito pode ir se encostando como um visitante intruso, e um aparelho fraco pode se consumir numa obsessão.

Alfredo, que estava sentado em um canto, completou:

— Tudo isso é para diferenciar os verdadeiros profetas e sábios de toda sorte de falsos cristos e roubadores do sangue alheio. Para que eles tenham uma punição e ao mesmo tempo uma oportunidade. Porque com o evoluir dos tempos a linha divisória vai ser cada vez mais clara. Porque quem é mesmo, apresenta, não fica só cozinhando.

— Mas não significa que essa necessidade de realismo diante da tentação nos faça ceder diante dela, não é mesmo?

— Não. É para ter o conhecimento e doutrinar a tentação, dar luz àquele ser que às vezes deseja apenas realizar um desejo através de nossa matéria. Mas cada qual mantenha sua clareza.

— Até onde ele pode entrar? — perguntei. O Padrinho Alfredo interveio:

— Depende da missão de cada um. Às vezes não chega a ser nem uma escolha. Mil coisas aparecem para nos testar, tá entendendo? É com muito esforço que podemos compreender a coisa. Caso contrário ficamos reprovados na prova.

— Pois é, meu filho — retomou o Padrinho Sebastião —, Deus vive em harmonia e ninguém pode acabar com Ele. Nós devemos viver também, que é para ninguém acabar com nós. O mal, sim, tem que acabar! Acabando o mal, não tem mais dificuldade de espécie alguma, todas as nossas vontades estão numa direção só, não é, Alfredo?

— Pois é, eu me sinto assim um ajudante do Velho nessa luta. Essa doença dele tem que ser bem compreendida pelo povo: qual é a sua causa espiritual e o papel de cada um dentro dela. Pois é cada um se desenrolando e assumindo seu posto que vamos salvar esses seres que estão com nós, e conseqüentemente nos salvar também. De repente vem o diabo, e ele tá sempre falando bem aqui no nosso meio, e é disso que a gente tem medo, né? Mas, o medo, a gente sempre tem é de nós mesmo...

— Enfrentando esse medo interno fica mais fácil confiar nos outros — concordei.

— Ficam só a firmeza e a união pra nós seguir. De repente, “tudo é nada e de repente nada é tudo”. Eu sei que o certo é nós nos encontrar uns aos outros e descobrir que a vitória é a sabedoria e nada mais! O resto é rolo! E lá na frente nós vamos ver uma coisa, mesmo que a gente não queira, nós vamos ver.

Dando mostras de que já estava cansado, querendo arrematar a conversa, o Padrinho começou a cantar um hino:

Meus irmãos e minhas irmãs  
Façam o favor de ir se desenrolando  
Sou pequeno e tenho palavra  
Minha verdade eu estou mostrando.<sup>47</sup>

Fui me retirando, enquanto o Velho ainda debilitado repousava sua cabeça numa pilha de almofadas colocada sobre o braço da cadeira. Era assim que ele descansava nas fases de crise mais aguda. Ainda inchado por causa do edema, não podia sequer deitar-se, pois era acometido de tosse e uma sensação de sufocamento.

A Graça de Deus é dispensada aos seus filhos de uma maneira tão natural que às vezes passa mesmo por despercebida. Uma hora estamos com o coração sombrio e a causa disso nos parece evidente; em outra, mal conseguimos detectá-la. De repente percebemos o brilho do Sol, a harmonia da Natureza; e alguma coisa misteriosa infunde um alento e uma esperança nova no nosso ser, renovando a nossa aliança com Deus e com a vida, inspirando uma grande força de transformação e de ruptura com aquela letargia anterior.

Foi assim que tudo aconteceu. Um belo dia lá estava Seu Mota distribuindo bênçãos a um e a outro no meio do terreiro. Sua carinha, apesar de abatida, já estava sorridente. Vestia uma camisa de flanela, gorro e pantufas, o que não chegava a causar estranheza, pois mesmo o clima equatorial da nossa floresta também comporta um período de forte friagem durante o inverno, que o povo do Norte chama verão, devido à ausência de chuvas.

Quando a saúde do Patriarca melhorava, o astral da Vila mudava. A gente ia experimentando um grande alívio e uma mudança brusca no humor de todos nós. O dia-a-dia voltava a ser prazeroso, a floresta reassumia sua beleza e o seu perfume.

O cotidiano ia voltando ao seu eixo. As filas para pedir a bênção após a oração das seis horas, a visão do Padrinho passeando ininterruptamente da cozinha para o quarto e daí para a varanda, onde ficava proseando até voltar novamente para tirar uma soneca no quarto. Quando vi, já estava outra vez sentado na imensa cama reforçada, continuando a pauta das conversações espirituais. A cadeira onde ele passava suas maiores agonias já tinha sido retirada, e tudo recendia a flores.

— Pois é, meu filho — dizia ele —, andei meio lá meio cá, mas agora já estou melhor. É o peso de muita coisa que nós recebe, prin-



principalmente eu, que sou um aparelho preparado, burro velho que levava todo tipo de carga... dos outros! Mas tou com uma grande esperança, como venho falando, que com a ajuda de vocês e de todos nós vamos vencer, se Deus quiser.

— Mas desde Rio do Ouro que o coração tem sofrido um pouco, não é?

— É o jeito. Foram batalhas muito sérias. Eu tive que passar para poder ensinar hoje e evitar um pouco o sofrimento de vocês. Mas alguma coisa vocês vão ter que passar também.

— Ontem o senhor estava falando para nós sobre a dúvida e o medo, e que nós não podemos ter inimigos, não foi?

— É. E Graças eu dou à minha Virgem Soberana, que eu não tenho dúvida de ninguém. Não tenho dúvida, não preciso falar nada do Seu Fulano. Porque se eu for falar do Seu Fulano, o outro cabra espiritual está aqui do meu lado só me escutando, invisível. E eu aqui, de pé, me escutando e escutando ele dizer pra um outro camarada dele: Vamos lá falar pro Fulano que esse aí tava falando isso e aquilo. Esses seres são muito sérios; se eles não encontram verdade no que você está falando podem vir cobrar isso de você. Pode ter um também mauzão que diga assim: Vamos lá balançar ele. Eles chegam e pegam pra valer mesmo.

— Então é preciso ter muito cuidado com eles, não é?

— É preciso muito cuidado na vida espiritual porque eles estão ouvindo tudo. Um dia, eu ia indo assim, bem atento, quando os cabra chegavam, eu já... Opa! E foi indo, foi indo, até que um dia chegou o meu e eu não tive mais dúvida:

Estou aqui

Ouçõ a voz do deserto

Todo mundo esteja alerta

Não se sabe aonde vai

No Paraíso

Deve estar direitinho

Caminhando bem limpinho

Na presença do meu Pai.<sup>48</sup>

— Isso aqui é para ter um respeito mesmo! — prosseguiu. — É um paraíso! Tá tudo dito, tudo! A gente é que pensa que não tem poder, mas tem, é só se conhecer. Enquanto isso, vive neste mundo

velho, preso por esta matéria, preso por outras coisas abastadas que nem pertencem à gente. Nunca se solta para ser um pássaro bem tenaz! Quem tem uma asa só não voa! Eu vi outro dia uma pombinha acolá, alguém tinha cortado a asa dela. Ela fazia vummm! E caía. Mesmo assim é aquele que vive sem ter o conhecimento. Preso por esta matéria velha, preso por besteira, preso por número zero! Zero noves fora, nada! A gente conta um, dois, três ainda tem alguma representação essa numeridade toda. Mas chega no dez começa essa história de zero, já não vale mais nada. Tirou o zero, já que ele não vale nada, ficou só um. Assim é você. Tá pelejando pra ver se chega a ter um conhecimento espiritual, mas é uma coisa uma hora, uma coisa noutra, não dá! Nega o negativo. Procura e não sabe onde está ele! Quando vê, só vê o diabo nos outros, nunca em você mesmo. Procura em você e não sabe onde está ele. Por isso que eu digo: Vamos ser igual a todas as coisas! Tanto faz material como espiritual. Respeitar tudo pra nós ser igual. Não vê uma lagarta? “Que lagarta feia”, eu já vou pensando. “Vou matá-la!” Não. Ela vai na viagem dela e eu na minha. Deixe que ela passe. É uma cobra, é um sapo, é o bicho feio que for. Não mexa com ninguém! Que...

Para amar e ter amor

É preciso conhecer

Deus em tua mente

Deus é teu saber.<sup>49</sup>

— Já que a Natureza cria tudo — continuava o Padrinho, emendando sua fala ao hino —, eu vou atrás. Vou me assombrar com alguma coisa? Não. Eu sou amigo de tudo, ninguém me faz mal. Ou tou mentindo? Eu sou amigo de todas as coisas, não tenho medo de Tranca-Rua, nem de Tranca-quarto, nem de Tranca-isso e Tranca-aquilo! Não tenho mesmo! Pra quê? Se *eu sou*, vou ter medo de quê? O melhor é espiritualmente nós conversar bem direitinho como é, como não é, como pode ser. Hoje acabou-se o Tranca-Rua, aquele que conhecemos. Já se foi, não é mais. Pode ter pros outros; pra mim que já conheci e venci não tem mais. Não existe mais Tranca-Rua! Mas se vocês querem seguir a vida espiritual, não falem de nenhum ser!

O fluxo das palavras do Padrinho, a graça e a ondulação com que ele nos ia levando na força de suas vigorosas imagens, abria nossa compreensão de um modo surpreendente. Com a sua extrema simplicidade e didatismo, ele discorria sobre temas intrincados da espiritualidade. Em alguns momentos me acudiam semelhanças em suas falas com passagens que iam desde Orígenes, passando por Mestre Eckhart e São João da Cruz. Com a vantagem de que ele não citava as passagens de um livro, ou melhor, citava sempre as passagens de sua vida, que era o livro aberto ali diante de nós. E o seu poder de persuasão era aquela criação ininterrupta que brotava do seu próprio conhecimento.

Quando o Padrinho sentia as energias voltarem, tornava-se loquaz. Tinha satisfação de transmitir o que sabia, e para cada um tinha um jeitinho especial de ensinar.

— Pois é, esta é a história do Satanás. Satanás é ele mesmo e não tem jeito. O camarada não tem consciência do homem, só tem consciência das besteiras. Se opõe a tudo, briga por isso e por aquilo. Rapaz, eu não sei nem conversar, porque eu vejo o mundo tão pequenininho diante da presença Divina! Que nem quando nós olha por um binóculo ao contrário, já viu? Fica tudo bem pequenininho, não é mesmo? E tem que ser bem pequenininho mesmo, porque quanto mais inchadão a gente tá, na ilusão e no orgulho, corre o risco de não passar pelo buraco da agulha. Mesmo os que descobrem alguma coisa e chegam a ter algum conhecimento, se forem orgulhosos vão morrer do mesmo jeito. Não adianta que não passa. O orgulho, a inveja e o ciúme são nossos grandes inimigos. São umas coisas que não carece de ter... Eu não tô falando dos outros não! Tô falando é porque já passei por tudo isso, que foi para hoje eu poder conversar e ensinar a vocês.

— A gente só aprende passando, mas depois que já aprendeu não precisa mais, só se gostar de ficar na baixaria, né?

— Faz que nem os cães, que vomitam e voltam pra comer aquela porcaria toda... Olha, eu vou dizer uma coisa pra vocês: Tudo pra nós é possível e nada é pecado!

Nesses momentos, a teologia do Padrinho Sebastião se torna ousada. Dava vontade de pedir para que ele falasse mais devagar para entender suas entrelinhas. Aquela frase do Velho — “Tudo para nós é possível e nada é pecado” — ficou na minha cabeça durante vários dias. Imediatamente me veio à memória a figura de Dimitri Karamazov, que resumia meio cinicamente a sua concepção de reli-

gião com a fórmula: “Já que Deus não existe, então tudo é permitido.” Esta máxima me inquietara muito, durante um período em que estivera compulsoriamente dedicado às reflexões e a filosofia. Agora, vários anos depois, eu via no rosto do Padrinho a encarnação perfeita do *staretz* Zossima, o bom monge desse livro de Dostoievski, invertendo a perigosa afirmativa de uma forma tão ousada quanto a original: Por Deus existir, é que para nós “tudo é possível e nada é pecado”. Longe de pregar o mesmo amoralismo com um verniz espiritual, ele estava querendo dizer que não havia vantagem nenhuma para quem, em nome de um conceito qualquer de moral ou para parecer bonzinho, evitasse encarar vivências que fossem trazer conhecimento. De forma muito mais simples, o velho Mota esclareceu minhas dúvidas com uma parábola.

— Essa história de pecado é que ninguém naquela época entendia a linguagem que o povo falava. Até hoje ainda é uma pelega pra se entender o que dizem os estrangeiros, mas naquele tempo era ainda mais difícil. Não tão descobrindo coisa até hoje? Não faz pouco tempo que descobriram o Evangelho do Tomé?

— O senhor fala dos manuscritos do Mar Morto? Era uma seita do Mar Morto, chamavam-se os essênios, se pareciam muito com o nosso povo e a época era também parecida, viviam todos esperando o Messias e o final dos tempos.

— Nós viemos de longe, o espírito vem de muito longe. Eu não sou um sabidão de letras, mas eu sei fazer uma canoa. Já muito doutor não sabe. Eu sei. Entro na mata, pego um pau, bato com o terçado para ver se ele é oco de cupim, faço um casco e vou-me embora pro outro lado do igarapé. E o cara, se não souber nadar, não vai, fica do lado de lá. Contam uma história que o Buda foi visitar um sábio que morava na beira de um rio. Chegou lá e tal, veio o cara e começou a falar de toda a sabedoria que ele tinha acumulado ali, meditando na beira do rio. Ai o Buda perguntou: “E o que é que tem lá do outro lado, na outra margem?” E o sábio respondeu: “Isso eu não sei, que eu nunca fui até lá.” Ai o Buda foi embora e disse: “Você não sabe de coisa nenhuma! Tava não sei quantos anos na beira do rio e nunca foi do outro lado ver o que é que tinha.” Pois é, meu compadre! A coisa é assim mesmo! A gente pensa que é muito sabido, mas “o saber Deus é quem dá”! Quando todo mundo souber que, materialmente falando, ninguém é nada, que tudo depende do espírito, aí é que vai realmente dar valor a si próprio, não é? Que a matéria é só com ignorância, coitada. Ela não é de nada mesmo.

Eu ouvia aquelas palavras, tomava minhas notas e avaliava minhas próprias experiências. Ia se tornando clara no meu coração a urdidura dos ensinamentos do Padrinho Sebastião e, através deles, a clareza e a simplicidade da Doutrina do Daimê, da Doutrina de Juramim, do Mestre Irineu.

Tudo era concatenado. A questão do Bem e do Mal nos impunha a compreensão do nosso canal mediúnico e a sua utilização correta. Daí, precisávamos estudar a natureza do Eu-Superior, como despertá-lo dentro de nós em meio aos outros "eus ilusórios" que tentam se apresentar como os donos do aparelho. Como o Padrinho tinha declarado em seu hino, cada um de nós era "a sala e o trono para o Mestre conversar". Onde o conhecimento espiritual possibilitasse ao Eu-Superior sentar em mais um trono, significava que a presença de Deus brilhava na Terra.

A inveja de Satanás pelo trono de Deus fazia com que ele inviasse o homem, esse templo vivo. Queria sentar no seu trono, isto é, dominar cada aparelho. Assim aconteceu, em um nível cósmico muito elevado, na época em que o Criador manifestou-Se. Assim acontece durante o breve tempo de manifestação da vida de cada criatura. Os opostos lutam em busca de uma síntese.

Depois de alcançada a natureza do nosso ser interno verdadeiro, devemos recordar progressivamente nossas encarnações. É o que o Padrinho chama de "lembranças do passado". Nosso foco principal de estudos sobre essas lembranças deve incidir sobre a época em que o Salvador da humanidade esteve encarnado em nosso meio e em outras passagens significativas onde esse testemunho foi pedido.

Cada um se localizando, achando o fio da meada, podemos esperar o cumprimento da promessa, o retorno dos tempos messiânicos, a volta do Cristo para a sua colheita. O verdadeiro Reino é espiritual, é interno, mas é necessária também uma prova na matéria. E existe sempre a hipótese de que uma geração (talvez a nossa própria?) assista a tudo isso com os seus próprios olhos, pois nesse dia serão julgados os vivos e os mortos.

Mesmo que não tenhamos uma vidência retroativa sobre nossas vidas passadas, devemos intuir nas situações presentes quais são os padrões de comportamento e condicionamentos mentais que devem ser evitados, por serem fruto de um mau karma adquirido anteriormente.

A lembrança do passado é um mergulho vigoroso nas brumas da memória espiritual, naquilo que os antigos teosofistas chama-

vam "as crônicas de Akasa". Reconstruir a nossa trajetória, obter um esclarecimento e um perdão que ainda falte para estarmos preparados para o dia da Audiência e do Julgamento, que outros chamam de purificação, ou de evacuação da crosta.

Portanto, das lembranças do passado nós passamos para as lembranças do futuro. Se ainda não se manifestou em nós o que devemos ser quando voltar o Messias, já ouvimos no nosso coração o eco desse conhecimento espiritual eterno, que nenhum tempo aprisiona e que pode nos levar à realização do nosso Ser Divino. Lembramo-nos então do que ainda irá acontecer, pois temos a memória espiritual das outras vezes em que isso já aconteceu: Atlântida, dilúvio, essênios, incas... De forma total ou parcial, já temos vivido esse julgamento desde os tempos mais remotos. E cada fim, na realidade, é um novo começo.

O tempo em que vivemos é o fechamento de um grande ciclo, e a cobrança, nesses casos, é muito séria. Daí o anúncio da ceifa, da colheita, da separação do joio e do trigo. O joio vai ser jogado no fogo da extinção, cujo resultado é a morte. E aquilo onde prevalecer o amor e a sabedoria é o trigo, que será guardado nos celeiros da vida eterna.

Portanto, vamos seguindo além das fases preliminares da nossa experiência espiritual, do processo gradativo da quebra do ego, dos condicionamentos kármicos e dos entaves da personalidade e do caráter, até chegarmos ao ponto da unificação do negativo e do positivo e à transmutação do inferior para o superior. Liberando e desobstruindo o nosso canal mediúnico, trabalhando nossos níveis de percepção e de consciência até conseguir separar o minério puro do Eu em meio às outras impurezas e resíduos da jazida. Daí, nos debruçaremos na varanda da intuição profunda, libertos das amarras do tempo material, para nos tornarmos mais conscientes de nossas encarnações. São as "lembranças do passado", diz um hino do Padrinho, uma tentativa de justificar ou reparar nossa posição diante do Cristo, de João Batista e dos demais personagens dessa história.

Devemos então canalizar o nosso esforço para o discernimento do futuro. No presente está o subjuízo, que nos prepara para a audiência final. Depois de unido o positivo e o negativo, podemos ver nossa luz brilhar. Este é o sentido alegórico expresso no hino do Padrinho:

Vivo aqui neste mundo  
Não devo nada a ninguém  
Vivo na terra de Deus  
Aonde Ele habita também

Vivo no Sol e na Lua  
Acendi meus castiçais  
Tenho uma vida suprema  
Pois assim o meu Pai faz

Vivo no Sul e na Lua  
Acendi meus castiçais  
Receba este de presente  
Pois este lhe satisfaz

Se este lhe satisfaz  
Receba no coração  
Esta prenda de amor  
Do meu Senhor São João.<sup>50</sup>

Eis aí um resumo da doutrina espiritual de Sebastião Mota, que ele não se cansava de repetir para nós, com a sua linguagem rica e bem-humorada de caboclo das matas. É um percurso ao mesmo tempo interno e externo, de grande significado esotérico. Para ser desenvolvido como uma verdadeira ciência de união e fraternidade, dentro de um enorme caldeirão: o laboratório comunitário. Esta comunidade, a *sangha* que serve de suporte para o *dharma*, é um despertar coletivo, cuja implantação é o alicerce material do reino. Mas é através do renascimento espiritual que está a “fundação do Reino”, no coração de cada um. Pois o Padrinho insistia em que devíamos sempre estar conscientes tanto do que somos na Terra como no Céu.

Isso tudo é uma longa caminhada, talvez a trajetória para toda uma vida de procura. O sacramento Daime é um aralho e um remédio. Ele encurta e esclarece uma coisa. Ajuda a que percebamos nossa própria identidade espiritual. Pois antes disso, relembrando as palavras do Padrinho Alfredo, sem essa compreensão “não adianta ter medo nem coragem no assunto”.

Como um remédio, o Daime age na forma de uma luz que ilumina a nossa falsa consciência, cicatriza feridas morais, restaura uma

serenidade onde antes imperavam angústias mal-identificadas, recordações dolorosas e obsessivas.

Já o renascimento espiritual é a outra pedra de toque do pensamento de Sebastião Mota. Que ele gostava de explicar com a imagem do pinto que tem de ter uma certa perseverança e força para bicar a casca do ovo e botar a cabeça de fora. Se o que é vivo não romper essa casca, que é a ilusão, não se funde nem participa na verdadeira vida.

A invocação do Daime dentro do nosso aparelho provoca uma grande limpeza na nossa casa, no nosso templo interior. Expulsa os desocupados e vagabundos que se acostumaram, devido às nossas fraquezas, a pernoitar no interior do nosso templo sagrado. Uma vez expulsos os cambistas e os vendedores de pomba, o sacramento Daime firma a nossa consciência para colocar o verdadeiro Dono no trono. Porque Deus, como diz um dos mais importantes hinos do Padrinho sobre esse tema, nos deu uma casa para nós escolhermos “aqueles que nos convêm”.<sup>51</sup>

O mais extraordinário de tudo é que essa bebida, que o Mestre Irineu afirmou ter um “poder inacreditável”, não gera apenas uma expansão de consciência por ingestão de alcalóides, mas amplia igualmente o nosso sentimento, desenvolve a nossa devoção, e disso tudo resulta a sensação de um conhecimento profundo e integrado, que harmoniza todos os níveis do nosso ser.

Por outro lado, a miração e o estado de êxtase nos proporcionam um grande poder de evocação sobre nossas encarnações passadas e uma nova luz que conduz nossa alma de volta pelo labirinto de suas velhas peregrinações pela matéria. Quando não nos dá uma vidência direta, facilita nossa compreensão sobre como agir diante dos padrões que adquirimos em nossas existências pretéritas. Fortalece-nos o discernimento sobre o agir no dia-a-dia, evitando a repetição de velhos erros. A compulsão de repetir erros é uma causa de grande estagnação espiritual e uma porta aberta para muitos tipos de obsessores, protagonistas de desequilíbrios neuróticos ou psicóticos.

No ritual, na iniciação, e durante toda a sistemática de trabalho espiritual que se abre nessa jornada sagrada do Daime, vamos aprendendo a mexer, com cada vez mais cuidado, nas peças e no tabuleiro deste Jogo Divino que é a própria vida, de uma forma cada vez mais profunda e com um objetivo cada vez mais claro. Gradativamente, o nosso ser e estar no mundo vai se afinando com as

leis superiores que regem a nossa evolução espiritual e os seus vínculos com a matéria.

A Doutrina nos convida ao mergulho interior e à realização exterior, pela senda que leva ao arrependimento e que evita a culpa. O reconhecimento dos erros desenvolve a capacidade de perdoar, a si mesmo e ao próximo.

Os caminhos e as opções que a miração nos coloca são vivências profundas que não podem ser, à semelhança do êxtase ou do *samachi*, descritas por palavras. Mas não é uma graça meramente extática como em uma meditação. Contém também um elemento dinâmico. É um êxtase que nos colhe, independentemente de nossa vontade, com a qual nós também somos obrigados a escolher e decidir durante o percurso da "viagem".

Por tudo isso, consideramos o trabalho espiritual desenvolvido com o Daime uma jornada sagrada. Ele pode nos libertar de muito karma, mas para isso precisa também do nosso esforço. A luta pelo renascimento espiritual precisa ser sentida de um modo semelhante às dores do parto. Cada recém-nascido é uma luz nova que brilha e que ajuda a que outros se achem.

Essa é a missão que os seres divinos presentes nas plantas sagradas estão trazendo nesse final de milênio. Uma luz que vem da floresta e que estamos tirando abaixo da cama e colocando no alqueire, para iluminar o caminho dos que seguem por esse atalho.

Não queremos ofender nem escandalizar ninguém. Nem mesmo julgar os preconceitos de quem não sabe diferenciar um caminho espiritual, talvez o mais antigo de todos, de uma alucinação ou de uma curtição psicodélica. Mas os atalhos são criados quando o tempo que nós temos para chegar é curto.

Fala-se muito, hoje em dia, de final dos tempos, apocalipse etc. Dos que falam, muito poucos realmente acreditam no que estão falando. O Mestre espiritual presente no veículo sacramental Daime, que nós invocamos pelo nome de Juramidam, nos fala através da miração, que é a sua linguagem. Por ela, somos instruídos progressivamente para esse encontro tão esperado. Tanto no que diz respeito à salvação quanto à libertação interior, *moskha*.

Todos aqueles que buscam, com linguagens e práticas diferentes, o mesmo objetivo um dia poderão ver confirmadas as suas esperanças de que, livres de certas amarras físicas, nos tornaremos intimamente cada vez mais conscientes do que se passa nos planos cósmicos mais elevados, assim como nas dimensões suprafísicas da existência.

Esse caminho, no coração e na mente de cada um, é o cenário interior da Nova Jerusalém que o Padrinho Sebastião lutou a vida inteira por edificar nos seus discípulos e afilhados. E a floresta é o cenário externo para a santificação e a consagração de um povo. A chamada para essa reunião e para esse encontro não é feita com trompas e fanfarras. É um som de cristal, dentro do mais profundo da nossa consciência. Exige que nós prestemos muita atenção para ouvi-lo. Isso porque o poder de Deus é surpreendente. Como diz o hino:

Eu sou pequenino  
Mas dá pra se ver  
Sou o Infinito  
Para quem perceber.<sup>32</sup>

ra o povo do Daime o estigma de "seita consumidora de drogas" e trouxe uma preocupação que não havia desde a época das duas comissões que visitaram Rio do Ouro em 1982 e Mapiá em 1984, respectivamente. Nas conclusões finais de ambas fala-se da seriedade do trabalho espiritual desenvolvido na comunidade e da "idoneidade e capacidade produtiva", que a fizeram inclusive objeto de várias recomendações das autoridades militares, Governo do Acre e instituições acadêmicas, para que fossem resolvidos definitivamente seus problemas fundiários junto ao Incria.

Mas foi em 1986 que a abordagem do fenômeno do Daime/vegetal/*ayahuasca* teve uma mudança significativa, com a criação, pelo Confên, de um grupo de estudos, presidido pelo Dr. Domingos Bernardo, com o objetivo de fazer um levantamento de campo e uma pesquisa interdisciplinar junto às diversas comunidades e centros usuáries da bebida.

Carecia de qualquer fundamento científico e mesmo feroquímico a portaria burocrática que incluiu a *harmina* e a *dimetiltriptamina* entre as substâncias consideradas ilegais, juntamente com o clordato de cocaína, heroína e demais psicotrópicos. Apoiava-se apenas em vagas referências bibliográficas e no coro de um certo *lobby* antidrogas, com uma concepção preconceituosa e às vezes paranoica, capaz de confundir questões tão diversas como tráfico e consumo de drogas e rituais de cunho espiritual.

Além do mais, essa súbita inclusão das substâncias psicoativas do cipó e da folha, ao lado de outros psicofármacos de circulação proibida ou controlada, se mostrava tendenciosa quanto ao seu aspecto principal. Pois mesmo que eles fossem considerados, isoladamente, substâncias danosas à saúde física e mental dos usuáries, nenhum estudo fora feito até então sobre o composto resultante da cocção do vinho da *Banisteriopsis caapi* e da *Psicotrya viridis*.

Precisamente nesse ponto, as pesquisas químicas mais recentes têm revelado dados muito significativos. Uma das características mais curiosas da DMT é que ela não é ativa oralmente, devido ao efeito de uma enzima conhecida como *monoaminoxidase (MAO)*, presente nos tecidos periféricos. Já os alcalóides do grupo dos *betacarbolinos* (a harmonia e a harmalina contidas no cipó), além dos seus próprios efeitos expansores, são agentes inibidores dessa enzima, tornando a DMT oralmente ativa. Porém sua atividade oral torna-se regulada dentro dos limites compatíveis com a capacidade de absorção do organismo humano, impedindo a intoxicação excess-

## Capítulo X

# FEITIO: DESEJO DE DEUS, AÇÃO DOS HOMENS

O ano de 1986 ficou marcado como um ano de muito apuro e balanço para o povo do Daime. Uma portaria da Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde incluiu a *harmina* e a *dimetiltriptamina (DMT)* na lista de substâncias proscritas. Respectivamente os principais alcalóides contidos na melpigácea *Banisteriopsis caapi* e nas folhas da rubiácea *Psicotrya viridis*, ambos foram considerados elementos psicoativos perigosos. Perigosos para quem? Pelo menos para uma determinada concepção de homem, saúde, cultura e natureza desenvolvida no interior de laboratórios e que tem pretensões de deduzir em tubos de ensaios a complexidade fenomenológica do uso das plantas sagradas no seu contexto ritual.

As substâncias "suspeitas" tiveram seus alcalóides postos a prêmio, da mesma forma que os traficantes mais famosos têm suas fotografias fixadas em cartazes nas delegacias especializadas. Quando se utiliza esse enfoque, o problema se torna mais político e policial do que social e etnográfico. Por sorte, mesmo depois dessa súbita inclusão dos componentes da bebida sacramental Santo Daime na lista da Dimed, prevaleceu o bom senso no Conselho Federal dos Entorpecentes, órgão encarregado de legislar e decidir sobre o assunto.

Mas a proibição, mesmo que teórica, levantou novamente pa-

siva e possíveis danos a longo prazo. Todas as pessoas que comem o Daime sabem da impossibilidade de tomá-lo em quantidades muito superiores à dosagem normal dos rituais, devido ao seu forte efeito mimético.

Tudo isso descarta muitas confusões e silogismos primários, mesmo para aqueles que se aferrem aos argumentos químicos ou neuroquímicos. Mas todos os estudiosos sérios dessa área são unânimes em considerar que o fenômeno dessa bebida “que tem poder inacreditável” não pode ser analisado sem levar em conta os fatores culturais e antropológicos. Pois tanto a mente quanto a cultura são fatores importantes na transformação dos efeitos bioquímicos da bebida em experiências extáticas, revelatórias e proféticas, de enorme valor e transcendência nos planos psicológico e social.

A velha alcunha, um tanto pejorativa, de “plantas alucinógenas” vem cedendo espaço para denominações mais apropriadas como plantas de poder, plantas sagradas ou plantas mestras, em um reconhecimento implícito de que elas servem como mediadores das energias dos seres divinos.

A ciência milenar que usa tais plantas e que se desenvolveu provavelmente em várias partes do globo tem na Amazônia o seu último e mais significativo reduto.

Pesquisas arqueológicas feitas no Equador revelam que, pelo menos desde 3.000 anos antes de Cristo, essas plantas já eram utilizadas em cerimônias religiosas. Diversos artefatos de cerâmica foram encontrados nesses antigos sítios arqueológicos, inclusive pequenos copos adornados para a ingestão de alguma bebida cerimonial. Isso nos permite supor que o *ayahuasca* tenha sido recebido de forma divina ou mágica pelos deuses e divindades tutelares desses povos, em épocas remotíssimas, quicá em sua própria gênese cosmológica, conforme ainda hoje atestam os seus mitos mais antigos.

Tudo isto encerra um mistério profundo. Como puderam os antecessores dos atuais xamãs descobrir entre mais de 600 mil espécies vegetais essa quase centena de variedades psicoativas que até hoje são as conhecidas pela ciência? Como isso pode ter acontecido de outra forma que não a revelação espiritual? E, mesmo assim, a ciência teve que seguir os rastros dos relatos dos aventureiros e exploradores que precederam os etnógrafos e botânicos para iniciar seus estudos e pesquisas sobre os elementos químicos desses vegetais e seus poderosos efeitos na psique humana.

No caso do *ayahuasca*, essa indagação ainda se torna mais desconcertante, pois trata-se de uma bebida composta de duas espécies vegetais, cuja combinação potencializa e harmoniza o princípio ativo contido em cada um, propiciando a seus adeptos uma experiência extática *sui generis*.

Apesar da ausência de registros históricos, sabemos do uso do *ayahuasca* no Império inca. Se os incas não receberam diretamente de seus antepassados diretos este segredo, foi certamente no curso de sua evolução, dominação e incorporação de outros povos que eles acolheram essa prenda divina em seu panteão místico-farmacológico.

Porém, a primeira vez que o termo *ayahuasca* parece ter sido registrado pela história branca foi no século XVIII, por dois jesuítas que o descreveram como uma “bebida diabólica” usada em certos rituais pelos indígenas sul-americanos e capaz de fazer com que eles “percam a vida”!

Hoje vivemos em um mundo de contrastes cada vez mais acen-tuados. A religião e a ciência institucional modernas são faces da mesma moeda e alternam períodos de paz e de conflito. Antes, era o dogma religioso que se imiscuia nos assuntos científicos, fazendo acender as “luzes” das fogueiras da Inquisição. Agora esbarramos num novo mito: a infalibilidade de uma determinada visão de ciência, que se arvora em julgar desfavoravelmente o fenômeno da formação de uma nova consciência espiritual e religiosa através do uso ritual das plantas sagradas. Mas a retomada da ciência dos nossos ancestrais vem se apresentando, na verdade, como uma saída para a grave crise do planeta Terra nesse findar do milênio.

Paradoxalmente, esse mito científico contemporâneo, sucedâneo do obscurantismo religioso que imperou muitos séculos na cristandade oficial, teve sua origem num movimento denominado iluminismo. Isso prova que o culto da racionalidade, levado às últimas conseqüências, também pode produzir um pensamento trevososo e opressivo, um materialismo vulgar e insípido que nega tudo quanto é transcendente na saga humana dentro deste Universo.

Quanta diferença entre os nossos antepassados, ditos “primitivos”, e essa civilização de hoje, incapaz de ver a alma humana e de valorizar algo mais do que dinheiro, mercadorias e “técnicas”, até chegar ao ponto em que estamos, onde as engrenagens do poder político e as sutilezas cada vez menos sutis da mídia eletrônica transformam milhões de seres em autênticos autômatos sensualizados e

consumistas, manipulados por desejos e hábitos que são planejados para eles nos escritórios de propaganda e comunicação.

Os atuais sistemas civilizatórios, que ainda se agarram em meia dúzia de conceitos e garantias abstratas, em um roto ideal de cidadania e no exemplo de meia dúzia de almas nobres e idealistas, na verdade administram conflitos, mercados, ogivas nucleares, e crevem genocídios localizados com uma falta de escrúpulos digna de fazer corar os generais de Gengis Khan.

O Padrinho Sebastião não teria dificuldade de resumir esse quadro na sua simplicidade: "É o Satanás que anda solto no mundo!" Da mesma forma que a natureza inferior não é compreendida e ajustada em cada um, a resultante final desse desajuste, em nível planetário, é o caos e a desesperança. Pestes, guerras e epidemias são as grandes doenças da civilização atual que nos conduzem inexoravelmente à poluição, ao enlouquecimento e à morte planetária.

O mito científico convive com tudo isso de maneira dúbia. Alguns bem-intencionados dão murros em ponta de faca, mas nem todos têm condições de diagnosticar o mal em si, pois isso exigiria sair do campo epistemológico para assumir a experiência direta do autotocohocimento. O Padrinho Sebastião diria que o "sábio é aquele que consegue dominar o seu bichão".

Se a ciência não se espiritualizar, do mesmo modo como, no passado, os verdadeiros sistemas espirituais tiveram que se liberar de certos dogmas castradores, o resultado pode ser um Sinédrio Científico pairando sobre a consciência espiritual do Novo Mundo.

Uma opção nova precisa ser feita com urgência, e ela é espiritual. Se aquilo que denominamos Ciência e sua irmã mais nova, a Informação, não se dispuserem a ajudar nessa guinada espiritual da humanidade, pouca chance teremos de alcançar um resultado esperançoso. É preciso refrear os segmentos mais prepotentes do Saber e da Técnica, que estupram, dissecam a Natureza e querem fazer o mesmo com o Cosmos, apenas com a finalidade de deduzir das leis naturais novas aplicações belicosas e lucros. Se essa nova opção espiritual não for feita, muitas perplexidades nos esperam nesses mundos materializados ou em outros planos suprafísicos e etéricos onde a justiça Divina também tem jurisdição.

A negativa sistemática de se abrir intuitivamente perante o novo, que o conhecimento espiritual nos coloca, é um tipo de prepotência científica que demonstra bem a limitação desse procedimento. É semelhante a um servo que trabalha com afinco e consegue galgar

todos os cargos possíveis até se igualar ao administrador da vinha, mas sem nunca ter acesso ao senhor e dono do negócio. Pois quem apenas se preocupa com as exterioridades não é capaz de chegar à realização espiritual, que sempre é, simultaneamente, exterior e interior.

Sebastião Mota sempre insistia em que é preciso *ser* e nunca *parecer*. Um saber que só copia as exterioridades alheias carece de verdade espiritual. É um saber mimético que imita constantemente a cópia, sem jamais chegar à compreensão do Original nem ao significado que o Grande Arquiteto conferiu ao todo da sua Criação.

A Natureza, a Mente e o Cosmos continuam sendo, ainda hoje, mares desconhecidos por onde trafegam os novos argonautas do espírito em busca do pomo de ouro. Tudo que o homem já compreendeu, já fez ou já criou foi a partir da observação dessas três fontes. Diz um hino de João Pereira:

Das três fontes nobres

Eu tenho muito que contar

Um Rei e uma Rainha

E um Príncipe Imperial.<sup>53</sup>

A Natureza, por ter sido a primeira e mais explorada das fontes nobres, é a que sofreu mais os efeitos do processo humano de investigação e de conquista. O descaso pelas leis cósmicas universais, das quais depende a vida em seus vários planos, tem ocasionado reflexos cada vez mais irreversíveis, a ponto de sepultar precocemente formas de vida que nunca mais poderão ser conhecidas pelo homem.

Alguns depositam sua fé em grandes naves que irão promover a evacuação planetária no momento decisivo. Para outros, a saída está em um processo de transformação da consciência que leve os indivíduos, com base em sua própria experiência espiritual, a se conformarem e se prepararem ante o que está para chegar.

Uma saída global, institucional, civilizatória ou política em escala planetária já não parece possível. O que ainda resta é um profundo mergulho nas raízes do ser e uma retomada das formas de organização comunitária e solidária para ver se as sementes de uma nova vida mais espiritual e ecológica ainda poderão germinar e dar frutos nesta Terra. Assim teria início, quem sabe, esse novo mundo tão falado, habitado pela sexta raça, cujo nascimento despenderá



de uma grande purificação e a modificação gradual das relações entre os corpos físicos, astrais e etéricos.

Frente a uma questão tão séria quanto essa, da formação dessa nova consciência espiritual, é que a ciência ancestral, baseada nas plantas de poder, pode nos ajudar a descortinar o passado e o futuro, prestando um serviço inestimável para a humanidade neste tempo de transição.

Graças a Deus, nas últimas décadas, muitos cientistas e pesquisadores, seguindo as pegadas do grande botânico inglês R. Spruce, têm se debruçado com a reverência devida diante do mais completo e fascinante ecossistema do mundo, a Amazônia, com a finalidade de estudar as potencialidades dos vegetais sagrados no geral e do *ayahuasca*, *yagé* ou Daime em particular. Isso não se dá gratuitamente, mas pelo fato de que essa planta, que o hino diz ser "o professor dos professores", tem realmente muito a ensinar a nós, seus alunos.

Eu me lembravam de Rio do Ouro, na época da visita da primeira Comissão que fora estudar o fenômeno do Daime. Muita coisa se passara desde aquele tempo, quando conheci o Padrinho. Depois de algumas viagens a Brasília e reuniões com o Grupo de Trabalho do Confen, combinou-se uma série de visitas às igrejas e comunidades do Santo Daime no Sul do país. Terminada essa fase, o grupo rumou para Rio Branco, onde participou de trabalhos na sede na União do Vegetal, do Alto-Santo e da Colônia 5.000. Voamos depois até Boca do Acre e de lá fretamos as canoas que nos levariam a Céu do Mapiá.

Novamente o destino tinha reunido pessoas tão diferentes — juristas, psiquiatras, psicólogos, antropólogos e membros do setor de narcotráfico da Polícia Federal — que iriam travar contato com a bebida, a Doutrina e o povo do Daime.

Na véspera da viagem, em minha cama no Hotel Rosa do Acre, eu me lembrava das palavras do Velho Mota quando recebeu a Comissão pioneira de 1982: "Vocês não vieram aqui pra me conhecer, inclusive porque eu mesmo me conheço. Vocês vieram foi pra se conhecerem." O calor era grande, o ventilador fazia o mesmo barulho que um helicóptero, e era difícil decidir pelo barulho ou pelo calor.

Caminhei até a varanda que fica nos fundos do hotel e fiquei observando o cenário tropical. A confluência do Acre com o Pu-

rus, que nasce no Peru e, muitos dias mais abaixo, vai encontrar o Amazonas. Cada vez mais, no decorrer das viagens, esse cenário ia se tornando familiar. As barrancas do rio, as luzes da cidade, as casas de palafitas. Um país virgem e pioneiro, pobre e riquíssimo. Cercado pela mais bela e exuberante floresta do mundo. Jardim do Éden. Laboratório Sagrado onde seus antigos habitantes estudam há milhares de anos os segredos das plantas que falam à nossa consciência.

Mais que um resultado de abordagens metodológicas, o contato pessoal, as impressões do convívio e o conhecimento direto com o Daime eram os fatores que iriam influenciar a decisão do Conselho. Antes, porém, de iniciar essa pesquisa de campo, o Confen revogou provisoriamente a portaria da Dimed que interditará as substâncias psicoativas do cipó e da folha, ficando a decisão final para depois de concluído o relatório do grupo de trabalho.

De manhã cedo, partiram as três canoas. Antes de meio-dia chegamos à fazenda e, após uma pequena parada, seguimos pelo igarapé Mapiá, aproveitando a água para chegar à Vila ainda naquele dia. A visita da Comissão iria coincidir também com a realização de um grande Feitio de Daime, com a presença de delegações de centros e comunidades de outros estados.

Ao final da tarde estávamos desembarcando no porto da Vila, perto do casarão do Padrinho. A estrutura da ponte nova já estava armada, bem no local onde o Mapiá se encontrava com o igarapé Repartição. Para nossa tristeza, logo que colocamos o pé em terra, subemos que o Padrinho estava acometido de uma de suas mais fortes crises. Era óbvio que o Velho, além da insuficiência cardíaca propriamente dita, continuava a ser um médium sensível. E que às vezes a matéria sucumbia ao peso das emoções e das tensões inevitáveis desses tipos de visitas e encontros que ocorriam nos grandes feitos.

Durante o primeiro dia, ciceroneei os membros do Confen em seus passeios pela Vila. Ficamos bastante tempo na Casinha do Feitio, onde eles fizeram muitas perguntas sobre o preparo do Daime, que iria se iniciar alguns dias depois. A pedido deles, resolvemos apressar o término das obras a fim de que eles pudessem assistir ao início do Feitio. Só à noite é que fui até o quarto do Padrinho, ver se ele estaria em condição de me receber.

O encontro, como sempre, foi caloroso e forte. Mas assustei-me com o aspecto do Padrinho. Seus olhos, que normalmente brilhavam com vivacidade, estavam um pouco embaçados. E, apesar do esforço em sorrir, a expressão denotava várias noites de vigília. Pedi-lhe a bênção, desejei-lhe as melhores, ele perguntou pela família e pelos irmãos que ele conhecia lá da comunidade de Mauá. Só esse esforço parecia cansá-lo, de sorte que eu mesmo não quis prolongar a conversa.

O Padrinho tossiu um pouco, levantou-se com dificuldade e, abrindo os braços para o alto, segurou em uma travessa de madeira ali pregada com essa finalidade. Sua vida resumia-se a suportar estoicamente aquele sofrimento. Quando a sensação de sufocamento apertava, ele se agarrava ao pau, respirando forte e dilatando o pulmão, como se fizesse uma espécie de *pranayana*. Quando melhorava, sentava-se na cadeira de braços largos e cheia de almofadas. Era assim, sentado, a cabeça apoiada sobre as almofadas do braço, que ele dormia um pouco, enquanto nós montávamos guarda para que seu diminuto sono não fosse interrompido. Nessas horas, todos se aproximavam do quarto na ponta dos pés para perguntar pela saúde do velho patriarca.

Nesse clima aprênsivo, foi chegando o dia do Feitio do Santo Daime, que se constitui talvez no ritual mais importante e festivo da Irmandade, quando praticamente todos estão mobilizados para a realização da bebida sacramental que será consumida ritualmente por ocasião das festas do calendário, das concentrações e das curas. Para a realização do Feitio é necessário, portanto, uma grande união entre os membros da comunidade. Costuma-se dizer que, quando as enormes panelas vão para o fogo, todas as questões, todos os problemas estarão sendo cozinhados e apurados dentro delas, com vistas a serem transmutados e resolvidos.

Os membros da Comissão, principalmente os policiais federais, estavam muito curiosos em conhecer detalhes da engrenagem de produção e de abastecimento do Daime a todas as filiais. Explicávamos a eles que o trabalho era praticamente ininterrupto para os homens encarregados das pesquisas e da coleta do material. Muitos dias são gastos andando pelo interior da mata para localizar os “reizados”, jardins naturais onde florescem grandes quantidades do cipó da folha empregados na preparação da bebida. Às vezes, a pesquisa se baseia em alguma informação concreta, de alguém que conhece os espécimes empregados. Ou a indicação é dada pela própria

Natureza, no tipo de vegetação e de solo, ou na intuição dos mateiros. Sob o efeito do Daime e em harmonia com a floresta, acontece com frequência que estes homens sejam “conduzidos” até os cipós milenares e os grandes partidos de folha. Em alguns casos, a sorte e o acaso também intervêm, como na vez em que participei de uma dessas expedições, em 1983. O velho caminhão quebrou no meio da estrada que vai para Xapuri. Quando paramos no acostamento, só foi o tempo de ver o trançado das ramas de vários pés de jagube na copa das árvores, na outra margem da estrada.

Antigamente, a pesquisa e a coleta eram realizadas de forma simultânea. O batalhão se embrenhava pela floresta, com algumas poucas referências até obter o total de sacos desejados. Progressivamente é que a coisa foi se tornando mais complexa. Primeiro porque essas regiões onde havia grande incidência de jagube e rainha foram se tornando cada dia mais escassas, devido à coleta sistemática e às derrubadas pelos grandes fazendeiros. Por outro lado, o crescimento da irmandade e a fundação de novos núcleos exigiram uma produção progressivamente maior. Para fazer face a essa demanda, o próprio sistema de cozimento do Santo Daime passou por muitas modificações, visando a um aproveitamento máximo do material cada vez mais escasso. Descobriu-se que o mesmo bagoço podia ser recozinhado várias vezes, obtendo-se disso um Daime com a mesma força e a mesma luz daquele que se prepara na primeira apuração.

Foi a partir desse ano de 86 que se firmou o “Projeto Daime Eterno”, como o Padrinho Alfredo denominou, para que o nosso sacramento não nos faltasse, apesar de todas essas dificuldades. As pesquisas passaram a ser feitas com alguma antecedência, e o planejamento de produção, estoque e consumo passou a ser rigorosamente controlado. Cada centro estipula sua necessidade para o cumprimento do calendário oficial de trabalhos e arrecada o necessário para os gastos, obrigando-se a manter um controle em livro especial de todo o movimento de estoque e consumo, prestando conta da utilização de cada litro que lhe é confiado.

Os recursos obtidos em cada igreja são enviados periodicamente, de acordo com as necessidades do Projeto, a fim de subsidiar a compra de equipamentos (canoas, motores, material de selva, painéis etc.), além de combustível, gastos de alimentação e de manutenção dos membros da equipe. Uma percentagem do custo do Feitio é aplicada nos plantios do jagube e da rainha, como precaução para os tempos em que nossas plantas sagradas estarão ainda mais escassas.

Naquele agosto de 1986, estava tudo pronto para se iniciar a festa. Os carpinteiros davam os últimos retoques na Casa. Os membros do grupo de trabalho de Confen faziam perguntas e tiravam fotos. Fomos até o porto receber as canoas que traziam o material. O jagube vinha cortado em feixes com pedaços de uns 120 centímetros, e as folhas acondicionadas em sacos. Os homens vinham cansados, tendo passado a maior parte do tempo transportando os feixes e sacos de até cinquenta quilos, dos pontos da colheita até as canoas, o que às vezes durava até mais de uma hora de marcha pelos piques e varadouros. Isso sem contar as dificuldades para reconhecer o tipo certo do cipó e da folha, pois existem muitas variedades semelhantes, e só o mateiro experimentado consegue distingui-los com exatidão.

O Feitio é uma cerimônia carregada de grande simbolismo espiritual. É a maior prova e o testemunho mais eloqüente da idoneidade cultural e da pureza ritual da Doutrina do Santo Daimé. É um rito que remonta às origens dos povos indígenas que ainda hoje habitam a Amazônia Ocidental. É a produção de um sacramento.

Era muito importante o Feitio estar ocorrendo naquele momento, na presença dos estudiosos e pesquisadores que estavam ali para dar um parecer sobre a legitimidade e a legalidade daquele bebida ritual que alguns funcionários do Ministério da Saúde suspeitavam se tratar de um perigoso e potente alucinógeno.

Sendo uma festa e um rito iniciático para a produção de um sacramento, exige-se de todos os participantes um grande adestramento físico, mental e espiritual. O Feitio corresponde inteiramente à categoria de um ritual de iniciação, onde os conhecimentos são ministrados de uma forma progressiva, de acordo com a entrega e a capacidade de assimilação de cada um.

Nele, a busca da perfeição material conduz à realização da perfeição espiritual. A destreza, a inteligência, a memória e o domínio técnico sobre cada etapa do processo são capacidades essenciais em cada feitor.

São várias as fases do trabalho: localização, corte, transporte, lavagem, *catação*, *raspação*, *bateção*, cozimentos e apuração final do Santo Daimé. Cada uma dessas etapas exige bastante familiaridade com determinadas técnicas que vão ajudando a aperfeiçoar a beleza e o rendimento do trabalho. E que, por sua vez, estão relacionadas com o desenvolvimento de certos dons, qualidades e atributos que precisam ser aprendidos com os mais experientes, para

que se produza um Daimé que traga muita força e luz, completando em nossa miração a transformação pessoal que iniciamos no Feitio.

Cada etapa do processo se complementa na subsequente, sendo as metas finais a harmonia e a perfeição do trabalho. O Feitio é a alquimia espiritual por excelência. Nele somos feitores de um veículo sacramental para que se manifestem os seres da natureza e a força cósmica que é a expressão do Amor Divino.

Enquanto fazemos esse veículo material, estamos nos fazendo também, através dos vários estágios iniciáticos, do material para o espiritual e deste novamente para o material. Para quem trabalha no Daimé, o trabalho interior acompanha necessariamente o exterior. Todos são obrigados a desenvolver um elevado padrão de eficiência, responsabilidade, solidariedade, abnegação e lealdade durante o trabalho. Todos sentem como imperativo não abrigar ressentimentos e maus pensamentos a respeito de outros irmãos enquanto as panelas estão no fogo, porque essas vibrações penetrariam na bebida e a desarmonia seria sentida na miração.

No salão onde se cozinha o Daimé são exigidos silêncio total, concentração e muita consciência, sobre cada gesto e movimento que fazemos ali. Quando as vibrações ficam elevadas, o trabalho se desenrola como um balé harmonioso. O mundo interior e exterior se acham superpostos e sem dualidade. Somos obrigados a funcionar com precisão na matéria, enquanto recebemos a revelação pelo espírito. Os que permanecem nessa corrente vêem pela clareza, comunicam-se pelo pensamento e compreendem pela intuição.

Só se ouve o borbulhar da fervura e o chiado da panela. Era nessa hora do Feitio que o Mestre Irineu devia puxar seu hino:

Chamo cipó, chamo a folha, chamo a água  
Para unir e vir me amostrar.<sup>34</sup>

O resultado dessa união é algo mais do que uma beberagem. Algo mais do que o efeito de alcalóides sobre os nossos neurônios. O Poder que age sobre nossas consciências é também o próprio poder pelo qual conseguimos realizar esse Ser, que se expressa através da nossa própria perfeição.

Quanto mais doamos nosso ser, nessa entrega para o Divino, quanto mais nos esforçamos para superar nossas barreiras e limites, mais recebemos a graça da miração. A força Divina, expressa

na matéria através do efeito da estrutura molecular do alcalóide em contato com a química do nosso cérebro, gera uma energia que capacita a consciência a atingir a Espiritualidade, nos planos de percepção mais elevados e sutis.

Pelo fogo da fornalha são fundidas as moléculas da bebida sagrada. Da mesma forma, na fornalha do coração. Somos obrigados a crescer em amor e arte, na procura da máxima perfeição possível, em tudo. Essa é a própria essência do rito iniciático do Feitio.

A iniciação verdadeira não é como um diploma de dentista que se pendura na parede. Ela só acontece quando um limite real é transposto, simultaneamente na matéria e no espírito, na Terra e no Céu. E, por causa disso, uma nova forma de consciência e de saber espiritual brota do mais profundo da nossa experiência e se instala definitivamente em nosso ser. Uma luz que brota dos mananciais do Eu-Superior, que doravante vai nos conduzir até o fim da Busca.

Os membros da Comissão acompanhavam atentamente os trabalhos, mas certamente não podiam perceber o real significado de muito daquilo que viam. Esse era o segredo, o tesouro espiritual que o Cristo dizia estar aberto para todos aqueles que fossem mansos e humildes de coração. Este sempre o enxergariam, independentemente da forma ou do nome através do qual ele se expressasse.

Se alguns dos nossos visitantes alimentassem a fantasia de encontrar algo parecido com uma refinaria de coca, mesmo aquele pouco que podia ser compreendido era suficiente para destruir essa suposição. O que se realiza em um Feitio é a mais pura e genuína alquimia de um sacramento.

São várias, portanto, as etapas de um Feitio.

Ele começa nos ermos silenciosos da floresta, quando os cipós são cortados com toda reverência, dentro do seu hábitat, sob o olhar atento de todos os elementais, seres encantados e invisíveis que são seus guardiões. Transportados por grandes distâncias, quando chegam ao seu destino os feixes são cortados novamente, em pedaços iguais, de um palmo e meio. Algumas tribos indígenas justificam esse procedimento dizendo que dessa forma a miração é distribuída de forma igual para todos.

As folhas de rainha são espalhadas em lugar arejado, em algum bosque. Depois são catadas, uma por uma, pelas mulheres, que delas retiram impurezas, como pequenos animais, casulos etc. São

então lavadas cuidadosamente em grandes tambores, a fim de serem usadas nas panelas, misturadas ao bagaço e ao pó do jagube batido.

Já os pedaços de cipó jagube também receberão minuciosa limpeza por parte dos homens. É a *raspação*. Com um canivete ou uma espátula de madeira, limpa-se cada haste do cipó, principalmente nas suas reentrâncias. Quando o cipó é muito grosso, é destrançado para seu oco também ser limpad. Toma-se cuidado, entretanto, para não ferir muito a casca, onde se encontra a concentração maior do seu princípio ativo. Algumas tribos tomadoras de *ayahuasca* usam a casca do cipó, não aproveitando o miolo.

Nessa fase da *catação* das folhas e da *raspação* do cipó, treina-se a paciência e a destreza. As mãos trabalham rápido, enquanto a mente deve manter um padrão de mentalização elevado. A ponta da faca do aut discernimento deve correr também sobre a nossa mente, livrando-a de pensamentos impuros, a fim de que possamos nos aproximar das panelas da alquimia Divina.

Pela madrugada, o cipó é lavado, já limpo, para a *Casa de Ba-teção*. Doze homens comungam o Daime, sentam-se diante dos tocos e, com marretas que pesam em média dois quilos, iniciam a maceração do cipó, trabalho que pode durar várias horas, dependendo da quantidade do material a ser utilizado nos cozimentos daquele dia.

Essa fase exige, principalmente para os neófitos, a ultrapassagem dos seus próprios limites. O esforço físico empregado é grande, mesmo para pessoas acostumadas a fazê-lo. A *bateção* tem de se feita dentro de um mesmo ritmo, cuja cadência é dada pelo pulzador. As marretas são erguidas e baixadas ao mesmo tempo e produzem um mesmo e único som enquanto os hinos são cantados.

Depois de meticolosa investigação da *catação* e da *raspação*, passamos do convés, onde as brisas da miração nos trazem grande introspecção e serenidade, para o interior da casa de máquinas. De repente tudo muda. Estamos ali, como escravos remadores das galés, suados diante da caldeira no porão de um navio. Através do nosso próprio esforço físico e da necessidade de esvaziamento mental para poder cumpri-lo, sentimos então como é grande a responsabilidade de fazer o nosso barco singrar tanto as águas serenas como as tempestuosas. Compreendemos também que, quando estamos mirando belezas no convés, para que isso aconteça haverá sempre alguém na casa da máquinas, suando para sustentar toda aquela paisagem.

A atitude interior exigida na *bateção* é a de quem já perscrutou suas impurezas, esquadrinhou os vícios de sua mente, catou cada mau pensamento escondido em seu cérebro. Agora é a hora da firmeza e da perseverança, da renúncia e do sacrifício, para consagrar a transformação, para ultrapassar a parte mais difícil da jornada. Colocamos em cima do toco, para ser surrada, toda a nossa parte negativa sobre a qual meditamos e auto-analisamos durante a *raspação*. A marreta desce, o suor pinga e a respiração torna-se difícil, até chegar ao ponto em que a cadência e o ritmo da corrente ultrapassam os caprichos do ego que almeja “retornar ao convés”.

Um hino fala que “o Rei jagube está em massagem”. Os batidores são os ferreiros de uma oficina divina. Os tocos são como bignornas onde o metal incandescente é modelado. O cipó vai se desfibrando, e as suas fibras são as do nosso próprio ser.

Ao nascer do dia, o vegetal sagrado será macerado, reduzido a fiapos fibrosos e um pó fino. A matéria foi sacrificada em prol de uma transmutação. E a quebra do ego foi realizada não de uma forma metafórica como em outras iniciações, mas por meio das marretas. Ao peso do seu impacto, desfibrou-se o nosso ser cipó, em cima do toco. Até que a sua cadência foi abafando pouco a pouco nossas dúvidas, medos, pecados e culpas. Toda essa desestruturação, todo aquele pó espalhado pelo piso da casinha de *bateção* são as cinzas da fénix que vão para as panelas, e nesse cozimento nós renascemos de novo, purificados.

O sol já vem nascendo, dissipando a noite. O nosso barco está fundeado na enseada e o mar está sereno. As panelas estão sendo enchidas, alternando-se as camadas de cipó e de folha. Cipó, folha, água e fogo são os agentes físicos dessa fusão de moléculas que tem como resultado o veículo sagrado, Daime. A ele entregamos nossas melhores energias e vibrações. Trabalhamos arduamente, e o fruto do nosso esforço impregna o líquido da mesma forma que somos impregnados por ele, pelas vibrações do ser espiritual que habita nos cipós e nas folhas da floresta.

Essa é a divina alquimia realizada na fornalha durante o cozimento do Santo Daime. O material da véspera será cozinhado agora, enquanto começa novamente o processo da *catação* das folhas e da *raspação* do jagube para a *bateção* da madrugada seguinte. Os batidores tomam chá de cidreira e comem macaxeira. Em seguida, vão descansar enquanto os lenhadores chegam para abrir a lenha do dia.

No salão da fornalha ficam apenas os responsáveis pelos cozimentos e pela apuração do Daime. É a fase da atenção e concentração total. Empunhando grandes tridentes de madeira, chamados *gambitos*, eles vigiam a fervura, instruem o fogueiro e executam diversas manobras com o bagoço fervente, impedindo que o líquido derrame, queime ou ultrapasse o ponto em que deve ser retirado.

As panelas vão e voltam, numa coreografia sincrônica. Os gestos são precisos; as palavras, poucas. A atenção é total, para que não haja nenhuma confusão nem engano. Os cozimentos vão e voltam, são recombinados e recozinhados, resultando desse processo os vários graus em que o Daime é apurado para seu melhor rendimento.

A noite cai, as estrelas piscam. São as mesmas estrelas que piscaram para os maias e astecas em suas pirâmides, que talvez tenham testemunhado feitos realizados pelos incas, no tempo em que a floresta cobria praticamente todo o continente americano.

A Casinha do Feito transforma-se na miração de um templo de ouro. Ali o tempo está suspenso e o passado está sendo lembrado. Por um momento, vejo uma fornalha dentro de uma pirâmide de cristal. E a cena daquele momento transfere-se para a antiga Atlântida. Aquela é a mesma bebida usada há muitos milhares de anos, fonte de toda a sabedoria dos povos da floresta. Esse segredo está dentro dela. Escutamos no silêncio os ecos de um passado distante e lembramos quem somos, seguindo as pistas que estão dentro de nós mesmos.

As labaredas bruxuleiam na fornalha. O responsável pela apuração do líquido sagrado examina com o seu gambito o nível das panelas. Uma delas precisa ser “suspirada”, o que ele faz enfiando o gambito até o fundo, a fim de suspender o bagoço, e utilizando o joelho como uma alavanca. Em outra, ele afoga o bagoço no líquido cor de cobre fervente, até que fique encharcado e libere toda a fervura para cima. Detendo-se mais demoradamente na última panela, apalpa-a suavemente com o gambito, cheira demoradamente a fumaça. Todos estão concentrados em torno daquela fumaça, num clima de mistério e magia.

Depois de um período que varia entre um segundo e a eternidade, de acordo com a miração, o apurador bate com seu gambito três vezes na borda da panela, querendo dizer com isso que está fazendo a chamada do Sol, da Lua e das estrelas. Dois homens se acercam

A atitude interior exigida na *bateção* é a de quem já perscrutou suas impurezas, esquadrinhou os vícios de sua mente, catou cada mau pensamento escondido em seu cérebro. Agora é a hora da firmeza e da perseverança, da renúncia e do sacrifício, para consagrar a transformação, para ultrapassar a parte mais difícil da jornada. Colocamos em cima do toco, para ser surrada, toda a nossa parte negativa sobre a qual meditamos e auto-analisamos durante a *raspação*. A marreta desce, o suor pinga e a respiração torna-se difícil, até chegar ao ponto em que a cadência e o ritmo da corrente ultrapassam os caprichos do ego que almeja “retornar ao convés”.

Um hino fala que “o Rei jagube está em massagem”. Os batidores são os ferreiros de uma oficina divina. Os tocos são como bignornas onde o metal incandescente é modelado. O cipó vai se desfibrando, e as suas fibras são as do nosso próprio ser.

Ao nascer do dia, o vegetal sagrado será macerado, reduzido a fiapos fibrosos e um pó fino. A matéria foi sacrificada em prol de uma transmutação. E a quebra do ego foi realizada não de uma forma metafórica como em outras iniciações, mas por meio das marretas. Ao peso do seu impacto, desfibrou-se o nosso ser cipó, em cima do toco. Até que a sua cadência foi abafando pouco a pouco nossas dúvidas, medos, pecados e culpas. Toda essa desestruturação, todo aquele pó espalhado pelo piso da casinha de *bateção* são as cinzas da fénix que vão para as panelas, e nesse cozimento nós renascemos de novo, purificados.

O sol já vem nascendo, dissipando a noite. O nosso barco está fundeado na enseada e o mar está sereno. As panelas estão sendo enchidas, alternando-se as camadas de cipó e de folha. Cipó, folha, água e fogo são os agentes físicos dessa fusão de moléculas que tem como resultado o veículo sagrado, Daime. A ele entregamos nossas melhores energias e vibrações. Trabalhamos arduamente, e o fruto do nosso esforço impregna o líquido da mesma forma que somos impregnados por ele, pelas vibrações do ser espiritual que habita nos cipós e nas folhas da floresta.

Essa é a divina alquimia realizada na fôrnalha durante o cozimento do Santo Daime. O material da véspera será cozinhado agora, enquanto começa novamente o processo da *catação* das folhas e da *raspação* do jagube para a *bateção* da madrugada seguinte. Os batidores tomam chá de cidreira e comem macaxeira. Em seguida, vão descansar enquanto os lenhadores chegam para abrir a lenha do dia.

No salão da fôrnalha ficam apenas os responsáveis pelos cozimentos e pela apuração do Daime. É a fase da atenção e concentração total. Empunhando grandes tridentes de madeira, chamados *gambitos*, eles vigiam a fervura, instruem o fogueiro e executam diversas manobras com o bagoço fervente, impedindo que o líquido derrame, queime ou ultrapasse o ponto em que deve ser retirado.

As panelas vão e voltam, numa coreografia sincrônica. Os gestos são precisos; as palavras, poucas. A atenção é total, para que não haja nenhuma confusão nem engano. Os cozimentos vão e voltam, são recombinados e reconzinhos, resultando desse processo os vários graus em que o Daime é apurado para seu melhor rendimento.

A noite cai, as estrelas piscam. São as mesmas estrelas que piscaram para os maias e astecas em suas pirâmides, que talvez tenham testemunhado feitos realizados pelos incas, no tempo em que a floresta cobria praticamente todo o continente americano.

A Casinha do Feito transforma-se na miração de um templo de ouro. Ali o tempo está suspenso e o passado está sendo lembrado. Por um momento, vejo uma fôrnalha dentro de uma pirâmide de cristal. E a cena daquele momento transfere-se para a antiga Atlântida. Aquela é a mesma bebida usada há muitos milhares de anos, fonte de toda a sabedoria dos povos da floresta. Esse segredo está dentro dela. Escutamos no silêncio os ecos de um passado distante e lembramos quem somos, seguindo as pistas que estão dentro de nós mesmos.

As labaredas bruxuleiam na fôrnalha. O responsável pela apuração do líquido sagrado examina com o seu gambito o nível das panelas. Uma delas precisa ser “suspirada”, o que ele faz enfiando o gambito até o fundo, a fim de suspender o bagoço, e utilizando o joelho como uma alavanca. Em outra, ele afoga o bagoço no líquido cor de cobre fervente, até que fique encharcado e libere toda a fervura para cima. Detendo-se mais demoradamente na última panela, apalpa-a suavemente com o gambito, cheira demoradamente a fumaça. Todos estão concentrados em torno daquela fumaça, num clima de mistério e magia.

Depois de um período que varia entre um segundo e a eternidade, de acordo com a miração, o apurador bate com seu gambito três vezes na borda da panela, querendo dizer com isso que está fazendo a chamada do Sol, da Lua e das estrelas. Dois homens se acercam

silenciosamente, cada um por um lado da fornalha. Passam uma corda em cada alça da panela, atravessam por elas um pau e a suspendem. Uma labareda de fogo salta para fora. O hino proclama: "Todo esse mistério/Dentro da panela está."

A panela é levada ao cocho para ser escorrida. Novo silêncio e concentração, quebrada pelo baque surdo da panela sendo derrubada no estrado no cocho, enquanto pelo outro lado alguém segura o bagoço com um aparador de madeira. É impossível pensar que esse líquido é uma droga, e não um sacramento Divino.

Tudo isso se passou nesta noite, com a presença dos especialistas enviados pelo Confen para dar um parecer sobre o uso ritual do Daimé. Enquanto o Feitio transcorria na fornalha sob o comando do Padrinho Mário, escutávamos o hino:

Todo esse mistério  
Dentro da panela está  
Este é um segredo  
Que somente meu Pai dá

Essa é a ciência  
Maior do que essa não há  
Esse é que é o Poder  
E quem quiser que venha cá

O mestre mandou eu dizer  
Que é para todos escutar  
Poder maior que o fogo  
Eu duvido de que há

O Daimé que eu mandei descer  
É para todos observar  
Que ele é folha, cipó e água  
Mais o fogo que ali há

Toda maravilha  
Que borbulha no cipó  
É graças ao fogo  
Lá do segundo andar

Dentro da fornalha  
Há um reino subterrâneo  
Pedi licença e fui entrando  
Até dentro da Mãe Divina

A Ela eu agradeço  
Toda essa lembrança  
Seu carro vai passar de novo  
E eu quero estar *avante*.<sup>55</sup>

se com os dos padres do deserto. Conta-se no *Livro de Sentenças* que um irmão procurou o famoso Abade Poemão e perguntou: "Alguns irmãos estão morando comigo, queres que eu os governe?" O ancião retrucou: "De modo algum. Age primeiro e, se eles desejam viver, eles próprios hão de pôr as lições em prática." Voltou a dizer o irmão: "Abba, são eles que querem que eu os governe." Respondeu o ancião: "Não. Torna-te um modelo, não um legislador."

Era dessa forma que o Padrinho Mário gostava de agir. Nossa atenção era sempre despertada para o modo como ele agia diante de cada questão espiritual que lhe era apresentada. Foi portanto muito grande a minha tristeza quando o velho Mário se ausentou da matéria naquela manhã ensolarada de 4 de agosto de 1986, em pleno Feitio, com as panelas no fogo cozinhando toda aquela intensidade. Seu fígado suportara desde a mocidade incontáveis malárias e muitas hepatites. Nos últimos anos, as crises tinham piorado. Mas tudo foi tão rápido que quase não deu para perceber. Ainda na véspera dele se acamar, tinha vindo à Casinha e passado o dia conosco enquanto apurávamos o Daime. Já à noite, no final do trabalho, sentamos em um tronco debaixo de um pé de jagube. Ele me contou um segredo, reafirmou para mim uma conversa que tínhamos tido tempos antes e onde ele me recebera como um filho. E se despediu de mim dizendo o seguinte:

— Hoje foi quando eu vi verdadeiramente que a obra de Deus é mesmo perfeita e maravilhosa, tá sabendo? Não tenho nenhuma dúvida, graças a Deus, tudo está acontecendo direitinho como é para acontecer.

Na hora, não vi nenhum significado especial no que ele falava. Depois que tudo aconteceu é que entendi que aquele momento tão mágico e tão intenso havia sido uma despedida. Nesse dia ele me falou da minha missão, da dele, que elas se completavam, que todas as missões espirituais eram complementares, que na verdade eram uma mesma e única missão.

Dois dias depois, acordei cheio de presságios. Levantei-me com uma necessidade imperiosa de ir até a casa onde o Padrinho Mário se encontrava. No caminho, os pressentimentos foram aumentando. Cruzei com alguém que já estava indo para a Vila a fim de chamar o médico.

Quando cheguei foi o tempo de vê-lo exalar o último suspiro. Ainda colocamos mais algumas gotas de Daime sobre seus lábios, mas a vida consciente já havia se desvinculado daquele corpo

## Capítulo XI

# O RENASCIMENTO ESPIRITUAL

Os membros do Confen partiram bem impressionados com tudo que viram, sentiram e aprenderam. Mais uma vez, com a graça de Deus, as autoridades que nos visitavam saíram nossos amigos, ambas as partes se beneficiando do mútuo e intenso convívio humano. O Padrinho melhorara um pouco e surgira a idéia de aproveitar o pretexto das Últimas crises para levá-lo ao Rio fazer exames e repousar um pouco.

Mas, quando as canoas partiram, muita coisa ainda estava para acontecer naquele Feitio. Sem dúvida, a principal e mais forte delas foi a passagem do Padrinho Mário Rogério da Rocha.

O Padrinho Sebastião era de uma altura tão grande que, apesar de sua extrema simplicidade, não ousávamos fazê-lo perder seu tempo com dúvidas e hesitações mais grosseiras. Já o Padrinho Mário era meu confidente. Como patrono e instrutor dos recrutas do "Batalhão da Última Hora", era quem partilhava mais da nossa intimidade. Em seu QG em Rio Branco, ouvia nossas bobagens, mediava nossos conflitos e choques de ego, ajudava a reconciliar os casais e nos dava conselhos valiosos.

Sua filosofia espiritual se resumia em dar o exemplo. Não gostava de fazer proselitismo nem defender princípios doutrinários. Dizia que "ninguém doutrina ninguém". E que somente quando a verdade transparecia por alguém que a realizasse é que ela podia ser imitada e compreendida. Seus ensinamentos nesse ponto pareciam-



material. Em volta do corpo, as mulheres cantavam os hinos da Missa.

É difícil precisar o grau de intencionalidade de um homem de conhecimento no tocante à sua passagem, “a última dança do poder”. Acredito que eles se colocuem disponíveis para a colheita e que esse voluntariado está longe de se assemelhar ao narcisismo invertido de uma suicida. Pelo contrário, significa o ápice de um apotolado radical da caridade, um sereno holocausto, uma concordância consciente com o destino quando ele se apresenta de uma forma irrefutável. Além desse segredo, o Padrinho Mário levou também consigo muito do peso, das doenças e do apuro que o Feitio estava trazendo.

Dias depois o Feitio se findou. Já quase na hora das canoas partirem, reunimo-nos na Casa da Estrela para a reunião final e a avaliação do Padrinho Alfredo sobre os resultados do nosso trabalho:

— Apesar de todos os atochos, eu estou satisfeito com o trabalho do Feitio e espero que vocês também estejam. E que a gente preste atenção para que o próximo Daimé tenha o dobro da força que esse tem. Até lá vamos dar força nos pensamentos, na matéria e no espírito, para que a vida vigore. Está em todos nós essa chave que é a sabedoria e está contida nesse líquido que fizemos e em tudo que a Natureza criou. Quanto maior a nossa entrega maior a sabedoria nele e em nós. Sendo que, se não soubermos penetrar, vemos tudo, mas não conhecemos. Porque Feitio para nós encerra tudo, sabe? Feitio significa vontade de Deus e ação dos homens!

— Mas os homens saíram satisfeitos.

— A Verdade é certinha como Ele é. Não necessariamente como eles percebem. Mas tinha momentos que eles tavam percebendo mil coisas da gente também. Naqueles momentos, a miração não nega nada a ninguém e se nós estamos apresentando a coisa, temos que apresentar correto para o Daimé ser visto no Astral como ele é correto e dessa forma ser respeitado, sem ter nenhum problema. Tanto eu como papai estamos tranqüilos. Porque a lei também tem um domínio, e se este domínio da lei está possibilitando botar o Daimé num termo, é porque Deus está querendo botar o Daimé num termo

— Mas por outro lado eles precisam entender pelo menos um pouco o que é que eles viram sem confusão com o uso de drogas e alucinógenos — falei.

— É. Temos que estar preparados e sempre acreditando muito no que estamos fazendo, ajudando os espíritos a se curar. A polícia, a lei, pode querer pegar o Daimé, examinar, prender, proibir. Mas aí pega um ou outro. Cada um tem que saber que está segurando o Divino com a sua própria vida, com o seu próprio exemplo. A tal da lei que veja aquilo e respeite, sinta essa força no nosso povo enquanto um todo. Então tá em nós, tá no nosso coração, tá na nossa concordância com a lei, tudo direitinho, não tem nenhum enganado. Vamos seguindo a consciência e a verdade porque essa é a maior lei, e uma vez ela cumprida, todo o resto vem.

Aproximava-se a hora da partida. Pedi que todos nos dirigissemos até o campo santo, que ficava do lado da Estrela, para a despedida final do Padrinho Mário. O Padrinho Alfredo ainda lembrou:

— Quando a Comissão partiu ele pensava em viajar junto com ela, acompanhá-la até Rio Branco. No último instante ele veio até meu quarto e me disse que não ia embora não, ia ficar para ir “no último pau-de-arara”.

Todos que iam viajar ficaram em volta do túmulo em silêncio e em grande emoção. O Padrinho Alfredo tomou a palavra:

— Perante esse Sol que nos ilumina, estamos aqui para fazer essa despedida ao Sr. Mário Rogério em espírito, no sétimo dia de sua passagem. Pedindo ao seu ser Divino, colhido aqui por essa doutrina, em pleno Feitio no Céu do Mapiá, para que continue nos ajudando espiritualmente, da mesma forma que sempre nos ajudou materialmente. Isso porque quem conviveu com Seu Mário sabe o quanto ele nos ajudou e o peso que segurou em sua casa, recebendo toda sorte de pessoas. Que ele continue a desenvolver esse contato com esse Círculo Protetor de que ele fazia parte e que ele possa continuar a nos dar confirmação de muita coisa que não é mais material mas que continua sendo parte do nosso programa espiritual. Falando do Seu Mário eu estou falando do Feitio, porque ele foi a peça essencial do nosso Feitio. Foi não. É! Porque esse Feitio ficou marcado pela passagem do Senhor Mário Rogério da Rocha, e lembrança desse ser tão querido que desencarnou está nos nossos corações, está nesse Daimé que iremos beber quando cada um chegar em suas casas. No mais, muita tranqüilidade e alegria em nossa vida para tocarmos o nosso Projeto Eterno, nosso Santo Daimé Eterno, para a eternidade. Muito obrigado, Alex, obrigado a todos os que se fizeram presentes. Incentive o povo a ser cada vez mais forte em tudo e em breve estaremos todos juntos, no Sul, inclusive eu e o Velho.

A palavra foi passada para mim. Depois dos agradecimentos finais, me limitei a pedir um minuto de silêncio e que cantássemos um hino do Padrinho que era o preferido de Seu Mário. E todos cantamos com muita emoção:

Meus irmãos e minhas irmãs  
Façam o favor de ir se desenrolando  
Sou pequeno e tenho palavra  
Minha verdade eu estou mostrando.<sup>47</sup>

Confirmou-se a impressão de que o Padrinho Mário tinha levado consigo algumas das coisas negativas que eram as causas espirituais da doença do Padrinho. Aos poucos ele foi se recuperando de mais essa grave crise e, depois de muita insistência de nossa parte, consentiu em viajar para Rio Branco. Passou algumas semanas por lá internado e, como combinado, viajou posteriormente para o Sul para um melhor acompanhamento médico. Tivemos portanto esse prazer e essa alegria da visita do Padrinho Sebastião em nossas igrejas e comunidades, que, apesar de separadas por quase cinco mil quilômetros, estavam tão próximas do seu coração. Caminhamos pelo mar, pelas montanhas, por novas e desconhecidas paisagens, mas nada substituiu para ele a sua saudosa floresta.

Em fevereiro de 87, depois que já estava bem recuperado e gordo, voltamos com o Padrinho para Mapiá. Uma comitiva de quase cinqüenta pessoas o acompanhava nessa viagem de barco de Rio Branco até Boca do Acre. O Velho foi instalado no convés de cima, na cobertura. O comandante teve que insistir energicamente para que todo mundo não subisse ao mesmo tempo no segundo andar, pois corria o risco da embarcação adernar. Mas todos queriam estar ao lado do seu Padrinho.

Seu assunto predileto era a vida nas cidades. Ele gostara muito do povo, de conhecer tantos afilhados novos que nunca tinha visto antes. Mas sua opinião sobre as multidões que viviam “trepidas em cima dos edifícios” já não era tão lisonjeira. Falava:

— Virge, todo mundo espremido naquelas gavetas uma em cima das outras... Só sabem andar de carro pra cima e pra baixo, até para ir pra esquina não sabem mais andar de pés... compram tudo num tal de supermercado e não plantam absolutamente nada. Isso pode lá dar certo? Eu não conheço nenhum legume que dê bem no asfalto, e a areia da praia de Copacabana não é que nem a do Pu-

rus, que dá tudo. No máximo dá é gente pelada. Quando a coisa apertar vai ser um Deus nos acuda!

Todos riam dos relatos do Velho. E o não menos velho barco fazia uma curva na praia do Acre. O sol poente aparecia ora à direita, ora à esquerda, na frente ou atrás do barco, devido às grandes voltas que éramos obrigados a dar. Lá ia eu novamente imerso nas minhas reflexões e meditações. Esse último Feitio mais a passagem do Padrinho Mário encerraram um ciclo. A expansão da nossa Doutrina, a luta pela legalização do nosso sacramento, a nossa organização material, tudo era um grande e novo desafio que estava se colocando diante de nós.

A montagem dessa engrenagem espiritual e material parecia dia a dia mais complexa. Era preciso vencer muitas resistências e apelos, dos quais o maior deles talvez fosse o apego às muitas facilidades e ilusões do “mundo moderno”. Em algumas horas eu sentia o Padrinho me desafiando, testando minha entrega e desprendimento, exigindo de mim uma certa urgência na nossa opção de ir para a floresta. Outras vezes ele mesmo é que ponderava, pedia calma, refreava nossos arroubos, dizia que ainda tinha muita coisa para ser feita por nós lá no Sul. Era tudo muito sutil, e era preciso muita atenção para não cair em alguma armadilha, não se deixar dominar por nenhuma falta nem excesso de coragem.

Quando estávamos junto a ele, na floresta que era a sua vida, se empenhava em satisfazer a menor de nossas vontades, algumas que mal percebíamos, naquelas condições de vida tão duras, serem verdadeiros caprichos. Mas não gostava que alguém deixasse de dar um passo espiritual e fugisse de um apuro em nome de um conforto ou apego. Nessas horas dizia:

— Ah! Meu filho, se vocês não forem se acostumando desde já a tornar tudo mais simples, vão ainda sofrer muito. Se ficar o bicho pega a se correr o bicho come. O melhor é ficar. Pelo menos a gente não se cansa e encara o bicho de frente, tem mais chance. E pode acontecer que nem com o Jonas, aquele das Escrituras, que a baleia engoliu porque ele tava correndo da instrução que Deus tinha dado pra ele, não é mesmo? Por sorte o peixe achou ele indigesto e cuspiu pra fora.

Naquelas quase dois dias de viagem, eu ia aquilutando todos os processos de transformação que borbulhavam dentro do meu ser. Sonhava freqüentemente com as painéis do Feitio fervendo e quase transbordando. O renascimento espiritual, esse tema

que o Padrinho Sebastião repetia cada vez com mais ênfase, era o que mais me atormentava. A tormenta era semelhante àquela que surpreendera o barco do profeta Jonas, a ponto dele pedir que o jogassem n'água para que a tripulação fosse salva. Já o meu próprio barco oscilava dentro dessa tormenta, entre seguir e não seguir a vontade de Deus. Entre saber diferenciá-la pelo justo discernimento de todos os processos obsessivos e ilusórios, que se confundem com os nossos desejos e fantasias. Em alguns momentos sentia com clareza o leme de minha nave entregue aos cuidados do Eu-Superior. Em outros, a motivação egoísta, a vaidade eram por demais evidentes, e eu flagrava os intrusos que assumiam a cabine do comando. Já o barco que nos conduzia pelo rio Acre balançava cada vez mais, conferindo ainda maior intensidade à minha metáfora espiritual.

Alguns desses intrusos eram facilmente reconhecíveis, e suas intenções nefastas tão claras que não chegava a custar muito esforço evitá-los. Outros porém entravam no santuário interior pisando na ponta dos pés, com ares muito dignos e solenes. Travestiam-se do Eu-Superior e era difícil reconhecer suas verdadeiras intenções, tais a gama de sutilezas mentais e os sentimentos falsamente consoladores que eles nos inspiravam. Diácono, bispo de Fórtice, no século V de nossa era, afirmava que a "boa consolação era aquela que se manifestava quando alguém se prendia ao amor de Deus por meio de uma ardente lembrança, arrastando tudo mais às profundezas desse amor indescritível, quer estejamos dormindo ou em vigília". Isso para diferenciar das consolações falsas que, ainda segundo ele, "produz no combatente um sono leve, um entorpecimento da alma e do corpo, uma meia lembrança de Deus", resultando daí uma aparência de alegria indecisa e desordenada que vem do meniroso "ao contrário do 'inexprimível' júbilo e suavidade da consolação verdadeira".

Tudo era muito sutil no mundo interior. E o perigo maior é sermos induzidos pela nossa autopiedade no decorrer de nossas "passagens" mais duras e tecermos um véu permanente de complacências com os nossos próprios erros. Sentimos nossas dificuldades e sofrimentos como algo muito especial, e queremos com esse pretexto nos eximir de um maior rigor na entrega e na transformação, que será tanto maior quanto maior for a nossa consciência de sua necessidade.

Era cada vez mais claro para mim que esse processo de renascimento que eu tanto almejava era, pelo menos de início, marcado por essa descontinuidade. O espírito, quando recebe um corpo e uma consciência material para encarar, fica condicionado de alguma maneira pelo karma que foi contraído e pelos vínculos que serão constituídos durante aquela existência. Esse espírito individualizado e condicionado pela existência e consciência da matéria é aquilo que poderemos chamar de "alma individual". No plano astral, onde vagueiam consciências desmaterializadas, pensamentos, emoções e vibrações diversas existem grandes quantidades desses espíritos em forma de almas que desencarnam ainda condicionados a uma identidade que tiveram em matéria. Espíritos atrasados, que involuíram ainda mais na densidade e se apegaram ainda mais às vibrações densas da matéria. Que durante a sua estada terrestre ou em algum outro globo, além de não realizarem o renascimento espiritual definitivo, se afastaram ainda mais dele, com o acúmulo de novos karmas cada vez mais involutivos.

Essas "almas" permanecem espíritos individualizados, condicionados, apegados ao cenário de luzes ilusórias da crosta planetária, aos prazeres e sofrimentos do cenário humano. Não passam pelas provas de purificação e elevação através de suas consciências espirituais encarnadas. E isso as impede de retornarem enquanto continua a crística no seio do Pai Celestial, *Atman* dentro de *Brahman*.

Se não acordarem para superar os obstáculos kármicos, cada vez mais difíceis, produzidos pela ignorância das coisas espirituais, essas almas não terão nenhuma chance de se libertar. Se não forem tocadas por um pastor ou um profeta que inverta esse processo, correm o risco de se tornarem um "aborto espiritual", como definiu o Padrinho Sebastião. Seres que perderam toda a sua luz, esqueceram de todo o conhecimento já obtido, até ficarem na mais completa escuridão, sem capacidade de iluminar sequer os vermes da terra.

Muitos deles se encontram nessa situação já de muito tempo, sem mais uma chance sequer para encarnar. Não têm mais um aparelho seu para trabalhar e querem tomá-lo à força de outros que estão encarnados em situação parecida com a deles. Confundem-se nas piores ilusões e falsas representações de si mesmos, dos farraços do seu ser espiritual. São as chamadas "entidades", cultuadas ou temidas, convocadas para atender aos desejos de quem se encontra encarnado naquele mesmo grau de atraso do que elas.

De alguma maneira podem ser consideradas andróides espiri-

tuais, parasitas, formas-pensamentos que são atraídas pelos lamentos dos 'Eus' soterrados e pela falsa consciência do ego humano. Outras dessas entidades são atraídas pelos templos interiores mais iluminados, onde a voz do Eu Interno já se faz ouvir, embora de uma forma débil e descontínua. Como mariposas ou morcegos cegos pela luz, ricocheteiam pelas câmaras do santuário, causando vários estragos.

Outros ainda são seres conscientes do seu papel disciplinador e de que a misericórdia de Deus permite que se mantenham de alguma forma aderidos ao Eu Interno de alguém. Ou até mesmo que sentem no trono do templo interior do homem, com o intuito de testar o seu discernimento e o seu livre-arbítrio e quem sabe provocar as dores do parto do seu renascimento. Esses seres "negativos", se podemos chamá-los assim, entram em contato com as forças "positivas" que são mobilizadas pelo Eu verdadeiro para combater a sedução do medo e da dúvida e a sedução do pecado, as artimanhas preferidas desses demônios. E isso termina possibilitando a sua cura, dentro de uma nova unidade, entre positivo e negativo, a Luz.

Esses seres ou entidades são os que "não preparando terreno, viram espírito vagabundo", como diz o hino do Mestre Irineu. Todos eles são atraídos, em graus diversos, pelo teor das nossas vibrações e pelas fraquezas que nos fazem abrir nossos flancos para eles.

Quando o Eu-Superior busca emergir está de alguma forma misturado a esses agregados de seres involuídos que se alimentam à sua sombra e dificultam a sua plena manifestação. Isto explica a ocorrência de tantas intermitências entre o verdadeiro Eu Interno e seus vários simulacros. Só uma consciência na nossa conduta e uma persistência nas nossas aquisições é que garantem um convívio cada vez mais permanente com a nossa centelha crística interior. Aquele que, em nosso íntimo, anseia por um encontro com Ele é Ele próprio.

Até o dia desse encontro se realizar, cabe ao aspirante travar todas essas batalhas sem deixar-se esmorecer pelo cansaço, pelo desânimo ou mesmo pela falta de resultados práticos.

Os nossos flancos abertos para essas influências negativas, de acordo com um outro monge do deserto, o abade Barsanúfio, se resumem a três obstáculos básicos: a vontade egoísta, a autojustificação e o desejo de agradar. Todo aquele que se move pelos seus próprios interesses, que não aceita seus erros, que está sempre procurando uma desculpa para justificá-los, ou que quer agradar ao mundo e adular seu mestre dificilmente renascerá ainda em vida.

Só quando tudo é experimentado realmente como sendo Deus, inclusive o próprio Eu, o próximo e a Natureza, é que essa bem-aventurança nunca mais nos abandonará. Isso gera um amor que não inspira medo e que, em contrapartida, nada teme. Que liga todos os santuários onde essa Luz já foi acesa. A partir desse ponto, não precisamos temer mais nenhuma interferência. Como diria o Padrinho: "O Eu-Superior está sentadão no trono, observando tudo."

Quando me dei conta e abri os olhos no convés, estávamos em Boca do Acre, a grande comitiva que acompanhava o Padrinho passava do barco para as canoas, e seguimos viagem. Quando as canoas chegaram, praticamente toda a Vila estava na beira do porto para receber um Padrinho corado e bem-disposto. Logo porém a rotina foi trazendo novamente a dura realidade à tona. O Velho, contrariando todas as recomendações médicas, já estava se envolvendo em todas as questões práticas do dia-a-dia, enquadrando os faltosos ao trabalho, ralhando da sua janela com as crianças que arriscavam perigosos saltos mortais da nova ponte. Em suma, tudo voltava ao normal, e isso de uma certa forma fazia todos respirarem mais aliviados. Mas era essa "normalidade", essa impossibilidade de mantê-lo afastado de tudo isso que iria acelerar o desgaste do coração do velho Patriarca.

Em momentos muito marcantes de minha busca espiritual tive o impulso de procurá-lo e a pressa de revelar um momento de êxtase ou de compreensão mais profunda sobre o meu Eu-Superior.

Em outro momento, me arrependia de tais iniciativas. Sentia o chão se abrir aos meus pés, procurava pelo Eu e não mais o encontrava. Muito menos uma explicação plausível para esse súbito desaparecimento. Às vezes, a própria presença do Velho suscitava esta mudança, e ele ria do meu embaraço. Mas nunca deixava de incentivar que cada um acreditasse em si próprio, ao mesmo tempo em que "caprichássemos para dar as provas". Pois as declarações muito pomposas sobre dons recebidos e façanhas espirituais muito grandiloquentes nas mirações, sem que isso estivesse solidamente aliado no testemunho dos outros irmãos, podia se constituir na ante-sala da loucura.

O problema do renascimento era basicamente uma questão de realização que nos religasse ao núcleo do nosso ser, o Eu. Daí que o sentido de qualquer prática religiosa verdadeira era esse *re-ligare*

interno, para que a alma aprisionada renasça espírito totalmente libertado, consciente da Terra e do Céu.

Mas quem dera que eu tivesse o dom de explicar todos esses assuntos transcendentais com a simplicidade do Padrinho Sebastião. Poucos dias após nossa chegada, já estava armada a roda na escadaria do casarão. Confesso que eu nutria a esperança e até mesmo uma certa expectativa de que o Velho nos brindasse com os mesmos temas com que eu me embalara no convés do barco. O que não era difícil de acontecer, pois ele sempre se referia à necessidade do renascimento espiritual em quase todas as suas palestras. Todos se acomodaram e ele foi logo passando das impressões da viagem ao Sul para suas preleções ético-espirituais:

— Foi no tempo da Babilônia, aquela cidade que queimou, como é mesmo o nome dela?

— É de Sodoma que o senhor está falando?

— Sodoma e Gomorra. Queimou e virou mar. Queimou tanto que dão até o tanto de fundura que queimou. Eu mesmo não sei, só sei contar a história. Lot foi avisado pra sair da cidade que ela ia incendiar. Porque o uso lá era homem com homem e mulher com mulher. Não queriam outra coisa. Sodoma e Gomorra. Tão lá todas as duas transformadas em estátua de sal. Ou melhor, em mar de sal. Por causa dessa sem-vergonhice que houve, que eu não tenho nada com isso! Quem quiser que guarde o que é seu...

— Por que o senhor tava falando isso?

— É porque eu ouvi muita história lá no Rio. Muito rolo de amor, briga de marido e mulher, pornografia. E na televisão então é direto. Pelo Santo Daimé muitos já escaparam. Sei porque muitos foram me contar de cada coisa que saíram! O importante é descobrir toda a história, do que era, quem usava. Quem usava o aparelho pra isso e aquilo.

— Tudo isso tem uma causa espiritual, não é, Padrinho?

— Ninguém quer saber do que foi, quem cada um era. Na espiritualidade eles querem saber quem chegou, achou e resistiu. Aí é que tá: Tudo o que já se passou/Assim foi porque Deus quis/Se não formos mais unidos/Nunca seremos feliz. Lá vem e se une. Aqui passou, foi embora. Já não é mais aquele homem, não é? Passou a ser outro homem, que todas as moléstias foram embora dele e estão atrapalhando. Mas eu quero mesmo é saber dos resultados. É desse jeito do hino que eu cantei, não deixa passar nada. É a mesma história, antes de ser já era. Antes de ser nascido, o espírito já

existia. É assim em todos nós. Antes de nós nascer nós já somos. Nascermos carnal mas ainda não nos conhecemos. É preciso nascer de novo. Ter certeza de ser tanto aqui na Terra como no Céu!

— Essa consciência simultânea é que é o renascimento? — insisti.

— Pois é, se nós estamos aqui juntos, aparelhando a força do conhecimento, do raio! Com a força do Sol, com a força que têm a Lua e as estrelas, a terra, a água, o vento... nós ligado nisso tudo não tem quem possa nos derribar.

Alguém cantarolou a estrofe do hino do Mestre Irineu:

Sol, Lua, Estrela

A terra o vento e o mar

É a luz do firmamento

É só quem eu devo amar.<sup>36</sup>

E o Velho continuou:

— Ah, nós ligado realmente nisso que o hino diz! Não como um papagaio. Vocês já ouviram o papagaio-estrela que eu tenho lá em casa? Perguntem a Rita, ele canta o *Brilho do Sol* inteirinho. Mas não é desse jeito que eu estou falando, é cantar dentro de um hinário com toda a força da miração consciente dos seres divinos que estão nestes astros. O hinário conta uma historinha muito bonita. Mas para penetrar nesse estudo a gente tem de descobrir onde está o Eu Sou. A dificuldade maior é que nós mesmo se nega. De ser aquela presença (do ser Divino)... Assim na Terra como no Céu. E nós somos lá, nós temos que ser aqui. Uma matéria deve ser uma presença Divina. As mulheres são a presença da Virgem Soberana, e nós os homens somos a cara do Cristo. Cada homem que é perfeito lá em cima deve ser aqui na Terra também. Todos devem se respeitar e ver Deus em todos, porque todos são a mesma presença. Eu respeito todos. E tou sempre confiando em quem devo confiar, que é quem me segura, o Poder Divino, a força da floresta e dos primitivos. Não é "primitivos" o nome que os doutores chamam?

— Primitivo ainda é bom. Tem uns que chamam de selvagens.

— Pois é, mas foi eles que descobriram primeiro que nós somos essas plantas de conhecimento, que ensinam a verdade do espírito...

— Selvagens e primitivos somos nós, não é, Padrinho?

— Eu já fui um bocado cabeça-dura, mas agora tenho o co-

nhcimento, não falo à toa nem por ouvir os outros falar, que eu sei que não sou só matéria! Porque matéria é igual a um saco vazio. Vocês já tentaram botar um saco vazio de pé pra encher ele de arroz, feijão ou milho? Seco, ele não fica de pé de jeito nenhum! A gente tem de dobrar a boca vazia, segurar com uma mão, encher com outra... Mas ele tando cheio não tem problema, fica em pé sozinho, a gente amarra a boca dele e pronto. Da mesma forma é nós! Se nós não botar o corpo pra ter conhecimento, se a nossa matéria não ficar cheia do conhecimento espiritual do nosso Eu, ele continua vazio, não se põe de pé de jeito nenhum. Sem conhecimento do Eu, ninguém chega não... Mas é difícil, a hora que é pra descobrir a coisa mais importante, o corpo velho pede logo arrego, parece com o saco velho que não quer ser enchido.

— Por que a matéria tem tanto medo, pai?

— Porque é duro mesmo. Tem hora que o Daimé chama, chama e chama e a gente não se apressa em atender o chamado, fica com medo de cair, medo de vomitar... tudo bem, se não conseguir ficar de pé, sente. Mas se entregue, porque ele quer dizer uma coisa. Eu chamo de Daimé por hábito, mas é errado, porque ele mesmo disse que não era Daimé mas era um Ser Divino. Como é o hino?

Eu vivo na floresta

Eu tenho meus ensinós

Eu não me chamo Daimé

Eu sou é um ser Divino

Eu sou um ser Divino

E venho aqui para te ensinar

Quanto mais puxar por mim

Mais eu tenho que te dar.<sup>7</sup>

— Aí foi que eu botei curto mesmo pra ver... — continuou o Padrinho. — Se essa força da floresta e dos primitivos era verdadeira. Será possível que toda essa beleza seja mentira? Eu confio nesse poder, estou satisfeito graças a Deus. Como diz o hino do Alfredo, “quanto mais a gente olha mais vê Deus em nossa frente”. Todos têm que se lembrar da outra vida, antes dessa, se lembrar se a gente foi contra ou foi a favor, saber que a gente tem que procurar ser realmente aquilo que a gente chama, né? Senão chama no anzol, o sujeito chega, se entrega, e em vez de se entregar pra aque-

la força que chamou ou procurar compreendê-la fica é arrependido e com medo de ter chamado. Imagine se for pra passar por onde o Cristo passou, ali onde estão as maiores dúvidas e os maiores medos?

— O senhor já passou, Padrinho? — alguém perguntou.

— Vocês não viram o que eu passei quando o Confên estava aqui?

Dai o assunto mudou momentaneamente para a lua crescente que se punha no Ocidente. O Padrinho ameaçou ir embora, pretextando estar com sono, mas, como sempre acontecia, alguém perguntou como diferenciar o Eu verdadeiro do ilusório, e ele retomou novamente a conversação.

— Dentro de mim eu vejo se ele é bom, se me inspira coisas boas. Se ele é bom, é porque Ele *É*. A prova dentro de nós é essa: se Ele *É* verdadeiro. Mas se não for, Ele também é, alguma coisa Ele representa, e eu tenho que compreender por que é que Ele tá dentro de mim. Se não prestar, aí é outro negócio: Cai fora, bicho! Que esse aparelho, essa matéria é pra ser uma igreja do Cristo e não mais de bicho, como já pode ter sido antigamente.

— Por isso tem de lembrar o que fomos.

— Pra não parecer nem fingir. Quem não for passa. Porque tu sabe, não é? Eles vêm pra pedir uma esmola. Entra dentro da igreja, que é lá que tá o “Homem” com a esmola na mão. Esses que chegam querendo uma ajuda não podemos considerar que nem um cachorro. Seja encarnado ou desencarnado, cada irmão é um presente que nós temos que receber, que nós estamos recebendo. Isso é caridade. Não adianta esconjurar o pobre com tudo que é de nome! A gente doutrina, isso é caridade. Eu acredito em tudo isso que me mostraram, como era de ser feito. Mas não é só acreditar, ter uma fé boba que acredita em qualquer coisa. É uma fé viva. Não é só acreditar. Acredito que há Deus? Não! Eu sei onde Ele habita! É diferente, certo? Não estou me enganando. Nem a tu nem a ninguém. Eu sei onde habita o Homem que manda em tudo. Você acredita em mim?

— Eu acredito! — disse um.

— Então acreditar é a saída que sobra pra quem carece de fé? — perguntei.

— Se tiver fé, melhor. É pra isso que eu estou trabalhando. Pra achar um povo que o dia que eu disser: “Vocês estão vendo?” Aí eles responderem: “Lá vem.” Tem que estudar com os olhos bem

abertos, porque tem cada homem, falo de homem na espiritualidade. Que vale a pena ver mas que a gente parece cego não vê, olha só pro chão.

— Volta sempre para a história do Eu Sou.

O Padrinho ficou por um instante sério e calado. Seu semblante transfigurou-se diante de nós. Ele passou um tempo assim absorto enquanto a Lua se punha e voltou a falar só que agora na cadência de uma prece, como se estivesse rezando:

— Pois é. Eu Sou o que o Criador é. Logo Eu Sou o Verbo. No princípio era o Verbo, eu sou o Verbo, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio em Deus e todas as coisas foram feitas por Ele. Sem Ele, nada nós temos, porque tudo foi feito por Ele. Porque Ele é a vida. E a vida continua sempre em nós. Sempre. Nunca falou. E nós estamos aqui pra ser testemunhas desse "Homem", e todo homem negando. E as mulheres de bracinho cruzado! Não querem nada! E eu desejo ser e os outros também! Não é isso? Vamos jogar o véu fora, rapaz! Comecei a oração e não terminei, não é mesmo?

— Não faz mal, o senhor já disse um monte de coisa que eu estava precisando ouvir.

— Descobrir tudo isso é que é difícil. Mas o véu vai se rasgando e a gente vai vendo, de conformidade com o merecimento. É o "Eu Sou Um". É Deus vivo. Quando Moisés chegou lá onde estava Deus, ele O viu e perguntou: "Quem sois tu?" Ele deve ter caçado um jeito de se fazer entendido e disse: "Eu sou o que Eu Sou." Mesmo assim sou Eu. Eu Sou o que Eu Sou. E você?

— Só posso ser o que eu sou também — respondi.

— Então vamos voar junto por esse firmamento estrelado, porque Eu Sou está em todo canto e é tudo!

— É só o que eu quero.

— Então depois da manhã nós vamos fazer essa viagem. Vamos ver em que pé está esse negócio. "Quem quiser que se agiente/Não tem a quem se queixar/Eu bem que avisei/Que havia de chegar." Eu tô ensinando agora, aproveitem.

— Quer dizer que a viagem pelas estrelas vai ser na Estrela...  
— Aqui todo mundo é corajoso, mas chega lá naquela Casa da Estrela é um Deus nos acuda. Todo mundo pensa que nós vai quebrar costela, arrancar coração pela boca... Mas isso só acontece de vez em quando, para alertar a gente que está inconsciente, sujeito. Olha, o sofrimento é a melhor coisa que existe pra se aprender. A

gente sofre, mas quando sai do outro lado diz: "Graças a Deus!" Foi mais uns degraus difíceis que eu subi. E assim vamos indo. Que nem aquela velhinha no último trabalho. Quanto mais ela sofria, mais ela agradecia a beleza! E era tão forte a beleza que ela fazia assim... Arghhh!

Imitava a tal mulher de forma que a gente não sabia bem ao certo se ela estava realmente maravilhada de tanta beleza ou apenas apavorada. Ele ria e continuava:

— Parece que vocês não estão acreditando. Mas ela estava assim era porque viu mesmo a beleza.

— Eu acredito, a Sônia tem um hino que fala em "agüentar a força dessa beleza",<sup>38</sup>

— Pois é, quando ela viu a beleza, se agarrava nos outros. De alegre que ela estava. Eu também estou alegre e satisfeito. Pois foi a floresta que me entregou o Daimé, o jagube e a folha e outras ervas de conhecimento que eu uso. Tenho certeza que me entregaram e não foi gente daqui de baixo, não. Se o pessoal daqui prestasse atenção, todo mundo olhava e via Deus. Mas ainda estão todos caçando o Poder Divino. Peitam ele mas não sabem quem é... Passam por cima dele e não reconhecem. Rapaz! Vamos tratar de seguir nós mesmo, um ao outro, dentro e fora, aqui na Terra, lá no Céu... A coisa é isso, né? Pode até perder. Fazer gosto a touro vermelho? Segurem o tempo, não vão se iludir com negócio de carne, dinheiro, essas coisas, nem ficar dando gosto à matéria. É muito feio a gente ser uma vela apagada. Eu já falei isso tantas vezes para vocês! Espero que vocês vão pegando a coisa aos pouquinhos, pra quando virem poderem reconhecer. Fiquem conversando por aí que eu vou já dormir, estou até bocejando.

Levantou-se, ainda ficou por ali pelo terreiro uns poucos minutos, abençoou os atilhados e subiu as escadas em direção ao quarto. O grupo foi se dispersando pouco a pouco, cada um em direção às suas casas. Eu ainda perambulei um pouco pela orla na mata. Presentia que esse encontro interno estava se aproximando de forma inexorável.

o espírito e a matéria. O Eu é semelhante ao “pinto que belisca a casca do ovo”: apenas ao rompê-la ele terá realmente nascido.

Esse Eu tem que crescer à sombra de muitos cuidados. Caso contrário, podemos vislumbrar sua face nas condições especiais de uma mirração, mas não teremos condições de mantê-lo conosco por muito tempo, quando os nossos sentidos usuais passam a dominar novamente.

O foco principal de atenção deve discernir a diversidade de casas que o nosso Eu já utilizou em suas encarnações passadas, com a finalidade de se deter naquelas mais significativas, cuja lembrança nos reconduz à opção do renascimento espiritual nesta vida de agora.

Esse mergulho nas “lembranças do passado”, como Sebastião Mota falava, é o mergulho em um mundo de verdades, imagens e sombras que precisamos distinguir bem. Através dessa lembrança, conseguimos pouco a pouco fixar o Eu na sua própria morada, à semelhança de um verniz que aplicamos sobre a pintura original para ressaltar o brilho de suas cores.

São momentos de uma percepção interior muito íntima e profunda, nos quais é necessário que alguém nos guie. Alguém que já tenha se encontrado e que nos ajude a penetrar no autoconhecimento verdadeiro sem nos confundirmos com projeções sobre o que não fomos ou não somos ainda. Alguém que nos indique o caminho mais apropriado, para dar as provas daquilo que escolhemos ser. Na verdade, todas as matrizes espirituais são válidas e inspiradoras. Na verdade, consideramos como válidas e inspiradoras todas as matrizes espirituais, embora tenhamos escolhido o Cristo como nosso modelo.

É Nele que devemos nos inspirar. Frente a Ele, nossas identificações com outros seres já encarnados são apenas referências. Os mestres ascensionados, que deixaram multidões de discípulos, ou os sábios humildes que encarnaram para serem instrutores de uns poucos, são apenas mediadores para a nossa busca.

“Não devemos perder de vista o Cristo”, recomendava o Padrinho, identificando-o como a imensa potencialidade crística que se encontra no interior da natureza humana. Autêntica pérola preciosa, Cristo interno ou Eu-Superior, a vida terrena de Jesus foi uma prova da divindade do Pai: Verbo feito carne, *Logos* fundador do Universo.

Para aqueles que perseveraram na busca, com humildade e mansidão, essa pérola pode ser encontrada bem na superfície do cora-

## Capítulo XII

# LEMBRANÇAS DO PASSADO

No universo espiritual de Sebastião Mota, quanto mais avançávamos mais ficávamos surpreendidos com a originalidade dos ensinamentos. Se o Mestre Irineu já trazia de forma latente múltiplas influências do panteão das divindades negras, caboclas e incas, coube ao Padrinho Sebastião formular em termos práticos uma *sadhana*, ou disciplina espiritual que harmonizasse essa busca do Eu-Superior, através do renascimento espiritual, com o desenvolvimento mediúnico e a percepção de todos os “eus” em nossos centros inferiores.

A consciência e a doutrinação progressiva, através dos trabalhos desenvolvidos com o Santo Daimé, prepararam o terreno para que a semente do Eu interno comece a germinar. A casca do ego vai pouco a pouco se quebrando e, com ela, toda sorte de juízos ilusórios sobre nossa caminhada espiritual.

Os aspectos negativos presentes na nossa natureza inferior formam um núcleo gravitacional que atrai várias vibrações, pensamentos e seres atuantes nessa faixa do *dial* mediúnico. Confundindo-se às vezes perigosamente com nosso Eu, tais vibrações distorcem nossas percepções e substituem a vontade do autoconhecimento do conhecimento Divino, por toda sorte de desejos e vínculos com os objetos exteriores.

Nesta fase da iniciação espiritual, segundo o Padrinho, o trabalho necessário é ligar esse negativo com o pólo positivo que já foi desenvolvido. Assim, a Luz que acendemos ilumina igualmente



ção. Caso contrário, talvez precisemos de uma sonda especial que penetre nossas camadas mais profundas, submetendo-nos a grandes pressões, tanto maiores quanto mais resistências ainda tivermos.

Desde que comecei a trabalhar com o Daimé, tinha vontade de me conhecer. Ouvia os irmãos falarem dessa clareza que ele nos dava no tocante às nossas encarnações, mas não sabia por onde começar. Ouvia alguns sussurros da minha memória mas, por mais que me dispusesse a acreditar que o Padrinho fosse fulano, que o outro fosse beltrano, isso para mim não tinha a força de um testemunho, pois não brotava de uma convicção profunda e de um conhecimento direto.

No dia dos Santos Reis, em 6 de janeiro de 1984, aconteceu um fato significativo durante o hinário. Em determinado momento, vi muitas cortinas grossas e pesadas que se abriam sucessivamente. À medida que isso acontecia, elas iam se tornando mais leves e até mesmo diáfanas. Entre umas e outras, havia zonas de escuridão, depois penumbra. Até que apareceram algumas estrelas de seis pontas, luminosas, à semelhança de pequenos *flashes*, com intensidade cada vez maior. As estrelas, de várias cores e tamanhos, sucediam-se cada vez mais rapidamente. Ao se desintegrarem, deixavam cair gotas coloridas e um pozinho granulado, dourado e prateado, que logo se reagrupavam e formavam novas estrelas, ainda mais brilhantes.

Eu ficava olhando tudo aquilo, com grande emoção mas sem entender o significado. Estrelas explodiam e renasciam. Eu assistia a tudo como a um espetáculo de fogos de artifício, perguntando: por que aquela profusão de estrelas de seis pontas em torno de mim?

Até aquele momento, o hinário tinha sido um dos mais difíceis por que eu já passara. Essa miração ocupou talvez os dez minutos finais do trabalho. As estrelas foram desaparecendo, e eu, mesmo de olhos fechados, via tudo iluminado. Um cenário ao mesmo tempo desconhecido e familiar. Uma criatura caminhava por um solo calcinado, pedregoso, com alguns tufo de vegetação rasteira e algumas árvores retorcidas. Experimentei uma sensação de medo. Queria abrir os olhos e não podia. Por momentos, achava que meu corpo já se encontrava caído no meio do salão. Uma voz interna dizia: “Acorda! Presta atenção.” E eu olhava para aquele ser que, resolutamente, atravessava o que parecia ser um campo de batalha. Ouviam-se vozes e o tinar de ferros. Eu não reconhecia as feições daquele homem que caminhava, mas ao mesmo tempo sentia como se ele

fosse eu próprio. Essa foi minha segunda lembrança. No dia seguinte, interpelei o Padrinho. Ela mandou eu ter confiança no Daimé, nas visões em mim mesmo.

Tempos depois eu estava doente, sentindo que o meu mal-estar físico se devia a um encosto por parte de algum ser que estava misturado no meu campo vibratório. Procurei estabelecer uma comunicação com ele. Tomei um Daimé e recolhi-me ao meu quarto. Em poucos minutos a miração chegou muito forte. Começou com um picadeiro de um circo e uma graciosa bailarina que se equilibrava num cavalo em movimento. Eu ia girando no picadeiro, acompanhando o cavalo e a bailarina. Não havia ninguém na plateia. Até que eu ficava tonto e caía. Ficava ali na terra, sem que ninguém me percebesse mas percebendo tudo. De repente, surgiam vários rostos na plateia. Vários deles entravam no picadeiro, punham alguma roupa ou fantasia e desempenhavam algum personagem. Eu reconhecia muitos deles como pessoas familiares. Acercavam-se de mim e riam. Minha sensação era de muita realidade e certeza, como se desfilassem diante de mim, naquele picadeiro, várias das minhas encarnações.

Mas isso ainda não fornecia a chave principal. Eram *flashes*, *insights* que também podem vir à tona na forma de sonhos ou ser introduzidos por técnicas especiais de regressão. Precisamos ir mais fundo na percepção das várias camadas arqueológicas da consciência, onde se encontram soterradas as ruínas e as muralhas de nossas antigas cidadelas. Nossa sonda tem que penetrar e compreender cada um desses estratos, sem porém se deter em nenhum deles, pois o objetivo é achar a origem que possa verter luz sobre o todo.

Essa origem, matriz espiritual, agregado de qualidades e atributos essenciais do nosso ser no decorrer de várias encarnações, pode ter um padrão mais acentuado, exclusivo desse ou daquele ser, um momento auspicioso onde chegamos a transcender os limites da personalidade e a realizar a própria divindade. Mas isso é sempre o resultado de uma síntese, de uma alquimia espiritual. Várias existências concorrem para a formação desse padrão e vários intercâmbios são feitos com as experiências de outros seres, de outras linhagens espirituais que não diretamente a nossa.

Não existe no plano espiritual uma lei de direitos autorais sobre as encarnações. O espectro de luz de um grande espírito e a sua jurisdição futura abrangem um campo muito mais vasto do que ex-

clusivamente o daquela mônada espiritual que se encarnou e se manteve presente naquela personalidade transitória. A paternidade dos grandes espíritos de luz gera toda uma linhagem definida de encarnações cujos ápices são os profetas e avatares, mas opera também simultânea e silenciosamente em várias cadeias evolutivas. Isso explica por que, às vezes, mais de um ser se reconhece espiritualmente na mesma matriz ou se considera como a emanção de um mesmo espírito. Além disso, em cada encarnação temos também os "outros eus", as várias impurezas do minério que se misturam ao ouro da mônada: eles vão evoluindo e se agregando ao Eu, em busca de um espaço para reencarnar. É isso que faz com que haja altos e baixos nas encarnações. Os grandes espíritos vêm trazendo em suas evoluções kármicas uma missão de caridade com os diversos "agregados".

A prospeção espiritual no rumo das "lembranças do passado" é um processo em duas direções. A sonda atinge o poço e, através do canal que é aberto, jorram seiva e combustível para o ser. Passamos por uma escolha, identificamo-nos com as vibrações daquela fonte Divina e recebemos os seus eflúvios. Nossas obras, interiores e exteriores, serão as melhores provas de merecimento.

Esta é a mecânica do jogo: escolhemos e somos escolhidos. Até a colheita, quando no curso de uma encarnação específica, renascemos de novo. Nossa consciência penetra em tudo que temos sido, na fonte imorredoura de todas essas existências. Os que alcançaram essa realização permanecem na fonte. Não precisam mais voltar, a não ser em missão de caridade.

No momento em que a nossa alma se transcende, ela se torna puro espírito. E este espírito, mesmo aprisionado a um corpo e a uma consciência material, se ilumina. Opera-se então um renascimento espiritual que santifica até a própria carne. Nasce uma identidade espiritual. Esse ser poderá ter tantos nomes quantas personalidades em que encarnar, mas foi o mesmo espírito que atuou nelas.

Quando a alma abre sua casca, liberta o núcleo fundamental que é o espírito. Este, ao nascer, bate as asas e voa com toda a liberdade do Amor. E vai se aninhar no coração, onde se encontra o Amor verdadeiro e Divino. O Amor é Deus em pleno voo e se encontra dentro de nós mesmos. É a ave voltando ao ninho. É o espírito voltando ao espiritual, a criatura ao Criador, tudo unificando-se no domínio daquele que É e sempre Foi.

Se mantemos essa água do conhecimento pousada no coração, este é o seu trono. Daí, ela domina e descortina todos os campos da consciência, tanto material quanto espiritual. O Eu-Superior, sentado no Seu trono, opera os Seus aparelhos, que passam a cooperar com o plano Divino, tornando-se adeptos do Jogo Divino da Vida.

Quando o nosso espírito reunifica-se ao Mundo Espiritual, podem nos tornar também uma matriz ou padrão para nossos irmãos. Não é nenhuma heresia falar que só um entre os vários avatares que vieram à Terra foi o Filho de Deus, como também não é herético afirmar que todo aquele que compreendeu e aceitou este fato, unificando seu espírito com a fonte, se tornou um Cristo, semelhante e idêntico a Ele, como Ele foi semelhante e idêntico ao Pai. Desta forma, tudo se igualou na perfeição e coube dentro do Mesmo.

Todos somos Cristos potenciais que podemos <sup>nos</sup> tornar Cristos desbertos no curso de muitas vidas e esforços. Com esse novo sacramento, o Daimé, esse renascimento pode se operar aqui e agora. Mas o atalho é escuro e a travessia, perigosa. Precisamos seguir, por que o tempo é curto. Como diz o hino que recebi: "Entre a morte e a loucura/Está o Cristo verdadeiro."

Quando um dia cantei este hino para o Padrinho, ele ouviu atento, fez um breve comentário de aprovação e falou:

— A condição crística é muito difícil de captar. É um fio da navalha mesmo. Se a gente tem medo e tem dúvida, escorrega. Se fica muito orgulhoso também com aquilo, não dá certo. Eu mesmo custei para acreditar. Acreditar em mim mesmo, no poder das visões. Custa a ter consciência, a nascer antes de desencarnar. Tem muita gente que tá no céu, de cima, e não sabe ainda o que faz aqui embaixo. Tem conhecimento lá no alto e aqui na Terra nada. Desconhecem a nossa herança...

— O céu aqui de baixo?

— É...

— Parece que o senhor não tá muito animado com a coisa aqui embaixo.

— Por aqui, pelo menos dentro dessa floresta, tem mais chance da gente se achar. Mas por aí, por esse mundo, por onde eu andei, as pessoas se enganam muito, devido a muita conversa à-toa, muita sabedoria que é espalhada por aí, de gente que sequer se conhece. A gente pensa que a matéria é a pessoa, mas não é isso. A matéria não é a pessoa. Agora, para cada um ir buscar a si mesmo

é que é difícil, né? Mas todos nós é uma estrelona brilhando no Astral. Precisa só ter conhecimento e saber qual é.

— Os hinos falam disso — comentou alguém.

— É. As presenças celestes estão aí mesmo em cima. Se a gente prestar atenção, vê um bocado de coisa. Tem umas que voam por aí. O cara diz aqui de baixo. “É um satélite.” Mas que nada. É uma alma. Ela tem luz pra voar e já existia muito antes do homem inventar o tal do satélite. O homem é um bicho danado, vai inventando de tudo, imitando de tudo que existe na natureza. Agora, ele mesmo não é essa matéria que sabe fazer tudo.

— É preciso a gente ter consciência de não ser matéria para poder se lembrar do que é espiritualmente, né?

— Para ver, todo mundo tem que estar presente, em espírito. Quem falou naquele tempo foi o mesmo que falou agora. Fulano só querer ser não adianta nada. O conhecimento espiritual não tá aí em quem só fala: “Ah! Porque eu sou rico, sou aquilo...” É besteira! Melhor ficar calado, não se julgar nem se orgulhar. O conhecimento nosso é de tal fé que onde aquela presença aparece tem luz. Ilumina tudo.

— O que ocorre no nosso trabalho? Através da comunhão com o Ser do Daime, esse nosso ser interno, espiritual, que o senhor fala, desperta? É o Eu material que lembra do outro verdadeiro Eu?

— Sem esforço o camarada nunca é, porque nunca chega a ser do seu conhecimento aquilo que ele verdadeiramente é. De sorte que o ser parece, mas não é. É uma ilusão, uma mentira. Qual é o seu planeta? Onde você habita? Não é assim na terra como no céu? Temos que alcançar essa consciência de que somos simultaneamente lá e aqui. Já cansei de falar sobre isso. É o que eu chamo nascer de novo. Aqui somos material e somos espiritual. Na hora do nosso serviço, quando comungamos o Daime, mesmo sem o consentimento a gente sente. Todo mundo sente, entra em contato mais profundo com esse ser espiritual. Tem uma hora que a gente se alegra, uma outra hora se entristece. Uma hora ri e outra chora.

— Nesse ponto, Padrinho, a Doutrina do Daime se parece com outras correntes espirituais que buscam essa mesma conexão...

— Eu não sei não, rapaz. Eu remexi uma porção de coisas, uma porção de doutrina eu andei. Não me dava bem em nenhuma delas. Não saía brigado, mas sentia que não era para mim. Até que comecei a trabalhar com os espíritos. Até que, depois de muita luta, cheguei a ser eu mesmo. É quero que todos os outros também sejam

iguais a mim: pobre, inocente, sem muita ostentação de sabedoria. Mas o que eu tenho não dou para ninguém, tá? Não tiro nada meu pra jogar o peso nas costas dos outros e gosto de ver cada um fazer força para alcançar-se, né? “Embora que não aprenda muito/Aprenda sempre um bocadinho.” Tudo que a gente aprende serve para alguma coisa. É assim que a gente chega!

— Esse é o aprendizado mais difícil, não é, Padrinho? É fácil conhecer um monte de coisas, mas se conhecer exige muita calma e coragem. Demora, né?

— Está em nossas mãos. Somos nós mesmos os culpados de não descobrir a si próprio com a mesma facilidade com que se descobre as outras coisas. Mas, da mesma forma como o homem penetra em tantos conhecimentos, podem também se descobrir. Ele não vai buscar uma mina de petróleo, tanto faz dentro da terra ou no fundo do mar? Qualquer coisa ele remexe tudo, por cima e por baixo. Mas, dentro de você, não sabe buscar o si-mesmo. É para isso que nós estamos tomando esse ser, o Daime. Quando cada um leva esse copo na boca, já invocou um ser. Esse ser invocado vai lá dentro do depósito, e chega lá, onde deveria ser o salão nobre, e só entra contra com outros que tão ocupando lá o aparelho, sem trabalhar nem fazer nada, querendo só ser bonito... Nós somos uma igreja. Estamos aqui materialmente e podemos ser a cara do bem e do mal. O mal só existe porque todo mundo faz, principalmente escondido. No escuro é que ele prolifera, né? Então devemos ajustar esse negativo, que é o mal, com esse positivo, que é o bem, que isso gera uma luz. A luz ilumina, o Ser clareia. Enquanto tá no escuro, os outros tão lá se divertindo. Clareou tudo, acabou-se a festa! A gente sai do mato, sai das sombras. Escuridão não é mais possível... Faz tanto tempo que a gente toma Daime, já dá de iluminar. Né, compa-nheiro?

— Dito assim, parece até fácil! Essa é a base da verdadeira cura, não é mesmo? — perguntei.

— Pra gente ter saúde é preciso ter uma mente educada. Não é para a gente viver pensando em doença disso, doença daquilo... Pensar somente em abundância.

— Na saúde...

— Saúde já é uma abundância, né... Tudo prospera. Não tem nada difícil. Não é achar também que a gente vai comer altos manjares lá no céu, com um buchão desse tamanho. Melhor é se alimentar espiritualmente.

— E os sonhos, Padrinho? Pelos sonhos a gente também se conhece e se lembra?

— Eu comecei por eles. E ainda hoje corro mundo por eles. Não é só deitar o corpo, soltar o espírito e ficar todos dois dormindo. É deixar o corpo para ter um conhecimento espiritual. O corpo está dormindo mas o espírito está vivendo e revivendo para depois poder comunicar a história. Assim mesmo muita gente dorme e ainda pensa em comunicação. Acorda e diz: "Sonhei." Leva tudo como um sonho. Não leva nunca como realidade.

— É preciso acordar logo para essa outra realidade, antes que seja tarde, né?

— É, já experimentou acender um fósforo junto de um bujão de gás? Faz BUM! E tudo em volta logo pega fogo. Do mesmo jeito é tudo aqui. Pra incendiar essas madeiras toda é só uma labareda de fogo descer do céu. E cantava:

O mar cresce e a terra baixa  
Em diversas partes do Universo  
Os filhos que habitam nela  
Reclamam ao sair da terra.<sup>39</sup>

— Tomara que por aqui a gente vá se salvando — continua.  
— Eu tô aqui por um mandato espiritual. Tou esperando alguma coisa acontecer. Esperando melhores, cada vez mais. E dizendo: Quem ainda não conhece o que é espiritualidade, "capriche e venha se apresentar". Que ninguém fraqueje, senão os bichos pegam. Pegam e judiam.

O Padrinho dava mostras de querer encerrar a conversa. Ainda perguntei como a gente poderia distinguir entre uma ação presente com nosso corpo astral, ou alguma outra forma de nos projetarmos nos sonhos, e as "lembranças", recordações, cenas de nossas vidas passadas. Ele pensou um pouco e disse:

— Isso pouca importância faz para o Eu, pois Ele é e foi todos esses acontecimentos. Se foi com essa ou com aquela matéria, não tem a menor diferença. É tudo presente e ao mesmo tempo é tudo lembrança.

Realmente foi assim que me aconteceu. Em pouco tempo pude ser, sentir e intuir aspectos das minhas encarnações anteriores, seguir certas pistas e traçar melhor a rota que continuo seguindo até hoje. O importante é que nos importemos cada vez menos com as

cenas do "filme" das visões de nossas encarnações. Em vez disso, estejamos atentos para não repetir o erro aqui e agora, o que poderá aumentar ou perpetuar um mau karma. O maior embuste a ser combatido é a ilusão disfarçada de vontade autocomplacente.

A intuição é a nossa melhor conselheira, principalmente quando já está bem estabelecido o fundamento do conhecimento e da fé. Ela nos auxilia a decodificar nossa miração, traduzi-la em instruções bem concretas para serem cumpridas em prol do desenvolvimento do nosso espírito e salvação da nossa alma. A salvação da alma com a ressurreição do corpo é um mistério. O desenvolvimento do espírito através das sucessivas encarnações é outro. O Cristo veio ser essa síntese. Os estudos espirituais mais profundos, que o Daimé traz em nossa consciência, fazem parte da busca dessa resposta e da realização dessa síntese. Quem tiver olhos para ver veja. E quem tiver ouvidos para ouvir ouça. Quem não perceber durante todo o tempo o desperdício dessa dádiva terrestre chamada Vida vai sumir e ter que esperar outra chance igual a esta.

O Padrinho, num determinado momento, com pouco tempo que tomava Daimé, teve um encontro com São João Batista. E contou sua história através do seu próprio hinário. Nos seus hinos ecoa essa lembrança. Ecos da profunda ligação destes dois seres divinos, Jesus Cristo e João Batista, que foram sacrificados. Como diz seu hino: "São João tiraram-lhe a cabeça/E meu Jesus foi crucificado."

Sebastião Mota de Melo foi às raízes do seu ser para buscar essa história e poder afirmá-la com tanta convicção e naturalidade. Quem o viu "atuado" em um trabalho de Estrela, transfigurado pela miração do Daimé, pôde sentir a presença do seu Ser Divino. Da mesma forma, quem conviveu com ele no seu dia-a-dia de artesão de canoas pôde compreender a sua grandeza espiritual e a simplicidade do seu aparelho.

De um modo e de outro ele nos orientava e nos estimulava para que nunca deixássemos passar uma dose de Daimé em branco, sem que procurássemos lembrar do passado. E que procurássemos pôr o nosso radar em funcionamento para rastrear o momento em que São João e Jesus estiveram encarnados. Se lembrássemos a nossa posição naquele momento, se a nossa memória Divina des-pertasse para aquele tempo, o renascimento estaria garantido. Mesmo que o nosso débito kármico e nossa culpa fossem muito grandes, o arrependimento e o perdão nos salvariam.

Certa feita, durante um trabalho, ele alterou-se e revelou muitos desses mistérios em sua preleção. Falava como se estivesse tomado pelo Espírito Santo:

“Ser um homem divino, ser um homem de amor, um homem verdadeiro. Sem precisar matar os outros! Porque se mata os outros apenas por um pensamento desmastroado. Ninguém vai dizer aqui que me apresentou algo, alguma coisa que preste. Não. Só aquilo que realmente eu não quero. No meio da verdade espirita, o homem deve ter perfeição, pra ser perfeito precisa estar com Deus, que é perfeito. O homem não deve maldar, não deve roubar. O roubo não está com Deus. O ladrão que roubou negou a Deus e não ganhou nada até agora. Meus amigos, sejam iguais a Deus e confiem que Deus está dentro de vós! Se não nascer de novo, meus irmãos, não terá nada na vida! É um aborto que a Terra recebe. Isto digo com consciência. Para nós ser, não precisa parecer. Temos que ser porque é aí que está. Somos filhos de Deus. ‘Somos, somos e devemos ser.’ Isto eu peço a cada um de vós. Estou pedindo! Mas eu já estou pedindo demais! Porque já não é pra ser dessa forma assim. É estar na perfeição! Perante ao nosso Pai Supremo Celestial, porque agora é tempo do Espírito Santo. Cada um que se conforme e que entre em comunhão com Jesus Cristo, como assim está dito e escrito no Terceiro Testamento! Tem o primeiro, a vida de Deus Pai, o mundo Dele. O segundo, o mundo de Jesus Cristo. E o terceiro, o mundo do Espírito Santo, pois até o nome é Jura. Como o nome agora é Jura, e é Juramidam, quem não for Midam não pode ser filho Jura. Acredite quem acreditar, mas se não nascer de novo não terá a Vida Eterna! Tem que deixar a vida alheia, tem que deixar de olhar nos outros... Ser um só! É preciso o homem entrar em comunhão com o Cristo, como Ele entrou com o homem.

“Outra coisa que o Cristo deixou e tá dizendo todos os dias: se não nascer de novo, não terá a Vida Eterna! Sou Vida, sou o Caiminho e sou a Luz. Ter na mente que quem não vier guiado por essas três coisas nunca vai ser Deus! Porque Deus veio aqui realizar uma coisa. Não acreditaram, mas tudo quanto foi criado lá veio ser apresentado aqui. Meus irmãos, o que está se apresentando aqui já é criado lá no Céu! Lá nas alturas, já foi criado lá, para poder ser apresentado aqui! Então vamos tratar disso! Porque na hora que for, temos que mostrar Deus! É Harmonia, Amor, Verdade, Justiça. Guardai no seu coração aquilo que realmente é, onde está a morada de Deus. Transmitir para todas as coisas. O Dono da casa sabe

o que é que tem dentro dela. Porque somos a Igreja de Deus, somos o Trono de Deus! Precisa que todo homem e toda mulher tomem essa atitude de ser, e não parecer! Ser uma Igreja. Cada um de nós é a Igreja onde o Cristo vive! Nós perguntamos, os apóstolos também fizeram esta pergunta: ‘Senhor, quando vem o teu Reino?’ Ele disse: ‘O meu Reino já veio.’ ‘E onde está?’ ‘Dentro de vós!’

“Quem anda na Luz não se perde. Por isso eu ando cedo. Quando o homem tiver uma atitude de ele ser, disser: ‘Eu Sou, porque Deus É’, e trazer esse conhecimento verdadeiro aqui na Terra, ele nasceu de novo! Enquanto não, meus amigos, não deve nem conversar, porque está conversando bobagem e me apresentando o quê? O que que apresenta? A própria sujeira enche a sua cabeça e teme estourar!... Meus amigos, vamos é baixar a cabeça e seguir a Deus! Deixar desse negócio de rancor de um para o outro, falar da vida do outro! Não me matem! Porque quem fala de qualquer uma pessoa está matando o outro! E não tem precisão! A coisa deve ser como somos! Filhos de Deus! Ser tudo santo, porque se é alguma coisa santa, antes de tudo devemos santificar o homem. Desde o corpo até o alto espírito. Porque o espírito é Verdadeiro! E o corpo deve também saber que o seu Eu-Superior interno não é um abestado, para que seja enterrado com corpo e tudo! Olhe bem e preste atenção, porque a vida de Deus não se perde em canto nenhum! Prestar atenção porque são as Palavras Divinas que estão falando nesses hinos que cabe a nós provar! Todos nós, ser direito, andar bem buscando dentro da perfeição, estar com Deus. Ter amor é estar com Deus. Ter harmonia é estar com Deus. É sério. Não tem limites em Suas Palavras. Porque a figueira seca está em cima de cada um de nós, para afirmar a palavra da Verdade. Se não tem Verdade, não fale! Porque se falar e não acontecer aquilo, não tem Verdade mesmo! Ele não é nada. Está só.

“Devemos estar com Deus e ouvir a voz de Deus. Foi Elias quem falou que ainda vinha a voz do Deserto para quem quisesse ouvir. Temos depois, o São João Batista nasceu lá naquelas bandas. Esse João Batista era o mesmo Elias. E este Elias era o mesmo João Batista. Hoje, é a mesma modificação, meus irmãos! Cada um que acorde e tome a atitude, de quem é um servo de Deus. E que Deus está ainda esperando por cada um filho, que saia das ilusões, prestando toda atenção, não falando mal de quem quer que seja, porque isso é que leva à descida. Vamos tratar sério uns com os outros, vamos provar o que viemos fazer. Viemos para cá, não estamos à

toa. Os outros podem estar à-toa, mas eu não estou à toa. Que eu não ando à-toa!

“Nem sou órfão, porque eu tenho uma Mãe, eu tenho uma Mãe e uma Mãe que sente por mim. Eu estou aqui, não sou encarnado! Eu sou um Deus encarnado! Tanto faz estar aqui como onde estiver! Eu sou eu mesmo! Tanto faz em carne como sem carne. Mas pra estar agüentando abuso dos irmãos, que não procuram entender o que é uma vida melhor, eu também me retiro. Não tenho raiva de nenhum, não tenho queixa de nenhum, apenas a minha queixa é essa. É de lutar, uma luta tremenda dessa para trazer um povo até aqui, para santificá-lo e não sentir que meus irmãos estejam com o mesmo empenho e interesse que eu estou. Mas, se não entenderem, meus irmãos, é porque acredito que não querem. Porque, disse o Cristo Verdadeiro, pode buscar lá onde quiserem dentro da Escritura: ‘Quando vomitares, não faça como os cães que voltam e comem.’ E aqui tá no mesmo jeito. Você vomita hoje amanhã tá na mesma. Na mesma coisa! Quando vem para uma sessão espiritual, é pra receber o seu Eu-Superior e sair bem limpinho! Mas nem tá aí! ‘Se meus irmãos soubessem o que é que vem fazer, saiam bem limpinhos, pois o meu Pai tem Poder!’ E será glorioso e vitorioso, na nossa jornada espiritual.

“E esse negócio de trabalhar para o mal, para o bem, ou para quem quer que seja, o homem deve ter mesmo de tomar uma atitude porque Deus é um verdadeiro Pai. É quem sabe tudo! E tudo tem que ser passado por uma revelação. O cristão que ainda não foi passado pela Revelação Espiritual, pela Água da Vida, encoste-se. Se encoste. Deixe as maldades, deixe os rancores, deixe a inveja, deixe os ciúmes! ‘Venha a mim todo aquele que se achar doente, oprimido e cansado! Venha a mim que vos aliviarei!’ Isto são palavras do próprio Cristo Verdadeiro, que habita em nós. Habita em nós! Vamos tomar esta atitude, meus irmãos!

“É isto que eu tenho a pedir. Tanto às senhoras como aos senhores! Não se tratar sério. Deixar dessa agonia. Vamos comer menos. Quanto menos se come, mais se avança na vida espiritual! Porque em vez da sua matéria estar ocupada para destruir bagulho, ela está subindo e crescendo. Porque a sua casa está ficando sã, limpa e pura. Que Deus fez uma igreja no formato de cipó, para que Ele pudesse habitar em cada ser puro aqui na Terra, encarnado! Isto porque Eu Sou, e nunca deixarei de Ser! Eternamente! Vivo em Deus e Deus vive em mim. Vive em toda a Humanidade. E vive em tudo,

enfim! Porque Deus é total. É um só, em todos. Quem não crê em Deus não crê em si mesmo, porque um pouquinho que tem naquele corpo é um pouquinho também de Deus. Que é a vida. Saiu a vida, a vida não se perde, e o corpo se eleva. Embora mesmo esquecido ainda das coisas que é preciso se lembrar! Então nós que já estamos passado, que todos têm que se lembrar! Então nós que já estamos aqui vamos rogar também pelos outros que estão lá fora! Que cada um tome uma atitude verdadeira. Já tem um anúncio que vão mudar o povo para uma coisa que tenha mais serventia para o futuro. Que cada uma pessoa trate de ser um espírito. Para se conservar melhor as coisas de Deus! Trazer aquilo realmente que Deus quer. Uma perfeição aqui na Terra.

“Até aqui, tem gente que não tá vendo nada! Quem me diz que tá vendo uma coisa muito maravilhosa? Só nós querer isso mesmo, aqui! Se abriremos os olhos e rogarmos por nós e pelos outros! E seremos uns infelizes se não tivermos o nosso pensamento ligado em todos os os irmãos da Humanidade inteira! Porque faremos pra nós e para os outros. Somos uns homens interessados, porque eu sei o que digo e sei o que faço. Entende quem quiser e quem não quiser, não pode entender! Mas é porque quem tem ouvido ouça. E quem tem olhos veja. Isto está aí para quem queira ver. Não tem nada aqui no invisível. Tá tudo visível, para quem queira ver! Se não vê é porque ainda estão dormindo.

“É isto, meus irmãos, que falta para que nós possamos ser espiritualistas: calar-se. É calar-se para poder ter uma vida mais ampla. Chegar mais ligeiro. Porque quanto mais fala, mais perde a sua energia. A sua energia vai esgotada... Com um pouco, você está um homem de nada, e sofre. Porque não conserva aquilo que realmente Deus te entregou e que ainda hoje pede: ‘Seja criança ao mundo e adulto para Deus.’ Porque Deus é muito velho e, entretanto, é um menino. Não tem uma pregação na Sua Presença. É um Deus mesmo. É tão puro que você não enxerga coisa nenhuma de mancha em cima do nosso Supremo. Vejam, meus irmãos, nós não podemos fazer besteira. Entrar em casa de ninguém, tirar uma coisa, sem publicar ao seu próprio dono. Não devemos fazer isso. Porque se eu fiz pela inocência, pela ignorância, ou por pensar que todo mundo é um só, ainda está enganado. Mostra o que tu tem para poder o outro ver em ti e por ti. Se tu mostra uma coisa que não serve a ele nem a ti, então todos dois ficou como duas pedras jogadas um no outro.

“Devemos tomar essa consciência de que Deus é verdadeiro e Deus habita em todos os seres. Não esqueçam isso. Se respeitar e ter fé. Tomar uma atitude de tirar o medo e a dúvida do seu próprio corpo, porque senão o Cristo não se levanta. Sempre na cruz, sempre na cruz, já tá enjoado! Meus irmãos, vamos abrir os nossos olhos. Porque tem aí umas palavras que diz: ‘Todo mundo dorme/E vão ficar dormindo/Meu Mestre é rico/E Ele está sorrindo.’ Porque pra Ele não tem lastimação. Não tem nada, não tem dor, não tem coisa alguma. O aperto está em nós mesmo, como já foi dito.

“João Batista foi morto porque falou uma Verdade. Pegaram por causa de uma falsa e triste, tiraram a vida de quem veio botar o caminho, a luz para este caminho. Veio o Senhor Jesus, também com as suas falsidades, está aí a prova. Não foi Judas Iscariotes. Ele foi apenas um instrumento escolhido para hoje provar que o diabo é o maior falso que existe em todo estado do mundo, porque comprou a vida. Comprou a vida de Cristo e ainda hoje continua comprando. Isso é que é tristeza, e todo mundo está sentido pelas coisas que estão acontecendo. Não só o povo, como todos os animais, está tudo sentido, como toda a Floresta e como todo o Astral.

“Vamos se importar menos com o erro e mais com a intenção de acertar! Erro é mais um passo que a pessoa pode se elevar. No próprio erro. Não dar crença ao erro. Mas sim, tudo é por Deus. Tudo é por Deus, e vamos nascer de novo.

“Meus irmãos, vejam seus próprios sonhos e olhem para os sonhos da Virgem Soberana. Se ninguém viu, por que hoje dá de ver! Se não viu naquele tempo, é para ver hoje, que é lembranças do passado. Então vamos botar fé. Para se ter Harmonia, Amor, Verdade e Justiça. Porque Amor, Verdade e Justiça cabe em todo lugar. Entra e sai. Amor, Verdade e Justiça. A Harmonia é Deus. Amor é Deus. Verdade é Deus. E Justiça é muita Paz. Porque a Justiça de Deus é Paz! Não é espada, não! Repare que o Cristo veio... Se Ele quisesse Se armar, Ele tinha Se armado e tinha acabado com tudo, porque o Poder de Deus é grande. Mas, um Pai vai acabar um filho, assim, de momento? Porque o tempo já foi, agora é outro tempo. É preciso que todo mundo tome essa atitude no primeiro ano da vida e não no segundo ano.”

Os designios de Deus só se revelam para os sábios que estão identificados totalmente com a Sua Vontade. Parece que, de tempos em tempos, grandes linhagens espirituais, tanto negativas como

positivas, se encarnam em uma mesma ocasião. Com isso Deus fecha Seus ciclos, opera Seus designios misteriosos e faz Sua colheita. É um aparelhamento muito profundo e sério. É uma tarefa espiritual grandiosa sentir-se parte do povo de Deus na Terra, ter essa fé inquebrantável e essa anônima cumplicidade com o nosso irmão, a quem por isso devemos amar igualmente a nós mesmos.

Quanto mais esse povo souber quem é, mais poder espiritual terá para a grande transformação. Às vezes os grandes homens se afligem e nós com eles. Porque sentem como os seus filhos, nós mesmos, estamos longe de corresponder ao que o Mestre Tempo está exigindo.

Esse sentimento de realidade adoece o Padrinho. Mas ninguém pode correr de obter sua consciência e cumprir com sua obrigação. Os seres Divinos do Santo Daimé são as plantas sagradas que nos auxiliam. Ou melhor, que auxiliam aqueles que não medem sacrifícios para acharem Deus por um caminho espiritual e de autoconhecimento.

No meu aniversário de 1988, tive uma experiência juntamente com o Padrinho Sebastião que abriu mais ainda minha compreensão sobre estas questões do Eu interno e das “lembranças do passado”. Recebi o presente de cantar o meu hinário, pela primeira vez, na igreja nova. Era uma imponente construção, inaugurada um ano antes, cuja viga central tinha quase vinte metros de altura. A novidade de sua concepção, ao contrário dos outros templos, era seu formato hexagonal, com seis sessões de bailado em torno da mesa em forma de estrela. Imensa nave pousada na floresta que nos convidava a subirmos nela para viajarmos até o “trono de marfim”.

O hinário foi durante o dia e começou pelas oito da manhã. Lá pelas onze, a igreja já estava cheia. O Padrinho por essa hora desceu a escada do açude, foi até o casarão tomar um chá e voltou quando ainda faltavam poucos hinos para o intervalo da primeira parte. A Força estava muito grande e eu sentia uma presença muito forte pairar sobre o salão. Vi quando o Velho chegou pela porta com seus acompanhantes, abençoou várias pessoas e se dirigiu para as últimas filas do setor masculino, onde costumava bailar.

Esteve em Agarrube

Também está em Davi

Para o tempo de Juramidam

Um dia se cumprir.<sup>60</sup>

Quando começou o hino, a “coisa” que estava pairando desceu, a corrente vibrou de maneira intensa. No começo foi uma sensação prazerosa de muita potência e alegria daquela celebração que estava havendo. O hino continuou:

Ao Senhor Deus eu dou louvor

Dentro da Soberania

Vos apresento o meu amor

Pra receber com alegria

Quem já serviu ao Senhor

Agora jurou ao Cristo

Eu voltei em sua tropa

E no salão passo revista.<sup>60</sup>

Nesta hora, eu senti nitidamente uma força enorme rondando meu ser, a miração querendo fechar seu circuito. Senti, por dois momentos muito rápidos, a impressão de que eu ia cair, e só não abandonei a fila porque o hino ainda não tinha terminado.

Procurei ansiosamente pelo Padrinho e vi que ele se retirava da fila, indo sentar-se próximo à mesas onde se despachava o Daime. Ele entrara numa passagem muito forte de vômito e sufocamento, como se estivesse aparelhando um ser. Imediatamente a minha náusea e tontura foram cedendo e a miração chegou. A ligação espiritual com o Velho continuou muito intensa e eu, de alguma forma, compreendia o que estava se passando com ele. Vi que ele “pegara” o ser que me rondara e cuja história estava cantada no hino. Durante os próximos dois hinos, a situação se manteve desta forma. Eu sentindo a passagem do Padrinho, ele na cadeira rodeado de gente, o hinário rolando e muitas coisas se manifestando no salão. Até que a Força foi baixando, o Velho retomou sua cor habitual, o Sol brilhou por detrás de uma nuvem, tudo ficou sereno novamente. Como se o barco tivesse se afastado do mar turbulento e esfumasse suas velas serenamente. Mais uns poucos hinos e o hinário parou.

Essa experiência teve uma importância muito grande para mim. No hino que desencadeou tudo isso, um ser termina apresentando-se: “Ao comandante São João/Eu me apresento aqui.”<sup>61</sup>

No dia seguinte, saí atrás do Padrinho, sabendo que sem dúvida esse assunto viria à baila e que ele teria ainda muita coisa a me

esclarecer. O encontro foi na cozinha da Madrinha Cristina, cenário habitual de muitas das nossas conversas, entre as garrafas de café e os pratos de bodós e banana frita. O Velho me olhava com uma cara engraçada, e, a julgar por suas palavras, a coisa tinha sido ainda mais séria para ele do que para mim. Ele me aguardava e foi logo ao assunto:

— Rapaz! Ontem quase que eu me lasco por sua causa!

— Que é isso, Padrinho? — falei rindo. — Eu é que vim perguntar ao senhor o que foi que aconteceu.

— E você não viu? Comecei a sentir uns troços esquisitos desde manhã cedo. Aí falei pra Rita que ia sair porque tinha um ser que já estava tentando se comunicar comigo três vezes. Nem Daime eu tinha tomado naquele dia, mas a comunicação tava aberta. Aí fui embora para casa, ainda dormi um sonozinho, levantei e voltei. Em vez de me sentar ainda fui querer bailar.

— Aí ele pegou o senhor? — perguntei amoroso.

— Foi. O ser tava procurando você, mas pegou foi a mim. Assim não vale!

— Eu senti quando o senhor pegou. Na hora quase caio. Olhei pra trás, vi o senhor nas amarelas...

— Pois é, Seu Alex, dessa vez eu segurei, mas pode ser que ele ainda vá lá por onde você mora, ele sabe mais do seu endereço do que eu. Ele veio aqui para provar isso, e fui eu, que não tinha nada com aquela dor, mas era o aparelho que podia captar aquilo que o ser veio declarar.

— O nome do hino em que ele manifestou se chama *Declaração* — confirmei.

— Apreendi um tanto de coisa que eu não sabia. No tempo que eu era novo, podia encostar que eu segurava. Mas agora, quando acontece uma dessas, quase que eu morro. Esse ser, Alex, foi um ser daqueles que foi perseguido naquele tempo. E que deu a palavra a você. Então, ontem ele baixou para ouvir a palavra deixada no seu hino. Para ver se os outros sentiam, se alguém pegava a consciência daquele sofrer. Caramba! Já tava quase pedindo a Deus que ele saísse. O aparelho sofre, porque eles chegam com a mesma dor que ele passou naquele tempo...

— Ele avisou o senhor três vezes, por três vezes eu senti a aproximação e quase caí.

— Começou naquele hino que fala no “Esteve em Agarrube”.



Atuou e foi por ali e depois passou pro outro hino mas a conversa era a dele mesmo.

A Madrinha Cristina, que estava em um canto fritando uns bôds, acrescentou:

— Começou no hino do Davi. Depois foi o meu. Aquele que fala da Tarumim. Mas na hora que o Padrinho foi se sentar foi naquele:

Meu Deus me dá coragem  
Me dá o Vosso amor  
Eu quero ser filho de Vós  
Mesmo sofrendo esta dor.

Meu Jesus crucificado  
Coroadado de espinhos  
Então o Mestre me disse  
Esta dor também é minha

Nessa hora de agonia  
É chorar e ter remorso  
Que o Mestre vem mansinho  
Receber nossos esforços

Nessa hora dos terrores  
Não se queixe da má sorte  
Que o Mestre nos ampara  
Nos dá vida até na morte.<sup>61</sup>

### Capítulo XIII

## O AMOR É PARA SER DISTRIBUÍDO

Tornava-se cada vez mais séria a necessidade de compreender até onde eu já entrara. Os caminhos espirituais verdadeiros podem parecer largos à sua entrada, mas logo se afunilam, exigindo uma grande atenção para que não nos percamos. São semelhantes às estradas de seringa. Um seringueiro experiente entra e sai pelos caminhos na floresta, somente se orientando pelo rumo. Eu andava neles com extrema cautela, observando tudo, e, mesmo assim, algumas vezes quase me perdi.

Quando obtemos o conhecimento do caminho e de quem são seus guardiões é que passamos a entender com clareza aonde ele nos leva. Nossa vontade, a idéia que nos levou até ali, é confrontada pela primeira vez ante a realidade. Chegamos a um ponto onde não deve haver mais ilusão ou engano acerca de nossa escolha e todas as fantasias, mimos e apegos da mente têm que ser descartados nesse caminho dos “jardins que se bifurcam”. Caso contrário, nos perdemos. O perigo é erigir uma falsa premissa ou correr atrás de uma pista falsa que não nos propicia a verdadeira iniciação e o renascimento espiritual.

Eu já tivera vários vislumbres acerca da natureza do Ser-Daime, mas nada que se comparasse à miração de um Feitio de Daime nessa época de 1988.

A miração chegou e a floresta foi ficando dourada. Sai por sua orla até uma casinha de palha que ficava logo atrás da Casinha do

Feitio. A construção tinha um teto de palha apoiado em três árvores dispostas na forma de um triângulo. Fui me encostando à maior delas, em cuja sacupema me sentei. Deixei o corpo e voei vertiginosamente por uma sensação espaço-temporal. As imagens não eram nítidas, mas parecia-me que a história da Humanidade desfilava invertida, como um filme sendo rebobinado. Parei em um lugar que uma voz interior dizia ser uma oficina seráfica. Painéis imensos, de perder de vista, como no Feitio. Verdadeiros mares de bagaço e Daimé fervente. Arcanjos e serafins com imensas asas cruzavam o céu de vários sóis púrpuras.

De repente, voltei abruptamente à consciência do meu corpo material, acorçado sobre um toco velho de pau. Essa mudança de foco foi inicialmente dolorosa, depois fui ajustando as duas sensações de forma a poder senti-las simultaneamente. Nesse momento, olhando para aquele oceano de bagaço e Daimé, compreendi a ciência desse Ser cujo nome espiritual é composto de duas palavras: Jura e Midam. Visualizei a cena do Padrinho falando para mim: “É preciso ser Jura para poder ser Midam!”

Diante do mais abissal e completo eu-mesmo, diante do duro significado que encerrava a jornada transitória por esse mundo fenomênico, devíamos acordar um dia para a verdadeira realidade, penetrar nela pelo umbral chamado morte, de preferência já totalmente despertos, para que ela não precisasse ser temida. Mas o ego tentava evitar esse encontro por todas as maneiras, com medo de que o eu interno triunfante exigisse dele a condição de vassalo e não mais de senhor. Se atravessar o limiar nesse estado de sonambulismo, a consciência volta a ser um estado indiferenciado.

Segundo o Padrinho, quem não alcançar, ainda encarnado, seu próprio Eu não pode se somar à autoconsciência Onisciente e Universal. Estes realmente “morrem”, decompõem-se em matéria. A energia e a consciência são reabsorvidas e reprogramadas pelas emanções Divinas.

O mistério da bebida sagrada Daimé se mostrou para mim, desde a Atlântica, desde o Soma Sagrado, que os riskis obtinham do *pegonum harmala*, passando por essênios, sufis e incas até aquele momento que antecedia um ciclo decisivo da nossa *Kali-Yuga*. Fui convocado à jura interna que transforma o Midam em Jura e de onde se obtém a síntese Juramidam.

Meu Eu material assistiu a esse juramento íntimo e eterno com um misto de fascínio e medo, pois ele não podia alcançar de forma

completa a compreensão do seu significado. Mas eu viro que algo muito forte aconteceria em breve. E que aquelas painéis representavam aqui na Terra o gigantesco Feitio da Criação Divina, o mar de bagaço fervente da mirração. Algo diante do qual eu mobilizara toda minha coragem e meu amor para aceitar.

A visão sofreu vários ajustes, como se um diafragma a estivesse focando. De repente mudou e eu vi dois penhascos um em frente ao outro. Um ser angélico pousou no cume da pedra à direita. Parecia de fogo e trazia uma espada flamejante. Entre os dois picos eu via muitos seres desencarnados nas mais diversas situações. Olhava o vale atrás desse pórtico de pedra e ele se perdia de vista até virar um imenso *canyon* sobrevoado por águias. O vale era banhado por um rio de águas claras que, a um certo ponto, mergulhava dentro da terra e sumia.

Juramidam! Um ser cuja mensagem ecoa na nossa consciência através dessa luz líquida e nos colhe com vistas à execução desse Juramento Interno. Que nos obriga a lembrar o nosso passado para melhor assumir nosso estado presente e aceitar sem medo nem dúvidas o nosso estado futuro, pelo qual o espírito anseia e a matéria teme.

Sentia a minha consciência e o meu coração como uma única e mesma coisa. A Divindade residia nessa dupla percepção, sensitiva e intelectual. A Divindade era o resultado dessa Jura Interna. O Juramento significava ser, e selava essa presença Divina na Terra. Cristo chamava-se Jura, a Divindade é essa ordem imperativa: Jura! Jura, Midam, se és Midam, então Jura! Não é mencionado no Apocalipse de João que quando Ele voltasse viria com um outro nome?

Compreendi que todas aquelas resistências representadas pelo meu Eu-Interior eram o resultado de todos os meus altos e baixos evolutivos, minhas quedas kármicas. Contra esse vago torpor que almeja disfarçar-se de suavidade e que intenta opor-se a uma entrega incondicional, devemos tentar uma opção mais definitiva pela espiritualidade.

É em regiões profundas, onde o “conhecimento ainda não alcança, que a fé é obrigada a brotar”. Vem em socorro do entendimento ainda débil e, aos poucos, ilumina tudo que falta. O Eu é semelhante a um sol interior. E o mundo interior iluminado por uma secreta e interna testemunha é um “firmamento estrelado”. Assim dizia o Padrinho há muito tempo, e só agora eu via e sentia o que ele queria dizer.

Quando se chega perto dessa hora do Juramento, de aceitar ser, é preciso uma certa perseverança. Para acreditar no caráter de verdadeira realidade dessas experiências e percepções, o que só acontece quando nos desligamos da dimensão usual dos sentidos e do foco exterior de consciência que os acompanha. Nesses estados de consciência, nos transportamos por meio dos corpos sutis e protagonizamos a ação dos deuses na linguagem dos sonhos. Voamos por sítios onde nenhuma fronteira é tão tangível que possa capturar a experiência, nem qualquer forma material é capaz de delimitar e conter por algum tempo o êxtase imorredouro, o núcleo eterno e infinito de Amor, suprema realidade espiritual.

Mas devemos caminhar com bastante cuidado. Ter consciência de quando vamos e de quando voltamos. Estar bem desperto dentro das ilusões e fantasias da vida fenomênica projetada pela Mente.

Por isso, ao viajarmos pelo firmamento estrelado do próprio Eu, dependemos menos dos foguetes propulsores do que de pensamentos puros, firmes e íntegros; de uma vontade elevada pelo conhecimento, caridade, abnegação e amor por todo o gênero humano e por toda manifestação de vida que nos é apresentada.

A pureza do coração e a lealdade às Leis Divinas que vão sendo descobertas nessa jornada sideral interior é que nos tornam capazes de refletir a Luz que atravessa o Cosmos e chega até os planos densos da matéria, onde estamos encarnados.

O maior problema nesses estados de consciência é saber distinguir entre a experiência genuína e as diversas possibilidades de interferências imaginativas, ilusórias e falseadoras da verdadeira experiência espiritual. Vivemos a realidade sutil da miração através do nosso corpo etérico, que é o que nos confere toda sorte de mobilidade e rapidez pelos diversos planos possíveis. Mas fora dessa frequência, cuja faixa de onda no *dial* do universo infinito exige grande concentração e devoção para ser sintonizada, só nos resta o desejo de ser, e nunca a escolha. O desejo é do ego, e não do Eu. Ele faz com que nossa imaginação gere um cinemina coerente mas que é, no máximo, um teatro mental, nunca uma percepção completa da experiência verdadeira.

Por isso a pureza é necessária. Ela é a única virtude que, mesmo inconsciente do seu alvo, termina chegando à Verdade. Sem ela, mesmo que estejamos conscientes quanto ao nosso propósito, só chegamos a uma miragem.

É muito freqüente ver os aspirantes muito zelosos de suas per-

cepções espirituais, num período em que ainda amiúde confundem sua vontade com a Verdade. O Padrinho sempre nos incentivava a confiar no nosso próprio discernimento, nessa viagem interior pela galeria dos espelhos. Mas nos convidava também a dar provas de que realmente o nosso canal era verdadeiro e não ilusório. O orgulho e a desfaçatez nos levam a ostentar ou fingir a posse de um conhecimento ou de uma revelação que ainda não recebemos. Mas a pureza de coração nos permite chegar à condição daqueles pobres de espírito a quem o Cristo prometeu a posse do Reino dos Céus.

Outra parte difícil dessa batalha do autoconhecimento era o amor. Como diz o hino: "Cheguei num ponto em que eu posso confiar/Para seguir nessa Batalha do Amor."<sup>62</sup> A estrada do autoconhecimento é a estrada do amor. São inseparáveis. Conhecer-se sem conhecer o amor nada de bom propaga para os outros. E o amor, diz outro hino do Padrinho, é "para ser distribuído/e não o amor fingido/porque ele causa dor".<sup>63</sup>

É o Amor Divino que está em questão. Para alcançá-lo, é preciso compreender que tudo o quanto antes conhecemos sobre o amor, desde as grosseiras e voluptuosas paixões até os êxtases e vãos mais refinados, não passa de degraus, de etapas, na escalada progressiva para o Amor Verdadeiro.

A batalha do Amor é a luta pela transmutação da energia densa, animal, instintiva e arcaica pela energia Divina e etérea, elemental e angélica. A volutuosidade das formas, texturas e tatos é substituída pela volatilidade das emanações sutis com que os últimos chakras da consciência são contemplados à medida que a serpente da Kundalini inicia a sua lenta ascensão.

O Amor tanto pode se tornar um poço interminável de desejos obscuros e redundâncias kármicas como a realização suprema, a penetração na causa mais profunda. Pois foi Amor que levou Deus a manifestar-Se. E é pelo Amor e unicamente pelo amor que Ele revela, à consciência e ao coração, esse segredo.

Para o Padrinho Sebastião, a estratégia correta dessa batalha era cada um chegar através de seus karmas mais ou menos espinhosos a um entendimento na vida presente que possibilita ao homem ver a mulher como a presença da Virgem Soberana. E à mulher ver o homem como a imagem do Cristo. Para que isso acontecesse, não era preciso uma fórmula definida. Alguns poderiam realizar tal meta contraindo uniões carnais que iam se apurando aos poucos até

a supressão de qualquer polaridade. Outros se sentiam mais seguros através de um caminho de renúncia e continência. Mas fazer tal escolha à revelia de uma profunda compreensão do que é karmicamente necessário nessa vida pode transformar a união sagrada em mera obscenidade ou o celibato numa repressão geradora de conflitos psíquicos.

Este é o momento de investigar os motivos do Eu-Inferior e colocá-lo sob a lei de um novo estatuto. Apesar dessa liberalidade generosa diante de nossas possíveis inclinações e preferências, o Padrinho alertava que todos os caminhos do amor deveriam procurar o encontro almejado com o Amante Divino, dispensador das Graças e consolações.

Em sua própria vida humana, com todas as circunstâncias genéticas, sociais e culturais que envolveram a sua encarnação, ele bravou esses caminhos. Casou-se, viveu uma relação extensa, criou vários filhos, teve uma filha já em idade temporária, viveu uma vida cada vez mais santificada na procura desse Amor que nada diferencia e que nada impõe, e que aos poucos se instala em nosso coração.

Nessa luta, cujos resultados finais nos convidava a galgar a par-tir do seu próprio exemplo, ele dava grande importância e destaque ao papel da mulher. Pois, segundo ele, estamos na "Idade da Mãe". Sempre que podia, o Padrinho falava sobre esse papel da mulher, aconselhando-as a assumirem a vanguarda desse processo, pois nada melhor que o amor de mãe para penetrar no amor do filho. Principalmente quando o filho em questão era o Redentor da Humanidade, cujo martírio e sofrimento ainda hoje são confundidos como elementos de uma doutrina vagamente infeliz e masoquista.

Quando terminei esse Feitio, senti que tinha dado um passo irreversível na minha caminhada. Vislumbra o sentido maior da cura que até então se alternara entre períodos de intuições, vidências e travessias de áridos desertos, onde, pelo menos na aparência, ocorria-me com frequência a sensação de que nada verdadeiramente "espiritual" acontecia.

O Daimé, depois de algum tempo, mostrou-me um caminho e uma rota para essa vida que meu Eu-Inferior relutou em aceitar durante um período. Depois que enquadrámos e limitámos as vibrações densas emitidas pelos chamados espíritos da fornicação, a luta se generaliza. Não está em jogo a matéria, nem a satisfação energética dos chakras inferiores. A Mente passa a ser o cenário principal

dessa batalha, onde pulsões muito arcaicas precisam ser trabalhadas, tendo em vista a sua transmutação em Luz. Nossos relacionamentos, que até então eram um objetivo em si mesmos, deixam de ser objetos de sedução para se tornarem um campo de prova cada vez mais exigente, onde devemos exercer os novos dons e atributos desse novo Amor Divino profundo não-egóico, sem interesses de posse, condições ou *status*.

Naquela noite estrelada, como era meu costume, deixei a janela aberta e entrei dentro da rede. As estrelas cintilavam como pirilampus separadas pelo véu diáfano do mosquito. Todo aquele cenário induzia-me a várias percepções sobre minhas vidas passadas, sobre os vários laços kármicos dos meus encontros e desencontros nessa longa batalha do Amor. Coloquei a fita de uma palestra do Padrinho Sebastião, de anos antes, sobre esse tema. Sua voz era límpida e tinha o dom de responder tudo o que eu queria.

"As mulheres, se quiserem avistar a sua própria Mãe Espiritual, devem se considerar igualmente a Ela. Porque não é com chafurdo, não é com isso e aquilo outro que o sujeito pode chegar a ver uma Virgem Soberana! Com rancor, com inveja, com ciúme, conquistando, fazendo tudo sem consciência! Para que usar uma coisa tão santa para fazer mal? Ela é uma julgadeira, julga e subjulga. É uma bandeira santa e pura que eu estou aqui para puxar e levantar!"

"Meus irmãos, 'tratam o tempo mais sério/Que o tempo não engana/Nem tem dó dessa matéria'. Vamos tratar direitinho da Nossa Senhora Mãe. Se estão falando numa Virgem Soberana, se estão falando nisso, olhem, prestem atenção no que eu estou dizendo. Isso foi o Espírito da Verdade que me disse e me ensinou: honra cada uma das senhoras que aqui buscam. Honra e manda que elas se honrem para que elas sejam pessoas de Deus. Tua. Minha e Tua. Para que eles tomem essa atitude de tu e eu e tu, tudo ser um só!"

"Cada um de nós que estiver diretamente no seu Eu-Superior, que é Deus, aqui não tem arenga, aqui não tem ciúme, aqui não tem inveja, aqui não tem nada disso. Porque ciúme é um atrasador de vida e um destruidor de família. Começa por aí. Isto é um amor falso. Não é um amor perfeito em Deus. Porque quem tem ciúme tem o mal que está lhe comendo. É ele quem desgasta nossa mente e que joga o corpo no buraco."

"Meus irmãos, outra coisa também que eu tenho a avisar a todos os irmãos. Todo irmão, seja casado, seja solteiro, se volte para

suas mamãezinhas. Se volte as suas mamãezinhas. Todo aquele que não voltar às suas mamãezinhas e pedir o seu perdão, não vai ter a vida eterna. Porque o homem cresceu tanto que chegou ao ponto de um conhecimento e abafou a pobre da mulher, deixou ela como uma escrava, como uma escrava daquelas! E coitada, o seu valor foi sendo aos poucos tirado totalmente. Mas agora quem tá dando o valor delas é Deus. Deus é quem dá o valor a todas as senhoras, para que o homem volte a reconhecer o que o seu próprio filho conheceu na minha Virgem e Soberana Mãe. Minha e de todos nós.

“Voltem! Podem voltar às mamãezinhas. Quem tiver a sua mulher, tenha consciência. Pode ter a sua consciência, que a tua mulher pode também ter a consciência de que vós é um Deus. Se ela é uma Virgem Soberana, é porque ela não é só um corpo, uma estátua, é uma semelhança. Para provar a presença da Mãe em todas as mulheres! Aquela que quer viver no mundo torna-se no mundo. E quem não quer viver neste velho mundo, quer passar para uma Vida Eterna, não olhe mais para a Babilônia. Vamos olhar, sim, para as mulheres, que elas têm um grande valor. Elas são até mais que o homem. Porque ela tem tanta oportunidade com Deus que seu filho gerou-se em si-própria. Para provar isso hoje. Tudo isso é para agora. O tempo de antes está aqui de novo. Se não acordou naquele tempo, se não acordar agora, acabou-se! Não tem vida. Mas a vida precisa continuar.

“Se nós somos testemunhas, vamos acabar com isso. Vamos lembrar que a nossa Mãe sofreu, mas sofreu por nós. Sofreu! Passou noites acordada. Agüentou tanta da urina... e ainda está beijando a nossa face. Ela é assim. Uma figura permanente, assim na Terra como no Céu!”

Acordei ouvindo a preleção do Padrinho sobre as mulheres.

No dia seguinte acerquei-me cedo do Padrinho. O café quenteinho já estava sobre a mesa. E as minhas perguntas variavam entre meus entendimentos da véspera sobre o nome de Juramidam e os temas ligados ao Amor, às mulheres e à Santa Maria. O Padrinho estava brincalhão e cheio de energia:

— Pois é, meu filho está chegando perto do mistério do nome. Temos que destrinchar esse nome, buscar a finíssima realidade que tem entre o Jura e o Midam. Quem compreende brilha, aí as iluminárias todas do homem ficam acesas. E ele olhando pra nós do alto do céu! Ou será que olha de dentro de nós mesmos?

— Ontem escutei uma gravação de uma palestra do senhor — retruquei. — O senhor colocava as mulheres lá no alto, enquanto nós...

— Nós temos que se amar muito. Por enquanto é pouco. Temos que amar para ser amado. Quanto mais nós amar uns aos outros, mais nós encontra o amor, e os outros passam nos amar também. É isso que a gente precisa! E quem mais avança nesse campo é as mulheres.

— Por quê, Padrinho? — interrompi.

— Porque é igual naquele tempo passado. Quem mais avançou foram também as mulheres. Tanto que o Cristo compreendeu isso que talvez seus melhores discípulos tenham sido as mulheres. Elas é quem mais sentiram a essência verdadeira do Cristo. E continuam hoje sendo do mesmo jeito. As mulheres estão muito mais avançadas do que os homens. Porque o negócio da mulher é a caça do amor, né? Pelo filho ela tem um amor que só ela sabe, até mesmo pelo besta do marido, embora ruim, ela fica ali do lado suportando tudo. Dá dó, mas ela fica ali, fiel naquele amor...

De repente, parecendo que ia mudar de assunto, ele perguntou:

— Não faz pouco tempo que acharam o Evangelho de Tomé?

— Aqueles pergaminhos do Mar Morto, não é? Coisa de uns quarenta anos.

— Pois é. Ali tem uma história da mulher, muito pesada.

— Qual é? — perguntei.

— O Pedro era meio cismado com mulher. Não queria nem que a Virgem Soberana chegasse perto deles porque ela era mulher. Daí surgiu umas histórias no meio dos apóstolos que mulheres não podiam chegar, que mulher não tinha salvação. Aí um dia o Cristo falou uma coisa assim: “Mas todas aquelas que se fizer homem entram no Reino do meu Pai.” Lá vem, lá se vai, e até hoje ninguém sabe como é que vai ser, né? Como interpretar essa história de se fazer homem. Como é que é “ser homem”. O homem ser homem é muito mais fácil, é viver no espírito, eternamente. O seu Eu não lhe deixa nunca, é todo tempo.

— É a gente não ter dúvida da nossa condição e destinação divinas? — arrisquei.

— É você trabalhar mas ter a certeza de que não é essa carne que faz tudo isso. É esse ser que tem esse dom de se fazer presente da mesma forma pra tu, pra mim, pro teu e pro meu. Cada qual veio para fazer uma coisa.

— Mas eu mesmo ainda não compreendi verdadeiramente a história do Tomé sobre as mulheres — confessei.

— Não é da flor que a abelha faz o mel? Toda flor tem que dar uma semente qualquer. Não é? A mulher também. O fruto dela não é da flor? O fruto dela é o homem, é a gestação do ser. Pelo fruto que é o homem, ela se torna também homem, e alcança a salvação...

— É uma bela interpretação, Padrinho, e elas sem dúvida vão gostar.

— Eu considero e examino tudo pra depois, quando for conversar, ter realidade. Porque a voz do deserto falou pra mim a história de que toda mulher ia ser liberta, porque elas nunca tiveram a liberdade e sempre foram sujeitas ao homem. Mas que de agora pra frente elas iam ser libertas. Fui dizer isso para elas e teve uma lá por Rio Branco que quis logo juntar-se com dois homens e foi terçada pra todo lado... Ave Maria cheia de Graça!

— Esse levou muito a sério ou entendeu mal a emancipação que o senhor deu, né?

— No tempo do Mestre, se dizia que mulheres era só no reino. Mas não é a história que estou contando que tudo que nasce no mundo não é da flor? Não dá seu fruto de conformidade? Então a mulher não pode ser uma flor? O fruto não vem também não é dela? Da mesma flor? Agora, quem não conhece precisa conhecer. Eu não tenho dúvida em mulher. Não. Pra mim toda mulher é igual uma das outras. Bonita ou feia, seja lá como for, porque não se trata de um corpo, meu amigo. O que importa é aquilo que realmente leva pra frente. E o que leva pra frente é a vida, e ela é eterna. E ela vive em tudo. Ela é tudo! É por isso que o hino diz:

Para amar e ter amor  
É preciso conhecer  
Deus em tua mente  
Deus é o teu saber

Para amar e ter amor  
É preciso compreender  
Amar a todos seres  
Igualmente a você.<sup>49</sup>

— É duro — prossegue. — O sujeito não sabe se ama a si próprio, se ama fulano ou beltrano. Mas se ele não se ama a si mesmo, como é que pode amar outro? Só ama se tiver amor a si mesmo. Se amar para ser amado. Se não se amar a si mesmo, nunca! Pode estar dizendo a você: eu amo você! Mas é mentira. Se eu não amo a mim mesmo não posso chegar a amar o próximo como a mim mesmo. E todo amor vira uma mentira.

— Quer dizer que a mulher e flor vira homem por intermédio dele mesmo que é seu fruto? — tentei concluir.

— É! E procurando ter conhecimento do significado espiritual dessa metamorfose. No Pai Nosso não diz: “Assim na Terra como no Céu”? Porque todos nós somos a presença do Homem Perfeito que se chamou Jesus. Jesus era a matéria do Cristo, e hoje continuamos sendo. Nós somos a mesma matéria. A mulher deve se considerar. Mesmo que ela não seja mais virgem. Mas olhem bem o exemplo daquela mulher que se chamava Madalena...

— Santa Madalena?

— Ficou santa depois. Quando ela viu Jesus, botou-se para querer namorar com ele, porque era uma prostituta. Mas ele foi logo chamando ela pelo nome: “Vem cá. Miriam!” Quando ela chegou lá e reconheceu, já mudou de assunto, se transformou, fez seu juramento. E hoje não se chama Santa Madalena? Tudo isso serve pra demonstrar que “aquela que se fizer homem entra no Reino do meu Pai”. Que ela era mulher mas se tornou um homem perfeito, um fruto... Que se formos homens perfeitos, aí vive Deus, aí mora Deus, e a sua presença gera cada vez mais amor. É dois passos pra frente e dois pra trás, o Eu-Sou! Deus nas alturas e Deus na Terra! Com muito amor e carinho, respeitando todas as coisas, porque eu só acho ruim é a falta de respeito. Quem faz besteira pensando que o ser não está vendo... Depois reclama do castigo!

Saí dali a meditar sobre esse enfoque do amor e a importância de conseguir praticá-lo. Essa batalha era sem dúvida a que mais baixas já ocasionara em nossas fileiras. Desde que o destino me colocou nesse papel de responsável por uma pequena comunidade espiritual, tive a oportunidade de partilhar, vivenciar e aconselhar muitas questões que me eram trazidas pelos irmãos e às vezes pelos próprios casais em crise.

Parecia-me evidente que a síntese proposta pela Doutrina é muito mais ampla do que se pode supor inicialmente. Quando começou

a se expandir para os grandes centros urbanos, ela trouxe também esta missão de doutrinar espiritualmente toda sorte de seres que estão por trás de comportamentos que a ciência e a ética se esforçam em sancionar como “normais”. Essa postura liberal permite que muitas perversões e taras possam ser consideradas opções válidas, o que não deixa de ser um perigo.

A mente ocidental está muito condicionada à temática sensório-sexual-afetiva, que se torna, por isso, um dos primeiros fatores a serem enfrentados na luta espiritual pelo autoconhecimento.

Muitas pessoas chegam ao Daimê, ao caminho espiritual, na suposição de que os mimos e os caprichos da mente, até aquele momento, eram a verdade. Se elas enxergam realmente a verdade, têm que suportar o choque do arrependimento, variável conforme o grau do desvio de cada um. Quando, em vez do arrependimento, estamos na culpa, isso quer dizer que fomos mais inconscientes frente à verdade e mais conscientes quanto à opção pelo pecado. Onde a culpa crava suas garras instaura-se uma fraqueza que se alastra pela dúvida e pelo medo, podendo trazer a doença, a loucura e a morte.

Todos nós, quando chegamos a essa condição de se justificar perante a Verdade ultrajada, tentamos sair por dois extremos igualmente perigosos: ou não reconhecendo nossos erros ou dando excessiva importância a eles. Eis o que dizia o Padrinho quanto à psicologia do desejo:

— Deixemos esse negócio de chafurdo! Vamos acabar com tudo quanto são desejos maus que nem bem se realizam e ficam nisso... Um desejo ou deve ser bem realizado ou então bem abandonado. O certo é eu pôr aquele desejo em prática, aquele impulso, e transformar ele do jeito que eu quero, porque é Deus que está ali no meu corpo e na minha mente. O corpo é de Deus e é Deus quem fala nele. Um corpo sem Deus não fala nada. Olhe! Deus é vida, e um corpo com vida fala. Bem ou mal, ele tem que falar. E se ele sem Deus não fala nada é que nem um rádio desmantelado. Não tem pilha. O locutor fala a vida inteira, mas a ligação tá cortada, ninguém ouve nada.

A espiritualidade esclarece a origem de cada desejo. Se o karma levou você àquela experiência, isso foi passado; o que importa agora é a compreensão do presente, tendo em vista o seu aperfeiçoamento. “O que está errado é o que está certo”, costumava dizer o Padrinho Corrente. Sabendo reconhecer o erro, ele se torna o me-

lhor trapolim para a Verdade. Na espiritualidade tudo deve ser visto à Luz da Verdade, o que cada coisa significa para que possamos nos conhecer. Nada é demasiadamente importante nem insignificante. Muitos consideram suas opções, fantasias ou práticas sexuais como o que de mais importante existe para eles, o que mais gratifica sua pobre noção de identidade. Uns se escondem do peso de assumi-las, outros se ufanam de suas liberdades, e os estereótipos excitam os preconceitos. Em suma, todos sofrem por aquilo que julgam ser um prazer por não alcançarem a compreensão de um verdadeiro amor que liberte, cure e salve.

É comum, portanto, que, ao se defrontar consigo mesmo e com o poder divino, o ego sinta qualquer exigência de transformação como uma ameaça. Inúmeras vezes encontrei pessoas que se negavam à entrega espiritual pretextando o medo de “perder a sua liberdade”. Como se fosse uma grande coisa manter uma “liberdade” cuja ameaça constante de perda já é uma perigosa obsessão!

Pessoas que não podem transcender esse apego sensorial, que se mantêm espiritualmente “orais”, que usam de poderes psíquicos ou de *status* espiritual para satisfazer seus apetites e gostos mais cedo ou mais tarde poderão ser objeto de uma grave crise de consciência que bem pode ser a última “chamada” para a transformação exigida. Desbravadores da verdade, transformam cada experiência em mais um degrau na busca do amor verdadeiro. Já os falseadores da verdade, que fingem ser o que não provam, podem chegar a se envergonhar “aqui dentro da sessão”, pois “quem ama a coisa à toa/perante a verdade vem se envergonhar”.

O desequilíbrio, a incapacidade e o mau direcionamento do amor são causas da principal doença espiritual da Humanidade. Ama-se sem amor, geram-se filhos sem amor, constroem-se lares sem amor, e isso tem trazido questões inquietantes como superpopulação, desamparo e delinquência. O impulso do prazer sufocou a mais elementar responsabilidade frente aos sentimentos, de si próprio e dos outros. Não pode haver sentido algum em uma união que não se nutre de uma cumplicidade espiritual, numa procura de conhecimento e convivência harmoniosa.

A Doutrina nos acena com uma sabedoria. O principal desafio de um homem depois da conquista de si-mesmo é manter a harmonia e a paz na sua família, prover seus filhos e educá-los na verdade, tornando-os mais aptos para o enfrentamento dos novos tempos que virão. Quem consegue achar o equilíbrio nessa pequena célula tem a chave da harmonia do todo.

Quando queria fortalecer em nós o ideal da família cristã, o Padrinho sempre nos cantava o hino que se canta no nosso ritual de casamento e que se chama sugestivamente *O Símbolo da Verdade*. Durante muito tempo não atinei para o sentido do hino. Mas ele quer dizer realmente que o amor é o Símbolo da Verdade e a família é o símbolo da realização prática desse amor. Onde está a verdade, esse símbolo brilha. Se o símbolo não apresenta verdade, o amor ainda é falso. Em algumas de suas estrofes, o hino diz o seguinte:

O Símbolo da Verdade  
É preciso se consagrar  
Receber com firmeza  
O que nosso Pai nos dá

(...)

O Símbolo da Verdade  
Ele nos traz harmonia  
Repare o que está faltando  
Para você e sua família.

O Símbolo da Verdade  
Sempre nos traz alegria  
Olhe bem para sua casa  
Veja o símbolo da Virgem Maria.<sup>64</sup>

## Capítulo XIV

# “NOVO MUNDO, VIDA NOVA, NOVO POVO, NOVO SISTEMA”

O ideal da Comunidade é uma das principais contribuições de Sebastião Mota à Doutrina de Raimundo Irineu Serra. O Padrinho compreendeu nos ensinamentos do Mestre Irineu um ideal de organização comum dos irmãos, que depende da auto-realização de cada um.

Uma comunidade pode representar várias coisas e estar direcionada para uma ênfase definida. Mas é sempre o objeto de ciência espiritual que aspira a globalidade. Primeiro porque o Comunitário se assenta sobre uma noção bem prática de vida. A vida comunal, representando o território de fronteira entre o macro e o micro em termos de organização humana, possibilita que as experiências de todos os planos e níveis possam ser vividas.

A Comunidade é, portanto, um vasto cenário para a realização material, para que todos entrem em contato com os dons, virtudes e defeitos dos demais membros. É também o imenso Laboratório Espiritual e Psíquico que permite desenvolver os apurados visando ao seu aperfeiçoamento.

A Comunidade deve ter uma vida divina, organizada em matéria com toda a perfeição possível. A capacidade do homem conviver em paz, harmonia, verdade, justiça e amor, consigo e com seu semelhante, ideal da vida comunitária, foi e continua sendo o ideal de muitos homens santos. Através dela, toda uma dimensão espiri-



tual é absorvida dentro dessa unidade sagrada da vida que chamamos de dia-a-dia. E quando o infinito couber no dia-a-dia e este no infinito, a maior promessa será cumprida. Estaremos sendo enfim os agentes realizadores da Utopia Espiritual do Cristo.

Cada dia dentro da Comunidade é uma imensa aula de dons espirituais.

Os caminhos e doutrinas espirituais que não se preocuparem com essa prova organizativa e comunitária terão poucas chances de atravessar o anunciado final dos tempos. Por isso, o imenso laboratório espiritual comunitário é o único que pode dar uma resposta conclusiva sobre essa pergunta tão importante: a matéria ainda tem alguma chance? A salvação realmente é algo que depende tão somente da fé e da virtude pessoal, ou ela pode ser alcançada também por um povo unido e guiado por uma legítima inspiração profética?

A comunidade ideal, que todos esperam que se realize no decorrer desses tempos, é aquela que amplie o ideal da irmandade, da cooperação e solidariedade no trabalho, no desenvolvimento dos ideais da Corporação de Ofício. Enfim, os ideais de uma maçonaria da Nova Era, onde os homens se entreguem e se integrem numa relação não mais fetichizada com o Céu nem com a Terra.

A Comunidade é esse constante desafio de avaliação da possibilidade de existir um padrão material definido para que o reino possa ser construído também na Terra. O dia-a-dia cabe no Infinito. Basta que dois ou três comecem a acreditar nisso e passem a trabalhar com esse objetivo.

Em um mundo tão caótico e sem saída espiritual, é como se a roda da evolução humana fosse um disco arranhado que há muito tempo repete a mesma música. Um mundo nesse estado já esgotou todas as saídas: políticas, sociais, jurídicas, éticas, loucas e poéticas. Mas a própria poesia demonstrou que a rima nem sempre é uma solução.

Hoje, a saída que não for espiritual está fadada ao fracasso, como aconteceu com suas antecessoras. Mas precisamos nos preocupar contra saídas que, mesmo espirituais, não estejam prevendo o desafio material presente no fim dos tempos. O ideal de comunidade e de irmandade continua sendo uma grande utopia a ser alcançada. E a busca da vida divina e espiritual é a única resposta.

Santo Antão passou quase quarenta anos de sua longa vida monástica dentro de uma sepultura no deserto lutando contra a tenta-

ção de um demônio. Outros tentaram encontrar a Comunidade perfeita, dentro da organização da vida e das regras monásticas.

Mas os desafios deste novo mundo que está por vir não se esgotam em nenhuma dessas várias alternativas apresentadas. Pois a Comunidade, como dissemos, é uma ciência espiritual global. A ela cabe fazer convergir todo ensinamento dos planos superiores a fim de que ele se materialize em uma vida cada vez mais harmoniosa.

Se esse desafio for vencido, se um povo se reunir com essa finalidade e vencer essa batalha da união, da cooperação e do amor, uma grande obra estará à disposição da Humanidade. Não apenas uma fórmula de salvação das almas, como também de santificação da matéria.

Por isso, as comunidades hoje não podem ser apenas escolas de perfeição extática, centros de meditação ou conventos administrado por regras de clausura. Elas têm de ser oficinas vivas, laboratórios criativos do viver, do comer, do pensar, do amar, do educar e do sobreviver frente ao parto difícil de uma Nova Era no mundo.

As comunidades que apenas se organizam nos padrões sociais vigentes e no culto ao dinheiro, sem encarar a questão da auto-suficiência e sem canalizar a abundância para metas espirituais elevadas, pouco terão a acrescentar ao caos futuro.

Verdadeiras comunidades serão aquelas capazes de representar um padrão de organização material e espiritual, um modelo viável de ocupação planetária, alguma solução de continuidade possível para a saga humana dentro da Criação Divina.

A Irmandade é esse sentido íntimo de partilhar um laço de cumplicidade espiritual, a aceitação de um único protocolo, o do Eusuperior como regra comum a todos os irmãos. Já o laço da Comunidade é mais aberto, ampliando as fronteiras recíprocas do "ser irmão". Regras bem definidas sobre todos os campos da vida são experimentadas, com a finalidade de aumentar as chances de cada um, membro do "comum", passar a ser "unitário", isto é, unido ao seu irmão, ascendido pela cooperação material e espiritual a um novo grau iniciático que reinstaura uma grande capacidade de aperfeiçoamento nos indivíduos singulares e nas instituições comunitais.

Comunidade é portanto o local do encontro do Eu com o Tu, como resumia um dos grandes filósofos contemporâneos dedicados ao tema. É o cenário onde ocorre o diálogo mais prático entre o Divino e o Humano. É o oceano de águas sempre levemente enca-

peladas pelo vento, onde a barca da cooperação humana ensaia suas primeiras viagens.

Não pensem que nada é muito fácil no dia-a-dia desse Paraíso chamado Comunidade. Trabalha-se com tensões, com limites, com cura em sua acepção mais profunda. Comunidades Espirituais serão sem sombra de dúvida os únicos modelos viáveis para o caos da transição que se aproxima. Hospital, templo, escola, oficina, laboratório de uma nova vida que melhor sirva às novas necessidades do Espírito e, quem sabe, das novas relações que deverão reger os corpos físicos, astrais e etéricos do homem.

Tudo isso, de forma sucinta e simples, foi dito nos hinos do Mestre Irineu. E ele escolheu o Padrinho Sebastião, dentre os seus discípulos, para que levantasse a bandeira da Comunidade que a Doutrina exigia. Quando indicou ao Padrinho que o seu destino final seria colher um grande povo no estado do Amazonas para, segundo a palavra do Padrinho Alfredo, “resumir todo o acontecimento desse assunto Daime”, o Mestre Irineu estava antecipando a epopéia atual que começou no Rio do Ouro e perdura até hoje no desenvolvimento da Vila Comunitária de Céu do Mapiá.

Uma epopéia que está longe do seu final, pois as dificuldades são muitas. E se, de fora, conseguimos perceber os avanços, dentro sempre nos invade a sensação de que ainda falta quase tudo a realizar. Independentemente de nossas fraquezas ainda tão grandes, toda vez que eu contemplava, do pátio da igreja nova, a Vila cercada por aquela floresta, era difícil conter uma grande emoção. Parecia que ali estava a primeira página escrita de um grande livro, uma obra cuja beleza e seriedade ainda não eram do conhecimento dos seus contemporâneos.

Naquele final dos anos oitenta, as questões comunitárias estavam muito presentes na minha cabeça. Era dura a luta para firmar a base material de nossos centros e comunidades que cresciam no país e no exterior. Como era igualmente difícil iniciar o processo de transição para que todos esses pontos viessem a se estruturar durante a década seguinte, a última do milênio, numa ampla comunidade organizada e unida em torno dos ensinamentos do Mestre Irineu e seguindo a palavra profética de Sebastião Mota de Melo.

Nos últimos anos da vida do Padrinho, tivemos a oportunidade de acompanhar bem essa questão. Quem privou de sua intimidade, que desde o princípio até o fim de sua vida sempre esteve aberta para todos os que quisessem segui-lo, pôde constatar toda a sua sa-

bedoria e simplicidade. Pôde acompanhar o seu envolvimento e preocupação com as questões comunitárias, a educação das crianças e a pouca produtividade das terras, fato este que o levou inclusive a procurar outros celeiros para o futuro, “quando a irmandade estivesse toda colhida”.

Falava de tempos difíceis, das possibilidades de vivermos novos períodos de provação, fome, guerras e epidemias. Mas nada o preocupava mais do que a desunião, a desconfiança e a preguiça. Lutava tenazmente contra toda ilusão, contra qualquer negligência com o tempo. Pois, segundo seu próprio hino:

Tratem o tempo mais sério  
Que o tempo não engana  
E não tem dó dessa matéria.<sup>65</sup>

Este é o karma dos profetas. Envolver-se profundamente com seu povo, para ser capaz de despertar dentro do seu inconsciente a força espiritual e a fé que realiza prodígios e move montanhas. Esta força, de fé e vontade, é capaz, igualmente, de criar uma cidade de amor divino.

Não é apenas com a salvação das almas, ou com o exercício da direção espiritual, que um profeta se envolve. Ele é ao mesmo tempo rei e pontífice, arauto e emissário das instruções e vaticínios que recebe diretamente de Deus. Mas precisa igualmente da força e da união dos irmãos, dos “iguais”, para realizar a meta comum e profética.

A importância que o Padrinho dava ao trabalho espiritual do dia-a-dia, ele provava no seu próprio exemplo. Quando a saúde lhe permitia, às cinco da manhã ele já estava no terreno esperando o sol nascer e os companheiros de trabalho chegarem. Além de seus bem-conhecidos dotes de líder espiritual, o Padrinho Sebastião era um mestre na arte de fazer canoas. Com sua pequena equipe, passava os dias dentro da floresta orientando o trabalho e fazendo mesmo muita força física, apesar das proibições médicas.

Sempre na época do “verão”, que no Norte quer dizer seca e corresponde ao nosso inverno, o velho Patriarca, como que saído das páginas do Antigo Testamento, ia para dentro da mata. Em vez de abater os cedros-do-líbano, como deve ter feito Noé, escolhia pequis, itaúbas e aguanos-brancos para construir suas canoas. Atrás dele, sua equipe de elfos e gnomos lembrava alguma passagem de Gandolfo na Terra Média. Era comum que uma exten-

sa romaria de visitantes e curiosos seguisse o velho Mota até as clareiras onde ele trabalhava.

Ele não se fazia de rogado. Enquanto caminhava de um estaleiro para o outro, acompanhando o processo de feitura de duas ou três canoas ao mesmo tempo, sempre recheava suas instruções técnicas de arteção com preciosas digressões e comentários espirituais, o que muito embevecia os eventuais visitantes.

Não é por acaso que os hinos da Doutrina falam tanto da Arca de Noé e o arquétipo dessa antiga história de salvação do justo frente ao dilúvio, ainda hoje seja encontrável nas camadas mais arcaicas da memória humana.

Sebastião Mota de Melo, o seringueiro analfabeto e visionário, é também o artesão construtor dessa Arca. Na certa, mesmo suas maiores canoas, como a *Patinha*, ou *Ariramba*, não eram tão grandes como a arca. Mas olhando do alto da Chapada onde a romaria seguia seu Padrinho, eu sentia no meu coração a Vila do Mapiá como sendo essa imensa arca, nave, laboratório.

Já no aceiro da mata, paramos para respirar um pouco e eu perguntei com um certo duplo sentido:

— Pai, o que é mais difícil para o senhor? Construir canoas ou essa enorme arca? — E indiquei com o dedo o panorama da Vila que se descortinava abaixo da terra alta em que estávamos. Ele me respondeu:

— Eu já lhe contei essa história algumas vezes. A Nova Jerusalém é a resposta. Foi o Espírito da Verdade que me soprou no ouvido aquele hino que diz: “No Paraíso deve andar direitinho/Caminhando bem limpinho/Na presença do meu Pai.”<sup>68</sup> Aqui estou eu dando prova do que o Espírito me disse que era pra fazer. O resto é com vocês que ficam. Eu mesmo já tou velho e doente, acho que no dia da nossa reunião vou receber vocês do lado de lá.

— O Mestre lhe entregou essa missão?

— Eu, graças a Deus, recebi esse poder e sei o que estou fazendo. Porque tudo para mim é uma verdade e uma certeza, tudo quanto eu passo eu sei por quê. Porque foi eu mesmo que disse: “Faça de mim o que quiser/Que eu prometo ser fiel!”<sup>66</sup> E graças eu dou ao meu Supremo Senhor Deus, que trouxe até mim um conhecimento total de desmanchar um reino à-toa e pisar no batente, porque é para ser um reino só e um só governador para o mundo inteiro!

Seus olhos emitiam chamadas de grande profundidade. Enquanto falava desses temas, é como se ele visualizasse na sua vidência

certas dimensões e segredos que permaneciam inacessíveis para nós. Depois de uma pequena pausa, continuou:

— Eu mesmo não sei nem se eu tinha vontade de preparar um povo aqui dentro desse buraco. Porque eu mesmo não tou aqui pelo meu gosto! E nem sei porque quis, lá da 5.000. Saí foi porque me mostraram. Mostraram pra mim o mundo inteiro e me mandaram que eu pegasse os que eram do Mestre e fosse esperar o tempo lá no centro da mata virgem. É porque eu acredito nele que estou aqui e tenho fé viva e verdadeira nessa Doutrina de Raimundo Irineu Serra. Por isso estou dentro dessa mata. Gemendo ou chorando, mas tem hora que dá um consolo:

Sinto dor, eu sinto dor

E tenho prazer no coração

De me achar reunido

Aqui com os meus irmãos!<sup>67</sup>

— O Mestre dizia que os tempos seriam difíceis. Ele estava falando das passagens na matéria também?

— Ele me dizia que confiasse no Poder Superior, que haveria bom tempo ainda por pouco tempo, mas aí de quem não se preparasse e conseguisse o conhecimento espiritual!

— E a comunidade é a saída, Padrinho? Ou, na atual altura do campeonato, alguém ainda tem chance de se salvar sozinho?

— Meu filho — ele foi respondendo enquanto dava uma longa baforada —, temos que desenvolver cada vez mais nossa consciência. A maior escola é a união. Nós juntos consegue muita coisa. A vontade, quando não é manipulada pela mentira, quando acha a direção da verdade e se junta àquelas outras que procuram a mesma coisa, tem um grande poder. Não devemos ter medo da paz do Cristo. Mesmo sabendo que ela é poderosa a ponto de botar abaixo tudo quanto não presta com a força do Sol e da Lua, das Estrelas e do Mar. Da Floresta e da Terra. Porque essa mamãe Terra nos oferece tudo e a gente ainda dá na mão dela. E as bestas são tão bestas que só querem é agarrar, tirar proveito, vender, matar os outros, invejar a terra dos outros, quando tudo é de Deus. Cada um, por si só, se destrói e não tá nem aí. Esse egoísmo sufoca cada vez mais o mundo e encurta suas chances.

— Parece que se acabou o tempo dos grandes reis, que tinham o carisma e a força de sustentar grandes impérios. O melhor é a

união. Todos tentarem firmar a sua parte e a união vem, em socorro do que falta completar em cada um, não é mesmo? — tentei re- tomar a conversação.

— É uma prova muito fina e um peso muito grande também. Essa união era o que eu tinha mais vontade de ver e não alcanço. Pelo visto parece que não vou mais alcançar: ver uma irmandade tão pura que quem vier contra nós antes de chegar já vem pedindo socorro. Que então não venha nem mesmo tentar se salvar por aqui, se liquide por lá mesmo, no meio das misérias e das ilusões dessas cidades enormes, que eu mesmo não acredito que elas resistam ao primeiro Balanço que pipocar no mundo.

— É uma responsabilidade grande para nós — concordei —, pois só vamos ser uma opção viável para os que chegarem na última hora se já tivermos progredido um mínimo nesse laboratório comunitário.

O Padrinho ainda cantarolou em resposta um hino seu, que era como ele comumente dava ênfase a algum ponto de sua palestra ou quando desejava concluí-la provisoriamente:

Quem vier contra mim

Se apronte para sofrer

Tenho por mim a Rainha

E meu Mestre para me defender.<sup>68</sup>

— É isso que eu quero. Eu tendo um povo tranqüilo, puro, com consciência de que já lutou antigamente e que não venceu. Que não venceu ainda, mas que agora é um novo tempo de vencimento, para vencer! O Cristo já está enjoado de ficar pregado numa cruz. Ele agora deve voltar para ser vitorioso, para a colheita. Não me parece que o mundo vai ficar, de novo, igual quando ele nasceu. Nós somos a Criação Divinal! Se nós se faz de bicho é porque quer. Vamos despertar logo, meus irmãos, pra ver se a gente consegue re- lizar essa comunidade unida, esse povo unido, que todos que ou- çam falar do povo do Daime, de Juramidam, só encontrem união e motivo para nos respeitar. A gente vive numa outra política, sem truques. O mundo é tão bem-feito e a gente aqui como uns abesta- dos, não aproveitando nada. Quem vier dar um voto, obrigado, mas vai terminar o tempo do camarada ser grande apenas à custa dos outros. Queres ser grande? Pois mostra o teu valor, ampara-te em ti mesmo e seja um farol para teu irmão! Venham! Agora sejam

grandes, quero ver! Acabou aquela grandeza falsa. Fingimento e ig- norância. Agora precisa ser o tempo da verdadeira grandeza. Co- mo é? Vocês não querem ser grandes? Venham ser.

— É aqui e agora, não é? — acrescentei automaticamente ao fluxo ininterrupto de palavras do Padrinho, que continuou:

— Acabou essa grandeza! Acabou-se! Essa fé eu tenho que o que é de Deus é de Deus. É igual como dentro da floresta, onde to- dos os paus são iguais, desde o pequeninho até os maior que tem. Cai um, quebra outro, não tem um que dê nem um gemido. Tudo contente! Tudo isso nós devemos aprender e viver na nossa comu- nidade, seguirmos esse ensino de serenidade que a Natureza Divina nos dá a toda hora. Reparando bem como o mundo é feito e como ele pode ser melhorado. Sendo bem amigo do seu irmão, porque sem ele é mais difícil. Ninguém move sozinho uma coisa tão pesada feito o mundo, mas o amor, quando é provado no irmão, esse sim, é uma alavanca para transformar o mundo.

Tudo isso ele me dizia e outras coisas mais que mal lembro as palavras, mas o prazer daquele momento e o amor que me desperta sua lembrança permanecem ainda hoje indeléveis dentro do meu coração.

Esperava de nós a compreensão da grandiosidade do que esta- va em jogo, mas sempre nos exortava à simplicidade. O aparelho que não conseguisse ser um simples e humilde trabalhador do Se- nhor não conseguiria passar incólume pela grandiosidade. Levantou- se, bateu o pó das calças e ainda concluiu:

— Eu já tou um pouco velho, posso querer me mudar antes desses dias chegarem, que é também para eu estar no meio dos que ficaram do lado de cá. Mas tomara que chegue logo um dia onde o povo vai viver dele mesmo, bem consciente. Não é esse bá-bá-bá aí de fora, que eu nem consigo ouvir mais tanta besteira, tanta gen- te falando mal da vida, do outro, ou então do que não sabe. É pra nós apresentar, ser a imagem e semelhança do Verdadeiro Homem.

Estávamos na beira da floresta. O Padrinho concluiu nosso diá- logo e entrou pelo caminho, seguido por todos nós em fila indiana. A fila era tão grande que serpenteava pelo varadouro. Era um ca- minho largo e agradável que levava até o Igarapé Quinzinho. De pois de uns dez minutos de caminhada, chegamos até o estaleiro, onde uma grande itaúna fora derrubada e da tora original havia um casco cavado, lavrado e boleado no machado e na motosserra. Es- tava virada sobre seu oco e apoiada em grossos cavaletes móveis.

Hoje seria o ponto culminante do trabalho, a abertura do casco. O Padrinho explicava o processo:

— A gente queima ela; toca lenha embaixo e queima até a madeira empretecer e amolecer. Ai nós vira ela e estica com aquelas pinças ali, tão vendo?

Na direção que ele apontou estavam duas imensas pinças de madeira. Depois de um tempo que a lenha foi queimada embaixo da canoa, a uma ordem do Padrinho ela foi virada de pé, com o casco no chão. Dois homens entraram, um de cada lado da canoa, encainando a boca da pinça nos beirais do barco e puxando-os para fora com todo o peso do corpo, obrigando a madeira maleável pelo fogo a abrir-se no sentido da largura, sem no entanto “buiar”, que na gíria local significa rachar.

À medida que os homens abriam a canoa com as pinças, um outro ia pregando uns paus no seu interior para que elas não mais cedessem daquele ponto. Agora faltavam só as obras: a proa, a popa, o cadarço, os bancos, o cepo de colocar o motor etc. O velho estava satisfeito da canoa ter saído sem “buiar”. Caminhamos mais um pouco para dentro da mata até um outro estaleiro onde dois homens ainda serravam as duas bandas de um outro pau para uma canoa de mais ou menos oito metros de comprimento. Até um determinado ponto, o trabalho era feito com motor. Do boleado para a frente era na base do machado e enxó, exigindo muita paciência e perícia. O Velho às vezes se mostrava meio irritado com a morosidade dos seus aprendizes. Contava histórias do Juruá, de canoas feitas na metade do tempo e só na base do facão e do machado.

Com uma linha tingida de tinta xadrez, batia as linhas dos cortes. E com um pedacinho de cipó, que manuseava entre os dedos ágeis, à guisa de escala, marcava a tora com uma precisão de fita métrica. O corte do casco, o “prumo” da canoa, era a parte mais delicada, e ele ia pessoalmente marcar. No mais, visitava os vários estaleiros e gostava também de estar presente na fase final da abertura, do fogo e das pinças.

O trabalho já se concluíra. Tomamos um café com macaxeira cozida. As abelhinhas não davam tréguas, atraídas pelo nosso suor. Ao final da tarde, o varadouro foi atravessado por vários paus rolidos onde a canoa era empurrada por homens e bois. No íntimo do meu ser, eu sentia uma convicção de que já vivera essa cena antes com o Padrinho e aquele povo arrastando barcos dentro de outras florestas, em outros tempos. Na frente, o Patriarca de longas bar-

bas brancas. Já quase de volta à clareira do roçado, fizemos uma roda por alguns minutos. O Velho tomou a palavra com um aceno do indicador:

— Eu estou olhando por fora e por dentro, por isso não adianta ficar só parecendo bonitinho que eu enxergo é fundo as imunidades lá dentro. Vamos se amar e se respeitar, meus irmãos, se não não tem jeito! Vocês querem me fazer passar por mentiroso? Vocês não acreditaram em minha palavra? Então vamos cumpri-la. Eu sofro porque vejo muitos que ainda são crianças e outros que dormem. É preciso todos quererem santificar suas vidas, santificar seus pensamentos, para que nós todos possa viver com paz e harmonia, adquirindo o conhecimento sem o qual nunca se pode ser feliz. Estou dizendo isso pra vocês porque o meu eu não é cego e ele enxerga longe. Já fizeram o diabo comigo em outras encarnações e continuam fazendo ainda hoje. Mas o homem perfeito, que é o homem verdadeiro, todo mundo anda atrás dele ainda hoje, não é?

— Cristo Verdadeiro — alguém assentiu.

— Foi o único que me salvou até aqui. — Virou-se para mim e continuou: — Se segurem, meus filhos, quem tiver saudades das montanhas de Mauá... Ainda dá para vocês irem se güentando por lá, aprendendo a se firmar. É preciso deixar de ser besta e chorão, pisar firme. Os do Rio, os de Minas, os daqui e dacolá, todo mundo firme! Esperando o que vai acontecer. Se ver que a coisa é de acocho mesmo, que chegou a hora, caminho feito pra ir serve de voltar por onde veio, vou já pra mata! Que é aonde o Mestre disse que a gente tem chance de escapar.

— Tem que ficar atento pra não perder o último avião — brinquei.

— Nós estávamos cumprindo nossa missão. Com todo respeito e tranquilidade, porque somos de paz. Mas também não é pra baixar a cabeça pra qualquer bandido não! Eu tou seguindo é a voz do deserto, a voz que clama no deserto! E já estou até meio cansado de clamar e não me escutarem!

O Velho levantou-se e deu a conversa por encerrada. Saindo da mata, o cortejo saiu serpenteando o caminho do roçado, debaixo do sol ainda forte. Paramos para algumas fotos e a gravação de uma cena de vídeo. Novamente me via diante de Noé e sua arca. A comunidade era essa arca e a Doutrina, num certo sentido, era a renovação da aliança. A Arca de Noé, a Arca da Aliança, Elias,

São João, Davi, Salomão, Cristo. Há tantas encarnações já frequentávamos essa mesma história...

Sentia que o trabalho que eu presenciara, da abertura da canoa pelo fogo, bem simbolizava o processo de alargamento espiritual que era necessário para o nosso renascimento espiritual. Deus usava suas plantas sagradas e elas faziam o papel de pinças que esticavam nossa consciência e nosso coração.

A miração de repente apresentou a cena como se fosse no tempo antigo. Imaginei um pau bem comprido, com a mesma medida da arca original relatada pelas Escrituras. Que esforço colossal não teria sido queimar, virar e abrir tamanho gigante. Isso é o que representava aquele povoado que crescia em direção da floresta. No esforço coletivo de construção dessa arca, a ponte de comando era o imenso templo que se destacava no cimo de uma outra chapada, bem em frente ao local onde estávamos.

Uma nova arca singraria os mares do astral e sabe Deus aonde nos transportaria ainda: a arca-comunitária era a nova Arca da Aliança, a única capaz de flutuar nas ondas do "Balanço" anunciado.

O Padrinho olhou para mim como se estivesse dentro da minha visão e me disse:

— A Noé coube zelar por todos os tipos de criação que Deus tinha feito, não é? Agora vamos ver o que a gente ainda consegue salvar. Na nova união, na nova comunidade, a gente precisa salvar pelo menos nossos irmãos. Cada irmão que chega é um presente que a gente recebe. Que nós vamos receber. Que estamos recebendo. Nós unidos, uns com os outros, conseguiremos atravessar. Só assim.

O resto do dia passei a meditar as lições da abertura da consciência individual e coletiva. Era a força do fogo que podia purificar nossa mente e torná-la maleável aos expansores da consciência, as pinças de Deus que puxavam a orelha dos homens. O vulto esguio do Padrinho Sebastião já atravessava a ponte e se dirigia para o seu casarão coberto de cavaco. Eu olhava para aquela figura magra e cheia de energia, Sebastião Mota de Melo, artesão de canoas, construtor da nova arca de Noé, Nova Jerusalém Tropical à beira do Igarapé Mapiá, onde um dia desaguou o rio Jordão.

Até a noite pensei muito sobre o tema da Comunidade, sobre tudo o que ainda nos faltava para chegar ao ideal do nosso bom Padrinho.

À noite, nos reunimos na Estrela para debater alguns assuntos de organização comunitária. O Padrinho Alfredo, com seu sentido prático, explicava o seu ideal de trabalho:

— A parte do espírito cabe a Deus e eu não posso afirmar se tu ou eu estão sábios, se fulano está... Mas aqui a gente precisa ter uma base material sólida, pra tu poder trabalhar o teu espírito tranquilo. Quando falta essa base, falta igualdade, e onde falta igualdade de numa comunidade espiritual falta alegria. Precisamos dessa organização pra que ninguém não vá pesar em cima do outro. E vamos se ampliando, sabendo que acima de nós está o Sol, a Lua, as Estrelas, o Infinito dessa coisa toda! Na matéria está tudo representado e você tem que ter muita calma e equilíbrio pra lidar com todo tipo de cabeça, muito querer, não é mesmo? Às vezes vem gente com muito desequilíbrio pra cima de você e temos que ajudar, agüentando sua própria barra. O que a gente gasta e ao mesmo tempo ganha com tudo isso é calma, né? Temos que sempre estar estudando o movimento do corpo, localizando os elos fracos, atuando no material e no espiritual para fortalecer a nossa corrente. Essa é a esperança que o Velho tem e falou para nós hoje, que o povo cresça cada vez mais em união e com menos rolo e a gente vá preparando o nosso canto aqui no Amazonas, conforme nosso Mestre nos deixou dito pelo papai. E que nossas igrejas possam ir aos poucos desembocando aqui com toda firmeza, ajudando a tocar nosso barco para a frente. Depois que a gente dá uma olhadinha aí no mundo lá de fora é que a gente valoriza a Amazônia, é como uma touceira de capim no meio de um campo peladinho, não é mesmo?

O Padrinho, que estava sentado calado, acrescentou:

— É, logo a gente fica bem pertinho, tudo junto. Eu tenho essa esperança viva, de uma hora pra outra, quando a gente nem pensar avista todo mundo junto. E nessa hora vamos ainda mais pra frente, né?

— E como vamos saber a hora? — perguntei.

— Não é preciso dúvida nem desespero, tendo consciência... Quando chegar a hora de vir pra cá, o próprio tempo mostra... que chegou a hora.

— Se a gente estiver atento, o espírito avisa? — repliquei.

— Que é hora de cair fora. Ele avisa. Mas a voz da Verdade fala bem baixinho, não se esqueça — respondeu o Padrinho. E continuou: — Enquanto isso, vamos procurar ficar mais junto, melhorar a situação de onde vocês estão e daqui, pra onde todos se

destinam. Aperfeiçoamos o conhecimento. Porque separado é mais difícil de aperfeiçoar o conhecimento, né? Todos têm necessidade de estarem juntos para se conhecer. Essa necessidade é concreta, de ser irmão, ter capacidade de se unir, de perdoar. Mesmo assim a gente ainda vê muita briga, muita falsidade, não é mesmo? É por que tá tudo numa panela, num tacho apurando. Comunidade é esse tacho, Feitio constante, não é, Alfredo?

— Sim, papai — respondeu o filho e sucessor. — A nossa riqueza maior é estar unido com a Virgem Mãe, conforme diz o hino do Antônio Gomes. Tomara que em breve possamos estar bem unidos. E que nos nossos Encontros venham mil num nome só. Pois esse é o nome da Igreja, é o nome do Daimé, é o nome da União. Sem tumulto. Na união não falta nada e a riqueza acompanha. Não precisamos nem se preocupar com o que comer nem o que vestir.

— Olhai os lírios do campo — disse o Padrinho, e citou o Mestre Irineu:

— “Todo aquele que se agarrar com os ramos verdes, esses são os válidos. O Daimé vai nos levando até dizer: ‘Aqui é o teu lugar!’” A maior alegria minha é viver aqui dentro dessa mata, esperando o que o Raimundo Irineu Serra disse que era no Amazonas que estava um lugar preparado para esse fim. Dizem por aí que tinha uma cidade que submergiu.

— Atlântida? — atalhei.

— Ninguém sabe onde, não é? Então pode ser que ela agora se levante com os mesmos incas. Por hoje chega, não é, meu filho?

Acabou-se a reunião e a prosa continuou de baixo das mangueiras biribais, do lado da Estrela. O Velho se despediu dizendo que ia dormir. Empreendi a volta para casa. Não havia dúvida de que estávamos vivendo a moderna epopéia do povo de Deus. Algo próximo aos essênios da Nova Era. Continuávamos a velha busca messiânica de fazer o resplendor do Infinito caber dentro do nosso prosaico dia-a-dia.

## Capítulo XV

# FINAL DOS TEMPOS: O NOVO COMEÇO

Harmonia, Amor, Verdade e Justiça. No pensar do Padrinho Sebastião, são estes os pré-requisitos necessários para que a vida permaneça materializada entre nós. Durante toda a sua existência, ele canalizou uma grande parte de sua energia para a criação dessa gigantesca “arca”, que pudesse melhor preparar homens, mulheres e jovens para as exigências da vida espiritual.

Existem duas maneiras bem diversas de nos relacionarmos com revelações proféticas. Uma, quando não vemos o seu cumprimento se situar no transcurso da nossa própria geração. O que significa em tese que, apesar da proximidade do evento anunciado, não precisaríamos nos envolver com o problema além da conta. Um contemporâneo de Nostradamus na verdade não se preocuparia muito com a catástrofe prevista para o ano 2000. Já quem vive em 1992 refletirá sobre esse tema de uma forma diferente. De certa maneira, todos nós, geração após geração, encarnação após encarnação, um dia nos defrontaremos com o nosso próprio apocalipse individual, inexorável e progressivo. Seremos obrigados a mostrar um certo conhecimento e muita serenidade na hora de nossa passagem. Fé e confiança em Deus também, pois elas serão de extrema valia na hora decisiva. Pois a nossa situação do “outro lado” está em correspon-

dência simétrica com aquilo a que fomos levados a crer quando ainda encarnados neste lado de cá.

Potém, o Padrinho insistia em que essa varinha mágica do renascimento espiritual ainda será mais urgente se formos escolhidos para testemunhar o processo de transformação de todo o planeta. Será que o fim do milênio representa o advento desse tempo escatológico e messiânico? Alguns afirmam isso com certeza, outros duvidam. Uns rogam que sim, outros que não. Pedem que Deus conceda uma prorrogação a esse pobre mundo de matéria, a fim de que ele possa cicatrizar velhas feridas e se tornar novamente digno de esperança. Outras linhas já não se importam muito com a caridade ou a salvação geral. Limitam-se a pedir a Deus que salve apenas os seus adeptos, aqueles que lá pelo Dia do Juízo possam mostrar a carteirinha de identificação salvadora.

Diante de tantas reações que esse tema desperta, inclusive pon-do em questão o nosso instinto de sobrevivência e testando nossa fé na vida espiritual e nosso desapego da matéria, é que ele deve ser visto, com toda objetividade. Sem esquecer que a passagem desta para a outra vida, que chamamos de “morte”, é o degrau final de toda iniciação, a grande sabatina do discípulo, onde ele irá realmente enfrentar o seu maior teste de verificação de conhecimentos. Independentemente de passar essa prova sozinho numa cama ou como parte de uma cena kármica coletiva, essa prestação de contas inevitavelmente lhe será cobrada.

As datas não são tão significativas se levarmos em conta que os profetas, no decorrer dos tempos, têm captado suas premonições no interior da própria essência atemporal da realidade. Mas, depois que essas verdades são introduzidas no lusco-fusco efêmero da existência e projetadas como sombras no destino dos homens, tornam-se sentenças. Polarizam-se dois campos bem definidos: aqueles que assumem, como um mandato, cumpri-las; e aqueles que se esforçam em ridicularizar os profetas e as suas profecias.

Mas os profetas, esses “médicos do coração”, como os chamou um Santo Sufi, captam a vontade de Deus e apresentam ao mesmo tempo o diagnóstico e a receita. Se não os escutamos, podemos um dia sofrer graves conseqüências.

O nosso mundo planetário e a raça humana já passaram por várias profecias que se cumpriram ou não.

Mas as grandes purgações kármicas diferem um pouco da natureza daquilo que chamamos Final dos Tempos, Apocalipse etc.

Abrangem às vezes povos e nações inteiras: catástrofes naturais, fome, guerras e epidemias podem ser vistas como “tempos finais”, principalmente pelos povos que sofreram mais diretamente a incidência de tais calamidades. Em todas essas ocasiões, sempre houve algum profeta fustigando a rebeldia do povo diante dos designios dos seus deuses, bondosos ou vingativos.

Assim é que semitas, sumérios e babilônios falam de um dilúvio que, ao que parece, quase lavou tudo o que havia de vivo na face da Terra. Por volta da última glaciação, há uns 22.000 anos, muitas tribos foram riscadas do mapa, enquanto outras migraram para terras mais quentes. A Terra foi repovoada e muitas culturas que eram comuns perderam completamente o contato entre si.

Mas tudo isso ainda não nos explica a natureza do evento profético do Final dos Tempos. A tradição cristã apoiou-se numa tradição anterior do povo de Israel, principalmente dos essênios, que esperavam o final dos tempos e o advento de um Messias. Seu líder era denominado “O Mestre da Justiça” e esperava-se a sua reencarnação.

Os escritos e as interpretações dos autores essênios foram o elo perdido entre as tradições do Antigo e do Novo Testamento. São João, o Batista, era ele mesmo o protótipo do profeta essênio. E muitos pesquisadores da Verdade, sejam estudiosos ou intuitivos, especulam sobre as relações que Jesus teria tido nos anos de sua formação na comunidade essênia de Qmrã, às margens do Mar Morto.

Como bem se sabe, Jesus não era bem o Messias esperado por fariseus e saduceus. E mesmo os essênios não puderam conter, nos seus limites de seita, a magnitude e a universalidade da encarnação cristica. Pois o Cristo não poderia ser propriedade de nenhum povo ou caber nos limites de uma determinada doutrina.

Jesus, o iniciado essênio, em algum momento compreendeu a sua missão, para a qual fora predestinado e preparado por incontáveis eras. Nele, o renascimento espiritual praticamente coincidiu com o nascimento físico. Quando chegou ao conhecimento do Eu Sou, encontrou em si o Eu Interno de toda a Humanidade, da evolução espiritual do planeta até aquele ponto. Reconheceu-se como sendo esse Avatar e Salvador tão esperado, que fecundou a aura etérica de todos os homens, ampliando as possibilidades deles penetrarem em seu Amor e Sabedoria: Sua presença foi um sinal de manifestação do Amor e Misericórdia Divina. O Universo, a força do Sol esteve por um tempo encarnado. E esse fato não se constituiu uma prorrogação das profecias sobre os finais dos tempos?



Parece que sim. Seria um despropósito que um ser de tal grandeza, o *Logos Solar*, o Javé dos hebreus, mandasse seu Filho se encarnar numa missão destinada a salvar a Humanidade e esta viesse a perecer logo em seguida. O poder que anulou a sentença foi o poder do Amor, passado pelo mistério da ressurreição. O Cristo, expressão do Eu-Superior presente na consciência de todos os homens, quando recuperou seu corpo físico ou a representação etérea deste, o fez tomando-o como símbolo do renascimento espiritual e de uma nova chance às suas ovelhas que sentissem na carne sua paixão e acreditassem na sua Ressurreição.

A Paixão e a Ressurreição desse Príncipe de Luz foram chaves deixadas para os que souberem decodificá-las com a caridade e a fé. Os apóstolos mais chegados ao Cristo, depois de sua partida, ainda falavam de um próximo advento do fim dos tempos e do cumprimento da promessa da sua volta para julgar os vivos e os mortos. Foram feitas também outras interpretações mais simbólicas dos prazos temporais em que as profecias deveriam se cumprir. Fala-se do prazo de mil anos, quando Satanás novamente seria solto e teria poder no mundo até o advento final.

Essa é a tradição do Apocalipse, que se atribui a João. É uma concepção esotérica e pode ter muitas leituras. Mas na verdade há grandes indícios de que Satanás tenha estado bem ativo durante seu suposto cativeiro de mil anos e depois de sua libertação, então, nem se fala! Esperou-se algumas vezes o final dos tempos, o julgamento, mas, apesar de algumas catástrofes, genocídios e mistérios, esse enigma permaneceu presente em cada ser que aqui se encarnou. E que, desde então, retorna a este plano em busca do seu renascimento definitivo.

A marca dos dois mil anos vem sendo anunciada com frequência como sendo a nova data em que será fechado um ciclo e feito um inventário da experiência humana. Epitáfio para uns e novo começo para outros, a verdade é que, além dos prognósticos humanos propriamente ditos, também deve ser avaliado o que os outros profetas têm a nos dizer nessa decisiva passagem da Era de Peixes para a de Aquário.

Como de outras vezes em que essa data foi marcada, a possibilidade de um súbito acerto de contas permanece convivendo com a chance de uma nova "prorrogação".

É certo que oferecemos um pouco de resistência ante a possibilidade de sermos, precisamente nós, aquela geração que verá com

os próprios olhos a audiência do Julgamento Divino. Mas, de qualquer maneira, todos iremos passar pela transição da consciência espiritual depois da extinção do corpo físico.

O Padrinho Sebastião não costumava falar abertamente desse tema do Juízo Final. Algumas vezes, quando ele queria enfatizar a urgência de nossas transformações, nos lembrava da antecipação do calendário juliano: na verdade o ano 2000 viria quatro anos antes. Outras vezes ele se referia a outras datas, como 2014 etc. Para ele, esse Dia decisivo já era presente e a questão era perceber quantos anjos ainda faltavam tocar suas trombetas e despejar o conteúdo de suas taças sobre nós.

Mas ele não escondia que esperava um *balanço* muito forte. Parado que ele sabia fora dito diretamente da boca do Mestre Irineu, e o resto foram confirmações espirituais obtidas a partir das próprias mirações no decorrer dos anos. A novidade era que o povo da nova arca, escolhido para essa nova aliança, deveria estar preparado tanto no nível interno, para fazer a passagem a qualquer hora que fosse convocado, como também deveria estar apto a estudar a revelação dos hinos que falam de uma noite de "Grande Transformação" e de um "Encontro".

A diferença está entre sermos expectadores de um "fim" que se instaure gradativamente através da velhice ou de um outro "fim", verdadeiro começo onde escolhemos juntos ser colhidos pelo Criador.

A extinção da matéria como o desfecho de um processo biológico de desgaste nos induz a um certo conforto psicológico. O alarme que desde o começo estava marcado soa no relógio do tempo e somos obrigados a transferir nossa consciência desmaterializada para outros planos, cujo acesso criamos a duras penas e no calor de muitas batalhas pelo autoconhecimento.

Já a idéia de uma decisão repentina que ponha em xeque a viabilidade da civilização humana planetária como um todo constitui um desafio e um enigma que só pode ser destrinchado ao nível espiritual. Essa hipótese nos obriga, de forma imperativa, ao desapego.

Mesmo que a materialidade em seu plano mais denso esteja em questão (trata-se do final de um mundo como ele é apresentado pelas *samsaras* e não do mundo real, que nunca cessa de ser existencial e consciência), as soluções mais "reais" e mais práticas são eminentemente internas e espirituais. Dependem de uma rendição recíproca entre a mente e o coração, entre a consciência e o sentimento, até acharem um ponto de segurança e certeza da eternidade

da nossa centelha crística. Ante esta certeza, todas as outras ques-  
tões se tornam secundárias.

Mas se a decifração final da esfinge da existência é um assunto  
ainda mais profundo do Eu, que só pode ser revolvido no Santuá-  
rio do Si-Mesmo, por que então criar cidades, comunidades, vilas  
ou *ashrams* nesta pobre matéria condenada à extinção?

Via em muitos irmãos uma grande confusão em torno desse te-  
ma. Por um lado, uma acepção meio fanática dos finais dos tempos  
pode nos tornar demasiadamente negligentes ou céticos no plano da  
realização material. Por outro, sua negação pura e simples se ba-  
seia numa perigosa presunção de que nada está para acontecer. E  
isso nos induz a uma certa indolência espiritual, como observamos  
hoje no comportamento de segmentos da religião oficial, pratica-  
mente sem mais qualquer conteúdo místico e fervor para apresentar  
uma saída para suas ovelhas.

Ia ao encontro marcado com o Padrinho, na esperança de fazer-  
lhe essas perguntas e obter algum resultado. Sentia uma grande von-  
tade de ter esperança. Esperança em uma nova vida e no mundo  
novo que eu ouvira várias vezes o Padrinho pregar. Não uma espe-  
rança que fosse fruto de revolta diante da vontade de Deus, ou que  
representasse uma crítica ou julgamento diante de uma suposta fal-  
ta de clemência Divina em relação às criaturas que Ele criara. Mas  
sim uma esperança na misericórdia da Justiça Divina.

Encontrei-o em pé e bem-disposto, na varanda. Atendia a um  
grupo enquanto algumas pessoas esperavam a oportunidade de falar-  
lhe a sós por alguns instantes. Em pouco tempo fomos tomar um  
café na cozinha, por onde descemos em busca de um tronco som-  
breado para sentarmos. Feita a roda, ele começou:

— Cada um de nós devia estar diretamente no seu Eu-Superior,  
que é para que possamos receber as comunicações do Espírito da  
Verdade. Quem estiver atento e vigilante como o Senhor Cristo pe-  
diu, esse vai saber a hora certa e vai estar preparado, mas quem só  
leva na graça e anda atrás de besteira, esse não descobre nunca! É  
preciso ter perseverança pra descobrir de onde viemos e o que esta-  
mos fazendo aqui neste mundo terrestre.

— Não é todo mundo que tem coragem — retruquei.

— Quem não quer se ver não se busca. Porque quem se busca  
quer se ver. E aqui tem o hino dizendo:

Meus irmãos o livro está aberto  
É para todos lerem  
Lendo é que se aprende  
Aprendendo para se ver.<sup>69</sup>

— Não é? E cadê? — Fez uma pausa e perguntou de novo: —  
Cadê?

A pergunta era tão incisiva que ninguém ousou responder na-  
da. Ele continuou:

— Vamos tomar isso... como uma lição boa e correta. Porque  
se me apresentam só besteiras, eu não posso ter alegria com todos  
os meus irmãos. Porque não posso chamar ele de irmão. Porque  
chamar o outro de irmão e amanhã tá dando na cara dele, isso não  
é ser irmão! Quem age assim não tem consciência Dele nem que o  
outro também é Ele. Quem dá na cara do outro também recebe, por-  
que quem com ferro fere com ferro será ferido. Isso já foi dito an-  
tes e eu tô dizendo agora.

Interpelei novamente o Padrinho:

— É difícil, não é? Ontem mesmo eu me perguntava como po-  
deria acontecer hoje, logo hoje. A gente acha que no presente nada  
acontece. É tudo coisa do passado. Só que o passado já foi presen-  
te, né?

— O negócio é que tem todo mundo que se acordar. Ninguém  
tá excomungando ninguém nem relatando as coisas feias que ouviu  
falar dos outros! Pra quê? Se é besteira, guarde esse bagulho velho  
que não presta pra nada. Ô, coisa ruim são as más palavras e os  
maus pensamentos... Quanto menos nós alimentar essa corrente,  
maior o nosso poder de cura! Vamos todos dar valor uns aos outros  
aqui na Terra. Mas sempre tem algum vadio, algum espírito vaga-  
bundo vagando à toa pela vida e querendo só para si. Isso não pode  
não. Quem estiver nessa condição crie consciência de que está do  
outro lado. Vai é pra lá! Não vem atrapalhar nós aqui não, tá? o  
Daimé e a santa-maria, as plantas divinas, os remédios poderosos,  
passe pelo aparelho, receba essa Luz e vá ajudar teus irmãos daí on-  
de estás, bicho! É isso. Que até 2014 já estará completo o Novo Mun-  
do! Agora ninguém sabe o que vai se passar ainda.

— Pois isso é que eu queria saber: quando e o quê irá se pas-  
sar... — falei com sinceridade pungente.

— Esse é um segredo. Poucos sabem. O Mestre Irineu sabia.

— Dizem que ele falou para três pessoas.

— Falam que ele recebeu a revelação naquele hino de marchinha que terminou sem letra porque na letra se revelava o segredo e ele preferiu guardar. Ninguém sabe o que vai se passar. Eu tenho pra mim que é num abrir e fechar! Uma coisa muito forte, uma transformação. Muito mesmo, feito como passei naquele dia, não é, seu Alex?

Sempre que podia, o Padrinho voltava a comentar a passagem ocorrida no meu hinário e de tanto significado para mim. Indignava-se com justa razão com aquilo que o Mestre Irineu denominava o “correio-da-má-notícia”. Enquanto não conseguíssemos nos desvincular dessa corrente que nos espreita até mesmo nas nossas relações mais estreitas e círculos mais íntimos, nenhum progresso espiritual significativo poderia ser alcançado. Lembrei-me de um hino meu que recebera recentemente que dizia “Correio-da-má-notícia/É que nos trará o fim dos tempos”.<sup>70</sup> Que estranha atração tem o homem para difundir o que é ruim e passar adiante, como válidos, juízos e valores que ele mal entende à luz da sua própria experiência. Não seria esta uma das causas fundamentais para que o mundo tomasse essa feição enlouquecida que o tem levado à inviabilidade?

Ficamos concentrados em silêncio alguns minutos e ele continuou com a voz enérgica:

— Eu tenho uma fé pura no nosso Juramidam, que tudo o que lhe disse vai acontecer e que essa Doutrina do Cristo Salvador não vai mais ser derrubada de jeito nenhum. Nós vamos segurar. Se somos nós, temos que dar as provas, pra que agora possa acontecer. O Novo Mundo, que significa nova vida, novo povo, novo sistema! Isso já é uma coisa muito diferente desse mundo velho. Só em usar essa erva Santa e consagrar no coração, a gente já se acha nesse Novo Mundo, em um novo estado, percebe outra vibração, e nosso ser também se ilumina nessa vibração Divina. Imagine todo o povo nessa mesma sintonia e vibração. A gente diz junto: “É agora!” Realmente, a fé remove montanhas.

— Pode ser feita uma escolha nessa hora, tipo “eu quero ir” ou “eu quero ficar”? — perguntei.

— Se tiver fé e certeza, confiança no Mestre e em você mesmo, nosso poder é total. Até atualizar a palavra de Deus estará ao nosso alcance. É uma escolha então, como você está falando. Se nós vamos pro outro lado, pelo menos os que ficarem vão ler o nosso debate no livro que você vai escrever, não é?

— Muitos serão os chamados, poucos os escolhidos — sentenciou alguém.

Nesse instante, o Padrinho Alfredo, que até o momento se encontrava silencioso, tomou a palavra:

— A transição é um sentimento de anormalidade que o Espírito sente em relação à própria carne e que pode levar a que ele conscientemente a descarte.

Suas palavras calaram fundo dentro de mim. Elas descreviam, com precisão, momentos que eu já experimentara sob forte miragem, quando temos a sensação de cruzar o umbral, numa experiência similar à que atravessaremos no nosso desencarne. Algumas vezes, sem conseguir fugir a uma certa vibração de medo, senti algo muito próximo a essa sensação de “anormalidade” em relação à matéria, o desejo de voar como um “passaro bem tenaz”, para usar a expressão de Sebastião Mota. Nesses momentos, parece que a gente tem o poder dessa escolha, não precisa mais se limitar ao “boneco de carne”. Conseguia enfim visualizar a força de uma corrente de mentes unidas, purificadas no amor e com um ardente desejo da verdade. O que é que nós não conseguiríamos assim, em um estado de alta miração!

Certamente uma fé intensa e confiança na promessa divina poderiam ocasionar a precipitação de um poder formidável, capaz de transformar radicalmente o mundo velho pelo novo. Talvez no cumprimento dessa meta é que estivesse o maior segredo, fonte de todo esse poder que o Padrinho Sebastião gostaria de ver brilhar na grande transformação de uma noite de São João. Lembrei que eu mesmo já recebera um hino que falava que “um dia seremos colhidos dentro da miração”. O Padrinho Alfredo ainda disse:

— Então estamos no final dos tempos! Os espíritos todinhos estão se preparando, apurando e reapurando, nascendo e morrendo. Os melhores seres espirituais e o que representam o pior da matéria tão se afiando pra uma solução.

— Isso é que, em última análise, determina que um tempo seja realmente final, fim de linha, não é mesmo? — observei.

— Exato — respondeu o Padrinho Alfredo. — Quando encarnamos assim tipo Hitler e outros anticitristos, só pode ser a proximidade da última batalha. Deus *versus* Satanás. Eu já disse: quem é profeta, como esse velho aí, que é meu pai, sustenta. E o povo? Sustenta a palavra do seu profeta ou vai deixar ele falar sozinho?

— Voz que clama no deserto — balbuciou o Padrinho. — Ficar falando no deserto até ficar desgostoso de não ser ouvido, não é? É justamente essa história do dia e da hora. Todo mundo quer

saber. Tem sido muito publicado o que vai acontecer, mas não sei quantos realmente sabem... faz 2.000 anos e a gente ainda sabe pouco sobre esse dia. De mil modos se imagina como Deus virá assumir como Cristo Verdadeiro. De outras vezes foi guerra no mundo inteiro, o relho baixando e nego gritando. E o pior é que não tinha ninguém pra ouvir. A pior guerra é a do coração. Se essa for vencida, a gente compreende o que vem. Com muito esforço a gente compreende. Caso contrário, ficamos na prova preparatória, não passamos do subjugamento. Desse jeito a gente nem chega na banca examinadora pra audiência final.

Alfredo acrescentou à palavra do pai:

— É a luta contra os fantasmas de cada um. No momento são as pestes, doenças e muitas epidemias que atingem o mundo inteiro. Aqui, graças a Deus, estamos a salvo. É mais a preocupação de isso estar acontecendo, esse é o nosso estudo. Quem está com isso na matéria, totalmente na ilusão, com a mente divagando, é que tem pena pesada pra receber.

O Padrinho atalhou:

— Deus disse pra sair das cidades, porque as cidades vão virar covil de leões. Que é pra todos nascerem de novo. Que essa é a conversa que me mostraram. Agora, se me enganaram eu não sei... O culpado é quem me enganou, né? O dono da história. Mas esse não engana de jeito nenhum. Tô que nem Jó e Lot, passando as mesmas privações, as mesmas experimentações pra ver se estou ligado em Deus. Tou ligado em tudo, material e espiritual, brigando com todo tipo de dúvida. Ninguém se iluda com esse negócio de carne e dinheiro. “Fazer gosto à matéria não engrandece ninguém” e só tira o valor que a gente tem.

Todo mundo estava muito pegado. O magnetismo do Padrinho conduzia nossa percepção por sentidos desconhecidos. O Padrinho Alfredo voltou a falar:

— Muitos correm, porque não é assim fácil preparar o caminho para o Espírito. Ele já sofreu e continua a sofrer porque não se preparou. Segundo a história de Juramidam, ele é o Julgador final de tudo quanto existe. Quer colher todos os filhos, porque é ordem da Virgem Mãe. E o processo é esse mesmo que eu estou falando. Primeiro o espírito se iluminar para ser chamado, e mesmo assim arrisca-se a não ser colhido. Quem sabe se de mil se tira cem... Mas tem que preparar um povo, que já esteve junto antes dessa parada. Cada um chegue e receba o que é seu e não queira

escapular por nenhuma brecha. Em vez disso, capriche para se firmar. Aí o mal se acaba.

— E isso já é o prenúncio da vitória — completei.

Depois de uma pausa, o Padrinho voltou a dizer:

— É aquela história. Mãe contra filho, filho contra mãe, pai contra filho e filho contra pai, nora contra sogro, sogro contra nora, tudo isso está acontecendo e há muito já foi falado que isso seria um sinal do fim dos tempos. Por si só ele se destrói. Cada um por si se destrói. Deus não tem que ter nenhuma preocupação com isso. E por que então nós estaria preocupado? Somos capazes de negar o que somos? Por que não temos o conhecimento? Será que é porque somos inocente? Mas se nós chegar a ter nossa consciência de que toda ela é Divina, então não negaremos o Cristo em canto nenhum! Avalie onde está o Midam. “Presente”, responde a voz interna. Depois disso tem ainda que trabalhar muito. Estamos ainda meio espalhado. Fica difícil... Mas um dia a gente se junta também. É num momento que nós ainda não sabemos para onde vai tudo isso. É a história do povo de Deus, isso sabemos. E que o sentido dela é ir sempre no rumo de uma perfeição muito maior do que essa que o povo é capaz de apresentar hoje. Nós juntos seremos mais ainda!

— É muito séria essa missão, não é, pai?

— É. É preciso estar bem sintonizado com o Sol, a Lua e as Estrelas, com os Regentes Universais presentes no Eu Sou. Não se negar de jeito nenhum. Ser da mesma forma no Céu e na Terra.

Olhei o sol poente. O momento era grave e majestoso. Eu sentia outra vez aquela sensação constante de estar vivendo novamente uma cena do passado. De outras épocas em que esperamos juntos esse acontecimento glorioso. E que estávamos agora novamente reunidos para esperá-lo. A mirração chegou. Nela, éramos todos mais jovens e estávamos numa reunião silenciosa, perscrutando nos céus os designios de Deus. Despreendi-me do meu corpo e senti meu espírito planar ao vagar dessas recordações. Flutuava no vento, igual à vez em que tomei Daime e me transformei num condor. Sobrevoei vales e desertos. Avistei todos nós envolvidos em peles realizando um culto com uma bebida semelhante ao Daime que nos deixava em transe. *Soma* dos Deuses, soma de todo conhecimento humano, ser tão poderoso e mistério tão insondável, capaz de sensações como aquela que eu estava sentindo, planando nos ares!

Agora eu sobrevoava uma cidade nas alturas geladas dos An-

des, Machu-Pichu, talvez. Olhava os terraços plantados de quinua, coca e flores, aquedutos e escadarias de pedra. Lá estávamos nós de novo, ao sol nascente, bebendo a mesma bebida marrom-dourada em copos trabalhados de cerâmica. Penetrando naqueles mesmos estudos, procurando o significado do tempo e invocando o oráculo de Deus.

Evoquei bem essas lembranças e esqueci-me do meu corpo, uma grande quietude e uma grande serenidade foram pouco a pouco substituindo a imagem do condor. As primeiras sombras da noite já se insinuavam na floresta. Estávamos debaixo da minha casinha da mata, atrás do Feitio. Sobre o altar, o litro pardo e amarelo de *ahyauasca*, Santo Daimé, vinho das almas, liana dos espíritos. Se acontecesse naquele momento, se a hora fosse aquela, eu não sofreria por separar-me da matéria. Sentia júbilo. Pela primeira vez quis no meu coração que chegasse esse Dia. Que, longe de ser o fim, era o verdadeiro começo. Que nascia ali em nós, depois de tanto tempo.

## Capítulo XVI

# O FUTURO DA NOVA JERUSALÉM

Fui me despedir mais uma vez do Padrinho, naquele maio de 1989, na véspera do meu embarque, sem saber que seria a última vez que o veria totalmente lúcido, loquaz e brincalhão como era seu jeito natural quando a saúde permitia. Combinei passar na sua casa e irmos juntos até a beira da mata, onde eu pretendia construir minha casa. Saí com o Padrinho Sebastião e o Padrinho Corrente pelo caminho que levava até o meu futuro sítio. Chegando lá, o Velho indicou o local ideal para a construção, na confluência de dois pequeninos igarapés.

Na época, ele estava animado para conhecer algumas terras acima do rio Inauini. Seu espírito inquieto ainda não se resignara a uma parada definitiva. Considerava as terras do Mapiá muito fracas para possíveis épocas de escassez. Sabia, no íntimo, que a colheita do povo do Daimé ainda era grande e que seriam necessários novos pontos de assentamento. Alertava-nos para os primeiros anos da década de 90.

Cada vez que ele falava no assunto, comentava as visões que tinha tido de terras altas e barrancos onde se juntavam dois igarapés como sendo o verdadeiro local definitivo. O Padrinho Corrente abraçava com entusiasmo a idéia:

— O senhor tem que ver esse seringal do Ramiro, lá pro lado do Arama. É igualzinho à visão que o senhor está descrevendo. O senhor ainda vai lá ver, não é?

— Tou com vontade. Se a matéria agüentar, ainda vou subir com o Alfredo e o Waldete pra dar uma olhada.

Desde que essa idéia começara a tomar vulto na sua mente, ele dizia que iria “daqui a uns tempos” pro Inauini. A princípio, achávamos graça, pensando que era um blefe, mas, com as alusões cada vez mais freqüentes, não era totalmente descartável a idéia de um novo êxodo. Não acredito que ele pensasse nisso como uma coisa a curto prazo mas, de qualquer maneira, visualizava mais para a frente novos pontos e comunidades espalhadas ali por perto, onde nós do Sul seríamos chamados a desempenhar uma atuação de grande responsabilidade.

Sob o testemunho do meu bom “vovô Corrente”, decano dos padrinhos da nossa Doutrina, o Padrinho Sebastião me falou muitas coisas naquele dia. A maior parte delas eu nem me lembraria se não fosse o testemunho fiel do Padrinho Corrente que, à medida que o tempo passava, me trazia à memória mais algum detalhe daquele dia.

Sentados ali na beira da estrada, o Velho dissera que eu me preparasse para segui-lo realmente:

— Se você estiver realmente disposto a me seguir, confie em mim e não olhe para trás, faça que nem Lot. Você vai passar ainda por muita coisa e vai sofrer muita coisa. Não escute muita conversa. Mas você vai seguir sempre confiando em mim, que eu vou estar com você. E vai dando um jeito de estudar e aprender com todas essas situações. Tenha coragem que essas dificuldades passam.

— O senhor vai embora? — perguntei. E aquilo me soou repleto de duplo sentido, como se a minha intenção de me referir à sua próxima ida para o Inauini pudesse significar também sua partida para o Astral. Ele pensou um pouco, antes de responder, e o fez no mesmo tom ambíguo:

— Tem muita gente pra chegar. Eu não vou de vez. Mas é bom que vocês vão se acostumando. Aqui é a cidade do Daime, aqui tá a igreja, isso não pode acabar mais. Não é como nossa saída do Rio do Ouro. Mas já não cabe mais ninguém aqui. Por isso vamos abrir uns lugares novos pra receber os que ainda faltam. O movimento lá cresceu muito. Virgem nossa! Era tanta cara nova que eu via no Rio, em Mauá, por esse mundão afora, que eu já não sei nome quem se nenhum.

— Espalhar mais ainda a missão do Mestre Irineu.

— Essa satisfação eu tenho, de estar dando conta dela, com

a ajuda de vocês. Mas eu não tô enganando ninguém. Você não está enganando, está, filho?

— Acho que não, Padrinho — balbuciei.

— Não tou chamando ninguém pra essa floresta prometendo que vai ser fácil, que vai ser maneiro.

O tom, que era sério, adquiriu súbito uma postura brincalhona: — Tou te convidando é pra sofrer aqui junto comigo o que Deus nos reservar, nem que seja passar fome, mas alegre e satisfeito. Você fica sempre comigo que eu vou estar sempre mais você. Outras coisas ele me disse e me fez uma entrega: esclareceu para mim qual seria minha missão futura ali na floresta. Tinha apenas Deus e o Padrinho Corrente como testemunhas. Eu que destrinchasse o significado de tudo aquilo e me esforçasse para um dia corresponder àquela entrega, pela qual eu rogava merecimento para ser fiel depositário. Não ousava dizer mais nada. Era assim que aconteciam as transmissões de ensinamentos, instruções e graus na Doutrina do Daime. Cada um recebe a sua parte e busque como prová-la um dia. Como diz um dos hinos mais recentes do Alfredo: “Tu te firma, tu te vira para ter o teu valor!” O Padrinho ainda me orientou quanto ao tempo:

— Não se avexe. Vá e volte ainda duas vezes. Traga a família aos poucos para ir se acostumando. Aos poucos o povo vai superando as dificuldades, as dúvidas, as desuniões... Sempre é assim que começa e não é muito fácil botar o pezinho aqui em Céu do Mapiá. Aos poucos você vai assentando o povo daqui pra lá pras bandas do roçado do Seu Paulinho.

Compreendi que o esperado encontro com o Padrinho, por tanto tempo acalentado, acontecera afinal. Ali na beira da floresta, onde eu deveria, um ano após, iniciar minha casa, eu tinha selado definitivamente a minha entrega àquele homem. Meu mestre espiritual e guia nesse difícil caminho do autoconhecimento. Foi aí que pedi para ser batizado:

— Padrinho, queria que o senhor me batizasse... O Daime assim me ordenou — completei.

Caminhamos até o regato de águas claras, à beira do caminho. Ajoelhei-me, enquanto o Padrinho Sebastião, com uma velha lata que eu já trouxera com essa intenção, aspergia água sobre minha cabeça enquanto dizia num murmúrio baixo:

— Eu te batizo pela água, para que o dom do Espírito Santo abra sua mente e o seu coração para compreender cada vez mais os mistérios Divinos.

Por um momento parecia que eu me lembrara da nossa história. O pássaro do trovão vibrou várias vezes seu pio estridente. Escutei um coro de vozes cantando:

Aquele que aqui batiza  
Batizou no rio Jordão.

Poucos dias depois desse encontro tão importante, me preparei para retornar às montanhas. Depois viajei ao exterior. Na volta, senti o Astral tenso. Recebemos porém a notícia de que o Padrinho estava bem de saúde e que houvera um trabalho de Estrela um pouco antes do Dia dos Pais onde ele se atuara durante várias horas, falando em outras línguas. Nesse dia, o próprio São Miguel e o Cristo estiveram presentes falando por sua boca, expressando seu sofrimento de uma forma pungente. Algumas das entidades presentes deram um alerta muito sério ao povo e chegaram a comunicar que, da forma como as coisas estavam, ele iria fazer a passagem brevemente.

Não demorou muito tempo e tivemos notícias de uma nova crise de insuficiência cardíaca. O Padrinho fizera um trabalho com uma curandeira de Boca do Acre, que materializara vários objetos e bichos que estariam dentro do seu corpo. Com a finalidade de descansar e continuar com esse trabalho, retirou-se para um sítio do rio Purus, denominado Anajás.

Porém, na viagem de volta para o Mapiá, o Padrinho se excetera. De índole ativa e inquieto, fez vários esforços físicos que o médico lhe vetara, chegando a empurrar canoa em vários trechos, e fazer uma longa caminhada pela mata. Por causa desse esforço, piorou muito às vésperas do seu 69º aniversário.

Quando cheguei lá nos primeiros dias de outubro de 1989, ele tinha ido para uma casinha velha de palha do outro lado do igarapé Repartição. Saiu de sua própria casa, no centro de Vila, para fugir do movimento e das visitas. O quadro inspirava cuidados, e ele não conseguia se alimentar normalmente já há vários dias.

Na antevéspera de seu aniversário, seu quadro piorou. A crise se prolongou durante toda a madrugada, e muitos pensavam que ele iria fazer a passagem naquele dia. Uma corrente de curadores e médiuns se revezava à sua cabeceira, trabalhando, incorporando espíritos sofreadores etc. Seu médico cardiologista foi trazido às pressas e nos alertou quanto à delicadeza do caso. Juntamente com a família, deliberou-se sua remoção por meio de um helicóptero até

Boca do Acre, para que ele fosse internado no Rio de Janeiro.

Desta vez, as seqüelas tinham sido mais graves. Já instalado na igreja do Rio, sentíamos a diferença quando conversava conosco. Seu olhar ficava alheio por alguns instantes e ele se queixava de uma certa dificuldade de articulação das palavras, efeito de um pequeno derrame. Mas mesmo assim, em muitos momentos, sentíamos o lampejo e a vivacidade do velho Padrinho que sempre conhecêramos.

Ainda tivemos alguns encontros no Sul. Seu acesso estava agora mais difícil e restrito a afilhados e discípulos mais chegados, mas ele não se fazia de rogado em receber todos aqueles que desejavam conhecê-lo. Em suas palestras, continuava usando seu linguajar simples e contundente, exortando seus filhos para serem homens verdadeiros. "Romperem a casca do ovo", sua imagem preferida para representar o renascimento espiritual. Em seus diálogos, repetia de várias maneiras suas exortações para que "achássemos o nosso ponto", seguissemos a nossa direção sem nos importarmos "com as conversas de irmão", principalmente quando elas versavam sobre falsos julgamentos, fofocas etc. Também pedia que nos lembrássemos do passado a fim de reconhecer, no caleidoscópio de tantas encarnações, as pistas necessárias para o nosso autoconhecimento de hoje. Pois, quando cada um chegasse a essa verdadeira certeza do que já foi, aí é que seria eternamente. E as sombras da morte já não teriam poder sobre ele pois os castiçais já estavam acesos.

Mesmo depois dessa iluminação, ainda assim, ser irmão continuava sendo o grande desafio. Para esse ajuste maior ao amor, o Padrinho prescrevia a vida em comunidade, compreendida como uma entrega leal e franca de uns aos outros, numa luta incessante pelo respeito e pela confiança.

Eis como o Padrinho Alfredo resumiu em recente palestra, num trabalho de Concentração, as atividades e o Currículo dessa verdadeira Escola de convivência humana e conhecimento Espiritual que Sebastião Mota construiu no meio da floresta:

— Estamos aqui nesta Escola, que é o nosso Centro Eclético da Fluente Luz Universal aqui do Mapiá. Viemos aqui, mais uma vez, aprofundar nosso silêncio e nossa concentração, para ouvir suas lições que estão nos hinos de Sebastião Mota. São lições muito importantes, tanto para o aluno que se considerava vivo nesta casa quanto para os que já morreram e aqui estão presentes. Porque morrer é o mesmo que estar esquecido ou estar se sentindo esquecido diante de ensinamentos tão claros que já poderiam ter despertado a todos

os que prestassem realmente a atenção. Tudo está sendo dito nos hinários e no dia-a-dia, e o amor é um tema importante. Vamos procurar descobrir como se ama. Não é falando um do outro que se prova esse amor. Muito mais eloqüente é o testemunho da natureza vegetal e animal. Não conheço nenhuma confusão e nem tenho registrado nenhuma queixa destes tão potentes e maravilhosos seres que habitam nesses espaços. Mas o trabalho do dia-a-dia nos mostra tudo, plena e verdadeiramente. Esta é a grande lição espiritual da nossa vida comunitária: aperfeiçoar os nossos atos, ações e pensamentos no nosso dia-a-dia.

Pouco a pouco foi se apossando de mim a sensação de que restava pouco tempo de convivência com esse homem que tinha desempenhado um papel tão marcante na minha vida. Eu ia visitá-lo e o via cada vez mais como um passarinho definhando. Sentia um enorme amor e gratidão por ele. Com o passar dos anos é que eu melhor compreendia o quanto lhe devia. Graças à sua compreensão e espírito de caridade, logrei retomar tudo que houve de positivo em minhas encarnações anteriores e escapar de uma queda iminente nesta vida. Se eu não fosse colhido pelo Daime, poderia ter despencado.

Aos poucos, todos nós que partilhávamos do seu círculo mais íntimo estávamos nos acostumando com a idéia de continuar a caminhada que ele abriu, sem a sua presença física. Mas ninguém falava abertamente disso uns para os outros. Todos no fundo sempre esperamos que os homens santos operem algum milagre. Como se eles fossem obrigados a ter um apego pela matéria gasta, quando, na verdade, a vontade de vê-lo de pé é basicamente nossa.

O Padrinho se comportava de maneira humana e normal em relação a doenças e suas conseqüências previsíveis. Tinha um sentimento de preservação de sua vida física e colocava nessa esperança de se curar uma meta de cura para toda a irmandade. Acreditava que, chegando-se à fé e à confiança verdadeira no Daime, a cura da irmandade seria possível e, conseqüentemente, a sua. Pouco se importava com a "casca", como costumava se referir ao corpo físico. Não se julgava dono dela. Quanto mais se aproximava do desenlace, se doou de bom grado a todas as tentativas e propostas de trabalhos que o pudessem curar. Ao contato com aquele "paciente", todos os seus pretendentes a curadores é que eram beneficiados, ao mesmo tempo em que davam sua contribuição com todo o amor.

Na noite de São Sebastião de 1990, recebíamos na nossa Comunidade em Mauá a visita do Padrinho Alfredo e de vários membros da família e da comitiva que acompanhava o Padrinho Sebastião ao Sul. Ele tinha permanecido no Rio e seu estado era estável.

No intervalo do hinário, fomos até uma casinha que ficava no fundo do templo. A força do Daime ainda era grande e nos dominou a todos. Alfredo cantou alguns hinos, evocamos várias passagens da vida do Padrinho com grande emoção.

Voltamos ao hinário que continuou com força. O peso foi aumentando. É comum que, ao raiar do dia, todos os irmãos no Salão desfrutem de uma inexprimível alegria espiritual. A solidariedade da corrente, e a sensação do cumprimento da jornada produzem um vigoroso impulso de amor que cauteriza velhas feridas, cura e transforma.

Mas naquele 20 de janeiro, quanto mais o dia clareava, mais o peso aumentava e o astral se tornava sério, apesar do trabalho seguir com força e beleza. Quando a Pedra Selada tingiu-se do róseo da aurora, nem assim meu coração se alegrou, como seria usual.

Na hora do encerramento do trabalho chegou o mensageiro do Rio, com a notícia da passagem de Sebastião Mota de Melo para o plano espiritual. Tentando manter a serenidade, acerquei-me do meu filho e sucessor, o Padrinho Alfredo, para comunicar-lhe a notícia. O olhar que eu trazia adiantou-se à minha voz, e ele entendeu antes que eu falasse:

— O Velho fez a passagem — ainda acrescentei. — Quer dizer algo?

Ele fez um gesto negativo com a cabeça. Engoli em seco e comuniquei aos presentes o fato. Uma grande emoção tomou conta de todos. Pedi que cantassem o hino que eu dera em 1983 ao Padrinho Alfredo e que fala assim:

Padrinho é Bastião  
Dá luz em todo lugar  
Padrinho na floresta  
São João lá no astral

(...)

Não devemos ter medo  
Se ele for pra lá  
Porque tem o seu filho  
Que no mesmo Mestre está.<sup>72</sup>



Naquela noite inesquecível de São Sebastião, o Bastião — como gostava de chamá-lo na intimidade a Madrinha Rita — *Bastião de Luz*, como chamava o hino que acabávamos de cantar, desprendera-se da matéria, longe da floresta que tanto amava. Na mesma noite, todos os vários centros, igrejas e comunidade filiados ao Padrinho cantavam seu hinário.

Seu último hino, o *Brilho do Sol*, com o qual sempre fechamos nossos trabalhos espirituais, passou a ter a partir daquele dia um significado ainda mais profundo. Como se fosse a sua última mensagem. Onde o Padrinho deixou as pistas para que pudéssemos a partir de agora achá-lo:

Eu sou brilho do Sol  
Sou brilho da Lua  
Dou brilho às Estrelas  
Porque todas me acompanham.

Eu sou brilho do Mar  
Eu vivo no Vento  
Eu brilho na Floresta  
Porque ela me pertence.<sup>73</sup>

Doravante teríamos que senti-lo nesse novo estado de comunhão com o Todo, vivendo onde ele sempre declarara conhecer, no brilho do Sol, das Estrelas, do Mar e do Vento. Vivo na eternidade por meio do amor e da lembrança guardada nos nossos corações. Porque o amor perpetua, expande, é o único canal de acesso ao infinito. Naquele dia, isso me vinha constantemente à cabeça: “O que permanece de forma mais indelével que o amor?”

Descemos, após o almoço, para o Rio, onde se realizaria a missa de corpo presente. No carro, ziguezagueando pela serra, iam graves e serenos.

Após a missa, foi cantado novamente o hinário do Padrinho, intercalando cada hino com um pai-nosso e uma ave-maria. O traslado do corpo deu-se dois dias depois. No aeroporto de Rio Branco ainda houve um pequeno velório antes do corpo seguir de helicóptero até Céu do Mapiá. No momento da chegada da equipe, todos, de farda branca, bailavam o hinário do Padrinho Sebastião. Foi feita uma formatura dos fardados para alojar os despojos santos na capelinha que começava a ser construída.

Assim foi como terminou a vida física e material desse guia e pai bondoso, que nasceu e viveu no interior das grandes florestas onde, enquanto pôde, ensinou seus inúmeros filhos a serem homens verdadeiros, homens de conhecimento, “homens novos” preparados para assumir este “Novo Mundo” que se aproximava por sinais, presságios e testemunhos cada vez mais perceptíveis.

Fiquei alguns dias ainda refletindo sobre o significado dessa passagem. Por um lado havia uma clara sensação de vácuo, uma orfanidade que nos convidava a meditar sobre a nossa incapacidade de sustentar a vida dos profetas. Parecia-me que a substância mais vital para que os profetas permanecessem encarnados é a existência de um povo que cumpra seus oráculos. Sem dúvida, muito das suas visões já estavam realizadas. Como o próprio Padrinho afirmou um dia:

— Comecei com meus sonhos e visões e, graças a Deus, realizei-os todos e eles foram para mim uma fonte de verdade. Suas relíquias baixavam à terra. E seu espírito era o fermento que permanecia em nós, a massa já levedada por ele.

Mas era indubitável que muito havia ainda por fazer. E que essa não-realização, esse descumprimento de uma parte substancial da sua mensagem e da sua verdade contribuiu bastante para a sua retirada dos planos físicos.

Em um certo sentido pode-se dizer que um profeta é um aperfeiçoamento natural de um mestre. Seu carisma e seu conhecimento influem significativamente em grandes massas, estimulando todo o povo a dar provas da sua fé. O profeta prepara os caminhos futuros que Deus reserva a seus eleitos. E eleitos são aqueles que cumpram a Sua vontade.

Se o profeta, no plano interior, já obteve a realização espiritual da divindade, o seu poder de plena realização das profecias ainda depende da sua capacidade em convocar o “povo eleito” para o cumprimento do seu destino. O povo eleito não é um privilégio adquirido geneticamente, mas sim o fruto de uma auto-escolha por um destino determinado pelos seus profetas.

Povos que vivem intensamente a luta pela realização dos eventos messiânicos e das verdades proféticas são povos que vivem uma experiência de predestinação. Existem muitas determinantes kármicas que influem na reunião desses espíritos que se encarnam a um mesmo tempo e se ligam a esse mesmo objetivo de trilhar o mesmo caminho e executar a mesma missão.

O Padrinho teve de viver, portanto, esses dois lados: a alegria de ver grande parte dos seus sonhos se tornar realidade e sua apreensão quanto à lentidão demonstrada de um modo geral pelo povo em alcançar a essência mais profunda dos seus ensinamentos.

Era difícil, nesses momentos de reflexão, não sentirmos no Daime uma séria justificação, quase que uma acusação interna no coração nos impelindo a pensar sobre a influência das nossas fraquezas e dos nossos erros na partida prematura do Velho. Acreditado que, em qualquer lugar do mundo e em qualquer tempo, é assim que um discípulo pensa ao ver seu guru ou mestre partir. Apesar do inaceitável destino, quando o corpo baixou aquele dia na igreja, vindo dos céus em um helicóptero, cada um de nós se perguntou: "Será que em outra situação ele teria permanecido por mais tempo entre nós?"

Nenhum alerta poderia ser mais eloquente do que aquele. Foi dessa forma que acordamos para a dura realidade da década de 90, a última que falta para completar o segundo milênio da vinda de Cristo a este recanto do Universo. Tomamos uma consciência súbita da grande responsabilidade que pesa sobre nós pelo fato de sermos um povo que tem reafirmado em seus hinos os anúncios de uma breve volta do Semeador para fazer Sua colheita. Mas a sensação de orfandade física foi compensada por sinais cada vez mais alentadores da presença espiritual de Sebastião Mota no nosso meio, nos instruindo e exortando a continuar sua obra.

Ao encerrar estas lembranças, sinto de alguma maneira a necessidade de pensar algumas coisas que ajudem a enriquecer o significado desta história. A mensagem do Padrinho, a sabedoria da floresta, repleta de paz e esperança, tem muito a dizer a nós, habitantes cada vez mais urbanos, poluídos e neuróticos deste planeta que caminha a passos largos para uma Grande Purificação. O uso do Santo Daime no processo do autoconhecimento facilita o acesso aos níveis de consciência mais profundos, onde a opção ética é protagonizada durante o fluir de um outro nível de realidade, o nível espiritual, que nos é apresentada pela miração.

Nela somos obrigados a compreender e resolver no Astral (quer dizer, em contato direto com os nossos outros corpos sutis) as leis básicas de cuja observância e interação dependem a nossa saúde e diversos outros graus de realização material.

Mesmo que não estejamos dispostos a pôr os pés no atalho das

plantas Divinas, permanece no tempo uma urgência para todos os aparelhos predestinados despertarem. Para que possam enfim renascer e readquirir a sua autoconsciência, assumir e conhecer o seu papel e a missão que cada um irá desempenhar nessa Grande Transformação. O Padrinho Sebastião dizia que ela podia ocorrer numa miração, de modo tão súbito que não se tornava sensato deixar na da para amanhã.

O guerreiro deveria estar preparado para ser convocado a qualquer hora para a audiência da separação e do Julgamento. Poderia voltar ou não. Se ele for realmente um guerreiro, isso deve ser secundário e mesmo indiferente para ele. O que mais importava era o amor, sua conquista e a lealdade diante do Poder.

Essa é a cura que o Padrinho Sebastião propunha a todos nós através das "lembranças do passado". Lembrando, nossa fé aumenta. E acreditando na vida eterna renascemos nela, ainda vivos em matéria mas sem medo de abandoná-la. A chave que ele nos propunha não era nova. Era o reconhecimento daquele mesmo Ser Divino que estivera aqui na Terra há 2.000 anos, dizendo essas mesmas coisas.

Ninguém melhor do que o Padrinho Alfredo, o Homem a quem coube a continuidade da missão do seu pai, para concluir algumas idéias sobre os seus ensinamentos. O cenário da conversa foi o escritório da minha casa em Mauá, em 1992:

— Tudo isso comprova o que foi dito e o que realmente está escrito. É o aperto dos fins dos tempos, para a chegada do Cristo. Tranquilidade seria uma maior perfeição nossa no sentido de compreendermos e cumprirmos aquilo que o papai nos deixou. Cada aparelho sentir que a vida nele é do mesmo tamanho que a dos outros, uma compreensão para vivermos juntos como comunidade. Ai tiraremos os martírios e os sofrimentos de cima do nosso meio. Sofrimentos estes que bem podem ter pesado na ausência que agora sentimos do chefe desta casa. Porque a palavra dele era do tipo das palavras do Cristo: de uma limpeza total, enquanto a carne dos apóstolos dele ainda estão contaminadas de bobeiças mundanas. Daí que para nós a cura é essa doutrinação. Desistir das ignorâncias e ter muito mais paciência e calma para compreender essa terceira lembrada do Cristo, que agora está sendo lembrado através dessa bebida, o Daime, ou por algum outro motivo. Depende apenas de nós ter uma fé na altura da nossa compreensão. Só seremos verdadeiramente curados quando considerarmos

uns aos outros por igual. O primeiro aviso foi dado pela profecia de Isaías, não é mesmo? Mais de seiscentos anos antes do Cristo nascer. Dava pra ter nascido umas oito ou dez vezes nesse período. E ninguém entendeu o que ele anunciou nem quem chegaria.

— Tanto que esperavam um outro rei poderoso que nunca chegou — atalhei.

— Justamente. Ele falou de um modo que na época ninguém entendeu. Veio depois o próprio Cristo e também, inicialmente, foram poucos os que acreditaram.

Pensei que, ao que tudo indicava, os profetas de hoje talvez permaneçam objeto da mesma incredulidade. E voltei a perguntar:

— Como o Velho compreendia o processo da cura do indivíduo? Todo mundo estava realizando uma cura, não é mesmo?

— Ele dizia que o que mais atrapalhava era pensamento à toa, sentimento de negativa. Mas o Daimé queima, ajuda a queimar nossos karmas. Às vezes a gente tem que passar por aquelas bobeiças pra não pensar em outras piores. Mas quando desocupa das bobeiças, o cara adquire a sabedoria. A gente só deixa de pensar besteira quando tem o saber daquilo.

— É mesmo, o saber despreocupa a gente de querer ou possuir algo mais do que ele próprio — respondi. — Não adianta só tomar o Daimé. O Velho dizia no hino que “melhor mesmo do que ser sabido é se corrigir”.

— É. E é por isso que eu digo: todos nós que tomamos Daimé vamos limpando nossa cabeça até um ponto em que todas as dificuldades vão ter um fim. E a luta pelo igual possa ser também uma luta igual. Ninguém ter inveja, ninguém querer ser mais do que o outro no brilho do sol. Por quê? Todo mundo tem o seu lugar e deve estar satisfeito. O plano do papai, que agora me toca segurar, é de realizar uma coisa muito grande dentro desta Doutrina. Mas sem muito exagero, sem coisa muito material. Tem um poder nessa nossa história. Na hora em que muitos homens com Deus estiverem reunidos no mundo, vai ter muito poder rolando aí.

— Tanto material quanto espiritual?

— De graça nós damos o que de graça recebemos. A Doutrina vai ganhar muito de graça porque de graça também ela dá. Precisamos navegar com a mente limpa, sem dar trabalho. Navegar dando trabalho, dentro e fora do Daimé, nas opiniões, nas reuniões, trazendo tristeza e desgaste, aonde quer que a gente esteja... isso não dá mais. É preciso acabar com isso e rápido.

Fiquei olhando pela porta entreaberta do meu escritório. Os beija-flores voavam sobre o canteiro das dálias e voltavam ao seu ninho no alto dos ciprestes. Foi ali, há mais de dois anos, que descansamos um pouco, ainda nos recuperando das emoções suscitadas pela passagem do Padrinho.

Naqueles dias que antecederam o São Sebastião, eu tinha tido um forte pressentimento sobre o seu desencarne. Até que uma vez, sentado na velha poltrona, herança do meu pai, tive uma visão clara do Padrinho descendo as escadas do segundo piso da minha pequena torre de madeira. Ele vestia uma camisa de flanela xadrez e me dava um belo sorriso. Achei que a visão significava que ele iria ainda me visitar, conhecer minha casa concluída, antes de desencarnar, pois assim combináramos dois anos antes, perigosamente trepados nos andaimes da obra. Sempre que passava pela minha cabeça a possibilidade de sua partida, aferrava-me à esperança dessa visita. Realmente, toda vez que eu estivera com o Padrinho no período de sua convalescença no Rio, ele prometia estar bom em breve para visitar seus afilhados da montanha. Pareceu-me por um momento que, agora, a visão se cumpria. O Padrinho descia as escadas com o mesmo sorriso. Era sua presença espiritual que se manifestava, dois anos após. Eu perguntei:

— Compadre, o Velho não tinha medo de nada, não é? Sua palavra nos inspirava uma grande coragem. Acho que é por isso que mais sentimos falta da sua presença-matéria.

— E o exemplo da humildade, né? Ele se fez desse tamanhozinho assim, não foi? — fez um gesto indicativo do polegar. E continuou: — Eu sinto agora o que ele sentiu durante toda a sua vida.

— O quê?

— De quê, para ter tudo isso e toda essa gente que o Daimé tem na mão, só tendo Deus para segurar. O Daimé clareia muitos seres. Em todo canto ele vai clarear os seres, vai mostrar a luz dele. Mas existe um segredo nessa história do Mestre Irineu e de Sebastião Mota, que mesmo meio séria, é uma coisa que dá muito prazer. Sabe o quê? A gente ter uma convicção do que está fazendo. Porque é muito alto daqui onde está o Sol. Daqui da Terra a gente tenta ver e entender tudo. Agora, daqui pra onde tá essas outras dimensões, ou seja, a própria espiritualidade, é ainda para nós uma página que está do outro lado.

— E que lado é este? Aquele que a gente se acostumou a chamar de morte?

foi recebida a Nova Jerusalém. Ele falava que nem ele tinha visto direito o que tinha dentro dessa Nova Jerusalém. Que o pessoal penetrasse aí com Daime que iam gostar de ver!

— Ele falava de uma transformação, não é? Era o Novo Mundo, como ele gostava de falar.

— É. Ele falou. Falou muito, repetiu várias vezes. Que ele esperava que esse mundo velho de sujeira, de ambição, passasse para chegar um Novo Mundo. Com a nova geração. Um novo sistema, uma nova vida. Pois os hinos falam de “uma vida nova com Jesus e Santa Maria”, né? Mas também falou de muitos, de muitos dados que deveremos ter daqui pro ano 2000, porque diz ele que é num fechar de olho que a coisa pode estar transformada dentro de uma miração. O que pode ser meio insuportável pra quem não tiver prática. O Daime me mostrou.

— O quê? — perguntei ansioso.

— Que de repente a vida material se torne anormal. Porque todo mundo já percebeu uma vida espiritual ou muitos sinais dela, entende? E o papai disse mesmo. Que pro ano 2000 é a marca, mas que ele acha que é antes, de acontecer uma audiência. Vai haver uma audiência mundial. Agora não sei por que lado ele via e tentava explicar. Vai ter muitas audiências, muito apuro, muita sabedoria, muito estudo, tá me entendendo? Todo dia está crescendo... E isso faz chegar a um ponto, né? É assim que eu vejo isso também no mundo. O próprio mundo e o próprio povo tá em apuro. Mas eles não estão em audiência, entende?

— Quer dizer que eles não estão conscientes da finalidade do apuro e do estudo que estão passando.

— Isso! Quem não procurar a resposta chegará apenas ao resultado da Justiça Divina.

— Sem escolher?

— Sem escolher. O papai afirmava que é uma Justiça que se manifesta no Astral mesmo. E pro ano 2000 ele esperava... me dizia que ainda ia ter um acocho para que nós pudéssemos ter essa escolha, que esse povo escolhido pudesse encontrar com um “pes-soal” que vem “de lá”.

— Do outro lado!

— Não sei de onde.

Fez-se um silêncio. Lembrava-me de vários momentos do Padreinho ainda em vida, quando eu me acercava dessa questão e ele de súbito se tornava evasivo, como se pretendesse com isso dizer que

— Tem muitas coisas “desse lado”. Quando a gente vê algumas dessas sombras...

— Que são nossas.

— Que são nossos fantasmas também. Segundo o Velho, se elas aparecem todas de uma só vez a gente se caga todo de medo, entende? Porque o negócio é tanto na vista como no sentimento. Você sente na carne também. A carne se treme.

— Esse é o momento crucial da revelação, do conhecimento. Alguns segundos ou minutos dessa sensação podem ser o prêmio de uma existência de duros esforços. É incrível que o Daime possa nos dar isso de forma tão inofensível e ainda haja quem duvide — concordei.

— Se há? Se mesmo nós duvidamos às vezes... É uma sensação muito profunda essa da sabedoria interna de tudo o que a Natureza Criadora manifesta. Ela manifesta o seu poder em tudo. Por isso esse é um ato assim muito sério de penetração. O Daime clareira, ele dá, ele pode inspirar, mas é preciso merecer o conhecimento: na hora certa, a Doutrina exige a obtenção do conhecimento.

— Que é o “nacer de novo” do velho Mota.

— É. Sem esse conhecimento é impossível ter firmeza. E se você não pode se firmar, aí então não tem vantagem. Passar anos cultuando uma coisa que não tem futuro, né? Então esse futuro está em cada um de nós. Se prestarmos atenção e se entrarmos por esse lado, chegamos nessa autêntica cura espiritual — concluiu o Padreinho Alfredo.

Eu ficava pensando como era difícil afirmar e da prova de todas as coisas que o Padreinho afirmara e provara... Passaram pela minha cabeça as lembranças do que o Padreinho sofrera para obter esse conhecimento integral, inclusive os combates com o próprio Tranca-Rua. Perguntei então:

— Mas tudo o que o Padreinho fazia era com plena consciência, não é?

O filho fez uma expressão que me lembrou o pai e respondeu:

— Com muita consciência, assim como com muita tranquilidade. Ele sentiu que tinha todo esse conhecimento do outro lado, que muita gente não conhece. Quando o papai teve que entrar nessa história, teve visões, e só quando cumpriu com todas elas é que pôde se reconciliar com tudo. Quando chegamos a Céu do Mapiá é que se concluiu sua cura, que ele se recuperou do seu combate e da doutrinação do Satanás e sua legião de trevosos. E nisso tudo é que

nós deveríamos ir cada vez mais à luta para obtermos a resposta Por isso insisti:

— Mas vai haver essa escolha, de ficar no plano material ou de passar para esse outro...

Alfredo me interrompeu com veemência:

— Vai ter! Através do balanço do mundo, vai ter a escolha desse povo, que talvez só quem agüente sejam aqueles que tenham a firmeza e a convicção de que seja para agüentar.

— Agüentar a força desse Encontro...

— Sim. Dizia o Velho que, uns vivos e outros vindos já do lado de lá, esse seria o Encontro. Ele dizia que já tinha visto e era muito bonito, esse Encontro. Ele disse que não ia. Ele já vinha de lá. Já nos preparava para o fato de não ficar com nós a vida toda nessa matéria. Mas dizia sempre: "Tem um povo para formar. Tem um povo para firmar." E começou com um, com dois, hoje tem mais de mil, sei lá quantos... Mas ainda tem uma peneira fina pra saber quem é que vai seguir, né?

Acrescentei, meditativo:

— Pois é, nesse Encontro é que vai se gerar um novo povo, um novo mundo. Me lembro do Padrinho falar que nessa hora a matéria também poderia se eternizar.

— Falava. Mas o que ele afirmava mesmo é que de 2000 em diante era no espírito. Eu dizia: "Mas, pai, e a nossa matéria?" Ele respondia: "Não vale nada." E eu: "Mas o senhor está tão bonito, com essa barbona aí, se o senhor se purificar mais um tiquinho já não dá para ficar direto por aqui?" E ele fazia até careta: "Matéria? Matéria tem o local dela. No buraco. É em espírito. Tem que estar tudo em espírito. Do ano 2000 em diante, quem não estiver no espírito vai ficar, vai morrer outra vez." E me alertava: "Cuidado para não morrer. Porque quem morrer agora morre de uma vez, porque não dá mais tempo de encarnar. Tem que morrer, se fazer por onde morrer, ou tá morto, ou morreu todo, entendeu?" Assim ele falou.

Era fascinante, mas era duro. Novamente o peso dessa possibilidade de ser a geração viva que vai presenciar tudo dessa transição. Encontrar a turma que vem "de lá". Ficamos um pouco reflexivos na penumbra do crepúsculo. Aí eu perguntei:

— E diante de tudo isso, que mensagem de esperança é que o Padrinho nos deixou e o que você pode reafirmar pra todos nós, pra todos que com ou sem Daimé estão buscando essa esperança?

— Rapaz, a mensagem é trabalhar com justiça. Levar as coisas mais ou menos retas e justas e ter sempre esse alerta, não é? Temos que estar sempre acordando para o que ele nos disse: Se ficar pronto este livro com suas palavras, se ficar gravado numa fita... tanto faz. É preciso sempre escutar o que ele disse e acordar como ele nos pediu. Porque senão, mesmo trabalhando na Doutrina, podemos estar perdidos. Se não tiver uma convicção de que está trabalhando pelo Mestre, não serve. E para ter essa certeza é preciso fazer o esforço de ser cada vez mais humilde. Porque na hora quem tiver desprendido das coisas materiais não vai chorar por matéria não! Tem logo um conforto. E se for para ter uma transformação ainda neste mundo, a pessoa pode ainda viver neste mundo bem mais lento...

— Bem noutra vibração, né?

— Só fazendo a vontade de Deus. Mas não sei... nesse mundo não tem muito o que se fazer! Depois da pessoa iluminada mesmo... o que resta? Porque ganhar dinheiro com a palavra de Deus já está quase chegando num limite, né! E pra pessoa realmente respeitar a Natureza, respeitar esse Deus, não precisa muita luta. Os últimos hinos do papai têm muitas lições. Ele disse assim: "Não compreendo aquele ali. Não cumpre mais nada." Entende? Não cumprindo as lições da Nova Jerusalém não tá com nada! Então vamos se considerar irmãos, ser da Doutrina, ser filho de Deus e não deixar entrar bobeira, não deixar o dinheiro dominar a gente. Quando ele domina, a gente sabe que ele está dominando. A gente tem paixão por aquilo quando ganha e tem dó quando perde!

Acrescentei:

— Com discernimento e abundância não faz mal a ninguém, dizia o Padrinho.

— Tudo é uma missão. Precisa ter calma e clareza. O que pai mais ensinou ultimamente foi a união.

— O Padrinho falava sempre de uma visão recente, em que ele voava pela mata toda queimando. Como foi?

— Já foi depois dele ter recebido o último hino, o *Brilho do Sol*. Nesse dia ele mirou bastante! Lá dentro do folhal da igreja de Mapiá. Quando ele voltou, disse que foi uma miração muito forte. Que ele viajou, todo o tempo ele ia viajando. Ele viu a floresta toda queimada e muita gente caída dentro das cinzas, inclusive eu. Aí ele me viu lá embaixo e desceu para me buscar. Disse que foi o maior sufoco, a maior luta ele baixar dentro daquele fogaréu para ir me

tirar. A miração era tão forte que ele sentava, levantava, gemia. Ele dizia: "Eu via tudo sapear, inclusive gente, mas não dava pra descer pra salvar todo mundo... mas quando te vi embolando dentro daquelas cinzas... fui lá te buscar." E sorriu satisfeito com o significado daquela atenção do pai na miração.

Ficamos um tempo em silêncio. Alfredo retomou a palavra:

- Você perguntou há pouco sobre a esperança, não foi mesmo?
- É verdade.
- Pois bem, a lembrança que me vem agora é de um dia em que o velho me disse: "Meu filho, devemos estar bem preparados e conscientes do que pode acontecer de uma hora para outra. Ai pelas alturas do ano 2000. Mas mesmo conhecendo a data, mesmo que só falte uma horinha... por via das dúvidas não devemos deixar de capinar e regar nossas plantinhas!"

Meu pensamento viajou para o intervalo do hinário de São Sebastião, no momento em que o Padrinho fazia sua passagem.

- Compadre, lembra que justamente na hora em que o velho devia estar indo você cantou para nós a estrofe daquele hino que não quis publicar? Por que foi isso?
  - Ele considerou que era uma revelação muito forte.
  - Qual é mesmo a estrofe que foi suprimida?
- Alfredo solfejou baixo e depois cantou:

O nome está mudado  
Para não dar confusão  
Mudou de Jesus Cristo  
Agora é Juramidam.<sup>74</sup>

Nessa mudança de nome se resume a compreensão de tudo.

## Meu Mestre Está Comigo

Meu Mestre está comigo  
No mundo de ilusão  
Dou viva ao Pai Eterno  
A Jesus Cristo e a São João

Aqui estou cantando  
Prestando atenção  
Dou viva a todos os seres  
E à Virgem da Conceição

O Mestre que me ensina  
Está no meu coração  
Trabalho com amor  
Para receber a salvação

O nome está mudado  
Para não dar confusão  
Mudou de Jesus Cristo  
Agora é Juramidam

O brilho que vós tendes  
É onde está o primor  
Dou viva à nossa Mãe  
Que é a Mãe do Salvador.<sup>74</sup>

Notas  
(Hinos citados no texto)

Nota  
n.º

- 1 *Eu tomo esta bebida* — Mestre Irineu, n.º 24
- 2 *Árvore sombreira* — Maria Damião, n.º 16
- 3 *Eu vivo na floresta* — Padrinho Sebastião, n.º 6
- 4 *Flor de Jagube* — Mestre Irineu, n.º 38
- 5 *Eu vim justificar* — Padrinho Sebastião, n.º 116
- 6 *Meu Pai bem que me disse* — Padrinho Sebastião, n.º 84
- 7 *Meu Pai é a chave da Harmonia* — Padrinho Sebastião, n.º 155
- 8 *Falar que está com Deus* — Padrinho Sebastião, n.º 140
- 9 *Das Virtudes* — Mestre Irineu, n.º 87
- 10 *Este foi o prazer* — João Pereira, n.º 6
- 11 *Lembrando* — Padrinho Alfredo, n.º 24
- 12 *Examine a consciência* — Padrinho Sebastião, n.º 71
- 13 *Meus irmãos e minhas irmãs* — Padrinho Sebastião, n.º 104
- 14 *Peço que vós me ouça* — Padrinho Sebastião, n.º 145
- 15 *Eu estava num palácio* — Padrinho Sebastião, n.º 1
- 16 *Eu estava tão alegre* — Padrinho Sebastião, n.º 15
- 17 *Sou Eu* — Padrinho Sebastião, n.º 28
- 18 *Prata Fina* — Padrinho Sebastião, n.º 65
- 19 *É no Sol e na Lua* — Padrinho Sebastião, n.º 66
- 20 *Todo mundo dorme* — Padrinho Sebastião, n.º 68
- 21 *Eu vim de longe* — Padrinho Sebastião, n.º 69
- 22 *Quando meu Mestre vier* — Padrinho Sebastião, n.º 73

- 23 *Eu apresento a minha verdade* — Padrinho Sebastião, n.º 74  
 24 *Meus irmãos filhos de Deus* — Padrinho Sebastião, n.º 75  
 25 *A verdade está comigo* — Padrinho Sebastião, n.º 77  
 26 *Eu vim para ajuntar* — Padrinho Sebastião, n.º 82  
 27 *Aqui eu vou expor* — Padrinho Sebastião, n.º 105  
 28 *Levanto esta bandeira* — Padrinho Sebastião, n.º 89  
 29 *Preleção* — Antônio Gomes, n.º 2  
 30 *O que é que você vai fazer?* — Padrinho Sebastião, n.º 21  
 31 *A Justiça está na Terra* — Padrinho Sebastião, n.º 90  
 32 *No Sol, na Lua, na Terra, no Mar* — Padrinho Sebastião, n.º 91  
 33 *Relento* — Padrinho Sebastião, n.º 111  
 34 *Eu fiz uma viagem* — Padrinho Sebastião, n.º 126  
 35 *Aqui eu vou expor* — Padrinho Sebastião, n.º 105  
 36 *Aqui eu vou expor* — Padrinho Sebastião, n.º 105  
 37 *Eu estou dentro da Verdade* — Padrinho Sebastião, n.º 37  
 38 *Aqui entram todos* — Padrinho Sebastião, n.º 45  
 39 *Os filhos procuram o Pai* — Padrinho Sebastião, n.º 129  
 40 *Meu Pai, eu quero o Teu amor* — Padrinho Sebastião, n.º 149  
 41 *Eu peço aos meus irmãos* — Padrinho Sebastião, n.º 106  
 42 *Aqui eu vou expor* — Padrinho Sebastião, n.º 105  
 43 *O livro está aberto* — Padrinho Sebastião, n.º 124  
 44 *Deus é para Todos* — Padrinho Sebastião, n.º 115  
 45 *Nova Anunciação* — Alex Polari, n.º 66  
 46 *Eu já disse e vou dizer* — Padrinho Sebastião, n.º 95  
 47 *Meus irmãos e minhas irmãs* — Padrinho Sebastião, n.º 104  
 48 *Voz do deserto* — Padrinho Sebastião, Nova Jerusalém, n.º 9  
 49 *Para amar e ter amor* — Padrinho Sebastião, Nova Jerusalém, n.º 25  
 50 *Meus castiçais* — Padrinho Sebastião, Nova Jerusalém, n.º 8  
 51 *Eu te dei uma casa* — Padrinho Sebastião, n.º 143  
 52 *Ave Maria* — Padrinho Alfredo, n.º 95  
 53 *Três fontes nobres* — João Pereira, n.º 27  
 54 *Eu balanço* — Mestre Irineu, n.º 46  
 55 *A Rainha do Fogo* — Alex Polari, n.º 68  
 56 *Sol, Lua, Estrela* — Mestre Irineu, n.º 28  
 57 *Eu vivo na floresta* — Padrinho Sebastião, n.º 6  
 58 *Momento Divino* — Sônia Palhares, n.º 3
- 59 *O mar cresce* — Antonio Germano, n.º 36  
 60 *Declaração* — Alex Polari, n.º 60  
 61 *A Cruz* — Alex Polari, n.º 62  
 62 *Batalha do Amor* — Padrinho Alfredo, n.º 132  
 63 *O amor* — Padrinho Sebastião, n.º 147  
 64 *O Símbolo da Verdade* — Padrinho Sebastião, n.º 142  
 65 *Olhei para o firmamento* — Mestre Irineu, n.º 67  
 66 *O valor que o Mestre tem* — Padrinho Sebastião, n.º 87  
 67 *A Barquinha* — Padrinho Sebastião, n.º 10  
 68 *Eu vim e fui chamado* — Padrinho Sebastião, n.º 107  
 69 *O livro está aberto* — Padrinho Sebastião, n.º 124  
 70 *O Cristo verdadeiro* — Alex Polari, n.º 104  
 71 *Bem quietinho* — Padrinho Alfredo, n.º 152  
 72 *Meu Padrinho* — Alex Polari, n.º 7  
 73 *Brilho do Sol* — Padrinho Sebastião, Nova Jerusalém, n.º 26  
 74 *Meu Mestre está comigo* — Padrinho Sebastião, n.º 39



Cartas ao Autor: Alex Polari

NOVA ERA/RECORD

Rua Argentina, 171 São Cristóvão  
20921-380 Rio de Janeiro — RJ